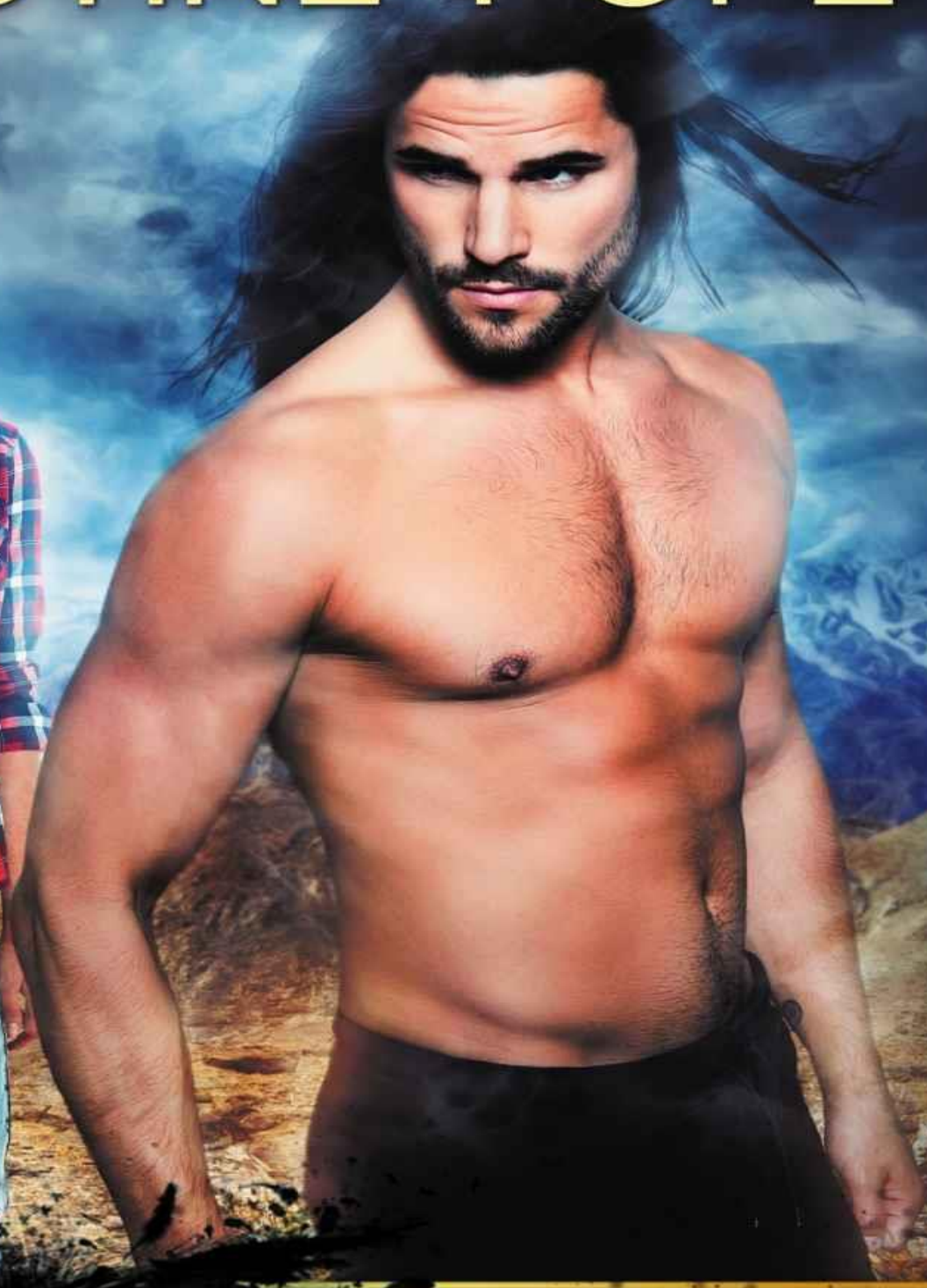


USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



FORGOTTEN

A DJINN WARS NOVEL



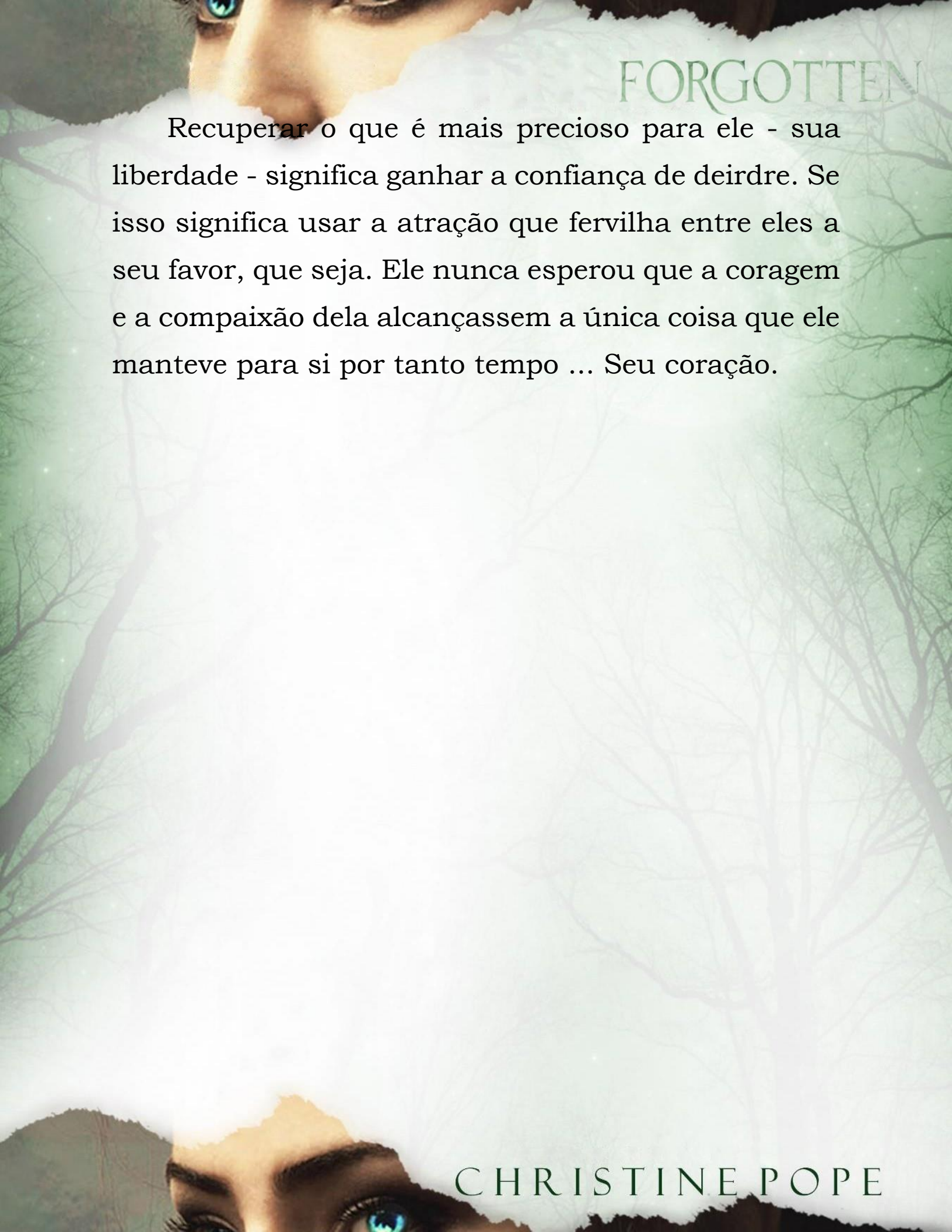
SINOPSE

O calor é uma febre mortal ... Ou um desejo ardente que poderia salvar os dois?

Deirdre graves teve sorte. Quando o heat, um vírus criado por djinn, eliminou a maior parte da humanidade, ela foi isolada na estação de pesquisa da vida selvagem de sua universidade no alto das montanhas. Seguro ... Por enquanto.

Mas com o inverno chegando e suas escolhas se reduzindo a congelamento ou fome, ela constrói um dispositivo que pode salvar sua vida. O problema é que a única maneira de descobrir se funciona é sair de seu santuário e enfrentar o djinn.

Em um momento, amaal al-tariq está explorando suas terras montanhosas recém-adquiridas - ou, mais precisamente, seu local de exílio. No próximo, ele está de cara no chão, preso por uma delicada mulher humana carregando um dispositivo capaz de deixá-lo indefeso.



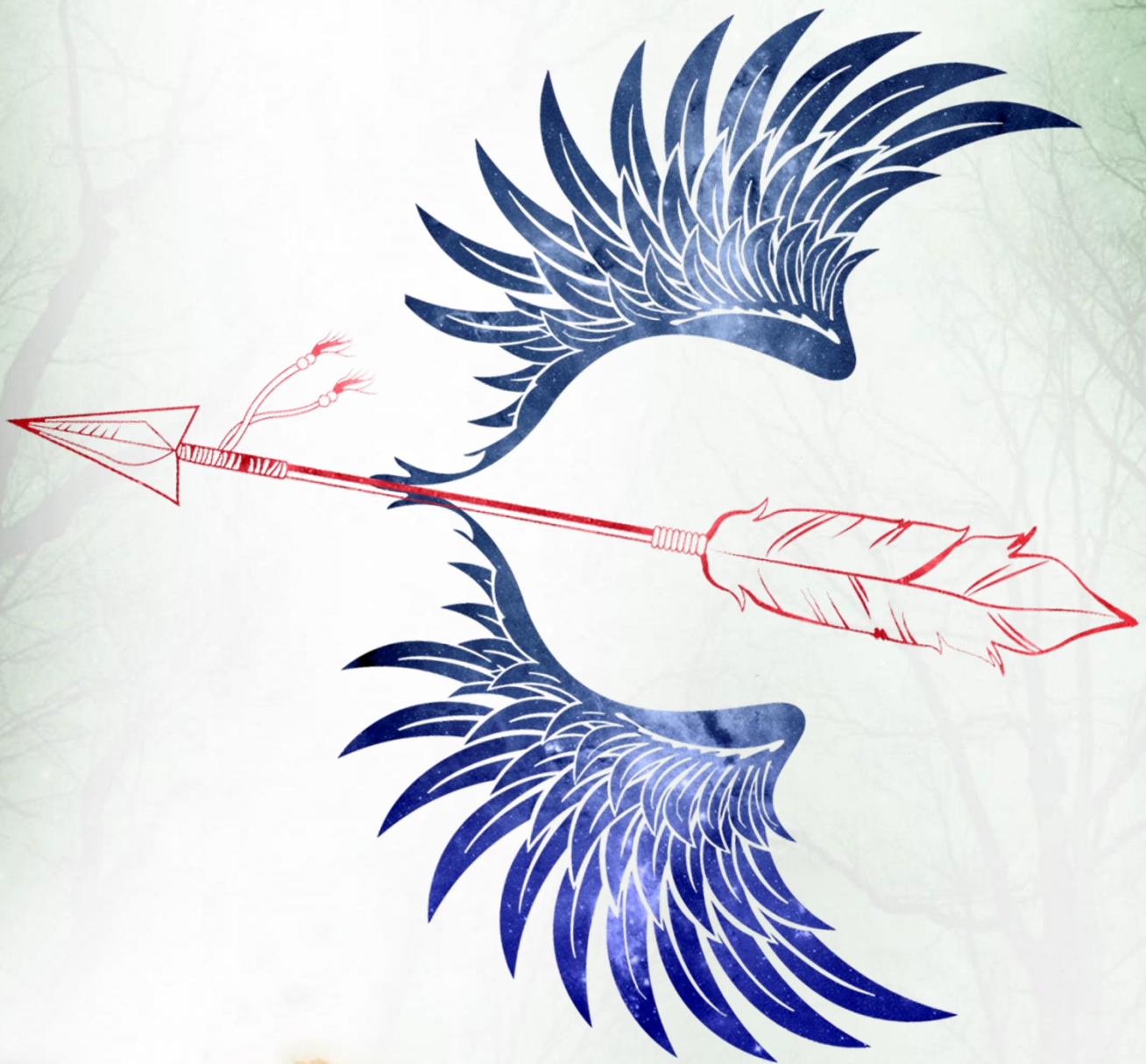
FORGOTTEN

Recuperar o que é mais precioso para ele - sua liberdade - significa ganhar a confiança de deirdre. Se isso significa usar a atração que fervilha entre eles a seu favor, que seja. Ele nunca esperou que a coragem e a compaixão dela alcançassem a única coisa que ele manteve para si por tanto tempo ... Seu coração.

CHRISTINE POPE

FORGOTTEN

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



CHRISTINE POPE

Deirdre Graves olhou para o trecho de neve quase derretido sob o pinheiro que se espalhava ao lado do mirante do Serviço Florestal e franziu o cenho. A tempestade que trouxe a neve para as montanhas de San Bernardino, na Califórnia, já era quase três semanas no passado e, de acordo com o calendário pendurado na parede da estação de pesquisa de vida selvagem que se tornara sua casa, era agora primeiro de dezembro. O sol quente batendo em sua cabeça mentia para a data, mas isso era o sul da Califórnia e pode ser confortável e leve agora, mas mais tempestades certamente virão... o que significava que Deirdre tinha uma decisão a tomar, uma que ela realmente não podia evitar por muito mais tempo. Deveria ficar aqui em seu refúgio de montanha ou seguir para as planícies à procura de sobreviventes?

Essa mesma pergunta já passara por seus pensamentos dezenas de vezes. Foi fácil deixar a decisão de lado, pois o final do verão gradualmente se

transformou no outono, porque o clima ameno se mantinha e ela não tinha um lugar real para ir. Certamente era melhor ficar aqui onde estava.

Mais de dois meses depois, e nenhum djinn a havia encontrado ainda. Deirdre não sabia se aqueles elementais assassinos haviam decidido que não havia mais humanos nessas montanhas, ou se estavam ocupados exterminando o resto da humanidade e se aproximariam dos poucos retardatários das áreas periféricas quando quisessem. Nenhuma das perspectivas foi muito tranquilizadora.

Mesmo que ela não tivesse visto nenhum sinal de atividade - animal, djinn ou de outra maneira - em sua caminhada até o mirante, ela ainda segurava uma espingarda em uma mão, ambas as câmaras carregadas. Provavelmente poderia derrubar um urso, e talvez fazer um djinn pensar duas vezes antes de ir atrás dela.

Você poderia matar um djinn? Deirdre não fazia ideia ... e realmente não queria descobrir.

Um vento frio soprava do pico de San Gorgonio, limpo, limpo e perfumado com pinheiros. Se ela tivesse que passar o resto da vida sozinha, supunha que poderia ter terminado em um lugar muito pior - como a estação de pesquisa no deserto da universidade perto de Borrego Springs. Temperaturas acima de cem graus quase todo o ano e sem ar-condicionado?

Não, obrigado.

Agora que ela estava em segurança entre as árvores mais uma vez, a tensão que tomava conta sempre que ela olhava para o mirante - que estava bastante exposta, sentada à beira de um trecho aberto e rochoso - começou a deixar seu corpo. Uma coisa era dizer a si mesma que não havia ninguém ou qualquer coisa por perto para lhe dar problemas, e outra completamente diferente para se sentir confortável por estar tão exposta. Essa fora sua terceira viagem ao posto de vigia de incêndio; ela provavelmente estava tentando o destino subindo lá tantas vezes, mas continuou esperando, contra a

esperança, que encontrasse alguma evidência para provar que não era o único ser humano que restava no mundo. A febre horrível conhecida como Calor matou quase todo mundo, e os poucos que restaram foram sistematicamente caçados pelos djinn. Ela não considerou fora dos limites da possibilidade que ela poderia muito bem ser a única sobrevivente da humanidade.

Hoje estava muito calmo na floresta. Normalmente, ela podia ouvir pássaros cantando nos galhos acima dela, compartilhando suas fofocas, apenas ficando quietos quando um falcão circulava muito acima. Agora, porém, quando Deirdre avançava com cuidado entre os pinheiros e os pinheiros, o único som que lhe chegava aos ouvidos era o sopro do vento nas brânquias de pinheiro. Ela sempre achou um som bonito, mas agora parecia triste para ela, como se o próprio vento chorasse pelas perdas do mundo.

No meio do caminho de volta para a estação de pesquisa, havia um local que ela encontrara algumas

semanas antes, um lago isolado em seu próprio pequeno oceano, com uma pequena praia de areia e a floresta agrupada por todos os lados. Ela gostava de ir até lá e observar as nuvens flutuando no céu enquanto refletiam na água, para ver o vento ondular sobre a superfície da lagoa. Por que não havia casas perto daquele prado isolado, ela não tinha certeza. Parecia um local ideal, especialmente porque ter uma lagoa, um riacho ou um riacho em sua propriedade geralmente aumentava seu valor.

Deirdre achou que seria bom parar na lagoa hoje, para tentar encontrar um pouco de conforto na beleza do local tranquilo e afastado. Apenas alguns minutos para respirar fundo e fazer o possível para esquecer o mundo vazio que vira mais uma vez do posto de bombeiros, um mundo que não tinha mais lugar para ela.

Não pela primeira vez, ela refletiu o quão apropriado seu nome havia sido. A causa de suas mágoas poderia ser muito diferente daquela de seu xará irlandês, mas parecia que seu destino havia se

mostrado igualmente infeliz. Não, ela não causou uma guerra ou foi pego em conflito entre um poderoso guerreiro e um rei ciumento, e ainda assim teve que se perguntar se as perdas de Deirdre, há muito tempo, poderiam se equiparar às suas.

Fazendo o possível para afastar esse pensamento sombrio, Deirdre desceu da floresta e começou a caminhar em direção à beira da água. Antes de dar mais do que alguns passos, no entanto, ela viu algo muito fora de lugar na paisagem verde. A alguns metros do lago havia um toque de cores brilhantes e berrantes, o que pareciam vários metros de fábrica de seda descartada em um tom escarlate.

Uma cortina da casa de alguém, que de alguma forma tinha sido soprada aqui pelo vento? Essa era a única explicação que ela conseguia pensar por que algo tão fora do lugar estaria deitado à beira da lagoa. Possivelmente, mas como poderia ter chegado aqui? Ultimamente o tempo estava estranhamente ameno, com pouco vento.

Ela deu vários passos cautelosos em direção ao brilhante pano vermelho, depois mais alguns. Agora ela estava a poucos metros de distância. Seu coração pulou na garganta quando o pacote de tecido se moveu, rolou. Olhando para ela estava um homem. Olhos azuis brilhantes pegaram os dela.

— Me ajude, — ele sussurrou.

Amaal al-Tariq fez o possível para aproveitar ao máximo o exílio nas montanhas. Ele deixara os móveis na casa que lhe fora dada em sua maior parte, já que o lugar fora decorado com uma atenção que ele não tinha certeza de que poderia combinar. No entanto, ele se divertiu criando uma adega no porão e estocando-a com as safras de que mais gostava. Ele havia explorado a floresta em torno de sua nova casa e até estremeceu - aprendeu a pescar, embora jogasse todos aqueles que pegara imediatamente de volta na água. Desossar e estripar o peixe não estava no alto de sua lista de passatempos agradáveis, especialmente quando ele conseguia conjurar

qualquer refeição pré-preparada que ele quisesse com um estalar de dedos. Tais coisas vieram facilmente para sua espécie.

No entanto, essas atividades começaram a empalidecer com o passar dos dias e semanas, situação preocupante. Afinal, se ele já estava cansado desses passatempos simples e entediado consigo mesmo em tão pouco tempo, o que diabos ele deveria fazer com os séculos intermináveis de sua existência futura?

Estava muito melhor na cobertura que ele usara no centro de Los Angeles. De lá, ele podia ver uma vasta faixa do sul da Califórnia - todo o caminho até o cintilante Oceano Pacífico, de um lado do apartamento na cobertura, e até as montanhas cobertas de neve do intervalo de San Bernardino, do outro.

Agora aquelas mesmas montanhas eram mais como sua prisão. Ele não podia reclamar sobre a beleza do lugar, ele supôs, mas também não havia nada aqui para entreter a si mesmo. Em Los Angeles,

ele poderia explorar os museus vazios e decidir quais dessas obras de arte de valor inestimável poderiam parecer melhores em suas próprias paredes, ou passear pelas lojas antes movimentadas e se servir de todos os itens que julgasse úteis ou divertidos. Mas certamente não havia nada parecido na cidade mais próxima da casa que ele agora deveria chamar de lar. Aquela cidade já foi chamada de Running Springs e, embora o cenário fosse pitoresco o suficiente, não oferecia muito em termos de Picasso ou de vinho de cem anos de idade.

Por que os anciãos haviam decretado que esse deveria ser o lar dele, Amaal ainda não tinha certeza. Ele recebera essa propriedade muito antes de seu irmão Omar causar todo esse problema ao sequestrar a Escolhida de Malik al-Mazin, de modo que Amaal estava bastante certo de que os anciãos não haviam escolhido esse local isolado da montanha como qualquer tipo de punição por sua participação naquele particular fiasco. Além disso, Malik havia se vingado, matando Omar em uma batalha travada com

seus poderes elementares, para que alguém pensasse que todos deveriam considerar o assunto resolvido.

Amaal lamentou seu irmão por um tempo, principalmente porque isso era o que deveria ser feito, e não porque ele achava que o mundo havia sofrido uma grande perda por causa de sua morte. Laços de sangue não eram suficientes para fazê-lo ignorar as inúmeras falhas de Omar. De fato, ele pensou em mais de uma ocasião que o mundo provavelmente era um lugar melhor agora que Omar não estava nele. Ainda assim, em geral, era triste perder um irmão, mesmo tão desprezível quanto Omar.

E hoje - bem, hoje tinha ficado bom, brilhante e azul, sem dar a mínima ideia de que o inverno estava a caminho, exceto talvez os trechos de neve que brilhavam ao sol nos picos mais altos acima dele. Amaal passeava pela floresta, principalmente porque não tinha muito mais a ver com seu tempo. Era pelo menos um pouco divertido observar os pássaros e as várias flora e fauna, embora nessa época do ano não houvesse flores silvestres para colher, e ele não sabia

se alguma das frutas que espionava nos vários arbustos era comestível ou não. Um djinn podia lidar com venenos que derrubariam um humano, mas, ao mesmo tempo, não via razão para se dar uma câibra no estômago.

Ele havia se aventurado mais para o leste do que tinha ido até agora, não por qualquer motivo real, exceto que ainda não havia explorado essa parte de seu território e achou que poderia ter uma melhor noção de todas as terras que existiam dele. O djinn mais próximo ficava a milhares de quilômetros de distância, em um lugar chamado Clermont, então ele sabia que não tinha motivos para se preocupar com alguém invadindo sua propriedade, sabia que podia andar livremente pela floresta.

Depois de caminhar alguns quilômetros, Amaal chegou a uma pequena clareira com uma forma oval perfeita de um lago no centro. A água parecia muito clara e limpa, mostrando o fundo arenoso da lagoa. No verão, esse pode ser um bom local para tomar banho; não exatamente o mesmo que a piscina

cintilante que havia sido instalada no terraço do lado de fora de sua cobertura, lamentada, mas melhor do que nada. Ele pode ser um elemental do fogo, mas isso não significava que ele não desfrutava de um bom mergulho em um dia quente.

Enquanto ele estava lá, olhando para a superfície cintilante da lagoa, um estranho mal-estar tomou conta dele de repente. Ele colocou a mão no estômago, imaginando se talvez tivesse comido algo que não concordava com ele, embora qualquer tipo de doença fosse extremamente raro em um djinn.

Seu coração começou a bater forte no peito e, quase antes que ele percebesse o que estava acontecendo, suas pernas cederam sob ele e ele caiu no chão, de bruços - felizmente - na grama que cercava a lagoa, e não no chão. Um tremor estranho tomou conta de seus membros, e o mundo parecia girar ao seu redor.

Estou morrendo? ele pensou. A ironia de expirar aqui, no meio do nada, sem ninguém para saber de sua morte, não se perdeu nele. Mas não, um djinn

não poderia simplesmente cair morto sem motivo. Uma ferida mortal poderia colocá-lo abatido, mas ele não sofrera tal ataque, não sofrera ferimentos em sua caminhada. Era como se essa terrível fraqueza e doença tivessem descido do céu azul claro.

Um farfalhar na grama lhe disse que algo estava se aproximando dele. Com um grande esforço, ele levantou a cabeça para ver o que era.

Ele esperava ver um cervo, ou talvez um coioote ou até um urso. No entanto, seus olhos encontraram os de uma jovem que estava a poucos metros de distância. Os cabelos castanhos claros, pintados pelo sol, sopravam em torno do rosto, surpreendentemente adorável, com traços delicados e regulares. Em uma mão, ela segurava uma espingarda, mas a segurava pelo cano e não parecia muito confortável com a ideia de usá-la.

Mesmo assim, por um momento louco, ele se perguntou se ela teria atirado nele. Não, isso era impossível. Ele não ouvira nenhum relato da arma, que deveria ter explodido das árvores ao redor. Além

do mais, embora uma rajada de espingarda possa nivelar um humano, certamente não poderia incapacitar um djinn a tal ponto que ele mal conseguia levantar a cabeça do chão.

Ela era humana, então tinha que ser imune. Como ele conseguiu sobreviver aqui nessas montanhas por tantas semanas, Amaal não sabia, mas ele tinha questões mais urgentes em mente. Ele odiava pedir ajuda de um mortal, mas temia ter pouca escolha.

— Me ajude, — ele sussurrou. A fraqueza de sua voz o chocou, mas pelo menos ele foi capaz de formar as palavras.

Seus dedos delgados apertaram a arma, pálidos contra o aço azulado. Caso contrário, ela não se mexeu. — Quem é você?

— Meu nome é Amaal.

Os olhos dela se estreitaram. Ele notou que eram um azul claro e penetrante azul-marinho, os olhos mais atraentes que ele já vira em toda a sua longa vida. — Qual o problema com você?

— Eu - — Boa pergunta. O problema era que ele não tinha ideia do que havia de errado com ele. Nunca antes ele se sentiu tão doente, tão desamparado. Djinn não deveria se sentir assim. Foram os humanos que sofreram de doenças e enfermidades, que levaram vidas curtas e brutais cheias de todos os tipos de dor. — Eu não sei, — ele conseguiu sussurrar. — Eu estava andando, e então comecei a me sentir mal. —

Um tipo estranho de compreensão parecia passar pelo rosto da jovem. Um pouco do rosado deixou suas bochechas, mesmo quando seus olhos se arregalaram e ela agarrou a espingarda, agora a erguendo para que ela apontasse diretamente para ele. — Oh, meu Deus, — ela murmurou, embora estivesse claro que ela não tinha pretendido essas palavras para seus ouvidos.

— Funciona.

Sua mente estava cambaleando. Ela carregava a pequena caixa preta em sua mochila toda vez que se aventurava saindo do pequeno prédio de tábuas que já abrigara a estação de pesquisa de vida selvagem da UC Riverside, mas ela nunca pensou realmente que iria funcionar. Era apenas uma espécie de símbolo de sorte, um pouco mais volumoso que o pé de coelho, mas servindo basicamente ao mesmo objetivo.

Realmente, foi tudo por causa da voz no rádio.

A voz pertencia a um homem cujo nome era Miles Odekirk, e aparentemente ele estava baseado em Los Alamos, Novo México. Por mais de dois meses, desde que o Heat varreu o mundo, ele transmitiu sua mensagem, contando um grupo de sobreviventes com base na pequena cidade montanhosa, avisando qualquer um que ainda estivesse lá fora ouvindo sobre o djinn, e como eles pretendiam matar qualquer pessoa que tivesse sobrevivido à febre mortal que havia destruído a maior parte da humanidade.

Deirdre viu em primeira mão o que aquela terrível doença poderia fazer. A estação de vida selvagem era geralmente composta por um conjunto rotativo de estudantes de graduação e de divisão superior, mas não mais que quatro ou cinco por vez. Ela estivera lá com mais três pessoas - Leland, que estava cursando o mestrado em silvicultura e estudava o besouro da casca em festa na Floresta Nacional de San Bernardino; Kate, fazendo o último pedaço de pesquisa sobre sua dissertação sobre populações de veados em áreas extra-urbanas; e Sean, que era um veterano como a própria Deirdre, e estava mais como assistente e valete geral de todos os negócios, em vez de promover qualquer campo de estudo específico.

Kate tinha saído menos de um dia, assim que os primeiros relatos sobre a terrível doença começaram a aparecer na internet. Leland, Sean e Deirdre tentaram convencê-la a ficar, pois pensavam que o isolamento deles na estação só poderia ajudá-los a evitar ficarem doentes. No entanto, esse isolamento não importou no final - Deirdre nunca soube o que

aconteceu com Kate, mas Sean e Leland estavam mortos dentro de vinte e quatro horas após sua partida. Deirdre fez o que pôde, dispensando aspirina e tentando mantê-las hidratadas. Não que isso importasse. No final de tudo, eles se foram mortos por uma febre que ardia tão quente que deixou apenas cinzas para trás.

Ela supôs que deveria estar feliz por isso. Enterrar seus compatriotas teria sido difícil, dado o estado seco e duro da terra naquela época do ano, no final de setembro. E como as condições eram tão secas, a cremação também estaria fora de questão. Uma faísca errante poderia ter incendiado toda a floresta. Tinha sido mais fácil focar nos aspectos práticos do descarte de seus restos mortais do que na tristeza e horror que ela sentiu ao morrer, na preocupação sempre presente de que ela poderia ser a próxima.

Depois de recolherem as cinzas e as espalharem sob os pinheiros, perto da estação de pesquisa, e murmurarem a Oração do Senhor, porque era a única

coisa que ela conseguia se lembrar da Bíblia - Deirdre ficou sozinha no escritório da estação, pensando o que no mundo fazer a seguir. Ela não sabia por que não estava morta, e continuou esperando para enfrentar a febre mortal. Só que ela continuava tão saudável quanto no dia em que passara o fim de semana na estação, seu único problema de saúde real: as alergias que sempre pareciam piorar quando ela estava no fundo do pinhal. Ainda assim, o Flonase que ela sempre carregava parecia cuidar dos piores sintomas, e sabia que poderia conseguir mais na loja de conveniência em Running Springs.

Enquanto cuidava de seus companheiros, usara o telefone via satélite na estação para tentar ligar para casa, para verificar se sua mãe estava bem. A primeira vez que a ligação foi concluída, mas ninguém atendeu. Depois disso, tudo o que conseguiu foi um sinal de ocupado rápido, não importa quantas vezes ela apertou a tecla de rediscagem. Ela sabia o que aquilo significava. As linhas estavam sobrecarregadas.

No dia seguinte, não havia nada, nem um sinal de ocupado rápido, nada passando pela televisão por satélite. Mesmo assim, ela estava sentada lá com o rádio meteorológico de ondas curtas, percorrendo lentamente as bandas, tentando encontrar alguma evidência para dizer a ela que ela não era a única pessoa que restava no mundo, assustada demais para deixar seu atual local de refúgio. Depois de cinco dias, ela determinou que tinha que sair, apenas para ir a Running Springs para pegar comida. A estação era abastecida com rações suficientes para durar cerca de uma semana - e, no caso dela, duravam ainda mais, já que ela era a única que restava e a despensa havia sido estocada para alimentar quatro pessoas - mas logo mais ou menos, ela iria esgotar-se.

Além disso, pode haver sobreviventes em Running Springs.

No momento em que estava prestes a ir para a cidade, no entanto, ela fez uma última passagem com o rádio, uma pesquisa final das bandas para ver se

ainda havia alguém vivo por aí. E quando ouviu a voz de Miles Odekirk através dos alto-falantes, ela chorou, lágrimas escorrendo pelo rosto quando percebeu que não estava completamente sozinha.

É verdade que ele estava no Novo México, que poderia muito bem estar no lado escuro da lua - especialmente depois que ela ouviu o que ele tinha a dizer.

Criaturas estranhas que pareciam humanas, mas não eram. Djinn. Seres elementares que até agora estavam varrendo a face da terra, procurando todos os sobreviventes imunológicos para que pudessem terminar o trabalho que iniciaram. Deirdre não queria acreditar em nada disso. Ela queria pensar que Miles Odekirk era um louco, alguém imune que tinha sido enlouquecido por seu isolamento e pelas perdas que ela supôs que ele devesse ter sofrido.

No entanto, havia algo sobre a maneira como ele falava - calmo, seco, quase pedante - que parecia lhe dizer que ele não estava louco. Ele não falou ou elogiou. De fato, sua entrega sem sentido lembrou

Deirdre de seu professor de Botânica 101, embora essa pessoa de Miles parecesse muito mais jovem que o antigo professor Barton, provavelmente não mais que quarenta no máximo. Ele alertou para não se aventurar sozinho, mas disse que pelo menos qualquer pessoa que desejasse evitar o djinn tinha que se ater a qualquer cobertura que pudesse encontrar, fosse uma casa abandonada ou uma espessa árvore.

E ele falou dos dispositivos que havia criado, aqueles que supostamente poderiam repelir os djinn e enfraquecê-los a ponto de não serem mais fortes que um ser humano comum.

Deirdre seguiu seu conselho de coração. Não, ela não podia ficar escondida para sempre, mas fez o possível para usar cores neutras quando se aventurou do lado de fora. Por causa disso, ela fora capaz de fazer várias viagens de forrageamento a Running Springs e também havia saqueado as despensas de algumas das casas da região. Ela se recusou a se sentir culpada por esses pequenos

furtos, uma vez que as pequenas pilhas de poeira cinza que encontrara naquelas casas e empresas vazias diziam que as pessoas que os possuíam definitivamente não precisavam mais desses suprimentos.

E assim que soube que tinha suprimentos suficientes para sobreviver por um bom tempo, começou a trabalhar.

A estação de vida selvagem possuía um poço solar, um poço de propano e, portanto, ela estava preparada em termos de energia, água e gás para cozinhar, desde que tivesse pouca utilidade. Até agora, o calor não fora muito problemático, embora ela se preocupasse com o que faria quando chegassem as verdadeiras neves do inverno. Não era a falta de lenha que a preocupava - a estação também tinha um fogão a lenha e uma grande pilha de pinheiros nos caixotes de madeira nos fundos - mas o medo muito real de que a fumaça vinda da chaminé certamente atrair qualquer djinn na área. Por enquanto, ela juntou e empilhou cobertores extras na

cama estreita do quarto que teria compartilhado com Kate.

Miles Odekirk continuava repetindo suas instruções repetidamente, lenta e pacientemente. Deirdre se perguntava se era frustrante ele estar mandando suas palavras para o éter sem ter ideia se alguém as ouvia. Possivelmente havia sobreviventes em algum lugar que tinham acesso a um rádio amador e podiam responder, mas ela não teve tanta sorte; o rádio de banda larga era principalmente para acompanhar as informações meteorológicas, e qualquer pessoa que estivesse na estação usara o telefone via satélite para comunicações reais. Ela não havia encontrado um rádio amador durante nenhuma de suas expedições de forrageamento ... não que ela soubesse como operá-lo, mesmo que o tivesse. Quase doía fisicamente não poder falar com Miles Odekirk, gritar que ela estava aqui sozinha e precisava desesperadamente de alguém para ajudá-la. Então, novamente, o que ele poderia ter feito? Ele estava a mais de mil quilômetros de distância e devia

haver muitos djinn assombrando os quilômetros entre as montanhas San Bernardino e Los Alamos, apenas esperando para atacar qualquer humano infeliz que ousasse se aventurar naquele deserto selvagem.

Mas pelo menos ela tentaria construir um de seus dispositivos. Ela conhecia o caminho de uma arma de solda, graças a um irmão mais velho que sempre gostava de eletrônicos e foguetes-modelo e outros tipos de coisas nerds da ciência. O fato de Douglas ter sobrevivido ou não era discutível a essa altura; ele sabia que ela passaria o fim de semana na estação de vida selvagem, então certamente se ele tivesse vivido o Heat, ele teria procurado por ela. O fato de ele nunca ter aparecido parecia provar que estava tão morto quanto todos os outros.

Ela não queria pensar nisso. Era melhor sentar-se no pequeno laboratório localizado na parte de trás do prédio, próximo à área com as várias gaiolas que antes tinham animais selvagens feridos, e usar os pedaços do laptop de Kate - ela deixou tudo para trás

quando fugiu da estação, até seu computador e suas roupas - e os iPads de Sean e Leland para montar o dispositivo que o Dr. Odekirk havia inventado. Deirdre não fingiu entender a mecânica do que estava fazendo; ela seguiu pacientemente as instruções extremamente precisas do cientista, usando as telas de toque dos iPads roubados para construir várias faces da pequena máquina em forma de cubo. Depois que ela terminou, parecia funcionar - pelo menos, as luzes se acenderam quando ela moveu os dedos sobre ela nos lugares que deveriam controlar sua força, intensidade e alcance. No entanto, sem nenhum djinn por perto, ela não sabia dizer se funcionava ou não, e não estava à procura deles apenas para testar se o dispositivo era realmente funcional. Ela pode ter se sentido alguns dias como se estivesse morrendo de solidão, mas ainda não valia a pena arriscar sua vida para descobrir.

Ainda assim, Deirdre havia encontrado alguma segurança ao levar o dispositivo na mochila quando ela saiu da estação para procurar comida. Os

suprimentos não eram tão baixos que ela ainda pensara em caçar para complementar os itens da despensa. A floresta poderia estar cheia de vida, mas isso não significava que ela estava pronta para matar e vestir um cervo, ou mesmo um coelho ou um esquilo. Ela encontrou uma espingarda e um rifle .22 em uma das casas vazias de Running Springs e trouxe as armas de volta para a delegacia, embora duvidasse que seria capaz de atingir o lado largo de um celeiro. com qualquer um deles.

Essa última viagem à estação de observação tinha sido sua maneira de se forçar a tomar uma decisão ... qualquer tipo de decisão. Nesse ponto, ela realmente só tinha duas opções. Ela só precisava escolher um e seguir em frente.

Em termos racionais, não havia realmente nenhuma razão para descer a montanha. Ela teve seu refúgio na estação de pesquisa. Até agora, ela sobreviveu a várias viagens para reunir suprimentos. Ninguém a incomodara aqui ainda, e ela imaginou que ninguém o faria. Provavelmente havia comida não

perecível suficiente nas despensas e lojas de Running Springs para mantê-la viva durante o inverno. Podia superar a melancolia, aprender a caçar, pescar e vestir um animal. Nada disso parecia terrivelmente atraente, mas era melhor do que sua outra opção, que era reunir coragem e deixar o local que a protegera nos últimos meses, um plano de ação aterrorizante à superfície, agora que ela sabia o que a esperava lá fora.

Havia o dispositivo, é verdade, mas ela não tinha como testá-lo. Caso contrário, ela teria empacotado o que pudesse no caminhão Toyota de Sean - definitivamente o melhor veículo na estação para esse tipo de jornada - e dirigido para o Novo México assim que tivesse certeza de que funcionava. O djinn poderia tê-la visto, mas com seus poderes neutralizados, eles não teriam sido capazes de fazer muito sobre isso também. Eles não poderiam tê-la parado.

Mas ela não sabia se estava realmente funcionando da maneira que deveria. As luzes que

brilhavam quando ela passava as mãos sobre a superfície da caixinha não eram garantia de nada.

Exceto ... ela parecia saber agora. Este homem - essa pessoa - deitado no chão à sua frente, rosto pálido e suado, tinha que ser um djinn. Nenhum ser humano comum usaria roupas assim ... e nenhum ser humano seria afetado quase ao ponto de desmaiar pela pequena caixa preta que viajava com ela em sua mochila. Seu estômago se contraiu de pavor, mesmo que ela pudesse dizer que ele não estava em condições de oferecer qualquer ameaça real.

— O que funciona? — ele perguntou, a tensão clara em suas palavras.

Ela não se incomodou em responder à pergunta dele, em vez disso, deu-lhe outra. Se ele era um djinn, certamente não merecia nenhuma cortesia dela. Com uma voz áspera, ela se fez a pergunta, mesmo que ela temesse ouvir a resposta.

— Você é um djinn ... não é?

Enquanto olhava para a jovem, várias mentiras possíveis passaram pela mente de Amaal. No entanto, ele imaginou que ela não aceitaria nenhum deles, essa criatura que parecia frágil como vidro e ainda forte como aço, como um florete de uma época passada. Além disso, ele temia que as roupas de seda brilhantes que ele preferia já o tivessem dado. Nenhum mortal se vestiria assim - ou melhor, nenhum mortal que ainda andasse por esses bosques usaria algo tão claramente não projetado para ser furtivo. — Sim, — ele disse simplesmente.

Seus dedos se apertaram ainda mais, destacando-se com os nós dos dedos brancos enquanto ela segurava a arma. — Levante-se.

Se ele pudesse obrigá-la. Ele certamente não queria que ela o matasse, mas por outro lado, seu corpo simplesmente não estava disposto a obedecer a seus comandos. — Eu acho que não posso.

Ela fez um som de aborrecimento, depois abaixou a espingarda para poder segurá-la com uma mão enquanto pegava a outra para pescar algo da mochila

que usava. Depois de um momento de luta, ela produziu uma pequena caixa preta de aparência atraente, com cerca de 10 cm de lado, grande o suficiente para descansar na palma da mão. Ela encostou a arma na perna por um momento para poder passar um dedo por uma superfície da caixa.

Imediatamente, Amaal sentiu a doença e a fraqueza que ameaçavam consumi-lo recuar um pouco. Nem todo o caminho - não, ele ainda estava doente, fraco e cansado. Ele sabia que não podia se mover rápido o suficiente para pegar a arma da jovem, mesmo que o pensamento lhe passasse pela cabeça. No entanto, ele acredita que poderá aguentar.

— Melhor? — ela perguntou, e ele assentiu.

— Acho que sim.

— Então levante-se.

Pernas trêmulas, ele se levantou. Ele olhou para a caixa que ela segurava e perguntou: — O que é isso?

— Não há nome para isso, — disse ela. — Mas funciona. Essa é a coisa importante.

Enquanto ele olhava para o dispositivo, um súbito arrepio de compreensão passou por ele. Havia rumores de que um cientista mortal havia inventado um instrumento que efetivamente neutralizava os poderes dos djinns, tornando-os fracos, incapazes de usar qualquer um de seus dons inatos, tornando-os não muito diferentes de um humano. Amaal havia julgado esses boatos extravagantes, especialmente porque esses dispositivos lendários estavam sendo usados a milhares de quilômetros de distância de onde ele agora morava. Ele não pensara que houvesse necessidade de preocupação, nunca pensara que um deles seria usado contra ele.

E, no entanto, aqui estava um mortal segurando um desses dispositivos, uma jovem que certamente não deveria ter conseguido pôr as mãos em uma coisa dessas. Se ele não estivesse se sentindo tão terrível, ele poderia ter rido da natureza caprichosa do universo, como ele o levou à sua órbita. No entanto, ele não viu triunfo em seus traços delicados por subjugá-lo, apenas preocupação e medo.

— O que você está fazendo aqui? — ela como perguntou.

— Estas são minhas terras.

Ela devolveu o dispositivo à mochila. — Como assim, suas terras?

Toda sílaba era um esforço, mas ele se forçou a responder. — Todos nós, djinn, recebemos terras aqui na Terra por conta própria. Eles são meus por muitos quilômetros, e o meu é o que eu quiser.

Uma risada curta e sem humor emergiu de seus belos lábios. — Você não parece exatamente o mestre do seu destino... Amaal.

— Temo que você não esteja me vendo da melhor maneira possível, — respondeu ele. Doía até levantar uma sobrancelha para ela, mas de alguma forma ele conseguiu.

Ela assentiu. — Não, acho que não. Bem, Amaal, você pode pensar que estas são suas terras, mas são minhas também. — Uma pausa, como se ela estivesse pensando em algo, e então ela ordenou a ele: — Comece a andar.

— 'Andar'? — ele repetiu.

— Sim, — ele respondeu. — Você está de pé, então suponho que você pode andar. — Mais uma vez, ela levantou a espingarda e apontou para ele. No entanto, pela maneira como suas mãos tremiam um pouco, ele imaginou que ela não tinha noção real de como usá-lo.

Sua inexperiência teria sido divertida, exceto que ele estava preocupado que ela pudesse fazer algo para acidentalmente disparar a arma. A julgar pelo quão fraco ele se sentia no momento, ele temia que qualquer ferimento que ela lhe causasse não curasse tão rapidamente quanto deveria. Se isso provasse ser o caso, uma parte da espingarda poderia matá-lo. E, apesar de ultimamente ter achado sua vida monótona, ele ainda não queria abandoná-la.

— Eu posso andar, — disse ele. — Embora não seja rápido.

— Está tudo bem. — O queixo dela sacudiu em uma direção mais a noroeste. — Desse lado.

Como havia pouco mais que ele poderia fazer, graças à sua fraqueza atual, ele começou a andar. Cada passo era excruciante - não porque realmente o machucava, mas porque exigia muito esforço, como se ele arrastasse seus membros pela lama mais espessa e pegajosa do mundo. Mesmo assim, ele descobriu que tinha fôlego suficiente para perguntar: — Para onde estamos indo?

— Para a estação de pesquisa.

Essa resposta enviou um choque de alarme através dele. Ela era algum tipo de cientista? Ela planejava visita-lo, ver como um djinn diferia de um humano?

Não, ela parecia jovem demais para ser uma cientista. Talvez com vinte e poucos anos, embora ele fosse o primeiro a admitir que não era muito bom em adivinhar a idade dos humanos. A vida deles era tão curta, as décadas passando tão rapidamente que era difícil para ele ter um quadro de referência.

— É longe?

— Algumas milhas.

Milhas. Bem, Amaal supôs que, se ele se esforçasse em colocar um pé na frente do outro, e não pensasse em quão longe ele havia chegado ou até onde ele tinha que ir, ele poderia sobreviver à experiência. Seria muito humilhante desistir na frente dessa bela jovem, mesmo que ele duvidasse que ela tivesse algum projeto para sua pessoa, exceto talvez do tipo científico.

Eles caminharam em silêncio por algum tempo. Amaal podia sentir as pernas ficando cada vez mais pesadas, como se cada passo se drenasse um pouco mais dele. Ao mesmo tempo, ele podia sentir como aquele pequeno dispositivo terrível que ela carregava não apenas o enfraqueceu fisicamente, mas parecia tê-lo separado da fonte de seu poder. Ele não poderia ter chamado o fogo - seu elemento - ou usado seu dom inato djinn de se enviar instantaneamente de um lugar para outro. Não, tudo o que ele podia fazer era lutar, imaginando o que essa garota faria se ele desmoronasse na frente dela e se recusasse a dar um passo adiante.

Alguma teimosia dentro dele não lhe permitiria fazer uma coisa dessas, no entanto. Talvez fosse o destino dele morrer nas mãos dela, mas ele não permitiria que ela visse o quão fraco ele realmente era. Seu povo poderia ter acreditado no mundo seguinte, em uma existência posterior a essa, é verdade, e mesmo assim ele não tinha nenhum desejo real de saber se esse lugar realmente existia.

Depois de terem andado em silêncio por algum tempo, ele disse: — Eu te dei meu nome. É educado que você me dê o seu.

A princípio ela não respondeu. De fato, o silêncio pedregoso que recebeu esse pedido durou tanto tempo que ele pensou que ela não responderia. Por fim, porém, ela disse. — Deirdre. Deirdre Graves.

Um sobrenome triste, embora talvez adequado para alguém que viveu para ver tantos de seus companheiros humanos mortos. Não que alguns deles precisassem de um túmulo - essa talvez fosse a parte mais inteligente da doença que sua espécie

havia inventado, que não deixaria para trás nenhuma confusão bagunçada para poluir o mundo.

Ele duvidava que Deirdre fosse aplaudida por essa observação, no entanto, e então apenas disse: — Obrigado, Deirdre.

Outro silêncio caiu. Não, não estava completamente silencioso por aqui, pois ele podia ouvir o vento cantando nos pinheiros altos, o triturar da grama seca sob seus pés. Mesmo assim, era bastante desconfortável saber que outra pessoa andava tão perto e, no entanto, parecia tão pouco inclinada a conversar. Talvez isso fosse o melhor. Ele teve que usar cada grama de energia que possuía simplesmente para continuar caminhando; conversar com Deirdre ao mesmo tempo exigiria força que ele precisava para conservar, para não cair onde estava.

Por fim, eles saíram para uma pequena clareira. No outro extremo da clareira havia uma estrutura baixa de madeira pintada de branco, com uma pequena varanda modesta e várias janelas. De um lado, uma estrada de terra estreita serpenteava até o

prédio e uma caminhonete extremamente empoeirada estava estacionada ali. De fato, as janelas do caminhão estavam tão cheias de sujeira que Amaal duvidava que Deirdre o tivesse conduzido recentemente. Talvez ela estivesse sendo prudente; parecia que ela havia conseguido escapar da detecção até agora, mas o som do motor do caminhão certamente teria atraído a atenção de qualquer djinn na área.

Inclusive ele, possivelmente, embora antes de algumas semanas atrás, quando ele havia sido banido de sua cobertura no centro da cidade, ele não passara muito tempo aqui. Ainda assim, ele não pôde deixar de imaginar o que teria acontecido se ele se deparasse com Deirdre antes que ela tivesse o terrível dispositivo operacional. Como ela conseguiu tal feito, ele não tinha certeza. Alguém deve ter lhe dado instruções sobre como construí-lo, porque ele não conseguia ver como ela poderia ter criado algo tão específico por conta própria.

— Lá dentro, — disse ela, a primeira palavra que falou por pelo menos meia hora.

Subir os três degraus da varanda era mais atorrentador, mas de alguma forma Amaal conseguiu, embora estivesse suando e ofegando como se tivesse corrido uma corrida antes de chegar à escada superior. Ela veio a seu lado e usou a mão livre para abrir a porta da delegacia para que ele pudesse entrar.

Essa sala da frente era claramente uma espécie de escritório, pois havia várias mesas, cada uma com seu próprio computador e telefone. Embora ele não soubesse muito sobre a tecnologia humana, ele pensava que os computadores e os telefones pareciam ser mais antigos, certamente nada que pudesse ser considerado de ponta ou atualizado. Em uma das paredes havia um quadro branco com vários nomes escritos e tarefas listadas embaixo deles, como retirar o lixo, chocar a água dos animais e assim por diante. Um dos nomes escritos lá era o de Deirdre.

Claramente, essa era a estação de pesquisa de que ela falara. Ela tinha sido uma funcionária aqui? Mais uma vez, ele a considerava jovem demais para esse cargo, mas talvez ela tivesse sido apenas uma assistente de algum tipo.

— No final do corredor, — disse ela.

Ele deu um encolher de ombros resignado e continuou andando fazendo o possível para ignorar a maneira como suas respirações não pareciam encher seus pulmões, ou como era como se alguém tivesse amarrado pesos pesados em suas pernas. Ainda era difícil adivinhar o que Deirdre pretendia fazer com ele, mas pelo menos se o fim de sua jornada estivesse à vista, ele deveria poder sentar e descansar um pouco. Na verdade, ele não tinha muita certeza de como havia conseguido andar até aqui, enquanto o gelo deve continuava a atrair cada grama de energia que possuía.

Eles passaram por várias portas abertas. Uma sala parecia um laboratório pequeno, mas eficiente. Dois outros eram claramente quartos, com camas

estreitas colocadas contra as paredes e alguns móveis escassos para guardar itens pessoais. Outra porta se abriu no banheiro, que era tão utilitário quanto o resto do lugar.

E então eles chegaram a um espaço maior, que ocupava toda a largura da estação, que Amaal imaginou ter sido uma casa em algum momento. A sala estava cheia de gaiolas, todas agora vazias. Apesar da ausência de qualquer animal, ele conseguia captar apenas os traços mais fracos da presença deles, um certo almíscar no ar.

Empurrada contra uma parede havia uma gaiola grande, muito maior que as outras. O que havia acontecido uma vez? Coiotes ou leões da montanha? Não parecia suficientemente robusto para conter um urso, mas talvez se tivesse sido tranquilizado ...

— Lá dentro, — disse ela, inclinando a cabeça em direção à gaiola.

Ele olhou para ela, horrorizado. Certamente ela não pretendia confiná-lo naquela terrível caixa de arame? Limpando a garganta para se livrar da

horrível espessura que havia se estabelecido ali, ele protestou. — Não há necessidade disso. Seu dispositivo me torna completamente inofensivo. Tudo que você precisa fazer é me trancar em um dos quartos que acabamos de passar.

A espingarda levantou novamente, apontada diretamente para o peito. — Não há barras nas janelas nesses quartos. E como seu pessoal é responsável por matar bilhões de pessoas, espero que você entenda por que não confio em você. Entre na gaiola.

Ele começou a abrir a boca para protestar - depois viu a maneira como o dedo dela apertava quase imperceptivelmente no gatilho da espingarda. Um pouco mais de um aperto, e ele sabia que pedaços de si mesmo seriam espalhados por todas as paredes da sala onde ele estava agora.

Com as mãos levantadas, ele disse. — Estou entrando na gaiola. Não há necessidade disso.

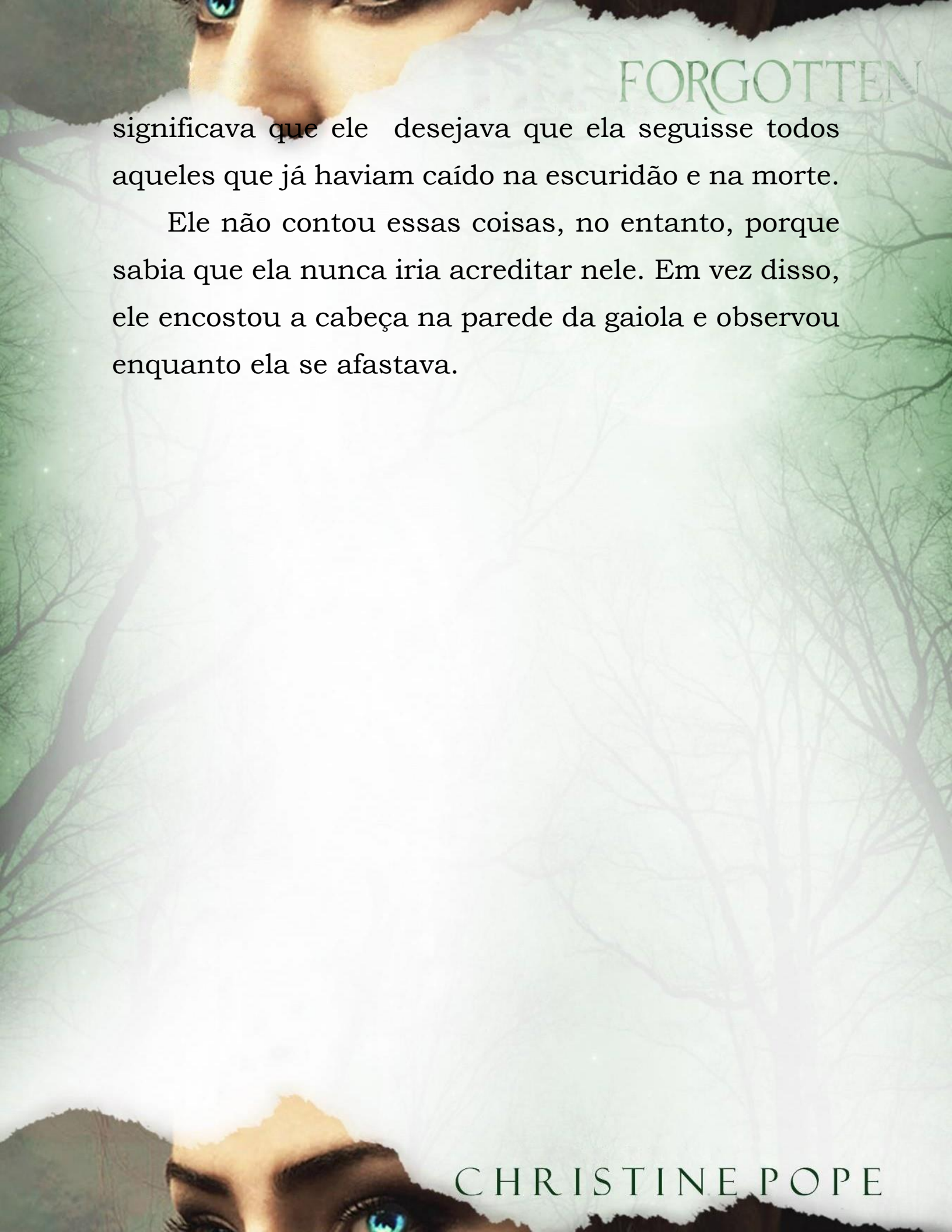
Sua altura o obrigou a se agachar para subir. Só debruçar-se de tal maneira fez uma onda de tontura

passar por ele, e ele caiu no chão, sentindo os fios que compunham a gaiola pressionando as palmas das mãos. Segurando um gemido, ele de alguma maneira conseguiu se empurrar para um canto, onde se sentou e encarou Deirdre com ressentimento cansado.

Ela fechou a porta da gaiola e a fechou com uma fechadura. Então ela parecia respirar fundo enquanto se afastava.

Apesar de sua miséria atual, ele viu como as mãos dela tremiam. Sem dúvida, ela ficou petrificada o tempo todo, preocupada que seu dispositivo não fosse suficiente para manter seu djinn em cativeiro à distância.

Um sentimento estranho passou por ele, então, não era um desejo de machucá-la, puni-la por colocá-la em uma posição tão ignominiosa. Não, ele podia ver claramente o medo nos olhos dela, e o que ele queria mais do que qualquer coisa era dizer a ela que ele não queria lhe fazer mal, que só porque o djinn havia mudado para sempre o mundo dela, isso não



FORGOTTEN

significava que ele desejava que ela seguisse todos aqueles que já haviam caído na escuridão e na morte.

Ele não contou essas coisas, no entanto, porque sabia que ela nunca iria acreditar nele. Em vez disso, ele encostou a cabeça na parede da gaiola e observou enquanto ela se afastava.

CHRISTINE POPE

Um Djinn. Um maldito *djinn*.

As mãos de Deirdre tremiam quando ela apoiou a espingarda contra a parede do laboratório. Eles não pararam de tremer mesmo quando ela não segurava mais a arma.

Ela tinha que estar ficando louca. Caso contrário, ela nunca teria tentado algo tão maluco. E, no entanto, quando se deparou com Amaal, percebeu o poder que tinha sobre ele, graças à louca caixinha preta de Miles Odekirk, uma fúria estranha a possuía. Ela queria que este djinn pagasse. Por um terrível segundo ela quase perdeu o controle, quase o surpreendeu de vez em quando.

O que a havia impedido? Ela realmente não sabia. Mas, quando o olhou, percebeu que queria algo mais que vingança. Ela queria saber o *porquê*.

Se ele realmente diria a ela alguma coisa do que ela queria saber, ela não tinha certeza. Ele realmente foi cortês e educado durante a caminhada por aqui,

mesmo que ela tenha adivinhado que ele estava sofrendo com os efeitos do dispositivo. Seus traços bonitos eram tensos, atraídos, como se ele tivesse que se forçar a dar todos os passos, fazer todos os movimentos, quando tudo o que ele provavelmente queria fazer era deitar-se onde estava.

Bonito. Essa era uma palavra que ela nunca pensou que usaria para descrever um djinn. Miles Odekirk não falou muito sobre a aparência deles nas transmissões de rádio dele. Ele estava muito mais preocupado em deixar qualquer humano sobrevivente saber de uma maneira de combatê-los. E como os djinn haviam feito uma coisa tão monstruosa, Deirdre supôs que eles deviam parecer monstros.

Mas eles não fizeram. Ou pelo menos, o que ela capturou definitivamente não.

Quão perto dos humanos eles estavam? Ela tinha os meios para descobrir. O laboratório aqui não estava tão bem equipado que ela seria capaz de sequenciar o DNA de Amaal ou algo assim, mas ainda seria capaz de analisar o sangue dele, fazer uma

mancha para que ela pudesse dar uma olhada nos cromossomos dele. Claro, isso significava que ela teria que se aproximar o suficiente dele para obter uma amostra. Ele não parecia estar em grande forma para combatê-la, no entanto. Não, ele parecia tão fraco quanto um gatinho.

Apesar de sua raiva pelo djinn em geral, ela não pôde deixar de sentir uma pontada de culpa naquele momento. Ela o deixou naquela gaiola sem água, nada para amortecer o aço duro do arame contra sua carne. Isso não era como ela - ela sempre pegava perdidos quando era mais nova, forçando sua mãe a encontrar abrigos sem matar para eles, já que o dono da casa alugada não lhes permitia ter nenhum animal de estimação.

Passar pelo apocalipse mudou muito você?

Deirdre não tinha certeza de que ela queria saber.

Em vez disso, ela entrou na pequena cozinha utilitária da estação e tirou a jarra de água da geladeira. Felizmente, era um aparelho compacto e eficiente, e assim ela conseguiu justificar mantê-lo

conectado e usar a eletricidade que os painéis solares no telhado geravam para manter as coisas frescas. Ela derramou um pouco de água em uma caneca e depois voltou para a sala de espera da vida selvagem. Amaal ainda estava onde ela o havia deixado, encostado em um canto da gaiola. Seus brilhantes olhos azuis a observaram quando ela entrou e colocou a chave na fechadura, depois abriu a porta da gaiola e estendeu a caneca de água para ele.

— Eu pensei que você poderia estar com sede.

— Obrigado, — disse ele, severamente cortês, e pegou a caneca dela.

Os dedos dele roçaram os dela por um segundo, e ela teve que se impedir de pular para trás. Foi porque ele a tocou ou porque sua pele estava tão fria, tão úmida? De alguma forma, ela sabia que a carne dele não deveria se sentir assim, e imaginou que devia ser outro efeito colateral do dispositivo repelente de djinn.

— Você está com frio, — disse ela, fechando a porta da gaiola e trancando-a novamente. — Vou pegar alguns cobertores para você.

Antes que ele pudesse responder, ela fugiu da sala, indo para o quarto que Sean e Leland haviam arrumado. Boca ajustada, ela tirou os cobertores de ambas as camas e pegou um travesseiro também.

Então seu olhar foi para o pequeno armário. Dentro havia uma cômoda. Deirdre pousou os cobertores e travesseiros que ela segurava, depois abriu uma das gavetas. Leland tinha sido alto e magro, e o musculoso Amaal nunca seria capaz de vestir suas roupas. Sean, por outro lado, tinha sido muito atlético - na verdade, ele começou a deixá-la louca com sua conversa constante sobre seus malditos exercícios de cross-fit - e ela achava que as coisas dele poderiam funcionar para seus djinns em cativeiro. Amaal poderia ficar naqueles mantos de seda berrantes, se quisesse, mas o frio de seu toque dizia que ele devia estar com frio. Jeans, moletom e

algumas meias provavelmente funcionariam muito melhor para mantê-lo aquecido.

Por que você não compra uma binkie para ele enquanto faz isso? ela pensou amargamente ao adicionar as roupas abandonadas de Sean à pilha. *Você não está exatamente tratando-o como um prisioneiro.*

Bem, até as prisões deveriam fornecer comida e roupas decentes aos presos. Deirdre supôs que em algum momento ela teria que alimentar Amaal, mas primeiro ela poderia fazer o possível para deixá-lo um pouco mais confortável.

Claramente, ele não esperava esse tipo de consideração, já que seus olhos se arregalaram um pouco quando ela voltou ao quarto com sua trouxa de roupas e cobertores. Mais uma vez, abrindo a fechadura, ela disse. — Aqui. Eu pensei que isso poderia ajudar.

Em silêncio, o djinn pegou os cobertores dela, depois passou a mão sobre o moletom no topo da pilha. Ele inspecionou cada um dos itens que ela lhe

trouxera, depois olhou para ela, as sobrancelhas levantadas levemente. — Por quê?

Ela fez sua voz deliberadamente dura. — Eu não posso confiar em você, porque você é um djinn. Mas isso não significa que quero que você fique com frio.

— Essas roupas parecem mais quentes do que as que eu sempre uso. — Os olhos dele encontraram os dela, e ela teve que se forçar a não desviar o olhar. Por alguma razão, ela nunca pensou que um djinn tivesse olhos tão azuis, como trechos do céu de verão. — Por que está tão frio aqui? Estou surpreso por você não ter ficado doente.

Em sua própria camisa de flanela e blusa volumosa - roubada de uma das lojas em Running Springs - ela não tinha notado tanto o frio. Ela deu de ombros, dizendo: — Eu tenho um fogão a lenha, mas não pude usá-lo. A fumaça teria atraído vocês djinn.

Sua boca se apertou um pouco com a frase — vocês djinn, — mas sua voz estava calma o suficiente quando ele respondeu: — Você não precisa se preocupar com isso. Este é o meu território. Se

qualquer outro djinn notasse a fumaça, eles pensariam que era porque eu tinha feito um incêndio. Então, por favor, se você tiver lenha para o fogão, eu apreciaria se você pudesse usá-lo para o propósito a que se destina.

Por um segundo, Deirdre inclinou-se a responder que não faria nenhum favor a ele, mas ela se conteve. Estava frio aqui, e mesmo que o tempo estivesse ameno o suficiente ultimamente durante o dia, as temperaturas durante a noite sempre caíam abaixo de vinte. Ela mesma estava sofrendo nas últimas noites, mesmo com os cobertores das camas dela e de Kate empilhados em cima dela - e ela não seria capaz de acrescentar mais a essa pilha, porque acabara de dar os cobertores extras das camas de Leland e Sean para Amaal.

— Tudo bem, — disse ela. — Vou acender o fogo. Se você tem certeza de que é seguro.

— Você está a salvo de qualquer outro djinn aqui, sim.

Enquanto se afastava, percebeu que Amaal não havia dito que estava a salvo dele. Por outro lado, ele não estava em posição de fazer ameaças. Era bastante óbvio que, com seus poderes despojados, ele não tinha chance de sair da jaula onde ele estava confinado. Pelo que Miles Odekirk havia dito, parecia que o dispositivo continuaria apagando os poderes de um djinn enquanto a máquina estivesse funcionando, então Deirdre achou que ela deveria estar segura por enquanto. O dispositivo teria que ser recarregado por um tempo - embora uma única carga parecesse durar dias - mas ela poderia conectá-lo a uma das tomadas do laboratório, se necessário, e continuar funcionando.

Então ela foi para a varanda dos fundos, para uma das caixas de madeira ali, e pegou um punhado de pedaços. Ainda bem que Leland a treinou sobre como usar o fogão, porque, caso contrário, ela estaria perdida - os fogões a lenha não eram exatamente o assunto padrão no subúrbio de San Bernardino.

Felizmente, ela ainda tinha muitos fósforos, já que não usava o fogão nos últimos meses.

Os troncos estavam secos, bem temperados e apanhados rapidamente. Quem fez o retrofit da casa na estação de pesquisa fez um bom trabalho, porque o fogão estava posicionado muito do seu calor fluiria para fora da cozinha e pelo corredor, ajudando a espalhar o ar aquecido por todo o edifício. De fato, depois de um minuto ou dois de pé perto do fogão, Deirdre começou a repensar o suéter de lã volumoso que usava por cima da blusa de flanela. Ela entrou no quarto e trocou as roupas por uma camiseta e um casaco com capuz com — Running Springs — escrito nas costas - outra aquisição de uma de suas viagens de busca à pequena cidade turística.

Uma vez que ela mudou, ela não foi imediatamente para onde Amaal a esperava em sua jaula. Em vez disso, ela foi para o laboratório, onde tirou um kit de análise de sangue do armário. Talvez ela devesse ter esperado, mas ela imaginou que o djinn parecia muito cansado com a caminhada dele

aqui, e ela também poderia tentar obter uma amostra quando ele não era capaz de reagir.

Quando entrou na sala com as gaiolas, viu que Amaal estava encostado na parede, com os olhos fechados. Na verdade, ele estava tão quieto e pálido que, por um terrível segundo ela teve medo de que ele tivesse morrido. Mas então seus olhos se abriram, e ele até lhe ofereceu um leve sorriso.

— Isso parece melhor, — disse ele. — O ar quente, é isso. — Seu olhar foi para o kit que ela segurava em uma mão. — O que é isso?

Ela se aproximou da gaiola. — É um kit de análise de sangue. Vou colher uma amostra do seu sangue.

Estranhamente, ele não parecia muito desconcertado com essa revelação. — Por quê?

— Porque eu quero estudá-lo.

— Você é uma cientista?

Ela teve que lutar contra uma risada amarga. *Nem mesmo perto....* — Não, — ela disse. — Eu era estudante... antes. No meu último ano.

— Ah. Eu pensei que você parecia jovem demais para ser uma cientista.

Pelo seu tom cansado, era difícil dizer se ele estava sendo sarcástico ou não. Deirdre sabia que, aos 24 anos, ela era mais velha que muitos de seus colegas de classe. Infelizmente, ela estava no plano de seis anos na universidade, tendo que frequentar a escola apenas meio período por quase metade de seu mandato lá, simplesmente porque ela precisava trabalhar horas suficientes para poder pagar as mensalidades. Ela morava em casa e se esforçara ao máximo para controlar os custos, mas mesmo assim, explodir nos quatro anos tradicionais simplesmente não era uma opção.

— Não, você precisa de um doutorado para ser cientista, — ela disse. — Eu estava muito longe disso. — Ela pegou a seringa e o frasco do kit e deixou os rótulos de lado por enquanto. — Você vai me dar algum problema com isso, Amaal? Porque também tenho uma arma que posso trazer aqui para garantir que você coopere.

Ele balançou sua cabeça. — Sem problemas, — disse ele.

O cansaço em sua voz parecia convincente. Apenas uma maneira de descobrir, ela supôs.

Fazendo o possível para ignorar a sensação desconfortável na boca do estômago, Deirdre foi até a gaiola e a destrancou. — Saia.

Ele se arrastou até a porta e se espremeu. Embora ela tenha adivinhado que ele ainda não havia mudado porque não havia tempo suficiente, ela desejou que ele tivesse trocado as vestes de djinn pelo moletom e jeans que ela trouxe para ele. Quando ele se levantou dolorosamente e as vestes se abriram, ela percebeu o quanto o peito nu e o estômago igualmente nu estavam expostos. Ela realmente nunca viu um homem construído como aquele que não era modelo nem ator, e seu físico era um pouco avassalador quando ele estava tão perto dela.

— Você pode se sentar aqui, — disse ela, os olhos cuidadosamente desviados, e apontou para a

cadeira dobrável e a mesinha que estava colocada contra a parede.

Até os poucos passos que ele assumiu na cadeira estavam tropeçando, hesitantes. Ele nem se sentou ao cair naquela cadeira, depois olhou para ela com expectativa. — Estou pronto.

Sem responder, ela levantou a manga do braço dele e bateu com o dedo na dobra do braço dele, fazendo o possível para ignorar a protuberância do bíceps logo acima do local em que estava trabalhando. Felizmente, ele tinha uma veia que parecia bastante próxima da superfície, então ela escolheu aquela e inseriu o nó, depois observou a seringa se encher de sangue.

Ela não sabia ao certo por que esperava que fosse verde.

Mas era um rico vermelho escuro, parecendo humano. Assim como o próprio Amaal era, embora ela tivesse que admitir que não conhecia muitas pessoas que eram tão perfeitas na aparência quanto os djinn.

— O que você vai fazer com isso? — ele perguntou. Ele parecia genuinamente curioso.

— Vou verificar seu tipo de sangue, — respondeu ela. — E eu quero olhar para seus cromossomos. Não existe o equipamento certo para sequenciar seu DNA, e eu não saberia como fazê-lo, mesmo que houvesse, mas ainda posso procurar algumas coisas básicas.

Ah. Aqueles olhos azuis brilhantes brilharam para ela. — Você quer que eu volte para a minha jaula agora?

— Sim, é tudo que eu precisava.

Ele se levantou da cadeira e atravessou a sala laboriosamente até a jaula. Ela podia dizer que o ato de se abaixar no chão para que ele pudesse rastejar de volta para a gaiola era doloroso para ele, mas ela se fez ficar quieta e observar até que ele estivesse lá dentro. Depois, foi o trabalho de alguns segundos para deslizar a trava de volta no lugar e fechá-la.

Mesmo assim, ela não pôde deixar de experimentar uma breve pontada de arrependimento.

Ele certamente parecia bastante dócil. Talvez ela devesse deixá-lo ficar no antigo quarto de Leland e Sean.

Não, ela disse a si mesma. Ele é um djinn. Ele é perigoso. Pelo que você sabe, ele está exagerando o quanto o dispositivo realmente o drena e está apenas tentando enganá-lo a deixá-lo sair dessa jaula.

— Eu costumo comer por volta das seis, — disse ela, sua voz deliberadamente dura. — Você pode esperar tanto tempo?

— Daqui a apenas algumas horas, correto?
Deirdre assentiu.

— Então eu vou ficar bem. Acho que vou tentar dormir.

Não tendo certeza de como ela deveria responder, ela apenas assentiu novamente, depois pegou o pequeno frasco de sangue dele e saiu da sala.

Hora de ver ... o que ela poderia ver?

Ele esperou até saber que ela tinha ido buscar a pequena pilha de roupas que ela havia deixado para

ele. Não havia tempo suficiente para mudar mais cedo, mas agora o frio o estava incomodando mais do que nunca, apesar do leve calor do fogão a lenha que corria pelo corredor até a sala onde ele estava confinado. E, por mais lisas e sem graça que fossem, as roupas que Deirdre lhe dera seriam muito mais quentes do que seu robe de seda aberto e calças onduladas.

Primeiro foi o moletom, pesado e grosso, e mais macio por dentro do que ele esperava. Então as calças daquele tecido azul pesado que os mortais pareciam tão atraídos. Eles estavam um pouco confortáveis, mas novamente, mais quentes que suas calças de seda. E as meias eram grossas, quentes e macias ao mesmo tempo, confortando os pés descalços.

Assim vestido, ele enrolou suas roupas de djinn em uma pequena bola, depois pegou o travesseiro e os cobertores e se enterrou neles o melhor que pôde. Sim, isso foi melhor. Ele não tinha mais idade agora, embora se perguntasse o quão quente estaria quando a noite caísse e as temperaturas lá fora caíssem. As

montanhas e o clima eram algo que ele ainda estava aprendendo a viver, mas mesmo na luxuosa casa que lhe fora fornecida, ele experimentara esses extremos agudos, embora não o tivessem afetado diretamente. O sol podia subir alto durante o dia, mas seu calor era tão passageiro quanto a luz que fornecia.

Do outro lado do corredor, ouviu um leve ruído metálico. Deirdre, ele supôs, trabalhando no laboratório. A ciência humana o interessava muito pouco - djinn não precisava disso, afinal - e então ele não tinha muita certeza do que ela estava fazendo. Olhando seu sangue sob um microscópio, ele supôs. Não foi isso que os mortais fizeram, colocar espécimes em lâminas e depois apertar os olhos para ver o que poderia estar naqueles espécimes?

Ele não sabia por que Deirdre estava tão motivado para estudar seu sangue, mas talvez ela quisesse saber o que separava djinn dos humanos. Na superfície, afinal, eles se pareciam muito de perto. De fato, era por isso que havia djinn que haviam levado humanos para seus parceiros. Alguns dos espécimes

mais perfeitos da humanidade poderiam passar por djinn com pouca luz ... se você apertasse os olhos.

Essa jovem que agora o considerava cativante - ela realmente era adorável, mesmo cansada e tensa como parecia estar. Provavelmente tinha sido difícil para ela ficar sozinha por todas essas semanas, esquecida pelo mundo.

Uma estranha onda de simpatia passou por ele, e Amaal quis balançar a cabeça para si mesmo. Aqui estava ele, deitado em uma gaiola, e ele estava com pena de seu captor? Mas então, ele imaginou que esse tipo de comportamento não era exatamente usual para ela. Quando confrontada por uma daquelas que ela sabia ser sua inimiga, ela fez a única coisa que provavelmente pensou que poderia. Certamente não faria muito sentido deixá-lo lá naquela clareira, nem uma vez que soubesse o que ele era. Ela certamente deve ter temido que ele a tivesse seguido.

Não que ele já tivesse feito uma coisa dessas. Ele não era um daqueles djinn que pretendia limpar o mundo de todos os mortais que não eram escolhidos,

aqueles poucos humanos imunes que tiveram a sorte de serem selecionados como parceiros para a eternidade por seus djinn. As consequências do Heat foram um negócio terrivelmente confuso, quando você se concentrou nisso. A febre que o djinn havia enviado ... isso era uma coisa. Matou limpa e rapidamente. Mas, então, caçar aqueles que tiveram sorte - ou azar, dependendo de como você olhou - suficiente para ficar imune? Não, ele certamente não tinha estômago para esse tipo de esporte. Nos primeiros dias, após o Heat, mas antes que os colhedores matassem a maioria dos sobreviventes, Amaal se deparara com uma dessas — limpezas. — Levou a maior parte de uma garrafa *muito* boa de vinho para livrar sua mente daquelas imagens terríveis.

Ele supôs que Deirdre tinha todo o direito de temê-lo. E ele também supôs que ela não acreditaria nele se ele dissesse que ela não tinha nada a temer.

Bem, ele teria que provar sua confiabilidade, de um jeito ou de outro. Por um lado, ele não tinha vontade de ficar nesta jaula maldita por mais tempo

do que o necessário. Se ela quisesse mantê-lo aqui para poder analisar o sangue dele ou realizar outros testes - embora ele tenha traçado qualquer coisa que envolvesse cortar oi - ele estava bem com isso. Mas ele preferia ficar em um dos quartos que notou enquanto caminhava pelo corredor. Não havia razão para mantê-lo confinado assim. Ele não era um animal, afinal.

Embora ele temesse que ela pensasse que ele era. Ela tinha visto alguma coisa do que o colega djinn havia feito com os sobreviventes da humanidade, ou o isolamento dela a protegeu das terríveis consequências do Heat? Ele não podia ter certeza; ela claramente o temia, mas não tanto que não tivesse encontrado a coragem de enfrentá-lo.

E havia o dispositivo. Onde no mundo ela poderia ter conseguido aquela coisa? Não havia como ela ter percorrido as mil milhas que a separavam do local onde as máquinas infernais apareceram pela primeira vez. Ela poderia ter conseguido descobrir por si mesma? Isso não parecia muito provável. Por sua

própria admissão, ela era apenas uma estudante universitária, não uma cientista ou engenheira.

Ele se perguntou se ela lhe diria a verdade se ele perguntasse a ela imediatamente. Difícil dizer. Até agora, ela parecia franca o suficiente com ele, embora cautelosa e não inclinada a revelar muito de si mesma. Mais uma vez, ele supôs que isso era esperado.

Mesmo assim, ele desejou que ela voltasse aqui. Era agradável ter alguém com quem conversar, mesmo que seu parceiro de conversação também o tivesse trancado em uma gaiola.

Ele apertou o travesseiro em uma pequena bola e apoiou a cabeça nela, e esperava que seu mandato nesta gaiola não fosse muito prolongado.

QUATRO

Deirdre espiou pelo microscópio. Ela já havia misturado o sangue do djinn com os reagentes que o laboratório tinha à mão e descobriu que ele era do tipo O, RH negativo. Isso a surpreendeu um pouco - por alguma razão, ela meio que esperava que os reagentes não reagissem ao sangue dele, que o djinn devia possuir um tipo de sangue que nem sequer existia em humanos. No entanto, enquanto seu sangue era um tipo bastante raro, ainda era completamente normal.

Agora ela estava realizando análises de cariótipos, combinando seus pares de cromossomos e procurando por maldades. É claro que o principal saltou para ela imediatamente, era tão óbvio que, a princípio, ela pensou que devia ter realizado a separação cromossômica incorretamente, mesmo tendo realizado o procedimento várias vezes em sua aula de genética.

Todos os seres humanos têm quarenta e seis cromossomos, agrupados em vinte e três pares.

Anormalidades nesses agrupamentos podem causar a síndrome de Down ou problemas genéticos mais raros, como a síndrome de Klinefelter ou a síndrome de Turner.

Amaal não tinha quarenta e seis cromossomos. Ele tinha quarenta e oito.

Deirdre esfregou os olhos e olhou para o escorregador novamente, mas o que ela estava olhando não mudou. Não era que sua visão estivesse embaçada ou ela estivesse cansada demais. Tudo bem, ela sabia que estava cansada, mas sua visão sempre foi perfeita. Ainda bem, considerando que ela não podia simplesmente aparecer para ver o optometrista na próxima vez que sua receita fosse alterada.

Até onde ela sabia, Amaal era um espécime físico perfeito. Ele certamente não parecia estar sofrendo de nenhum tipo de distúrbio genético. Seu melhor argumento foi que todos os djinn devem ter quarenta e oito cromossomos. Talvez tenha sido nesse último par em que residiam todas as suas diferenças em

relação aos humanos - sua capacidade de controlar vários elementos, sua longevidade e força. Pelo menos, essas eram características particulares que Dr. Odekirk chamou, mais como um aviso do que qualquer outra coisa.

Deirdre se endireitou e esfregou a torção na parte de trás do pescoço. Provavelmente ela passou muito tempo curvada sobre aquele microscópio. E ela sabia que podia sentar aqui e encarar aquele slide por horas e horas, e isso não mudaria o fato óbvio de que Amaal era diferente dela - ou de qualquer outro humano - no nível genético.

Se ela tivesse um laboratório completo - e se realmente soubesse o que estava fazendo - talvez fosse capaz de investigar o DNA dele, descubra exatamente onde estão essas diferenças. Mas ela não tinha nenhum equipamento correto para esse tipo de análise. Ela era apenas uma estudante com alguns cursos de biologia, não uma geneticista ou um médico.

Ela pegou a amostra de sangue de Amaal e deslizou para o frigobar do laboratório e colocou-as cuidadosamente dentro. Quando ela fez o inventário dos suprimentos da estação de pesquisa assim que percebeu que ficaria sozinha aqui por um longo tempo, ela encontrou um pouco de cerveja escondida na parte traseira do frigobar. Sean, provavelmente; Leland certamente não era do tipo que escondia um pacote de seis cervejas Harp atrás de um monte de amostras biológicas.

Como Sean não precisaria daquela cerveja - e porque não havia mais necessidade de escondê-la - Deirdre havia transferido o pacote de seis litros para a geladeira na cozinha da estação. Ela se permitia uma garrafa a cada domingo, mas agora todas haviam sumido.

Que pena, porque ela pensou que poderia ter usado uma cerveja agora.

Na falta disso, ela se derramou um pouco de água e bebeu, molhando a garganta seca. Isso foi melhor.

Agora, porém, ela pensou que seria melhor ir checá-la em cativo.

Quando ela entrou na sala onde ele estava preso, ela o encontrou encostado a um canto da gaiola, o travesseiro que ela lhe dera estava atrás dele, os olhos fechados e a cabeça inclinada para o lado. Ela notou que ele trocou as roupas de djinn e vestiu as roupas que ela havia deixado para ele; olhando para ele agora, era difícil acreditar que ele não era humano, que ele não era alguém que ela conhecia da faculdade, talvez um estudante de pós-graduação, já que sua aparência sugeria que ele tinha mais de vinte anos. No entanto, ela sabia que ele não era humano, e provavelmente muito, muito mais velho do que ele parecia.

— Amaal, — ela disse suavemente.

Seus olhos se abriram de uma só vez. Tão azul, com cílios escuros que os faziam parecer ainda mais brilhantes e azuis em contraste. — Deirdre, — disse ele. — O que você achou?

— Você tem um tipo de sangue humano, — ela disse a ele. — Isso te surpreende?

— Não tenho certeza. — Ele olhou para ela, expressão franca. — Ou seja, nós djinn e vocês, humanos, certamente somos parecidos o suficiente para que não pareça tão estranho que nosso sangue possa ser semelhante. Suponho que estou mais surpreso que ninguém tenha descoberto esse fato até agora.

— Bem, eu duvido que você tenha dado aos nossos cientistas muitas chances de estudá-lo.

— Isso provavelmente é verdade. — Movendo-se um pouco, ele colocou uma mão na parte de trás do pescoço em uma imitação inconsciente do mesmo gesto que ela fez pouco tempo antes. Observando-o, porém, Deirdre experimentou outra pontada de culpa. Ela duvidava que ele tivesse uma dor no pescoço se ela não o tivesse forçado a ficar naquela jaula.

Por outro lado, deixá-lo livre parecia praticamente fora de questão.

— Está com fome? — ela perguntou. — Não tenho muito, mas tenho um pouco de macarrão e há molho de espaguete em uma jarra. É melhor que nada, eu acho.

— Isso seria bom.

Observando-o, ela se perguntou como ele poderia ser tão tranquilo, aparentemente calmo. Se alguém a enfiasse em uma gaiola, ela faria o possível para descobrir como se libertar. Por outro lado, o dispositivo provavelmente o enfraqueceu o suficiente para que ele não tivesse muita briga. Ele poderia ter decidido que era melhor conservar sua força do que desperdiçá-la em demonstrações fúteis de desafio.

Era difícil para ela dizer de um jeito ou de outro, porque ele podia parecer humano, mas não era, o que significava que seus processos de pensamento podiam ser completamente estranhos a ela.

Enquanto isso, ela poderia muito bem fazer aquele pote de espaguete. Ela estava adiando a fervura do macarrão porque não queria desperdiçar o propano, mas agora podia aquecer a água em cima do

fogão a lenha e não precisava se preocupar tanto em desperdiçar.

— Eu vou prepará-lo daqui a pouco, — disse ela, depois se apressou antes que ele pudesse responder. Havia algo desconcertante naqueles olhos azuis diretos dele, como se ele pudesse observá-la e de alguma forma saber o que ela estava pensando.

Não, isso não foi possível. Pelo menos, Miles Odekirk nunca mencionou nada sobre djinn ser psíquico. Mesmo que fossem, Deirdre duvidava que Amaal fosse capaz de ler sua mente agora que todos os seus poderes estavam sendo bloqueados.

Ela entrou na cozinha e encheu a panela com água, depois colocou-a em cima do fogão a lenha, que parecia estar funcionando bem e não exigia mais lenha - pelo menos para o momento. O molho de macarrão e o espaguete que ela — pegou — da loja geral em Running Springs durante uma de suas viagens de forrageamento, mas estava na prateleira há algum tempo, esperando até que ela estivesse pronta para fazer as pazes.

Amaal já tinha espagete antes? Ela não fazia ideia. Não era como se ela pudesse entrar no Google e aprender tudo o que precisava saber sobre o folclore dos djinn enquanto esperava a água ferver, então ela ficou sem noção quando se tratava desses elementos estranhos e de sua história com os humanos.

Ela supôs que poderia perguntar.

Não, provavelmente era melhor não falar muito com ele. Então ela poderia fazer um trabalho melhor pensando nele como um sujeito de pesquisa e não mais nada. Não é um ser vivo, respirador, inteligente ... que por acaso parecia que deveria estar na capa da revista *Men's Fitness* ou algo assim.

Droga.

O vapor começou a subir da panela com água, de modo que Deirdre jogou todo o pacote de macarrão espagete na panela e pegou uma colher de pau para mexe-los. Ainda bem que esta cozinha estava equipada com a maioria dos itens essenciais; as pessoas costumavam vir e ficar por um fim de semana, ou mesmo uma semana inteira ou mais,

dependendo do que estavam pesquisando. É verdade que tudo era uma mistura, com pratos e talheres que não combinavam porque a maioria dos itens foi doada, mas a estética não era exatamente de primordial importância nesse tipo de ambiente.

Era uma pena que ela não estivesse preparando uma refeição mais trabalhosa, porque assim ela poderia ter se distraído pensando em Amaal. Quanto mais ela tentava refletir sobre as esquisitices dos cromossomos dele, mais ela via aqueles penetrantes olhos azuis fixos nela.

O que não importa, ela disse a si mesma enquanto pegava um fio de espaguete da panela para verificar se havia cozimento. *Ele é um djinn. Um djinn.*

O djinn havia destruído tudo. Todo mundo que ela conheceu estava morto por causa deles. A enormidade da perda ainda não havia penetrado, em parte porque ela estava tão isolada aqui, não tinha visto por si mesma o que o fim do mundo realmente significava. Mas se esse apocalipse criado por djinn

não era uma razão boa o suficiente para deixar de lado qualquer preocupação com o conforto de Amaal, para se lembrar de que não havia necessidade de tratá-lo com bondade, ela não sabia o que era.

E ainda....

Ela nunca foi muito boa em endurecer seu coração. Deus sabe que ela tinha muitos motivos, começando com um pai que tinha saído quando tinha onze anos e seu irmão Douglas tinha treze, deixando a mãe deles lutando para manter a família pagando apenas o salário de sua enfermeira. Mas Deirdre ainda não o odiava, apenas se perguntava morosamente o que havia de errado com ela. Certamente, se o pai dela realmente a amava, amava sua família, ele teria ficado. E como sua mãe sempre pareceu perfeita em seus olhos, e seu irmão certamente era um filho do qual se orgulhar, nerd, sim, mas também excelente no atletismo, Deirdre imaginou que a falha devia estar com ela.

Talvez um terapeuta pudesse tê-la ajudado com esse problema, mas com certeza não havia dinheiro

suficiente para esse tipo de luxo, especialmente considerando o acaso do pai com os pagamentos de pensão alimentícia.

O espaguete estava pronto. Ela o esvaziou na pia, depois colocou um pouco de molho em uma tigela e colocou no micro-ondas antes de derramar sobre o macarrão, que ela havia colocado em dois pratos Corelle incompatíveis.

Ela deveria levar os dois pratos com ela ou deixar sua própria comida aqui na cozinha para ser consumida mais tarde? Não havia nenhuma razão para ela precisar comer com Amaal. Não era como se ele fosse seu convidado ou algo assim. De alguma forma, porém, a imagem que surgiu em sua mente dele comendo sozinho em sua gaiola fez com que a pena se agitasse dentro dela novamente. Ela fez o possível para se lembrar de que ele era um djinn, alguém que poderia matá-la sem um segundo, e ainda assim....

Balançando a cabeça, ela pegou os dois pratos - e alguns garfos, embora certamente não daria ao

djinn nem a faca de manteiga mais maçante - de costas para o quarto onde Amaal a esperava em sua gaiola. Ele olhou para cima quando ela entrou e sorriu para ela quando ela veio em sua direção com um prato na mão.

Aquele sorriso... como ele poderia sorrir? Especialmente para ela, seu captor. Mas ele fez, e Deirdre não tinha certeza de como ela deveria reagir. Como ela já havia pousado o prato na mesa do outro lado da sala, ela tinha uma mão livre para abrir a fechadura e abrir a porta da gaiola.

— Aqui está, — disse ela, entregando o prato a ele. — Desculpe, não há pão de alho.

— Ou chiente, — acrescentou ele, aqueles olhos cor de céu brilhando para ela.

Ela nunca tinha gostado muito de vinho, mas um copo de chiente parecia bom naquele momento. Por que ela não roubou alguma bebida quando estava saqueando o supermercado em Running Springs? Provavelmente porque as garrafas seriam pesadas e volumosas de transportar, e ela estava tão nervosa e

estressada que perder um pouquinho de suas faculdades com álcool não parecia uma ideia muito inteligente.

— Talvez da próxima vez, — disse ela levemente, depois se afastou para poder fechar a porta da gaiola atrás dela.

— Vou aceitar isso como uma promessa.

Para sua vergonha, uma enxurrada de cores correu por suas bochechas. Ela estava se virando assim que aconteceu, então talvez Amaal não tivesse visto. Ela foi e sentou-se à mesa, depois pegou seu próprio garfo e serviu-se de um bocado de espaguete.

O djinn comeu também, lenta e metodicamente. Ele não fez nenhum elogio pela refeição, mas então, ela realmente não esperava. Afinal, era apenas molho de espaguete de um pote despejado em uma massa de barganha, não algo que um chef do Cordon Bleu havia preparado.

O silêncio entre eles foi tão profundo que ela quase pulou quando Amaal finalmente falou. — Se você não era um cientista, o que estava fazendo aqui?

Ela sabia que não precisava responder. Dar informações pessoais a um djinn sobre si mesma pode lhe dar algum tipo de abertura que ele poderia explorar. Por outro lado, parecia rude não responder, e ela não achava que fornece alguns fatos menores mudaria muito. — Ajudando, principalmente, — disse ela. — Eu poderia ganhar mais dois créditos na faculdade por dedicar cinquenta horas durante o trimestre aqui em cima. Eu peguei e carreguei para os estudantes de pós-graduação, cuidava dos animais.

— Ah, sim... os animais que habitavam essas gaiolas. — Ele olhou para a estrutura de arame que o prendeu antes de continuar. — O que aconteceu com eles?

— Eu os deixei ir, — respondeu Deirdre. — Todos os animais selvagens foram feridos de alguma forma. Os caminhantes os encontrariam e os trariam aqui. Acho que no passado as pessoas que conduziam pesquisas tinham animais de laboratório, mas a universidade parou isso há um tempo, e era

principalmente um resgate de vida selvagem em pequena escala no momento em que me envolvi. De qualquer forma, os animais estavam praticamente curados, e eu sabia que logo ficaria sem coisas para alimentá-los, então os libertei.

— Era isso que você queria fazer? — Perguntou Amaal. — Ajudar os animais?

Essa pergunta tocou em um nervo cru, que ela conseguiu ignorar por um tempo, já que suas ambições frustradas não eram de muita importância agora que o mundo havia terminado. — Eu pensei sobre isso, — disse ela, seu tom frágil. — Mas a escola veterinária não ia acontecer para mim. Era muito caro. Eu estaria pagando os empréstimos estudantis há anos e anos.

— Sua família não tinha dinheiro?

Uma risada irônica escapou de seus lábios antes que ela pudesse pensar em segurá-la. — Isso é um eufemismo. Estávamos bem quando eu era pequena, mas então meu pai decidiu trocar minha mãe por um

modelo mais novo, e as coisas sempre foram difíceis depois disso.

A testa de Amaal franziu o cenho quando ele pareceu processar o comentário dela. — Trocar - oh, você quer dizer que ele queria estar com uma mulher mais jovem?.

A verdade era tão careca que também fez Deirdre fazer uma careta. — Sim. Ele estava em vendas. Seu território era Califórnia e Nevada. Depois de uma viagem, quando eu tinha cerca de onze anos, ele chegou em casa, guardou as coisas e foi embora. E ele nunca voltou. Ele mora em Las Vegas com sua nova esposa... ou pelo menos — - alterou Deirdre, percebendo que as chances de seu pai e Trudi sobreviverem ao Heat também eram literalmente uma em um milhão -, — eles moravam lá. Eu acho que eles estão mortos junto com todo mundo.

— Sinto muito.

Deirdre pousou o garfo, depois se levantou e atravessou a sala para ficar ao lado da gaiola. — Você

sente muito, Amaal? Por que você seria quando é um dos seres que ajudou a matá-los?

Nem mesmo um piscar de olhos. — Eu não sou.

— Como assim, você, não é?

— Quero dizer que não foram todos os djinn que criaram o Heat e decidiram que deveria ser solto no mundo. — Ele não podia ficar, é claro, não naquela caneta apertada onde ela o segurava, mas colocou o prato de espaguete meio comido de lado e se endireitou o melhor que pôde, seu olhar encontrando o dela. — Eu não era um daqueles djinn.

Como ela poderia acreditar nisso? Pareceu-lhe que Amaal só estava lhe entregando qualquer história que ele pensasse que ela queria ouvir. — Então, o que - você ficou de lado e deixou seus amigos destruírem o mundo?

Suas características perfeitas ficaram muito quietas, e ele olhou para longe dela e para si mesmo, no moletom da UC Riverside que ele usava. — Receio que tenha sido o que fiz. Sinto muito por isso também,

embora duvide que poderia ter feito muito para detê-los.

Deirdre permaneceu em pé onde estava, sabendo que deveria ir embora, ir a algum lugar onde pudesse reunir seus pensamentos. Não parecia possível que os djinn não fossem um enorme bloco monolítico, todos eles dedicados à destruição da humanidade. Por outro lado, ela estava pronta demais para acreditar que Amaal mentia para ela agora, estava fazendo o possível para se pintar de uma maneira melhor, para que ela fosse indulgente com ele, talvez até libertá-lo.

Como se isso fosse acontecer.

Ele se aproximou do local onde ela estava, como a gaiola permitiria. — Eu sei que você não tem motivos para acreditar em mim, e eu tenho todos os motivos para mentir para você. Mas juro que estou lhe dizendo a verdade.

Sua garganta estava apertada, e ela duvidava que fosse porque não havia feito um bom trabalho ao engolir seu último gole de espaguete. — Se você está realmente me dizendo a verdade -

— Eu sou.

— Então por que? O que nós fizemos para vocês?.

Ele soltou um suspiro. — Receio que essa seja uma história muito antiga. E porque estou cansado, graças ao seu dispositivo, não tenho energia para contar tudo. Meu povo ressentiu o seu por um longo tempo e cobiçou este mundo. Finalmente, chegou a oportunidade de aproveitá-la, e foi exatamente isso que eles fizeram.

— Assim mesmo?, — disse Deirdre, sua voz dura.

— Assim mesmo, — ele repetiu. — Eu não concordei com a morte generalizada que eles causaram, mas também não pude argumentar com a afirmação de que os humanos eram muito pobres administradores deste mundo e, portanto, haviam perdido qualquer direito a isso.

Pobres administradores. Por mais que ela quisesse discutir com esse estatuto, ela sabia que não podia. Na verdade, não. Afinal, a humanidade havia feito um bom trabalho em estragar a velha Mãe Terra.

Ainda....

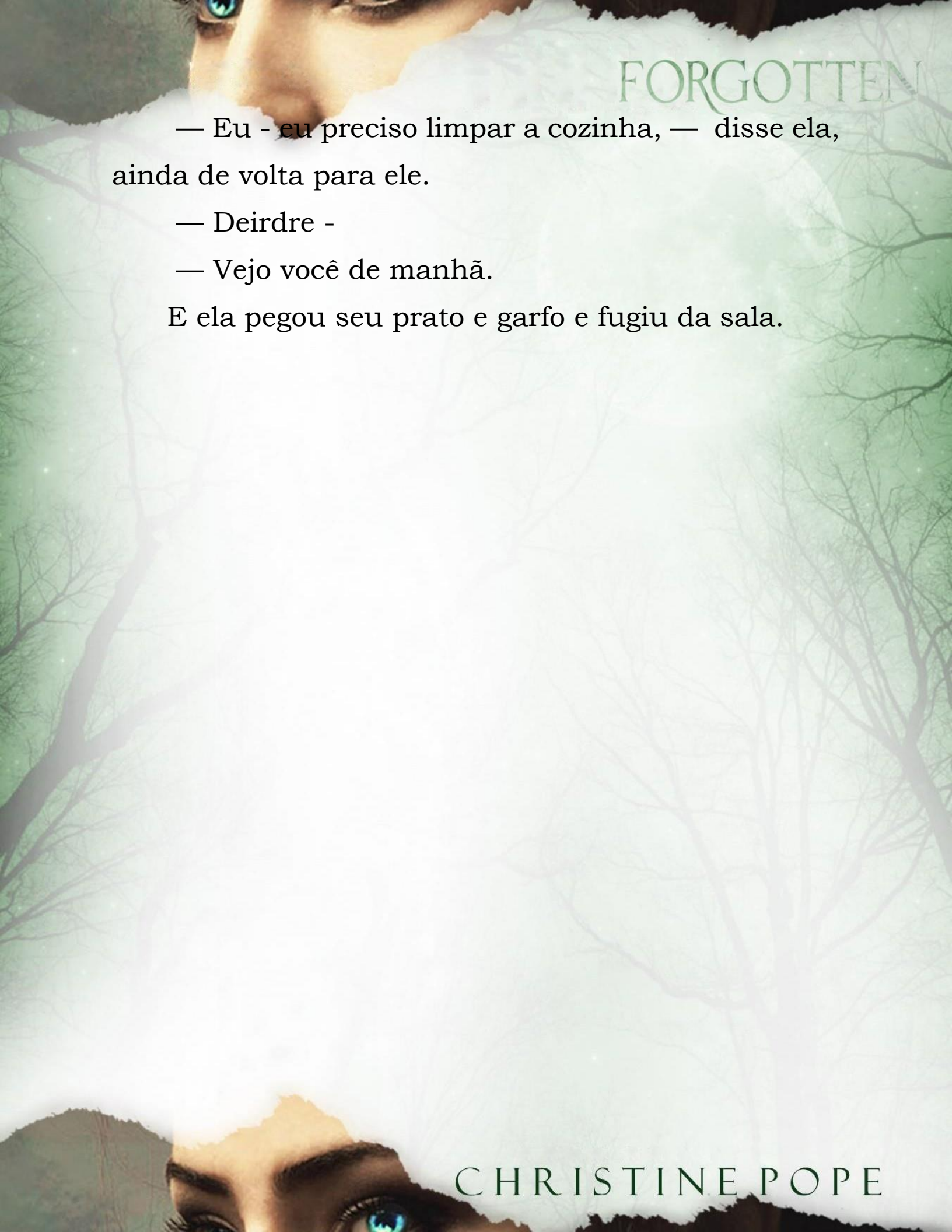
— É por isso que você recebeu essas terras? —
ela perguntou então. — Porque vocês djinn estão
assumindo o controle, dividindo tudo por si mesmos?

— 'Controle' é um pouco duro, mas sim. Vamos
tentar restaurar este mundo para o que era antes.
Será o trabalho de muitos anos, mas então, nós djinn
temos muitos anos para trabalhar.

Apesar do cansaço em sua voz, ela podia ouvir a
calma convicção por trás disso. O djinn assumiria o
controle agora, e a humanidade logo seria apenas
uma lembrança. E ela honestamente não podia dizer
se isso era algo ruim. Suas próprias perdas pesavam
pesadamente e sempre pesariam, mas o planeta não
se importava se ela sobreviveria, ou se seus pais e
irmão e todos os outros que ela conhecera estavam
mortos.

Lágrimas ardiam em seus olhos e ela se virou. A
última coisa que ela queria era que esse djinn a visse
chorando. Doeu demais.

Tudo doeu.



FORGOTTEN

— Eu - eu preciso limpar a cozinha, — disse ela,
ainda de volta para ele.

— Deirdre -

— Vejo você de manhã.

E ela pegou seu prato e garfo e fugiu da sala.

CHRISTINE POPE

Amaal encostou a cabeça na parede da gaiola, odiando a estrutura de arame mais do que nunca. Ele nunca tinha sido do tipo que oferecia conforto, mas enquanto observava Deirdre fugir dele, ele queria nada além de alcançá-la e segurá-la em seus braços, abraçá-la para que ela não chorasse mais.

Pois ela estava chorando. Ele captou o brilho das lágrimas em seus lindos olhos azul-marinho antes que ela lhe desse as costas. E ele sabia que ela fugira para que ele não pudesse ouvi-la soluçar.

Bem, ela tinha muitos motivos para lamentar, sem dúvida. Vários meses se passaram, e parecia que ela alcançou uma certa calma durante o tempo que passou sozinha aqui, mas ele imaginou que a conversa deles havia reaberto aquelas velhas feridas, havia permitido que ela visse que a dor não iria curar por muito, muito tempo.

Se alguma vez.

Amaal sofreu recentemente uma perda própria, mas sabia que não era exatamente a mesma coisa. Ele havia perdido um irmão, não sua família inteira, seu mundo inteiro. E, para ser sincero, ele nunca tinha gostado muito de Omar e tinha sofrido caprichos de seu irmão porque era isso que a família deveria fazer, mas o irmão sendo de Omar tinha sido bastante desgastante. Era melhor quando ele tratava de seus negócios e não entrava em contato com Amaal por meses ou até anos, porque parecia que quando Amaal foi arrastado de volta à órbita de Omar, algo horrível geralmente ocorria.

Esta última vez não foi diferente, exceto que Omar finalmente se superou e pagou o preço final. E tudo que Amaal podia sentir sobre toda a questão sórdida era um certo alívio cansado de nunca mais ter que lidar com as indiscrições de Omar.

Seu cativeiro era agora um tipo de punição pela assistência que ele havia oferecido a seu irmão? Amaal sabia que ele mentiu e encobriu Omar em muitas ocasiões. Na época, ele pensara que o havia

feito apenas por um vago senso de lealdade da família - e um desejo muito mais forte de apaziguar seu irmão para que ele fosse deixado sozinho - mas Amaal sabia que seu próprio castigo poderia um dia ser cumprido. mão. Agora parecia que finalmente chegou.

Seu braço doía. Ele levantou a manga do moletom emprestado e, em seguida, levantou cuidadosamente a fita adesiva que segurava a gaze no lugar onde Deirdre havia colhido sangue. A carne ali agora parecia machucada, vermelho-arroxeadada. Algum tipo de íon infectado já havia começado? Não, ela fora muito cuidadosa, limpou a área com álcool, usou uma agulha nova extraída de um embrulho de papel. Mais provavelmente, seu corpo simplesmente não estava se curando da maneira que deveria. Uma pequena picada como essa teria desaparecido quase assim que ela fez, se seus poderes de regeneração djinn estivessem funcionando corretamente. Parecia que aquele dispositivo terrível estava interferindo em qualquer coisa que o tornasse diferente de um mortal.

Franzindo a testa, ele empurrou a fita de volta para baixo e passou o dedo sobre ela, esperando que houvesse adesivo suficiente para grudar na pele. Ele tinha que esperar que a ferida fosse marginalmente melhor pela manhã. Caso contrário, ele pediria a Deirdre que desse uma olhada. Certamente ela não podia recusar, não quando ela foi a única a causar aquela picada na pele dele em primeiro lugar.

Por alguma razão, o pensamento de seus dedos esbeltos tocando-o, das ondas selvagens de seus cabelos caindo ao redor de seu rosto enquanto ela se inclinava para ele, fez um calafrio percorrer seu corpo. Ele poderia ser fraco, mas ainda reconhecia aquele arrepio pelo que era.

Desejo. Necessidade.

Ela era tão bonita. E já fazia muito tempo desde que ele estava com uma mulher.

E vai demorar ainda mais, ele disse a si mesmo enquanto pegava o travesseiro e os cobertores, sabendo que havia pouco que ele poderia fazer agora, exceto tentar dormir. *Pois é claro o suficiente que*

Deirdre Graves não deseja estar com você dessa maneira, e mesmo que você possa convencê-la de alguma forma, há poucas chances de você ser capaz de chegar à ocasião tão longe quanto o dispositivo dela ainda em funcionamento.

A impotência não foi um fracasso com o qual ele tivesse experiência. Agora, porém, ele não era mais capaz de ser fisicamente íntimo de seu captor humano do que de escapar dessa maldita gaiola.

Ele puxou os cobertores ao seu redor, pensando que era bom que Omar estivesse morto. Se ele tivesse sobrevivido ao ver seu irmão em uma posição tão ignominiosa, ele nunca teria permitido que Amaal vivesse isso.

Deirdre tinha acabado de raspar seu prato quando percebeu que havia deixado o prato de Amaal na gaiola. Bem, não havia como ela voltar lá para recuperá-lo. Ele só teria que empurrá-lo para um lado enquanto dormia, e ela poderia pegá-lo de manhã.

As lágrimas pararam, graças a Deus. Ela sabia que não deveria ter permitido que ele a atingisse assim, mas quando ele confessou que os djinn haviam feito tudo isso para que pudessem tomar a Terra por conta própria, era como se ela tivesse sofrido o choque de perda de novo. Eles fariam o que fosse necessário para garantir seu prêmio, o que significava que ela sabia que não havia chance de sobrevivência para ninguém.

Incluindo ela.

Ah, Amaal poderia dizer palavras bonitas da maneira formal de falar que tinha, com aquele sotaque fraco e fraco que o fazia parecer um cara rico do Oriente Médio que passara a adolescência sendo educado em escolas preparatórias britânicas, mas Deirdre sabia que ela não teve chance de sobreviver a longo prazo. Ele disse que essas terras eram dele e que nenhum outro djinn viria aqui para incomodá-la, e ainda assim ela duvidava que essa fosse toda a verdade. Se ela o mantivesse aqui por tempo suficiente, certamente alguém teria que notar que ele

estava desaparecido. Eles notariam e viriam investigar e, eventualmente, a encontraria e depois iriam mata-la.

A vida não tinha sido tão boa ultimamente, mas isso não significava que ela estava pronta para deixar passar.

Ela respirou fundo e se obrigou a terminar de lavar o prato, principalmente porque seria muito mais difícil de limpar se ela permitisse que o molho restante endurecesse durante a noite. *Tudo bem, pense*, ela disse a si mesma. *Ele não está desaparecido há muito tempo. Se voltarmos para onde ele estiver morando.*

Não, isso foi loucura. Aqui pelo menos ela estava em seu território, onde as coisas eram familiares. Se eles fossem à casa de Amaal, ele teria a vantagem.

Ou ele faria? Enquanto ela mantivesse o dispositivo funcionando, ele ficaria fraco. Ele não podia lutar com ela.

Mas ele também não estaria na jaula. De alguma forma, ela duvidava que ele a perdoaria tão cedo por prendê-lo como um animal. Ele poderia falar doce,

mas ela era louca se não achasse que ele faria o que pudesse para se vingar. Ela não podia resistir a ele para sempre; se nada mais, ela teria que dormir eventualmente.

Mas que diferença isso realmente fez? Ela poderia viver por mais alguns dias, ou até um ano ou dois, se tivesse sorte, mas no final, ela era uma anomalia, uma relíquia, algo que deveria ter sido extinto com o resto dos humanos. Qualquer que fosse o truque da biologia que a fizesse ficar imune quando quase ninguém mais era, tinha sido cruel. Por que continuar vivendo quando você sabia que acabaria sendo caçado e morto?

Levar Amaal de volta para sua casa pode lhe dar um pouco de tempo. Ela leu nas entrelinhas algumas das coisas que ele disse e adivinhou que os djinn não eram tão sociais assim, não se misturavam muito. Se ele estivesse um pouco grato a ela por libertá-lo, ele poderia dar uma boa palavra para ela.

Ou talvez ele o transforme em seu animal de estimação, ela pensou enquanto guardava o prato.

Coloque você em uma gaiola, assim como você fez com ele.

Não, Amaal não faria isso. Ela não podia dizer que o conhecia, mas havia algo de encantador e também de alguma forma um pouco cansado do mundo nele. Ele não parecia do tipo vingativo, apesar dos medos dela alguns momentos antes. Agora que ela teve um pouco de tempo para se acalmar, recuperar o fôlego, percebeu que não o estava lendo muito bem. Afinal, ele não tinha acabado de confessar que tinha ficado de lado enquanto o outro djinn destruía a humanidade? Essa não foi a ação de alguém que colocou uma mulher em uma gaiola.

Ou pelo menos, ela esperava que não.

Ela apagou a luz da cozinha e entrou silenciosamente no corredor. Depois de ouvir as transmissões de Miles Odekirk sobre o djinn, ela parou de acender as luzes à noite e, em vez disso, forçou-se a perambular pela cidade em vez de se arriscar a atrair atenção. Naquela noite, porém, ela achou que era seguro, assim como Amaal havia dito

que usar o fogão a lenha seria seguro, já que qualquer djinn na área pensaria que era ele.

O quarto no fim do corredor estava silencioso. Amaal já tinha adormecido? Aliás, Djinn dormiu? De certa forma, ela esperava que sim; era meio horrível pensar neles vivendo tanto tempo e nunca tendo o descanso do sono.

Deirdre pensou em seu cativo deitado naquela gaiola, encolhido nos cobertores que ela lhe dera. Ele era tão alto que não conseguia se esticar até o fim, mesmo deitado na diagonal. Essa posição tinha que ser quase tão desconfortável quanto ser forçada a dormir no chão. Ela realmente queria fazer isso com ele?

Ele é um djinn. Ele não merece sua piedade ou compaixão.

Sua voz interior estava ficando mais fraca, no entanto. Ela queria ser o tipo de pessoa que não tinha consideração por outra, mesmo que fosse um djinn? Como isso a fez melhor do que aqueles de sua espécie

que estavam agora caçando os sobreviventes da humanidade?

Não, ela percebeu. Se ela seguisse esse caminho, seria tão ruim quanto eles.

Ela respirou fundo e foi para o quarto, para a mochila que ainda segurava o aparelho. Seu alcance podia ser ajustado, de acordo com o que Mil e Odekirk havia dito no rádio, mas mesmo em seu foco mais preciso, os efeitos do dispositivo cobriam todo o edifício. Era por isso que ela não tinha se preocupado em manter isso em sua pessoa o tempo todo. Agora ela pegou a caixinha preta e enfiou-a debaixo do travesseiro. Se o djinn tentasse bisbilhotar a estação e procurar por ele, não teria muita sorte.

Bem, não sem passar por ela primeiro, pelo menos.

Resolvido o problema, Deirdre voltou para o corredor e desceu para a sala onde Amaal estava confinado. Ela deixou uma das luzes do teto acesa, para poder vê-lo com bastante clareza, enrolado em

um canto da gaiola, o travesseiro esmagado sob uma bochecha. Ele parecia estar dormindo.

Assim que ela entrou, no entanto, seus olhos se abriram e ele se levantou. — O que é isso?

Sem responder imediatamente, Deirdre foi até a gaiola, abriu a fechadura e abriu a porta. Afastando um pé ou dois, ela disse: — Você pode sair.

Aquele olhar azul encontrou o dela. — Desculpe?

— Eu não posso - — Ela parou por aí, frustrada, sem saber o que ela queria dizer. — Percebi como isso deve ser desconfortável. Você prefere dormir em uma cama?.

— Eu gostaria. — Sua cabeça inclinou-se um pouco quando ele pareceu considerá-la. — É isso que você está oferecendo?

— Sim. Você pode ter uma das camas no quarto que Sean e Leland estavam usando. Não é como se eles precisassem mais.

Com mais entusiasmo do que ela esperaria, dados os efeitos do dispositivo de drenagem de energia, Amaal se espremeu da gaiola e do chão.

— Traga os cobertores e travesseiros, — disse Deirdre. — Eu os roubei das camas lá, então você precisará colocá-las de volta.

— Claro. — O djinn alto se curvou e recuperou os itens em questão, depois se levantou novamente.

— Deste jeito.

Você é louca, ela disse a si mesma, enquanto voltava pelo corredor em direção ao que havia sido o quarto de Leland e Sean. *Certificável*.

Talvez sim, mas ela não podia negar o alívio por saber que não iria continuar torturando Amaal, mantendo-o em uma gaiola.

Quando chegaram à porta, ela ligou o interruptor, acendendo a pequena luz redonda no meio do teto. — Não é muito, — disse ela, e não era. Os quartos de dormir aqui eram puramente utilitários - duas camas de solteiro em cada quarto, duas mesas de cabeceira, uma cômoda baixa no conjunto de roupas. Nem mesmo uma mesa, porque havia um amplo espaço de trabalho no escritório da frente.

— É muito melhor que uma gaiola, — respondeu Amaal. Seu tom era tão neutro que ela não tinha certeza de como fazer a observação. Provavelmente é melhor aceitá-lo pelo valor nominal e seguir em frente.

— Verdade. — Deirdre hesitou e continuou. — Há um banheiro no corredor. Ou seja, se você precisar.

Desta vez, sua boca se curvou um pouco. — As funções corporais dos djinn não são muito diferentes das dos seres humanos.

Interessante. Parecia que não havia muito para separar os humanos desses elementais - bem, exceto aquele par ímpar de cromossomos. Ela desejava ter o tipo de conhecimento que lhe permitiria determinar exatamente quais características esses cromossomos controlavam. Isso poderia ajudá-la a entender mais sobre os djinn, descobrir por que muitos deles não tiveram nenhum problema em matar humanos, apesar de todas as suas semelhanças.

Como era, era melhor não dizer muito. — Hum, está bem. Estou do outro lado do corredor - mas vou colocar a pistola debaixo do travesseiro e tenho um sono *muito* leve, então nem pense em tentar alguma coisa.

— Não tentarei escapar, se é com isso que você está preocupada. — Ele parou por alguns segundos, observando-a. — Não quando você me fez a cortesia de me deixar sair da gaiola.

Cortesia? Ele tinha uma maneira estranha de ver as coisas. Afinal, ele ainda era seu prisioneiro, apenas um com um pouco mais de liberdade de movimento. — Bem, obrigado pela garantia. — Ela foi em direção à porta e acrescentou: — Boa noite, então, Amaal.

— Vá à noite, Deirdre. — Seus lábios se curvaram um pouco, mas ele não sorriu. Não é bem assim.

Ela balançou a cabeça para ele e saiu, tentando se livrar da sensação incômoda de que ele de alguma forma sairia nessa conversa.

Sim, isso foi muito melhor. O local em que ele estava deitado era estreito e duro, mas ainda assim uma espetacular melhoria no chão da gaiola. Amaal ainda não sabia direito o que havia movido Deirdre para libertá-lo da jaula, mas ele não estava disposto a discutir com a aparente mudança de coração dela.

Ele olhou para o teto, para as tênues sombras das árvores do lado de fora da janela, tornadas fantasmagóricas pela luz de uma lua cheia. Todos os seus membros pareciam pesados, o que significava que o dispositivo ainda estava funcionando. Ele não tinha ideia do seu alcance, mas notou que Deirdre não o tinha quando ela lhe trouxe o jantar, o que significava que provavelmente o havia escondido em algum lugar da estação de pesquisa.

Não que ele tivesse intenção de procurá-lo - ainda não, pelo menos. Se muitos dias se passassem e ele ainda não tivesse conseguido ganhar sua confiança o suficiente para convencê-la a desligá-la, bem, então talvez ele tivesse que encontrar a coisa condenável.

Viver assim não era muito confortável, mas ele poderia suportar isso por um tempo, se necessário.

Você deveria levá-lo a algum momento, porém, ele pensou. Não para você, mas para dar aos anciãos. Eles provavelmente vão querer estudá-lo.

Verdade. O que eles fariam com isso, quando não tinham mais inclinação científica do que qualquer outro djinn, Amaal não tinha certeza. Ainda assim, dar a eles uma peça tão valiosa da tecnologia humana certamente lhe daria o seu favor e, após esse desastre com Omar, ele pensou que certamente não faria mal ter algumas boas notas em sua coluna em particular. Talvez ele pudesse até convencê-los a devolver sua caneta.

Mas ele estava se adiantando. Por enquanto, ele achou melhor provar a Deirdre que ele não era uma ameaça para ela. Isso provavelmente não seria terrivelmente difícil - afinal, ela já havia se dobrado o suficiente para deixá-lo sair da gaiola, para lhe dar uma cama de ar para dormir. Ela poderia começar a relaxar ao redor dele. Ele pensou que gostaria muito

disso. Seria bom vê-la sorrir, pois ela parecia envolta em tristeza.

Não que ele realmente pudesse culpá-la por sua tristeza. Ele não conseguia compreender completamente as perdas que ela sofrera, pois é claro que ele não tinha base de comparação. Omar se foi, é verdade, mas o resto dos djinn ainda estava aqui. De fato, eles tinham muito mais o que esperar do que em muito tempo. Esta terra e todas as suas belezas eram deles, e agora tudo o que eles tinham que fazer era determinar a melhor maneira de se tornar seus mordomos. Em uma geração mais ou menos, a humanidade seria praticamente esquecida.

Bem, exceto aqueles que sobreviveram para se tornarem escolhidos. Por que ninguém havia escolhido Deirdre como seu parceiro, Amaal não tinha muita certeza. Certamente ela era adorável o suficiente e tinha a idade correta. Mas então, esse lugar chamado sul da Califórnia possuía quase um excesso de espécimes humanos fisicamente magníficos, e ele supôs que os djinn que haviam

decidido pegar um escolhido queriam alguém um pouco mais vistoso. O de Deirdre era um tipo sutil de beleza, a delicadeza de uma flor silvestre e não a flor da garganta de uma rosa.

Mas ela ainda era muito adorável. Amaal não podia negar esse fato, assim como não podia negar o desejo que experimentara por ela há um tempo. Felizmente, esse ataque havia passado, mas ele temia que tivesse que resolvê-lo mais cedo ou mais tarde ... ou melhor, ele teria que ver se Deirdre seria agradável, uma vez que ela se acostumasse. Não teria que significar muito, apenas uma junção de corpos em busca do tipo de liberação que ambos provavelmente precisavam.

Pelo menos Amaal sabia que sim. Algum tempo se passou desde seu último contato, em parte porque tudo no mundo dos djinn estava em turbulência, e ele decidiu que seria melhor esperar procurar outra mulher até que ele se estabelecesse em sua nova casa. Infelizmente, essa nova casa não era exatamente o que ele esperava - ele ainda achava que a maioria das

mulheres djinn ficaria mais impressionada com a cobertura que ele foi forçado a abandonar, em vez da casa em estilo de chalé que ele agora ocupava fora de Running Springs - mas certamente alguém teria sido favorável a alguns meses aconchegantes de inverno aqui nas montanhas.

Agora, é claro, todos esses planos teriam que ser anulados. Por outro lado, derrotar Deirdre teria seus próprios desafios, desafios que ele achava que poderia gostar de enfrentar e derrotar. Sua boca parecia muito macia e cheia. Ele gostaria de beijá-la ... e ele tinha que esperar que o sentimento fosse mútuo.

Bem, como na maioria dos assuntos, o tempo diria.

Deitada em sua cama, OS olhos agora se abrindo para a pálida luz de uma manhã de inverno, Deirdre ouviu a porta do banheiro fechar e o chuveiro começar um momento depois. Por alguns segundos loucos, ela pensou que devia ter sido Leland ou Sean, começando a começar o dia, e que tudo o que sofrera nos últimos meses havia sido apenas um pesadelo terrível.

Mas então ela lembrou que Sean e Leland estavam mortos, e todo mundo também. Aqueles sons tranquilizadores e normais da manhã vieram de Amaal, seu djinn capturado.

O pânico chegou a seguir, e ela passou a mão debaixo do travesseiro, procurando o dispositivo que havia escondido lá. Seus dedos se fecharam em torno da caixinha dura e ela soltou um suspiro de alívio entre os lábios. Graças a Deus. Ela não viu como Amaal poderia ter tomado, já que o aviso para ele de que ela tinha sono leve era verdade o suficiente, mas

quando você estava lidando com um djinn, tudo parecia possível.

Depois de empurrar as cobertas, ela saiu da cama, o dispositivo ainda apertado em uma mão. Uma espiada cautelosa no corredor confirmou que a porta do banheiro estava realmente fechada, a água barulhenta mesmo através da porta fechada. Deirdre supôs que ela deveria ter dito para ele tomar cuidado com a água. Tarde demais para isso agora. O aquecedor solar de água geralmente era bom para cerca de dois chuveiros antes que você tivesse que descansar, mas dependia muito de quanto tempo esses chuveiros realmente duravam.

Desde que ela dormia com uma blusa de moletom e calça de moletom para se aquecer, tudo o que ela precisava fazer era colocar os pés em um par de Uggs que ela mantinha à mão antes de ir para o armário. Dentro havia a mochila que ela usara no dia anterior, mas isso parecia um esconderijo óbvio demais, especialmente porque Amaal a vira carregando o dispositivo naquela mesma mochila no dia anterior.

Não, escondida em um canto do armário estava a maleta de seu laptop, preta e imperceptível. Ela abriu rapidamente e deslizou o dispositivo em um bolso lateral, depois fechou o estojo novamente.

Concluída a tarefa, ela encontrou seu pincel e passou-o pelo ar. Pelo menos dessa maneira, ela não se pareceria muito com a que tinha acabado de sair da cama, apesar de precisar tomar banho sozinha em algum momento.

Por enquanto, ela caminhou pelo corredor até a cozinha para começar um bule de café. Ela fez mais do que normalmente faria por si mesma, imaginando que Amaal provavelmente iria querer um pouco.

Ou pelo menos, ela adivinhou que ele poderia. Ele parecia familiar o suficiente com comida e bebida humanas, ou não teria sugerido chianti na noite anterior.

Fora isso, ela não tinha muito a lhe oferecer. Ela havia acumulado um acervo considerável de barras de proteína e barras de café da manhã, o tipo de coisa que não ficaria mal por mais seis meses. Sem leite e

sem ovos, ela não podia assar bolos ou fazer uma leitura. Ela supôs que poderia ter usado leite em pó, mas isso não resolveu o problema dos ovos. Não valia a pena o esforço para encontrar um substituto razoável. As barras de proteína forneciam uma nutrição decente, e ela se certificou de suplementar com aminos multivitaminas e verduras frescas quando estavam na estação. Ultimamente, porém, ela teve que confiar em enlatados quando se tratava de frutas e legumes.

Ela acabou de se servir de uma xícara de café quando Amaal apareceu na porta da cozinha. Embora ele ainda estivesse cansado - Deirdre duvidava que as olheiras sob seus olhos fossem normais para ele e adivinhou que eram outro efeito colateral do dispositivo - ele parecia alegre o suficiente, seus cabelos escuros ainda úmidos do chuveiro, a barba por fazer nas bochechas e queixo. Ele deve ter encontrado a navalha de Leland. Ele tinha sido meticuloso em fazer a barba, enquanto Sean

geralmente se deixava bagunçado nos fins de semana que passara aqui na estação de pesquisa.

— Isso é café? — Amaal perguntou, parecendo cheirar o ar.

— É, — respondeu Deirdre. — Eu fiz extra - pensei que você poderia querer um pouco.

— Eu faço. Talvez não seja suficiente para combater os efeitos do seu dispositivo, mas tenho certeza de que ajudará.

Ela o lançou um olhar de soslaio, imaginando se o comentário deveria ser uma sutil escavação, mas a expressão dele era suficientemente insolente. Seria difícil saber se ele estava sendo sincero, já que ela realmente não o conhecia. Mas pelo menos ele não havia tentado encontrar o dispositivo ou perturbá-la de alguma forma, e ela supôs que deveria considerar o comentário dele no valor nominal.

— Talvez, — ela permitiu, e foi buscar outra caneca no armário. Este foi estampado com o slogan — Seja maior que a média, — seguido pela equação real para encontrar uma média. Leland 's, ela

lembrou; Sean não era do tipo que tinha algo tão científico em sua caneca de café. — Não tenho leite — - começou ela, mas Amaal sacudiu a cabeça.

— Preto está bem.

Bem, isso facilitou as coisas. Ela derramou café na caneca e depois entregou a ele, refletindo que esse deveria ser um dos episódios de guarda florestal em sua vida. Quando ela saiu da cama no dia anterior, a última coisa que ela poderia esperar era ter um djinn morando sob seu teto, compartilhando o café da manhã com ela.

Amaal cheirou o café apreciativamente, depois tomou um gole e recebeu aprovação. Deirdre sabia que era bom, porque ela fazia café desde os doze anos de idade, tentando ser útil ao pegar uma panela de manhã para a mãe. Esse lote em particular era mocha java, algo que ela roubara do café em Running Springs.

— Obrigado por isso, — disse Amaal depois de beber novamente no café. — Eu realmente não esperava café ... ou um banho quente.

Por um breve instante, Deirdre teve um lampejo de seu corpo musculoso parado embaixo da cabeça do chuveiro enquanto a água escorria por sua pele macia. O calor brilhou em suas bochechas, e ela pegou sua própria xícara de café e tomou um gole apressado. De onde diabos *isso* veio? Sim, aqueles estúpidos trajes de djinn que ele usava no dia anterior haviam demonstrado o suficiente de sua empresa para que a imagem fosse impressa indelevelmente em seu cérebro, mas ainda assim....

Graças a Deus que hoje ele estava com mais roupas emprestadas de Sean, jeans desbotados e uma camiseta de mangas compridas com o logotipo da Heineken impresso nas costas. Sem sapatos; meias espiavam por baixo da bainha levemente irregular dos Levi's que ele usava. Claro, nessas roupas ele parecia perturbadoramente humano. Se Deirdre não soubesse melhor, ela pensaria que Amaal era apenas um cara normal ... ou pelo menos, um cara normal incrivelmente bonito.

— Aquecedor solar de água, — disse ela, a primeira coisa que surgiu em sua mente. — Eles tentaram tornar a estação o mais autossuficiente possível.

— Foi por isso que você foi capaz de sobreviver aqui sozinha por tanto tempo.

Aqueles olhos azuis pareciam muito atentos quando ele olhou para ela. Ele a estava imaginando no chuveiro também? Não, isso foi loucura. Ela não tinha ideia se djinn pensaria em ter humanos como parceiros sexuais. A perspectiva não parecia muito provável, considerando a maneira como a raça elementar parecia dedicada a garantir que nenhum humano permanecesse.

Apesar desse fato muito óbvio, algo no que diz respeito a Amaal deixou Deirdre desconfortável. Ele não estava olhando para ela como algo que ele queria destruir. Não, ela viu essa expressão no rosto de muitos caras em bares e festas para não saber que ele estava olhando para ela. Sutilmente, não de uma maneira flagrante, mas definitivamente avaliando.

O que a fez lembrar que ela não usava maquiagem e que usava moletom extremamente desagradável.

E daí? ela se perguntou. Você não está tentando impressionar ninguém.

Mesmo assim, ela teve que abster-se de alisar os cabelos ou morder o lábio inferior, na esperança de que isso parecesse um pouco mais rosado. Não eram ações que ela sequer consideraria sobre Sean ou Leland, então parecia que Amaal estava tendo algum efeito sobre ela, gostasse ou não. É claro que Leland estava tão concentrado em seu trabalho que ele provavelmente nem tinha notado que ela era mulher, e Sean já tinha pelo menos duas namoradas. Um deles tinha ido com ele à delegacia uma vez, e ela era uma garota quase estereotipada da Califórnia - cabelos loiros brilhantes, grandes olhos azuis, bronzeados e em forma, busto grande pressionando contra sua camiseta muito pequena. Era muito óbvio qual era o tipo de Sean ... e Deirdre sabia que ela não era.

Não que ela realmente quisesse ser também. A única vez em que puderam ter algum tipo de conversa decente foi quando estavam conversando sobre cuidar dos animais na estação ou discutindo as perspectivas de esquiar no próximo inverno. Sean tinha sido um esquiador ávido; Deirdre não era, principalmente porque era muito caro para começar, e ela também não podia se dar ao luxo de ficar com um braço ou perna quebrada ou algo assim. Mas pelo menos previsões de longo alcance haviam sido um tópico neutro para discussão e melhor do que trabalhar juntos em completo silêncio.

A neve que caíra algumas semanas antes parecia ser um indicador promissor para o resto da temporada ... não que alguém esquiasse em Big Bear ou Wrightwood tão cedo.

— Não há muito o que comer, — disse ela, mudando de assunto. A última coisa que ela queria fazer era entrar em detalhes sobre as coisas que ela tinha que fazer para sobreviver nos últimos meses. —

Mas eu tenho barras de café da manhã, barras de proteínas, esse tipo de coisa. Eles não são ruins.

Amaal pareceu aceitar esse pouco de informação sem muito desânimo, porque ele assentiu, sua expressão não comprometida enquanto toma outro gole de café. Então um brilho perverso entrou em seus olhos azuis, e ele disse: — É uma pena que você tenha bloqueado meus poderes de djinn, porque eu poderia ter nos convocado qualquer tipo de café da manhã que você gostaria.

Deirdre sabia que provavelmente não deveria se apaixonar por uma manobra tão óbvia. No entanto, ela não pôde deixar de perguntar: — O que você quer dizer com 'convocar'?

Amaal não piscou. — Quero dizer que tudo que eu precisaria é estalar os dedos, e poderíamos ter um buffet aqui para tentar qualquer apetite. Omeletes, panquecas, muffins, frutas frescas ... bacon.

A palavra realmente a fez molhar a água. Ela pensou naquelas raras ocasiões durante a infância em que sua mãe teve tempo de cozinhar bacon para

Deirdre e seu irmão, os momentos em que o cheiro saboroso de bacon na chapa parecia encher a casa inteira. Não importava que ela tivesse desistido de carne vermelha ultimamente, tanto pelos benefícios à saúde quanto porque toda a indústria de carne era assustadora do ponto de vista da sustentabilidade. Ela se permitira sentir-se virtuosa com relação a suas escolhas alimentares, mesmo que agora o pensamento de comer alguns pedaços de bacon - ou um cheeseburger - fosse suficiente para fazê-la querer jogar todos os seus escrúpulos pela janela.

No entanto, ela não estava com tanta fome que seria estúpida o suficiente para desligar o dispositivo. Se Amaal recuperou seus poderes, ela duvidou que sua primeira ação fosse convocá-la um café da manhã digno do mais ostensivo bufê de domingo. Não, ele provavelmente simplesmente desapareceria, se estivesse se sentindo generoso, ou talvez representasse algum tipo de vingança por trancá-lo em idade adulta, se estivesse se sentindo hostil.

De qualquer maneira, ela ainda estaria com fome ... e se chutando por permitir que um djinn a enganasse com falsas promessas.

— Está tudo bem, — disse ela, seu tom deliberadamente descuidado. — As barras de café da manhã são muito boas. Gosto especialmente dos de manteiga de amendoim. Devo arranjar um para você?.

Por alguns segundos, ele não respondeu. Se ele estava irritado por ela recusar sua oferta, isso não apareceu. Na verdade, ele parecia mais divertido do que qualquer outra coisa, um canto da boca levantando em um meio sorriso.

— Certamente, — ele respondeu. — Eu vou admitir um certo carinho por manteiga de amendoim.

Desde que ele a chamou de blefe, não havia nada que ela pudesse fazer, exceto ir à despensa e recuperar uma das barras de café da manhã em questão. Amaal pousou a caneca de café e pegou o bar dela, parando por um momento para ler os ingredientes. Como se isso importasse. Ou ele iria comer ou não.

Aparentemente, ele não encontrou nada que o incomodasse, porque depois que ele terminou de inspecionar a embalagem, ele se abriu com cuidado. Observando-o, Deirdre podia ver como seus dedos tremiam levemente. Ele estava fazendo um bom trabalho de fingir que o dispositivo não o estava afetando muito, mas pequenos indicadores como o tremor em suas mãos mostraram que ele não estava aguentando tão bem quanto gostaria que ela pensasse.

Ele deu uma mordida e depois assentiu. — Isso não é ruim, — ele permitiu antes de acrescentar, — mas não tão bom quanto o bacon.

— O que é? — Deirdre respondeu, depois foi encher sua caneca de café. Ela sabia que precisava deixar a cafeína descansar um pouco mais antes de comer qualquer coisa.

Outra mordida, e ele mastigou meditativamente antes de responder com uma pergunta própria. — Você não confia em mim, não é?

Uma risada curta escapou dos lábios de Deirdre antes que ela pudesse detê-lo. — Não, — ela disse francamente. — Por que você acha que eu confiaria em você?

— Você me deixou sair da gaiola, — disse ele, seu olhar sério agora, sem a ironia que ela havia notado na maioria de suas interações anteriores com ela. — Por que você faria isso se não me confiava em algum nível?

— Porque.... — A palavra parou quando ela tentou pensar na melhor maneira de responder. A verdade era que ela ainda não sabia ao certo por que havia feito algo tão imprudente. Qualquer observador racional pensaria que deixar um djinn vagar pela estação de pesquisa era espetacularmente estúpido. Não havia motivo para ela acreditar que ele não tentaria sufocá-la enquanto dormia - embora ela tivesse que admitir que Amaal era tão fraco, graças ao dispositivo, ele provavelmente não conseguia abafar um gatinho. Dando de ombros, ela disse: — Teria sido cruel mantê-lo naquela jaula. Acho que não queria me

considerar capaz de uma coisa dessas. Afinal, a crueldade está mais no seu beco dos djinns, certo?.

Novamente ele ficou quieto por um momento. Ele colocou a barra de café da manhã que ele estava comendo no balcão, depois ergueu a caneca de café para poder beber mais uma vez. — Alguns de nós, sim, — disse ele, e de repente Deirdre viu uma verdadeira tristeza em seu rosto. O brilho sumiu de seus olhos agora e sua boca se inclinou um pouco. — Em detrimento de todos ao seu redor.

Era uma loucura, mas olhando para ele naquele momento, ela teve o impulso mais selvagem de dar um abraço nele. Ela não tinha ideia de que tipo de perdas ele havia sofrido, ou em quem ele pensava parecer tão triste, mas algo nas palavras dela provocou uma profunda tristeza nele.

Claro que ela não cederia a esse impulso. Ele era fraco, mas permitindo-se chegar perto o suficiente onde ele poderia tentar agarrá-la, estrangulá-la ou ...

Não, ele não faria um monte dessas coisas. Ele já não tinha dito que não era um dos djinn que tinha

sido fundamental para destruir a humanidade? Deirdre seria a primeira a admitir que ela nem sempre tinha os melhores instintos sobre os homens - afinal, ela idolatrava o pai e pensava que ele não podia fazer nada errado, até o ponto em que ele saiu pela porta e nunca voltou - mas de alguma forma sabia que Amaal não era um assassino. Ele não tinha essa vantagem sobre ele.

Ou talvez ele fosse apenas um ator muito, muito bom.

— Bem, de qualquer forma para os humanos, — comentou ela, e tomou outro gole de café. — Eu acho que você djinn pode gerenciar bem o suficiente.

— Não tão bem quanto você imagina. — Amaal pegou sua barra de café da manhã negligenciada e a mordeu. Ele mastigou contemplativamente por um momento, e disse: — Realmente, você só teria que me permitir meus poderes por um minuto para eu nos buscar um café da manhã real.

— Não.

Essa resposta simples apenas o fez encolher os ombros, como se estivesse esperando a negação, mas esperava que ele fosse capaz de fazê-la se mexer nesse ponto em particular. Ele ficou quieto enquanto comia o resto da barra de café da manhã. Assim que terminou, dobrou o invólucro ao meio e depois novamente ao meio, achatando-o contra a bancada. Deirdre observou-o, surpresa, porque muitas vezes ela se dava ao mesmo tipo de comportamento compulsivamente elegante e certamente não esperava vê-lo em um djinn, de todas as pessoas.

Era quase como se ele não fosse tão diferente dela.

Ela realmente não queria receber esse tipo de pensamento. Melhor lembrar a si mesma desses cromossomos extras, o senhor sabe que outros tipos de biologia alienígena se escondiam por trás daquele rosto humano demais. Ela precisava lembrar que ele era muito, muito diferente dela, não importa como ele aparecesse do lado de fora.

Para encobrir sua confusão, ela voltou ao quarto e também comprou uma barra de café da manhã. Passas de aveia, que ela não gostava tão bem quanto a manteiga de amendoim, mas que também precisava ser comida. Amaal percebeu, já que as sobrancelhas dele se ergueram um pouco à sua escolha, embora ele não tenha comentado.

Mas então ele perguntou: — O que você faz o dia todo aqui?

Ela não estava esperando essa pergunta. A resposta que imediatamente veio à sua mente foi: *Fique de olho em você, djinn*. Muito bom que a tinha feito. Tudo isso assistindo com binóculos, indo à procura, procurando no céu por intrusos hostis, e quando ela finalmente encontrou um djinn, foi porque ela quase tropeçou nele em um prado da montanha.

— Eu limpo alguns dias. Outros, vou a Running Springs ou às casas ao redor para ver que tipo de coisa que eu posso roubar.

A cabeça de Amaal inclinou-se ligeiramente para o lado. — Então por que você estava tão longe de casa ontem quando me encontrou?

— O que isso importa?

— Estou curioso. — Ele fez uma pausa e acrescentou. — Veja, devo confessar que estava achando bastante difícil preencher as horas em minha casa. Por isso perguntei o que você faz com seus dias.

Mais uma vez, ela sentiu uma onda de simpatia por ele. A solidão nem sempre foi a coisa mais fácil de gerenciar no mundo, principalmente se você não estava acostumado.

— Há um posto de vigia de incêndio a cerca de 1,6 km de onde eu te encontrei, — disse ela. — Eu subia lá de vez em quando para ter um ponto de vista diferente sobre as coisas. Suponho que continuei esperando que algo mudasse, que visse algum sinal de vida. Mas nunca.

O olhar dele não encontrou o dela. Deirdre supôs que não podia culpá-lo por isso. Afinal, ele já havia se

desculpado, deixando claro que o vazio atual do mundo não tinha nada a ver com ele. O que mais ele poderia fazer, exceto oferecer mais desculpas, palavras vazias que não significavam muito no final?

— De qualquer forma, — ela continuou esperando não parecer preocupada com toda a situação, e sabendo que provavelmente não estava, — é isso que eu faço. Eu costumava colocar ração para os pássaros, mas fiquei sem o que temos aqui na mão, e não conseguia ver sacando sacos de vinte libras dele em Running Springs quando precisava comprar meus próprios suprimentos. Os pássaros tiveram que se defender sozinhos.

— Todos eles serão resolvidos, — disse Amaal suavemente. — Os animais, quero dizer.

Ela lhe lançou um olhar confuso. — 'Resolvidos'?

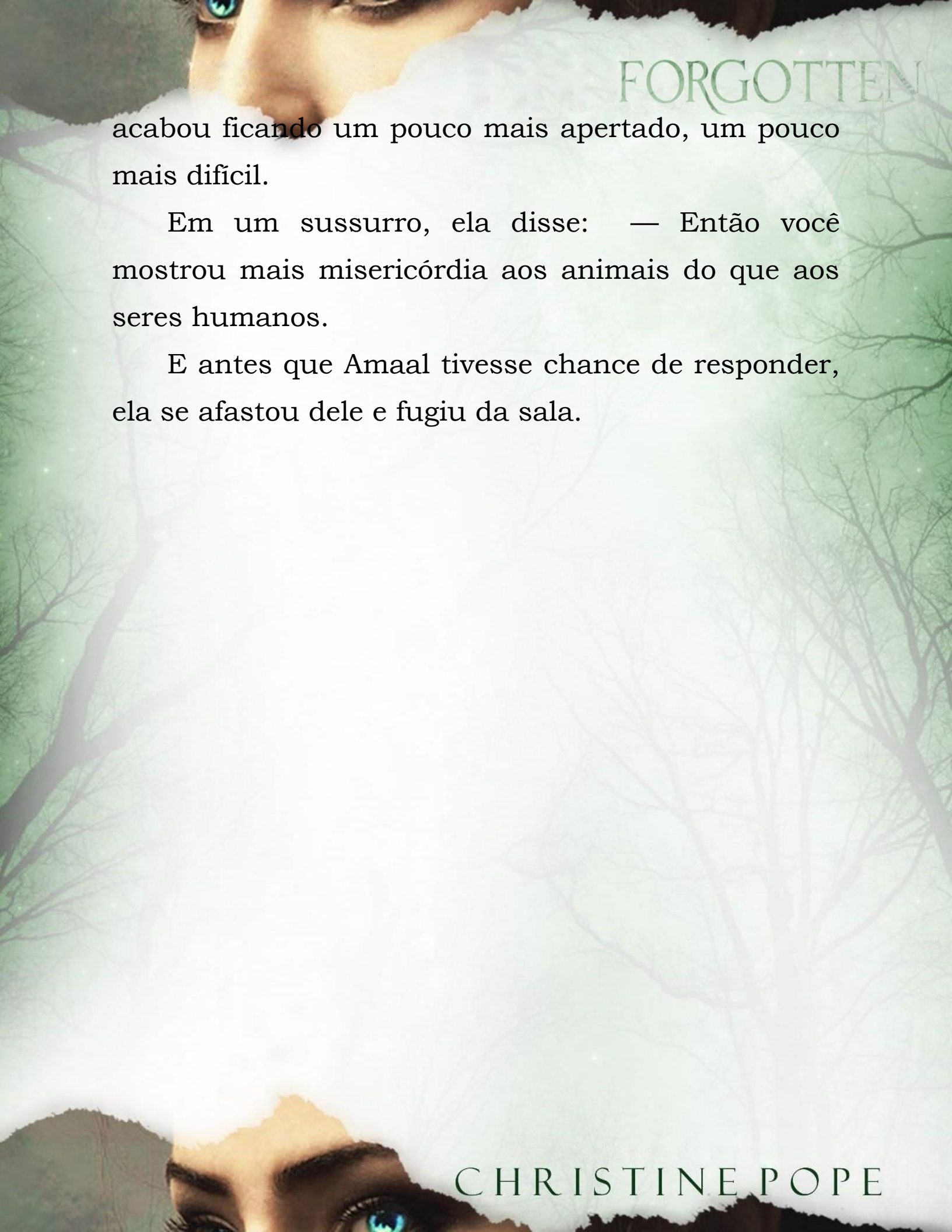
— Muitos animais foram deixados para trás quando seus donos morreram. Nós, djinn, não queríamos vê-los sofrer. Por isso, garantimos que eles sempre tivessem o suficiente para comer, não

sofressem fome ou doença. Ele parece o mínimo que poderia fazer.

Deirdre olhou para ele, para a expressão vagamente triste que ele usava. Isso a intrigou, imediatamente após o Heat matar todos os vizinhos, por que ela não viu gatos ou cães vadios em Running Springs ou nos arredores. Ela pensou que poderia resgatar pelo menos alguns deles, trazê-los de volta com ela para morar na estação de pesquisa. Mas a pequena cidade turística estava suspeitamente vazia quando se tratava de animais domésticos abandonados. A única explicação parecia ser que a febre os havia levado também.

Eles não haviam morrido do calor, no entanto. Através de algum mecanismo misterioso, os djinn cuidaram deles, garantindo que eles permanecessem saudáveis e inteiros.

Essa notícia deveria tê-la animado. Em vez disso, Deirdre apenas sentiu o nó doloroso de tristeza e preocupação que ela carregava desde que o mundo



FORGOTTEN

acabou ficando um pouco mais apertado, um pouco mais difícil.

Em um sussurro, ela disse: — Então você mostrou mais misericórdia aos animais do que aos seres humanos.

E antes que Amaal tivesse chance de responder, ela se afastou dele e fugiu da sala.

CHRISTINE POPE

ISSO PODERIA TER SIDO MELHOR. Amaal passou a mão pelos cabelos desgrenhados na altura dos ombros e se perguntou se deveria ir atrás de Deirdre. Era tão difícil saber se ela seria receptiva às suas ofertas de conforto.

Não, provavelmente é melhor ficar aqui na cozinha. A fúria e a mágoa em sua voz quando ela lançou a última condenação a ele pareciam indicar que ela precisava de algum tempo para resolver tudo o que ele havia dito a ela. Ele pensou que deixar agora saber como os djinn cuidavam dos animais a faria se sentir melhor, já que ela havia indicado anteriormente que queria ser veterinária e teria perseguido esse campo se não fosse por ela. restrições de dinheiro da família. Aparentemente, esse fora o caminho errado a seguir.

Ele soltou um suspiro e depois foi derramar o último café da jarra em sua caneca. Talvez isso fosse

má etiqueta, mas não parecia que Deirdre tivesse vontade de beber mais.

Não, parecia que tudo o que ela queria no momento era colocar o máximo de espaço possível entre os dois.

Até aquele momento, no entanto, as coisas pareciam estar indo bem. Ela conversara com ele quase normalmente, mesmo que ele ainda não pudesse convencê-la a desligar o dispositivo.

Isso teria sido um alívio bem-vindo. Ele fez o possível para agir como se não o estivesse constantemente drenando, esgotando sua energia para que cada passo, cada respiração exigisse esforço extra, porque ele não queria que Deirdre soubesse o quão fraco ele realmente era. Ele não gostou da sensação, para dizer o mínimo. Nunca em sua vida ele se sentiu mal, ou mesmo cansado, e assim o dreno constante sobre ele estava cobrando seu preço. Ainda assim, a situação poderia ter sido muito pior. Ela poderia tê-lo deixado na gaiola, mas sua natureza melhor prevalecera.

Ele bebeu o resto do café e depois colocou a caneca vazia na bancada. Ao sair para o corredor, ouviu o som da água atrás da porta fechada do banheiro e percebeu que Deirdre devia estar no chuveiro. Sim, seria um bom lugar para se isolar e procurar a privacidade de que obviamente precisava. Ao mesmo tempo, ele não conseguia evitar que seus pensamentos se desviassem para uma imagem dela de pé sob o chuveiro, água fluindo sobre seu corpo nu, cabelos molhados e uma cortina de seda nas costas.

Dispositivo ou não, essa visão imaginada fez uma emoção de desejo correr sobre ele. Ela era tão adorável, mesmo nesta manhã com aquelas roupas folgadas e com os cabelos afastados do rosto em um rabo de cavalo bagunçado. Ele se perguntou se ela sabia o quão verdadeiramente bonita ela era. Sua experiência com mulheres humanas não era grande - ao contrário de alguns de sua espécie, ele nunca teve nenhum desejo de se envolver dessa maneira - e, no entanto, parecia que a maioria das mulheres,

humanas ou djinns, que possuíam esse tipo de beleza, tinha algum consciência disso e de seus efeitos sobre os outros. Deirdre, por outro lado, parecia inconsciente de sua própria aparência. Talvez ela tenha parado de se importar porque achava que ninguém mais a veria, que estava completamente sozinha.

Ah, mas ele a estava vendo, e ela não estava sozinha. E por mais que ele quisesse ficar aqui e talvez vislumbrar Deirdre quando ela saiu do banheiro - com alguma sorte, embrulhada em uma toalha - ele sabia que fazer isso provavelmente só a irritaria muito mais. Não, era melhor ficar longe até que ela se ressentisse novamente e estivesse pronta para vê-lo ... sempre que pudesse ser. Ele ainda não a conhecia o suficiente para adivinhar se ela era o tipo de mulher cuja raiva disparou rapidamente e se foi, ou se ela era uma daquelas que pensariam em qualquer ligeira ou contrariedade.

O quarto onde ele dormiu não ofereceu nenhum divertimento. Ele supôs que poderia ter se

aproveitado da ocupação de Deirdre no chuveiro para escapar da estação de pesquisa; certamente o alcance do efeito do dispositivo não poderia ser infinito, o que significava que, assim que chegasse a uma certa distância daquela caixinha preta, ele seria novamente ele mesmo e possuidor de todos os seus poderes.

No entanto, ele estava relutante em escapar. Por um lado, Deirdre já estava zangada o suficiente com ele, e ele não tinha nenhum desejo de aumentá-la ainda mais. Além disso, o pensamento de não a ver mais estava longe de ser atraente. Ele supôs que em algum momento ele poderia encontrar uma mulher djinn que apagaria qualquer lembrança de Deirdre Graves, mas por enquanto ele preferia ficar aqui e enfrentar os desafios que ele apresentava.

E, claro, havia a preocupação real de que outro djinn pudesse encontrá-la, um djinn que não se importaria com aqueles olhos azuis cristalinos ou com a pele perfeita de pétalas de rosa, um djinn que a mataria simplesmente porque era humana e presa. Amaal poderia tentar se convencer de que o

dispositivo a protegeria, mas ele sabia disso com certeza?

Ele passou pela porta do banheiro e pela porta do quarto onde dormira e entrou em uma câmara que achava ser o laboratório. Embora não estivesse familiarizado com grande parte da tecnologia humana, ele reconheceu o microscópio na mesa de trabalho mais próxima com bastante facilidade. Aproximando-se, viu um pedaço de papel coberto de letras irregulares e quase ilegíveis - de Deirdre, ele assumiu. Ele não conseguia decifrar a maior parte do que havia escrito, mas no final da folha de papel ela havia impresso em grandes letras maiúsculas, *48 cromossomos!!! O que isso significa??*

Abaixo, havia mais rabiscos que ele não conseguia entender, obviamente escrito com alguma pressa, como se ela estivesse trabalhando em algo e quisesse colocá-lo no papel antes de perder o fio de seus pensamentos. Sublinhado várias vezes, havia algo que ele pensava dizer: *poderes Djinn = cromossomos extras???*

Amaal não sabia nada de genética, exceto o que Deirdre tentara lhe explicar na noite anterior, mas lhe parecia que ela poderia ter descoberto uma verdade ali. De que outra forma alguém poderia explicar as semelhanças entre humanos e djinn, e ainda suas enormes diferenças?

— O que você está fazendo? — A voz de Deirdre, tensa e zangada.

Ele olhou para cima, a culpa correndo por ele - uma sensação um tanto sem precedentes. — Sinto muito. O que você me contou ontem sobre as diferenças entre o meu sangue e o seu - fiquei curioso. Mas eu não deveria estar olhando suas anotações. Então, novamente — - acrescentou, ensaiando o que esperava ser um sorriso encantador -, — temo não conseguir fazer muito deles.

Ela cruzou os braços. Agora ela estava completamente vestida, de jeans e um suéter que se encaixava um pouco melhor do que a roupa folgada que ela usara antes. Seu cabelo estava úmido, caindo em ondas pelos ombros. Claramente, ela apenas a

secou e deixou secar sozinha. — Isso não importa. Você ainda não deveria estar bisbilhotando minhas coisas.

— Não, suponho que não. — Uma mesa contra a parede oposta chamou sua atenção. Diferente do local onde o microscópio estava localizado e onde ele encontrara as anotações de Deirdre, essa outra mesa de trabalho era uma bagunça de fios e circuitos e outros fragmentos que ele não conseguia identificar. De um lado, o que parecia ser um laptop desmontado e alguns tablets, enquanto na prateleira acima havia algum tipo de rádio. — O que é tudo isso?

— Não é da sua conta.

Ele levantou uma sobrancelha para ela. — Não há necessidade de ser rude.

Um pouco da tensão raivosa parecia sair do pescoço e da mandíbula, e ela parecia quase contrita. — Desculpe. Eu ... bem, desculpe. — Ela passou por ele, indo para a mesa de trabalho com seu conjunto de lixo. — Foi aqui que construí o dispositivo.

Mesmo que ele tivesse adivinhado que ela deveria ter montado ela mesma, ele ainda não conseguia se impedir de encará-la surpresa. — Você *construiu*?

Um sorriso irônico. — Bem, eu não poderia exatamente descer a colina e conseguir uma na Best Buy, poderia?.

Amaal não sabia o que era essa — Best Buy, — mas ele supôs que deveria ser algum tipo de estabelecimento de varejo. — Isso é o tipo de coisa que você aprendeu na universidade?

Desta vez, ela realmente riu e depois balançou a cabeça. — Não. Foi ... — Ela pareceu parar por aí e disse: — Recebi as instruções de outra pessoa que construiu uma. —

Obviamente, ela estava relutante em dividir mais informações do que isso, mas ele já ouvira o suficiente agora para juntar as peças. — Alguém no Novo México?

Choque brilhou em seus olhos azul-marinho. — Como você sabia disso?

Ele se aproximou e se aproximou dela. Para seu alívio, ela não tentou se afastar. Olhando para os pedaços sobre a mesa, e não para ela, ele disse: — Eu pensei que isso não me interessava, pois tudo isso estava acontecendo em um território longe do meu, mas eu ouvira rumores de algum tipo de dispositivo diabólico sendo usado para frustrar o poder dos djinns. É por isso que eu tinha algum conhecimento disso, mesmo que nunca esperasse ver uma coisa tão perto de minha casa.

— Oh. — Deirdre brincou com um pouco de placa de circuito solta e a colocou de volta na mesa. Também olhando para baixo, ela disse: — O homem que o inventou estava enviando as instruções. Eu apenas os segui. Não sou engenheira nem nada. Mas funcionou.

— Sim, — disse Amaal. Ela estava tão perto que ele podia sentir o cheiro doce do xampu que ela usava saindo de seus cabelos úmidos. Um aroma quente ... coco e baunilha. Mais uma vez ele teve que lutar contra o desejo de tomá-la em seus braços.

Certamente não era a hora, e mesmo que seu espírito estivesse disposto o suficiente, ele temia que sua carne, enfraquecida pelo demônio como estivesse, fosse fraca demais.

Desta vez, ela olhou para cima da mesa de trabalho. Sua expressão estava quase confusa, como se ela estivesse tendo dificuldades para determinar seus verdadeiros sentimentos sobre o assunto. — Você não parece muito zangado com isso.

— Bem, — ele disse calmamente, — enquanto eu seria o primeiro a admitir que a sensação é extremamente desagradável, também devo admitir que entendo por que você construiu a coisa e por que a usou. De fato, estou bastante impressionado por você ter conseguido ter tanto sucesso com métodos tão distantes da sua área de especialização.

Um pouco de cor tingiu suas bochechas. — Eu meio que me surpreendi também. Acho que meu irmão me mostrou como soldar placas de circuito valeu a pena.

— Seu irmão?

Mais uma vez ela desviou o olhar de Amaal e começou a mexer com um pouco de arame. — Douglas era meu irmão mais velho. Ele sempre foi um tipo de nerd da ciência. De qualquer forma, ele gostava de construir coisas - ele montou seu próprio computador quando tinha apenas quinze anos de idade. Eu sempre fiquei meio fascinada por seus projetos, então ele me ensinou como fazer algumas dessas coisas, mesmo que eu nem sempre entendesse os princípios por trás disso. — A mais leve rajada de ar, como se ela quisesse suspirar, mas não pudesse permitir-se fazê-lo na frente dele. — Ele se foi agora, suponho. Quero dizer, eu sei que se ele tivesse vivido, ele teria vindo me procurar.

— Sinto muito, — disse Amaal. Parecia que ele já havia repetido essa frase curta e inútil muitas vezes, mas não sabia ao certo o que mais deveria responder. Ele certamente não poderia trazer de volta aqueles que ela havia perdido, e já havia feito o possível para explicar que não participava daquelas

mortes. Algum impulso o obrigou a acrescentar: — Eu também perdi meu irmão recentemente.

Ela largou o pedaço de arame e olhou para ele, surpresa em suas feições encantadoras. — Você fez? Eu não sabia.... — E ela pareceu parar ali, mesmo que o que ela pretendia dizer lhe parecesse óbvio o suficiente.

— Você não sabia que djinn poderia morrer? — Ela balançou a cabeça e ele continuou. — Temos vidas muito longas e somos difíceis de matar, mas não somos imortais, não da maneira que seu povo possa ter pensado. Omar era... uma pessoa difícil. Ele entrou em conflito com o homem errado e pagou o preço por sua transgressão.

Deirdre pareceu digerir essa informação por um momento, quieta enquanto ela absorvia o que ele havia lhe dito. Então ela disse: — Você não parece muito chateado com isso.

Ele levantou os ombros. — Cheguei a um acordo com o que aconteceu com ele. Ele violou as leis do nosso povo e, portanto, não posso condenar o homem

que aprovou sua vida, não quando o fez apenas para proteger sua mulher.

Pela maneira como Deirdre franziu a testa, Amaal imaginou que sua resposta só provocou mais perguntas. No entanto, ela não disse nada a princípio, parecia mais uma vez refletir sobre suas palavras. Quando ela falou, seu comentário o surpreendeu. — Talvez seja ainda mais difícil, de certa forma. Quero dizer, meu irmão viveu uma vida sem culpa. Eu luto por ele, assim como luto por todos os outros que perdi. Mas deve ser difícil perder alguém que não era uma pessoa muito boa. Você não sabe bem como deve se sentir sobre eles e depois se sente culpado por ficar aliviado por não estarem mais por perto.

Olhando para ela, Amaal só conseguia pensar em como era perceptiva, essa jovem que não viveu nem um décimo dos anos em que ele havia existido. E, no entanto, ela parecia ter chegado ao cerne da questão. Ele se perguntava, se perguntava se havia algo errado com ele, porque não havia derramado lágrimas pela perda de seu irmão, mas agora sabia que não era sua

própria falha. Por que afetar a falsa tristeza de uma pessoa profundamente imperfeita, simplesmente porque ela compartilhou o mesmo sangue?

— É exatamente isso, — disse ele. — Espero que Omar encontre alguma paz no próximo mundo, pois certamente não encontrou aqui. Ao mesmo tempo, devo admitir que é um alívio que ele se foi.

Ela não respondeu, apenas assentiu. Seu peso mudou quase imperceptivelmente, e Amaal pensou que talvez ela pretendesse se mover em direção a ele, mas depois pensou melhor. Em vez de oferecer um gesto reconfortante, parecia que a melhor coisa a fazer era mudar de assunto, pois ela disse a seguir: — E seus pais?

— Eles ainda estão vivos, se é isso que você está perguntando, — respondeu ele.

— O que eles fizeram quando Omar morreu?

— Nada, — disse Amaal, e continuou esclarecendo: — Isto é, tenho certeza de que os anciãos os informaram de sua morte, mas não ouvi nada deles sobre o assunto.

Essa resposta pareceu chocá-la, pois seus olhos se arregalaram e ela se virou para ele, perguntando: — E isso não é considerado estranho?

— Na verdade, não. — Qual a melhor forma de explicar todas as muitas diferenças entre a cultura djinn e o mundo em que ela cresceu? Isso seria assunto para muitas conversas. No entanto, como ela claramente esperava que ele dissesse mais sobre o assunto, ele continuou: — Quando um djinn alcança sua maioria com duas décadas de idade, seus pais não estão muito envolvidos com suas vidas. Basta criá-los e enviá-los para fazer o que quiserem.

— Isso parece ... frio.

— Para um humano, talvez. — Tudo o que ele pôde fazer foi oferecer-lhe outro encolher de ombros, pois houve momentos em sua vida em que ele não pôde deixar de comparar a maneira um tanto fria e distante pela qual as famílias djinn geralmente se conduziam às intrincadas conexões que os humanos pareciam cultivar. — Vivemos muito tempo, você vê. Você realmente gostaria que sua mãe e seu pai

continuassem se intrometendo em seus negócios por milênios?.

Essa pergunta provocou um sorriso irônico. Amaal estava feliz por poder fazer Deirdre sorrir, mesmo que o tópico que discutissem não fosse tão divertido. — Acho que não, — ela disse. — Embora, como eu te disse, meu pai estivesse meio fora de cena depois que eu fiz onze. Ainda assim, entendi seu ponto. — Ela se virou ainda mais para ele, inclinando-se para a mesa de trabalho. — Então, em todos esses milênios, seus pais tiveram apenas dois filhos?

— Sim. Djinn não tem famílias grandes, como regra. Meus pais se uniram com o objetivo de ter filhos, mas uma vez que nós dois nascemos e crescemos para a maioria, eles dissolveram o relacionamento e seguiram seu caminho. É assim que sempre é feito.

Pelo jeito que Deirdre franziu a testa, ele percebeu que ela não gostava muito do som desse tipo de acordo, e suas próximas palavras apenas

confirmaram suas suspeitas. — Não 'até que a morte os separe', eu acho.

Com exceção dos Escolhidos e os djinn que os selecionaram, Amaal pensou, mas ele não disse isso em voz alta. A última coisa que ele queria era explicar o cenário estranho que havia permitido a sobrevivência de toda a humanidade, pois então ele teria que explicar por que não tinha nenhum desejo real de reivindicar uma mulher humana como sua. E, parecendo Deirdre, ele estava começando a se perguntar por que havia tomado tal decisão em primeiro lugar. Ele nunca havia estudado a lista de nomes que os anciãos haviam fornecido, aqueles que estariam imunes e que tinham a idade correta para serem escolhidos. Ele não tinha pensado que ele poderia suportar ser sobrecarregado com um humano por toda a eternidade.

E, no entanto, agora ele não tinha certeza se havia tomado a decisão certa.

— Não, nada disso, — disse ele. — Somente aqueles com quem desejamos estar por um tempo e depois seguir nosso caminho.

Sua boca se contraiu, e ela se afastou da mesa de trabalho e foi até onde estava o microscópio, começou a mexer nos controles. Amaal imaginou que não estava fazendo nada particularmente útil, só queria um motivo para se afastar de onde ele estava.

— Eu conhecia alguns caras que gostariam desse acordo, — disse ela, ainda olhando para o microscópio. — Sem compromisso, sem compromisso.

— Não tenho certeza de que é exatamente como você pensa, — protestou Amaal. Por mais que ele quisesse ir até ela, ele sentiu que ela precisava desse espaço entre eles. — Muitos desses contatos duram quarenta, cinquenta, cem anos ou mais. Não é bem como o que seu povo costumava chamar de 'uma noite só'.

— Ainda.... — Um meneio de cabeça e ela voltou a espiar no microscópio.

Ela fora casada com um ex-amante, alguém que só queria um relacionamento de curto prazo, que não pensava no futuro juntos? Amaal podia ver por que ela podia ter uma visão tão negativa da maneira como os djinn gerenciavam essas coisas, se fosse esse o caso. Por outro lado, ela estava na faculdade quando o calor chegou. Ele não podia confessar saber muito sobre esse estilo de vida, mas sabia o suficiente para entender que era uma época em que jovens mortais estavam planejando seu futuro, e não estavam, em geral, prontos para se estabelecer.

Ele chorou que poderia perguntar a ela. No entanto, apesar de tudo o que eles estavam discutindo, ele sabia que fazer essa pergunta seria muito intrusivo. Eles poderiam ter dormido sob o mesmo teto na noite anterior, mas ainda eram estranhos um ao outro, na maior parte. E ele percebeu pelo jeito que ela estava fingendo trabalhar com o microscópio que não desejava continuar a conversa.

Tornando o tom o mais suave possível, ele disse.
— Entendo que você deseja trabalhar. Está um dia ensolarado - acho que vou me sentar no banco que vi na frente da varanda.

— Essa é provavelmente uma boa ideia. — Então ela acrescentou, parecendo um pouco mais suave: — Mas não se preocupe. O sol está brilhando, mas o vento pode ser bastante forte se você estiver na sombra.

— Terei cuidado, — respondeu ele. Ao sair, ele não pôde deixar de se sentir um pouco animado, apesar da maneira como eles deixaram a conversa.

Afinal, se ela não se importava com ele ou com o bem-estar dele, por que ela ficaria preocupada com ele ter um calafrio?

Não relaxe. Deirdre queria balançar a cabeça para si mesma, mas, em vez disso, curvou-se sobre o microscópio. *O que você é, sua mãe?*

Nem remotamente perto. Alison Graves era, alguém que sempre parecia estar no controle, mesmo quando na realidade seu mundo estava desmoronando. Deirdre nunca ouvira sua mãe dizer palavrões a respeito do pai, mesmo diante de sua traição óbvia. Talvez ela tenha reclamado com as amigas, mas Alison era antiquada em relação a certas coisas, e uma delas era má para o pai de seus filhos em qualquer lugar que eles pudessem ouvir.

Deirdre tinha certeza de que ela não seria capaz de mostrar esse tipo de tolerância. Não, ela teria dito a todos que idiota era Stephen Graves, e teria garantido que ele pagasse a pensão alimentícia que a lei determinasse. Tanto quanto ela podia dizer, seu pai não havia pago nenhum tipo de apoio conjugal e, embora ele enviasse pagamentos de pensão

alimentícia, às vezes eles estavam atrasados, e às vezes ele pulava um mês, dizendo que suas comissões estavam abaixo do que ele esperava. e que ele realmente não podia pagar. Ele nunca deixou os pagamentos expirarem por tanto tempo que até Alison poderia ter perdido a paciência e o levado de volta ao tribunal. Não, sempre bastava que ele pudesse cobrir um pouco suas contas bancárias, talvez pagar férias para ele e sua nova esposa.

De qualquer forma, Deirdre tinha certeza de que sua mãe nunca colocaria Amaal em uma gaiola, djinn ou não. Ela não tinha esse tipo de temperamento.

Sim, você o colocou em uma gaiola, pensou Deirdre. E então você o deixa sair de novo, e agora está se preocupando com ele ficar resfriado, então não é como se você crescesse para ser algum tipo de rabo duro.

Isso com certeza.

E, na verdade, um djinn poderia pegar um resfriado? Amaal disse que djinn poderia morrer, então Deirdre supôs que eles também pudessem ficar

doentes. Ou talvez eles não adoecessem em geral, mas todas as apostas foram canceladas quando o dispositivo as estava afetando.

Ela não tinha um quadro de referência, então era difícil dizer.

Nem ela realmente sabia o que estava procurando neste slide de seu sangue. Ele tinha glóbulos vermelhos e glóbulos brancos, como uma pessoa normal. Pelo que ela foi capaz de dizer, as diferenças entre humanos e djinn não eram visíveis no nível celular, mas enterradas muito mais profundamente em seu DNA. Talvez se ela tivesse conseguido falar com Miles Odekirk, ele poderia ter tido algumas ideias. Não, ele disse que era físico. Alguém com um Ph.D. na física precisa saber muito sobre genética?

Provavelmente não.

Ela se levantou do banquinho onde estava sentada e foi até a janela. Não para checar Amaal, porque o banco onde ele supostamente estava tentando relaxar nem era visível deste lado do prédio, mas para dar uma olhada no dia. Como ele dissera,

estava ensolarado e claro, uma brisa fresca agitando a grama seca. Mesmo assim, a temperatura não poderia ser muito mais quente do que os anos cinquenta, na melhor das hipóteses, não nesta época do ano, nem nesta altitude.

Ele pegou uma jaqueta? O velho paletó de Sean estava pendurado em uma extremidade do armário no quarto que ele dividira com Leland, mas Deirdre não sabia se Amaal tinha percebido que estava lá.

Você vai levar para ele? ela zombou de si mesma. *Talvez lhe traga leite e biscoitos também?*

Ele estava muito perto dela em sua bancada. Será que ele percebeu que ele estava dentro do que ela pensava como sua bolha particular, ou djinn não tinha as mesmas noções de espaço pessoal?

Difícil dizer. Ele não fez nenhum movimento, tentou tocá-la ou algo assim. Na verdade, foi ela quem quase estendeu a mão para colocar uma mão reconfortante em seu braço enquanto ele falava sobre seu irmão. Deirdre não esperava a onda de compaixão que a atravessou quando Amaal falou em perder seu

irmão, em lutar com seus sentimentos por essa perda. Mas ela podia se relacionar muito bem, porque havia enfrentado muitas das mesmas emoções ao aceitar a morte do pai. Pelo menos, ela supôs que Stephen Graves devia estar morto, só porque todo mundo estava. E ela não sabia como chorar por ele, porque ainda estava com muita raiva dele, pelo que ele fez com a família deles. Era mais fácil lamentar sua mãe e Douglas, porque ela os amava sem reservas.

Droga.

Ela saiu da janela e foi para o quarto que dera a Amaal para uso dele. Com certeza, havia a jaqueta, ainda pendurada em uma extremidade do armário. Deirdre puxou-o do cabide e colocou-o debaixo de um braço, depois desceu o corredor e saiu pela porta da frente. Amaal não estava sentado no banco, mas se destacou na área aberta logo depois da varanda, o rosto erguido em direção ao céu azul, os olhos fechados como se estivesse completamente focado em absorver o máximo de energia do sol possível. A brisa atingiu seus cabelos na altura dos ombros,

afastando-os do rosto para que todos os planos e ângulos perfeitos fossem claramente iluminados.

Deus, ele realmente era bonito. Deirdre percebeu que estava olhando, então limpou a garganta e disse: — Trouxe uma jaqueta para você.

Seus olhos se abriram, refletindo o azul profundo dos céus acima dele. — Está quente o suficiente aqui ao sol.

— Talvez, mas essa vitória é bem rápida. — Ela saiu da varanda e foi até ele, depois estendeu a jaqueta em uma mão.

Amaal pegou-a e vestiu-a. Ele sorriu imediatamente. — Obrigado. Isso parece melhor.

Por que aquele sorriso fez seus joelhos tremerem um pouco? Ele era um djinn, uma espécie completamente diferente. Ela não deveria estar reagindo a ele assim. Com uma voz mais nítida do que ela pretendia, ela disse: — Eu lhe disse que o vento poderia ser brutal. Você provavelmente não deve ficar lá fora por muito tempo.

O sorriso não desapareceu. — Eu não vou. Eu só queria sentir o sol por mais um tempo.

— OK. Quando você entrar, há alguns livros na sala de descanso se precisar de algo para se ocupar.

— Vou procurá-los.

Deirdre ofereceu a ele um sorriso incerto e entrou. Foi só depois que ela fechou a porta atrás dela que ela percebeu que ele provavelmente poderia ter escapado se realmente quisesse. Ela estava no laboratório por uns bons quinze ou vinte minutos depois que ele saía, e imaginou que ele poderia facilmente passar pelo campo de efeito do dispositivo naquele espaço de tempo.

Mas ele não tinha. Ele ficou.

Ela não tinha certeza de que queria saber o porquê.

Amaal voltou para dentro, fechou a porta e depois tirou a jaqueta emprestada. Deirdre tinha sido boa trazê-lo para ele, porque dessa maneira ele tinha sido capaz de permanecer ao ar livre sob a luz do sol por

muito mais tempo do que ele poderia ter, se ele estivesse vestindo apenas um moletom. Um elemento elementar do fogo, ele acolheu os fogos do sol, pois eles devolveram um pouco de sua própria energia, permitindo que ele lutasse contra os efeitos do dispositivo que Deirdre havia construído, mesmo que por pouco tempo.

Ocorreu-lhe, enquanto ele estava lá fora, sob o sol, que ele poderia ter se virado e começado a caminhar para o oeste, em direção a sua casa. Ele não tinha ideia de quanto longe ele teria que ir antes que o dispositivo parasse de drenar seus poderes de djinn, mas não poderia ter sido mais do que um quarto de milha ou mais. Mesmo fraco como ele se sentia atualmente, ele sabia que poderia ter percorrido essa distância durante o período em que Deirdre ainda estava dentro do laboratório. Não era como se ela tivesse saído imediatamente para checá-lo.

Quanto ao motivo de ele não ter saído ... bem, a resposta não estava tão longe, apenas no corredor do laboratório, provavelmente encurvada sobre o

microscópio uma vez novamente. Ele ainda não sabia ao certo se ela estava conduzindo mais longe. testes, ou se ela estava apenas usando o laboratório e seus equipamentos como pretexto para ficar longe dele. Talvez tivesse sido mais fácil para ela se o tivesse deixado na jaula. A culpa por esse tipo de ação foi deixada de lado, ela não precisaria se preocupar em interagir com ele como igual, ou se perguntar em que travessuras ele poderia se meter enquanto vagava pela estação de vida selvagem.

De qualquer forma, ele sabia que Deirdre era o que o mantinha aqui. Ele nunca passou uma quantidade considerável de tempo em torno de um humano antes, porque, embora é claro que ele havia deixado o outro mundo de tempos em tempos para ver as belezas da Terra ou para provar sua culinária ou visitar seus museus, ele nunca teve uma ligação com uma mulher humana. Alguns djinn disseram que a novidade valia as complicações, mas Amaal nunca pensou que essas diversões valiam o problema inevitável que causavam.

Agora, porém ... ele pensou em como Deirdre estava quando ela trouxe o casaco para ele, em como a brisa fresca pegou seus cabelos soltos e trouxe rosa às bochechas. Ou talvez esse rubor não tenha muito a ver com o vento. Ele não queria se lisonjear, mas não pôde deixar de notar o jeito que ela às vezes corava ao redor dele, o jeito que seus olhos não queriam encontrar os dele. Até onde ele sabia, já havia algum tipo de atração entre eles, mesmo que ela não quisesse reconhecê-lo.

Os lábios de uma mulher humana seriam tão macios e cheios quanto os de um djinn? O corpo dela sentiria o mesmo quando ele a segurasse nos braços?

Só havia uma maneira de descobrir com certeza, mas Amaal percebeu que Deirdre não estava pronta para dar esse passo. Ele pensou que poderia entregá-la por um tempo; os efeitos do dispositivo certamente não eram agradáveis, mas por mais que ele pudesse sair de vez em quando e — recarregar, — por assim dizer, ele pensou que poderia suportá-los por pelo menos mais alguns dias.

Depois disso ... bem, ele supôs que veria.

.....
Amaal parecia feliz o suficiente para estar do lado de fora, embora ele tenha entrado depois de um tempo e entrou na sala de descanso, que foi fornecida com uma variedade estranha de brochuras que foram deixadas lá por vários estudantes e assistentes de professores ao longo dos anos. Deirdre não parou para pensar que talvez sua djinn em cativeiro não pudesse ler inglês, apesar de ser tão fluente ao falar, mas quando espiou na sala de descanso a caminho da cozinha para pegar um copo de água., ele parecia estar absorvido em uma cópia esfarrapada e surrada de *Twilight*.

Ela tinha que esperar que essa seleção em particular não lhe dessa nenhuma ideia.

Deus sabe que ela estava tendo ideias próprias, ideias que ela tentou tirar da cabeça assim que apareceram. Seus pensamentos continuaram circulando de volta à maneira como ele parecia parado lá em frente à estação de pesquisa, a luz do sol refletindo manchas douradas e castanhas em seus

cabelos castanhos escuros. Mais uma vez ela teve que se lembrar de que ele não era humano, era algum tipo de outro estranho que poderia parecer um homem mortal, mas era tudo menos isso. Isso só a ajudou muito, provavelmente porque, naquele moletom, paletó e calça jeans desbotada, Amaal poderia ter sido apenas mais um aluno trabalhando na estação com ela.

A diferença, no entanto, era que ela nunca teve um desejo ardente de beijar nenhum de seus colegas. Este djinn, por outro lado....

Deus. Deirdre enfiou uma mecha de cabelo atrás de uma orelha e começou a trabalhar criando um novo escorrega com o sangue de Amaal. Ela realmente não esperava encontrar nada de novo neste, mas pelo menos isso lhe deu algo para fazer. E se ela fizesse outra mancha cromossômica, ela poderia se lembrar mais uma vez de que ele não era como ela, que seu DNA era tão estranho quanto o de um tardígrado.

Bem, não exatamente. Mas era a única maneira de continuar batendo na cabeça dela que ele não era como ela.

Por que ele não foi embora? Certamente, qualquer casa que ele tivesse recebido tinha que ser mais luxuosa do que esse chalé reformado dos anos 30. E ela sabia que o dispositivo estava, se não lhe causando dor ativamente, pelo menos fazendo com que ele se sentisse como alguém sofrendo uma ressaca muito ruim. Isso não poderia ser agradável.

E também não podia ser sua personalidade cintilante. Ela estava fazendo o possível para 170eixa-lo, exceto nos poucos momentos em que compartilharam revelações que Deirdre agora desejava que ela mantivesse para si mesma. Amaal não precisava conhecer sua história de vida. E, no entanto, ela já havia contado a ele como seu pai havia saído, sobre a maneira como seu irmão o havia mostrado como soldar e trabalhar com placas de circuito.

Por outro lado, Amaal também compartilhou suas próprias confidências. Seu irmão definitivamente não parecia uma pessoa muito legal. Deirdre se perguntou quem era a mulher que Omar, irmão de Amaal, tentara sequestrar. Uma djinn, ela assumiu, linda e exótica. Será que uma mulher djinn suportaria esse tipo de comportamento? As mulheres djinn certamente tinham seus próprios poderes e provavelmente poderiam cuidar de si mesmas. Então, novamente, talvez não. Amaal não tinha falado muito sobre suas colegas do sexo feminino, então talvez elas diferissem do djinn masculino em termos dos poderes que comandavam.

Era difícil dizer com certeza, porque Amaal era o único djinn que ela já tinha visto. Ela não sabia nada sobre as mulheres de sua raça, exceto os fragmentos que surgiram quando estavam discutindo o conceito de família e relacionamento dos djinns. E isso tudo parecia muito desagradável. Apesar da desagradável separação de seus pais, Deirdre sempre esperara encontrar um dia uma verdadeira alma gêmea,

alguém com quem pudesse passar o resto de sua vida. Ela não gostava do modelo djinn de ficar com alguém por alguns anos ou décadas ou o que quer que fosse, dissolvendo o relacionamento e seguindo em frente quando as duas partes envolvidas acabaram se cansando.

É verdade que ela não teve exatamente a melhor sorte até agora, mas também não era ingênua o suficiente para pensar que os caras que ela namorou na faculdade eram perspectivas de felicidade conjugal a longo prazo. Ou melhor, ela tentara dizer isso a si mesma, mas se apaixonara por Tristan Summers, um cara que conheceu na aula de Biologia 102 no último trimestre de seu primeiro ano. Ele jurara que ela era a mulher mais bonita que já conhecera, a mais inteligente e criativa, e construía grandes castelos no céu em termos de discutir o futuro deles. Deirdre tinha certeza de que ele iria pedir que ela se casasse com ele, embora Tristan também estivesse demorando para conseguir o diploma de bacharel, e esse tipo de plano teria que esperar até depois que os

dois se formassem. Eles passaram um verão principalmente feliz juntos, mas apenas algumas semanas após o início das aulas no final de agosto, ele a informou sem rodeios de que não achava que isso iria dar certo e que começara a ver outras pessoas.

— Veja outras pessoas. — Houve uma piada. Deirdre estava feliz por ela sempre ter certeza de que ele usava camisinha.

De qualquer forma, ela definitivamente não havia retornado a um lugar em que podia confiar em alguém, e quando se tratava de pessoas confiáveis, ela tinha certeza de que um djinn estava no final da lista. Se ela não conseguisse descobrir uma maneira de parar de pensar naquela torção perversa na boca de Amaal, ou na maneira como seus claros olhos azuis dançavam à luz do sol, ela se daria permissão para admirar seus óbvios atributos físicos sem se permitir. Vá além disso.

Talvez ela devesse 173eixa-lo ir. Afinal, ele não tinha feito ou dito nada que a fizesse acreditar que ele

contaria aos outros djinn onde ela estava escondida. Provavelmente seria seguro o suficiente.

Não, ela não conseguia fazer isso. Um conhecimento de vinte e quatro horas não era suficiente para inspirar o tipo de confiança que tal acordo exigiria, embora Deirdre também soubesse que se ela realmente não enferrujasse Amaal, provavelmente deveria tê-lo deixado trancado na gaiola, não importa o que sua consciência lhe dissesse sobre tratar outro ser inteligente dessa maneira.

Bem, ela só teria que ver como as coisas foram. Se ela não conseguisse parar de pensar nele, não importa o que ela fizesse, então talvez fosse hora de enviá-lo a caminho.

Naquela noite, haviam embalado macarrão com queijo, feito com água, pois não tinham leite. Amaal não se importava muito, mas não comentou, pois sabia que os recursos de Deirdre eram limitados. E ele não disse nada na manhã seguinte, quando a

refeição foi mais uma rodada de bares do café da manhã.

As coisas continuaram assim por vários dias. Ele ficou fora do caminho dela porque achava que sua presença a incomodava, e ele preferia que ela chegasse a seu próprio entendimento de sua atração por ele, em vez de fazê-lo tentar forçar a situação. Para si mesmo, tornou-se cada vez mais consciente de quão profundamente a desejava, não importa quanto o dispositivo drenasse cada grama de energia que ele possuía.

Depois da terceira noite lá, no entanto, Deirdre ficou na despensa na manhã seguinte e balançou a cabeça. — Nós ficaremos sem comida em breve na velocidade em que passamos por isso.

— Então vá para a cidade e pegue um pouco mais , — sugeriu. — Você sabe que não tem nada a temer de outros djinn, pois eles sabem que este é o meu território e que ficarão longe.

Ela voltou-se para ele, uma carranca gravando a pele clara e delicada da testa. — E te deixar aqui em paz? Acho que não.

— Que outra escolha você tem? Certamente não tenho a tarefa de entrar na cidade, não com esse dispositivo batendo em mim. Duvido que pudesse ir muito mais longe do que a saída da estrada de serviço florestal.

Os olhos dela se estreitaram quando ela pareceu ponderar sobre a predisposição. — Não tenho certeza....

— Ou, — continuou ele, sem se preocupar em esconder a diversão em sua voz, — você pode desligar o dispositivo por um momento ou dois, e eu poderia convocar qualquer tipo de comida que possa precisar.

Ela soltou um suspiro exasperado. — Você sabe que eu não posso fazer isso.

Ele deu de ombros e encostou-se ao azulejo arranhado do balcão da cozinha. — Bem, parece que você tem um enigma para lidar. Você me deixa e corre o risco de me afastar, ou me leva com você, e corre o

risco de meu colapso de dor e exaustão por causa do dispositivo que você usa para me manter sob controle.

— Ou eu poderia trancá-lo de volta na gaiola enquanto estiver fora.

Não, ele não gostou dessa alternativa. No entanto, uma das vezes em que ela estava no chuveiro, ele roubou vários cliques de papel e um grampo perdido de uma das gavetas da recepção do escritório da estação de pesquisa, e ele achou que não teria muitos problemas para escolher a fechadura bastante grosseira da gaiola, no infeliz evento que ela decidiu fazer uma coisa dessas.

— Se você precisar , — ele disse. — Contanto que você não fique muito tempo.

Ela pareceu considerá-lo por um momento, e então seu olhar se desviou para a janela. — Eu realmente não preciso me preocupar com algum djinn me atacando?

— Não. Pelo menos, tenho quase certeza de que isso não aconteceria. Nós tendemos a respeitar os limites um do outro. — Amaal sentiu-se seguro o

suficiente para lhe dar essa garantia, pois certamente no tempo que passara em sua nova casa na montanha, nunca havia visto outro djinn, nem sentiu a presença deles.

— Então eu poderia dirigir sozinha, — disse Deirdre, seu tom meditando. — Isso seria muito mais rápido do que andar.

Ele sabia que havia vários veículos na propriedade, pois os viras estacionados nos fundos da estação de pesquisa - um Subaru mais velho de algum tipo, um carro compacto ainda mais antigo que ele não reconhecia. Depois, houve o grande caminhão vermelho brilhante que ele notou em sua primeira aproximação à estação. Ou melhor, provavelmente tinha começado novo e brilhante, mas agora tinha mais de dois meses de pó e sujeira acumulados nele. Suponho que você poderia.

Isso pareceu decidir coisas para ela, porque ela disse: — Tudo bem. Você terá que ir para a gaiola. Vou tentar ser o mais rápido possível.

Amaal nem tentou discutir. — Claro.

Pelo menos ela lhe deu alguns cobertores e um travesseiro, e ele levou um livro com ele. Com as costas apoiadas na gaiola, o travesseiro funcionando bem o suficiente para protegê-lo do fio rígido, ele refletiu que isso não era tão ruim.

Além disso, ele não pretendia passar mais tempo aqui do que precisava.

Depois que ouviu o barulho do motor do caminhão grande afastando-se, Amaal pegou um dos cliques de papel no bolso de seus jeans emprestados, depois o abriu e se arrastou até a porta da gaiola. Foi mantido no lugar com um cadeado simples, nem mesmo um que tivesse uma combinação. Ele refletiu que se ele tivesse seus poderes de djinn, ele poderia ter quebrado a maldita coisa com um toque de seus dedos, mas essa solução foi negada a ele ... por enquanto.

O ângulo era estranho, mas ele podia recostar-se na parede da gaiola e mal conseguir tirar o dedão e o dedo indicador através da malha larga. Ele enfiou os

mesmos dedos da mão esquerda através da malha, a fim de manter a trava firme enquanto trabalhava.

Sua primeira tentativa só conseguiu dobrar o clipe de papel em um ângulo estranho. Ele a puxou de volta através da parede de malha da gaiola e a endireitou novamente, depois enfiou-a no buraco da fechadura da fechadura com menos força dessa vez. Ah, sim, dessa vez ficou no lugar. Tentando não mexer demais na fechadura, ele a transferiu e o clipe de papel para a mão esquerda, para que ele pudesse usar o segundo clipe de papel para alcançar dentro da fechadura e manipular os copos. Isso parecia estar indo bem - até que o segundo clipe escorregou de seus dedos e caiu no chão com um leve ruído metálico.

Droga!

O quarto não estava muito quente, mas o suor começou a se formar em sua testa. Ele não sabia muito bem por que era tão importante para ele ter sucesso nessa tarefa - afinal, não era como se Deirdre não o deixasse voltar depois que ela voltasse de sua expedição de forragem - mas naquele momento ele

queria alguma medida de controle. Ele queria descobrir onde ela havia escondido aquele maldito dispositivo.

Tudo o que restava era o grampo. Ele o tirou do bolso da calça jeans e conseguiu dobrá-lo parcialmente, depois enfiou-o na fechadura. Seu final era um pouco mais grosso que o clipe de papel e, portanto, um pouco mais fácil de usar para manipular os copos da fechadura. Mesmo assim, eles não pareciam muito cooperativos, voltando ao lugar no segundo em que ele pensou que os havia derrotado.

Finalmente, porém, ele ouviu o clique da fechadura, e ela se abriu. Murmurando uma oração rápida, ele removeu a trava da trava da gaiola e abriu a porta. Naquele momento, ele se dera um sério golpe no pescoço por ter de ficar em uma posição estranha por um período tão longo, mas valia a pena sair da gaiola e descansar no chão por um tempo. um momento, deleitando-se com sua liberdade.

Eventualmente, no entanto, ele se levantou e pegou os dois cliques de papel dobrados do chão para não deixar para trás nenhuma evidência de sua fuga. Imediatamente ele foi até a janela e olhou para fora, mas não havia sinal de Deirdre ou do caminhão. Mesmo com um bom clipe, ele imaginou que levaria pelo menos uma hora para entrar em Running Springs, coletar os itens que ela estava procurando e retornar à estação de pesquisa.

Boa.

Ele espiou no laboratório, mas depois descartou essa noção. Seus instintos lhe disseram que ela desejaria manter o dispositivo próximo, especialmente durante as horas noturnas em que ela estava dormindo e vulnerável, e então ele foi para o quarto dela.

Havia pouco aqui para sugerir que ela passara a maior parte de dois meses e meio nessa câmara. Nenhum item pessoal além de um cachecol pendurado nas costas de uma cadeira, nada para mostrar que alguém estava aqui. Os pertences dela

estavam guardados no armário e na cômoda, e ele examinou todos eles, calma e metodicamente. Talvez fosse um ponto de interesse particular saber que as poucas roupas íntimas dela eram mais sedosas e lacradas do que ele esperava, mas ele arquivou essa informação por enquanto, certificando-se de substituir tudo exatamente onde a encontrara.

E ainda ... nenhum dispositivo. Não estava em nenhuma das gavetas de sua cômoda, nem estava escondida embaixo do travesseiro ou mesmo debaixo do colchão, embora lhe custasse algum esforço para erguer a coisa, apenas para perceber que não havia nada por baixo dela.

Muito bem. Ele se virou em direção ao armário. A prateleira superior estava vazia, e apenas algumas peças de roupa pendiam dos cabides, embora Amaal tenha adivinhado que ela deve ter roubado alguns daqueles suéteres e camisas nas lojas de Running Springs. Por mais escasso que fosse seu guarda-roupa, ainda parecia ser muito mais extenso do que

alguém que chegaria à estação de pesquisa por apenas um fim de semana poderia precisar.

Ela tinha uma bolsa com ela quando saiu, não a mochila que usava quando o encontrou pela primeira vez naquele prado montanhoso. E havia a mochila, inclinando-se para um canto distante do armário. Mas espere ... parece que há algo *por trás* da mochila.

Amaal se agachou para olhar mais de perto, embora até esse simples movimento parecesse tão cansativo quanto correr uma milha. Ele respirou fundo e afastou a mochila, revelando uma fina caixa preta, provavelmente para um laptop. Estava vazio - ele tinha visto o laptop sentado em uma das mesas do laboratório - e, no entanto, um canto dele abaulava estranhamente.

Seu coração começou a bater um pouco mais rápido, embora ele tentasse dizer a si mesmo que a protuberância poderia ser qualquer coisa, incluindo uma unidade de carregamento sobressalente para o laptop. Com as mãos que tremiam levemente, ele puxou o estojo em sua direção e alcançou o interior.

Seus dedos se fecharam em torno de um pequeno objeto em forma de cubo.

Deus é bom, ele pensou.

O dispositivo estava sentado no meio da palma da mão, de aparência escura e inócua. Dois de seus lados estavam cobertos por uma substância vítrea; lembrando como Deirdre havia conseguido manipular o dispositivo passando os dedos por essas superfícies, Amaal tentou fazer o mesmo.

Era como se um gigante tivesse dado um soco no centro do peito. Ele soltou um suspiro e caiu em uma pilha, o dispositivo escorregando de seus dedos.

Caminho errado....

De alguma forma, ele reteve força suficiente para alcançar a coisa novamente. Dessa vez, ele moveu os dedos na direção oposta, e a pressão e a dor diminuíram imediatamente. De fato, a sensação era como beber um galão de café de uma só vez - todas as terminações nervosas queimavam. A imprecisão que invadiu sua mente durante os últimos dias

desapareceu. Ele era forte, forte e completamente ele mesmo novamente.

Ele soltou uma risada e ficou de pé. Tanto quanto ele sabia, seus poderes haviam retornado, mas havia apenas uma maneira de descobrir com certeza.

Um estalar de dedos e uma torta de carne apareceram em uma mão. Ele o mordeu, saboreando a carne temperada, os legumes e os temperos. Foi tão bom que ele convocou outro, e depois um cálice de vinho para lavá-los.

Ah, agora ele se sentia como ele de novo, a comida rica e o vinho misturados em seu interior, dando-lhe uma sensação de bem-estar que ele não experimentava há algum tempo. Provavelmente foi uma coisa boa que Deirdre não estivesse lá, porque ele a teria puxado em seus braços e a beijado com vontade, quer ela desejasse ou não.

No entanto, ele sabia que não podia deixar-se embriagar com essa liberdade, esse sentimento de alegria. Ela voltaria em breve, e nunca deve saber que

ele descobriu onde escondera o dispositivo que lhe dava controle sobre ele.

Por um momento, pensou em sugerir uma terceira torta de carne, ou talvez outro cálice de vinho, mas depois decidiu que não seria uma boa ideia. Ele não tinha certeza de como reagiria a ter tanto álcool em seu sistema quando o dispositivo fosse ligado novamente e, portanto, ele apenas piscou o copo vazio e depois se inclinou para substituir o dispositivo na bolsa de laptop de Deirdre. Mais uma vez, ele parou para pensar se deveria ligá-lo novamente, mas ele temia não ser capaz de esconder o quão bom ele realmente se sentia. É melhor ligá-lo, mas em um nível ainda mais baixo do que o que havia sido definido anteriormente.

Sim, isso funcionária. No mesmo instante, sentiu o cansaço tomar conta dele, mas era mais fácil de controlar. Desde que Deirdre não olhe muito de perto para o dispositivo, não possa dizer que suas configurações foram ligeiramente alteradas de onde estavam antes, tudo deve estar bem.



FORGOTTEN

Enquanto isso, ele precisava voltar para sua jaula
e esperar que ela voltasse.

CHRISTINE POPE

A SENSACÃO de pular pela estrada da floresta no grande caminhão Toyota Tundra de Sean era tão emocionante que Deirdre quase quis rir alto. Enquanto dirigia, reconheceu muitos pontos de referência pelos quais já passara várias vezes a pé, mas agora eles passavam rápido o suficiente, devorando o chão em minutos que levavam mais de uma hora para cobrir. Apesar das garantias de Amaal, ela não pôde deixar de olhar pelo retrovisor ou pela janela lateral para ver se algum djinn a seguia, alertada pela trilha de poeira que estava deixando para trás, mas o céu continuava limpo, assim como a estrada. na frente e atrás dela.

Mais cedo do que ela esperava, ela entrou nos arredores de Running Springs. Ela já tinha ido a uma mercearia / loja aqui, mas sempre foi forçada a deixar muito para trás, já que só podia carregar o que caberia em sua mochila. Agora ela conseguia carregar mais barras de café da manhã, aveia e creme de trigo,

leite em pó, sopa, carne seca, frango e atum enlatados e muito mais - lenços de papel e papel higiênico, saboneteira e desodorante. O que ajudaria a tornar a vida na estação de pesquisa um pouco mais confortável.

Além das compras, ela foi a uma loja de roupas ao ar livre e encontrou mais blusas, camisas e camisas para ela e Amaal, além de botas, parcas e qualquer outra coisa que parecesse remotamente útil. Uma pequena voz disse que ela provavelmente não precisava de metade dessas coisas, mas era tão bom poder pegar o que queria, não ficar constrangido pelas restrições espaciais de sua mochila.

Quando terminou, ou melhor, quando determinou que não podia realmente espremer mais nada na carroceria do caminhão, pelo menos uma hora se passou. O caminhão só tinha meio tanque de gasolina, mas Deirdre não tinha certeza de como encher toda a eletricidade. Ela pensou que tinha lido em algum lugar como mudar uma bomba de gasolina para manual, mas certamente não conseguia se

lembrar do procedimento agora. Além disso, esse tanque duraria muito tempo se tudo o que ela estivesse fazendo estivesse indo e voltando entre a estação e Running Springs. Na verdade, o gás provavelmente começaria a ficar obsoleto antes que ela acabasse com tudo, e isso nem contava o que estava no tanque do seu velho Nissan Sentra ou no antigo Subaru Outback de Leland, ou nos tanques de gasolina dos carros abandonados. Cidade.

Ela realmente não queria pensar sobre o gás ficando obsoleto. Mais uma vez, provavelmente havia uma maneira de converter um dos veículos em etanol, mas ela também não sabia como fazer isso ou produzir etanol. De fato, se ela tivesse que sentar e fazer uma lista de todas as coisas que ela não sabia como fazer, teria sido deprimente. Geralmente, ela gostava de mexer nos problemas, descobrindo como fazer as coisas funcionarem, mas agora ela estava apenas cansada.

Sobreviver ao fim do mundo pode ser extremamente cansativo.

E por baixo de tudo, ela também não queria pensar em por que estava estocando tanto ou recebendo tantas coisas para Amaal. Quanto tempo ela pensou que esse pequeno arranjo doméstico duraria? Mais cedo ou mais tarde, ela teria que deixá-lo ir e esperar que ele realmente não fosse do tipo vingativo. Não importava que o pensamento de o ter ido, de ter que morar na estação de pesquisa sozinha novamente, fez seu estômago começar a apertar.

Ela não queria ficar sozinha. Não, era mais específico que isso, se ela realmente queria ser honesta consigo mesma. Ela queria manter Amaal por perto. Tudo bem, ela o enfiara de volta na gaiola antes de partir para essa expedição em particular, mas ele não parecia muito chateado com a situação, até sorriu tristemente ao entrar.

E, para ser sincero, ele poderia ter saído várias vezes antes disso. Não era como se ela pudesse ficar acordada e vigilante o tempo todo. Se ele queria sair uma noite enquanto ela estava dormindo, tudo o que ele precisou fazer foi sair pela porta da frente, fechá-

la silenciosamente e sumir. Ela costumava dormir levemente, mas se ele fosse furtivo o suficiente, poderia ter conseguido escapar. Além disso, havia todas as vezes que ela esteve no chuveiro. Ele poderia ter ido embora também, se essa fosse sua intenção

Mas ele ainda estava na delegacia, quatro dias depois que ela o encontrou. O que isso disse a ela?

Ele também queria ficar.

Apesar de tudo, ela sorriu com o pensamento. Essa coisa toda era louca. Ela sabia disso. Se Amaal fosse um homem comum, um companheiro sobrevivente como aqueles que supostamente haviam se reunido em Los Alamos, isso teria sido uma coisa. Mas ele não estava. Seu povo havia destruído o mundo - ou pelo menos, eles haviam destruído a humanidade. O próprio planeta Terra parecia estar indo bem. O que deixou ela e Amaal onde, exatamente? Ele não fez um único avanço em sua direção, nem ela em sua direção. Verdade seja dita, ela passou a maior parte dos últimos dias se escondendo dele no laboratório, assustada com o que

qualquer outra confiança compartilhada poderia fazer com o relacionamento deles.

E ainda ... ele ainda estava lá.

Deirdre estava tão preocupada que apenas captou o borrão escuro no canto do olho no último minuto. Algum instinto a fez pisar no freio, o caminhão derrapando na superfície da tábua de lavar da estrada de terra antes que o controle de tração travasse. A poeira rodopiou pelas janelas e ela ficou sentada por um momento, os dedos cerrados no volante. Ela bateu em alguma coisa? Ela não sentiu um solavanco, mas ...

Com as mãos trêmulas, ela soltou o cinto de segurança e desceu, depois seguiu cautelosamente em direção à frente do caminhão. Ali, encostado à beira da estrada, havia um cachorro - uma maravilhosa mistura de pastor alemão / husky, se o pelo grosso do animal e as distintas marcas em forma de sela nas costas fossem alguma indicação.

Oh, Deus, ela atingiu a coitada. Mesmo de onde estava, ela podia ver como o cachorro estava

favorecendo uma das patas traseiras. Se isso a deixasse se aproximar, ela poderia levá-lo de volta à estação, usar os suprimentos de primeiros socorros lá para consertá-lo da melhor maneira possível, mas....

— Ei, querida, — disse ela em uma voz baixa e persuasiva, já que ela realmente não sabia o sexo do cachorro. — Posso dar uma olhada?

Ele ficou lá, ofegante, olhos dourados olhando para ela suplicando. Encorajada pela falta de reação do cão, ela se aproximou e então ajoelhou-se ao lado dele. O animal choramingou quando ela tocou sua perna, mas não a atingiu. Mesmo depois de viver sozinho nos últimos meses, o cão parecia saudável e bem alimentado. Era isso o que Amaal quis dizer quando disse que os djinn cuidariam dos animais?

E agora ela foi e atropelou um deles.

— Ei, querida, — ela murmurou. — Eu vou te levantar agora. Quer dar uma volta no caminhão?

Apesar de tudo, o rabo do cachorro batia contra o cascalho, pequenas nuvens de poeira subindo no ar. O espírito de Deirdre se elevou um pouco. Não, ela

nunca teve um cachorro, mas sabia que eles adoravam passear de carro.

Quando ela se inclinou para levantar o cachorro, ela percebeu que era uma fêmea. Ela também era pesada, provavelmente entre cinquenta e sessenta libras. Felizmente, ela parecia reconhecer um salvador em Deirdre, porque não lutou, deixou-se levar para o lado do passageiro do caminhão, onde Deirdre de alguma forma conseguiu colocá-la no banco.

Concluída a tarefa, Deirdre voltou à porta do motorista e entrou, depois retomou a jornada em um ritmo muito mais lento. A última coisa que ela queria era atingir outros animais vadios, e ela também não queria dar um pulo no pobre cachorro e causar-lhe mais dor.

Embora demorasse apenas dez ou quinze minutos, essa parte final da jornada foi torturante. Por fim, porém, a estação de pesquisa apareceu. Quando viu a varanda vazia, Deirdre experimentou uma pontada de decepção, pensando que Amaal

deveria estar lá para cumprimentá-la. Então a sanidade se reafirmou, e ela percebeu que é claro que ele não podia estar esperando por ela na varanda, não quando ela o trancara na gaiola antes de partir em sua expedição de forragem.

Nada por isso. Dizendo a si mesma que ele provavelmente não teria sido de muita ajuda em seu estado atual de enfraquecimento, Deirdre estacionou o caminhão o mais perto possível da entrada traseira da estação, pois era uma viagem mais curta para a área de animais ali do que teria sido se ela tivesse entrado pela frente. Então ela saiu e levantou o cachorro do banco do passageiro, e cambaleou pelos degraus dos fundos, apenas para perceber que a porta dos fundos estava trancada. Não havia como ela continuar segurando o cachorro enquanto procurava as chaves na bolsa, e então ela gentilmente pousou o animal na varanda, pegou as chaves e abriu a porta.

— Quase lá, querida, — disse ela, e mais uma vez pegou o cachorro. Por tudo isso, o animal só

choringou uma ou duas vezes, parecia pronto para esperar e teve um humano a cuidar dela.

Quando ela entrou na sala, Amaal se mexeu em sua gaiola. — Quem é aquele?

— Eu não sei, — respondeu Deirdre. Ela colocou o cachorro na mesa de metal alta que já havia sido usada para esse mesmo objetivo. — Ela atravessou a rua quando eu estava voltando e eu bati nela. Graças a Deus eu não estava indo rápido, mas uma das patas traseiras estava machucada.

— Isso é uma pena.

Deirdre refletiu que essa era uma palavra para a situação. Depois de murmurar uma tranquilidade para o cachorro, ela foi até a porta e destrancou a gaiola, depois deu um passo atrás para que Amaal pudesse sair. Ele fez isso devagar, uma mão indo para a parte inferior das costas enquanto se endireitava, como se as condições apertadas o tivessem dado uma pontada em algum lugar.

Bem, não havia muito que ela pudesse fazer sobre isso. Ela supôs que ele finalmente se soltaria agora

que não estava mais apertado naquela gaiola. Depois de se afastar dele, ela foi até o armário onde eles guardavam todos os suprimentos veterinários, feliz por ter deixado tudo no lugar, mesmo depois que o último paciente animal aqui foi libertado.

— Você sabe alguma coisa sobre curar animais?
— ela perguntou enquanto pegava o antisséptico e as bandagens. Parecia que a perna do cachorro estava machucada e desgastada, mas até onde Deirdre sabia, não estava quebrada. Pelo menos ela não teria que se preocupar em colocar uma tala na coitada.

Amaal aproximou-se da mesa onde estava o cachorro e colocou a mão na cabeça dela. No mesmo instante, ela soltou um gemido feliz e pareceu sorrir para o djinn, com a língua pendendo para fora. Deirdre assistiu, um tanto surpreso pela reação positiva do animal ao toque de Amaal. Por alguma razão, ela não tinha pensado que djinn e cães se dariam bem.

— Infelizmente, não, — disse ele em resposta à pergunta dela, seus dedos longos e fortes arranhando

atrás das orelhas do cachorro. — Nós djinn não temos nenhum curador, porque não precisamos deles, graças à maneira como curamos as feridas tão rapidamente e nunca sofremos de doenças. Tudo o que temos são *doulas*, ou parteiras, já que mesmo para mulheres djinn, o pedido de trazer uma nova vida ao mundo pode ser uma provação. No entanto, uma mulher djinn nunca precisa se preocupar com complicações do parto. Nossas mulheres se recuperam da experiência muito rapidamente e geralmente ficam de pé em menos de um dia.

Deve ser legal, pensou Deirdre, embora algo sobre ouvir Amaal falar sobre parto e gravidez em um tom tão natural a deixasse um pouco desconfortável. Uma reação estúpida, ela disse a si mesma, já que eles certamente não eram íntimos e nunca se envolveriam no tipo de atividade que poderia levar a ter filhos. Não que ela pudesse se recuperar tão rapidamente, mesmo que o fizessem. Ela era humana, afinal, e nunca seria nada diferente.

— Bem, então, — ela disse rapidamente, — eu acho que é uma coisa boa que eu tenha alguma experiência. Você pode continuar acariciando-a, e isso deve afastar a mente dela do que estou fazendo.

— Estou feliz, — respondeu Amaal, continuando a acariciar as orelhas do cachorro. — Ela é uma criatura bastante bonita. Como você acha que podemos chama-la?

Um nome para o cachorro nem sequer passou pela cabeça de Deirdre. Afinal, dar um nome a um animal significava que você os via como um animal de estimação, o que também significava que você planejava mantê-los por um tempo. Então, novamente, por que ela não deveria manter o cachorro aqui? Só uma vez Amaal partiria, e o pensamento de ter que voltar àquele tipo de solidão não era nada atraente. Um cachorro ajudaria a tornar a solidão um pouco mais suportável.

— Não tenho certeza, — disse Deirdre. Ela derramou um pouco do antisséptico em uma almofada de algodão e limpou cuidadosamente a área

desgastada na perna do cachorro. O animal estremeceu em reação, mas ela não tentou pular da mesa. — Por que você não me ajuda a nomeá-la?

Amaal pareceu satisfeito com esse pedido - seus olhos se iluminaram e ele assentiu. — E quanto a 'Sasha'? — ele perguntou, depois de parar por um momento para considerar. — Afinal, ela parece fazer parte do husky siberiano.

Isso soou como um bom nome. Se ela responderia, quando obviamente ela deveria ter um nome diferente dado por seus proprietários, Deirdre não sabia. O cachorro não estava usando coleira, então ela não tinha etiquetas para mostrar qual era seu nome verdadeiro. — Eu gosto, — disse ela, colocando um pano macio contra a perna do animal e prendendo-o no lugar com o máximo de cuidado possível.

— Você é uma boa garota, Sasha — - disse Amaal, com um tom gentil enquanto continuava a esfregar a cabeça do cachorro. Ela choramingou e

empurrou contra a mão dele, obviamente mais do que feliz com toda a atenção que estava recebendo.

— Sim ela é. — Deirdre esperava que seus primeiros socorros improvisados fizessem algum bem; obrigado Deus ela não tinha encontrado qualquer evidência de uma pausa. Tanto quanto ela podia dizer, Sasha tinha apenas machucado o osso, e desde que ela se acalmasse e ficasse fora da perna o máximo possível, ela deveria se curar e não ser pior para o desgaste. — Eu preciso derrubá-la agora.

— Você precisa de alguma ajuda?

— Não, eu estou bem. — Provavelmente teria sido menos estranho ter Amaal a ajudando, mas Deirdre não queria que ele se esforçasse. Ele estava sendo sorridente e prestativo, mas as sombras sob seus olhos permaneciam - embora ela achasse que ele parecia um pouco melhor do que quando saíra, com mais cor no rosto e mais luz nos olhos. Isso não fazia muito sentido, já que alguém poderia pensar que ficar confinado à gaiola teria tido um efeito negativo.

Ah bem. Ela não ia perder tempo tentando descobrir. Em vez disso, ela deslizou os braços sob a barriga de Sasha e, em seguida, levantou-a cuidadosamente da mesa de exame e a colocou no chão. O cachorro deu alguns passos hesitantes, claramente tentando descobrir a melhor maneira de andar com a perna ferida e enfaixada, mas então o rabo começou a abanar e ela foi até a gaiola, farejando por um momento, antes de continuar com sua inspeção da sala de espera dos animais.

— Você pode ficar de olho nela? — Deirdre perguntou. — Eu preciso trazer todas as coisas do caminhão.

Dessa vez, Amaal não se ofereceu para ajudar, possivelmente porque sabia que sua oferta só seria abatida novamente. — Claro. Vou levá-la pela estação para que ela se familiarize com tudo.

Não faz sentido protestar. Felizmente, uma vez que Sasha tivesse ido a todos os lugares e cheirado tudo, ela sentiria vontade de deitar e descansar. Por

enquanto, pelo menos Amaal a estaria observando para se certificar de que não se envolvesse demais.

Deirdre voltou para a caminhonete e pegou o máximo que podia carregar. Pelo menos, ela colocava tudo em sacolas reutilizáveis com alças resistentes e, assim, podia se mover mais de uma vez do que faria se tivesse jogado tudo ao acaso na traseira do caminhão. Ainda assim, foram necessários dez minutos para colocar todos os itens que ela havia comprado na estação e colocar mais ou menos em suas respectivas posições, embora ela tenha ido em frente e largado todos os itens de roupa em sua cama, dizendo a si mesma que ela 'd resolvê-los mais tarde.

Quando terminou, encontrou Amaal e Sasha na cozinha, o cachorro sorvendo água ruidosamente de uma tigela que Amaal pôs no chão para ela. — Eu poderia dizer que ela estava com sede, — disse ele com um sorriso.

— Tudo bem, — respondeu Deirdre. Então ela percebeu que tinha ido buscar todos esses suprimentos, mas é claro que não tinha pensado que

precisaria comprar algo para um cachorro. — Nós realmente não temos nada para alimentá-la. Acho que vou ter que voltar para Running Springs e ver o que posso encontrar.

Amaal assentiu, embora um lampejo de preocupação viesse e viesse em seus olhos azuis e azuis. — Nós dois vamos ter que entrar na gaiola?

O remorso reapareceu imediatamente e deu um tapa na cabeça de Deirdre. O que diabos ela estava pensando, afinal? Depois de quatro dias juntos, e com ampla oportunidade de sair quando ela estava ocupada, ele provou que não estava indo a lugar algum. — Não, — disse ela com firmeza. — Suponho que vocês dois possam ficar longe de problemas por meia hora ou mais.

No entanto, enquanto Amaal sorria em resposta, Deirdre não pôde deixar de se perguntar se estava cometendo um grande erro ao se permitir confiar nele.

Amaal observou o grande caminhão vermelho desaparecer em uma curva da estrada. Parado ao lado

dele na varanda da frente, Sasha soltou um gemido e olhou para ele como se perguntasse por que Deirdre estava saindo.

Ele sorriu para o cachorro, para seus grandes olhos cor de âmbar. Os olhos de um lobo, ele pensou, e o resto dela também era como um lobo, embora Sasha tivesse o padrão de sela que denotava um pouco de sangue de pastor alemão, e ela era mais corpulenta, não tão esguia quanto um lobo de verdade.

Era tentador pensar em voltar para o armário onde Deirdre havia escondido o dispositivo para poder desligá-lo novamente, mas Amaal decidiu que era melhor não se entregar dessa maneira. Por um lado, ele já havia sido consertado naquela tarde e também temia que, se continuasse voltando ao dispositivo e desligando-o, se entregaria. Além disso, ele não tinha certeza de quanto tempo Deirdre ficaria desta vez. Ela já reunira a maioria dos itens de que precisavam e só voltava para conseguir comida para o cachorro. Essa viagem seria muito mais curta.

Empurrando pensamentos do dispositivo para fora de sua cabeça, ele levou Sasha para fora para que ela pudesse farejar e fazer seus negócios, se necessário. Claramente, o assunto tinha sido mais urgente do que ele pensava, porque ela se agachou e urinou quase imediatamente - ou talvez estivesse apenas marcando seu território.

As nuvens começaram a se mover do Oeste, obscurecendo o azul claro do céu do início do dia. Amaal olhou para as nuvens, imaginando se seguravam chuva ou neve e, se o faziam, quanto tempo levaria até que a tempestade reunisse toda sua força. Elementar do fogo, ele não conseguia sentir os padrões climáticos da maneira que seus irmãos djinns que controlavam o ar eram capazes, mas não exigia muita sensibilidade sobre essas coisas para perceber que o clima agradável e ameno havia sido. desfrutar estava prestes a quebrar.

Ele esperava que isso durasse até Deirdre voltar. Uma vez que ele estivesse longe o suficiente do dispositivo, ele poderia piscar em Running Springs

para buscá-la, mas então ele teria que explicar que havia deixado a estação por preocupação com a segurança dela. Além disso, Deirdre fez parecer que ela vinha subindo aqui pelo menos no ano passado. Certamente ela deve ter lidado com uma tempestade ou duas. E aquele caminhão que ela dirigia era grande e resistente, certamente capaz de lidar com estradas lamacentas.

Sasha, depois que terminou de cheirar a terra nua e os canteiros de ervas daninhas em frente à estação de pesquisa, subiu mancando as três escadas da varanda da frente e ficou de pé junto à porta, olhando Amaal com expectativa. Pareceu-lhe óbvio o suficiente que ela já se divertira bastante ao ar livre e estava mais do que pronta para voltar para dentro, onde estava quente e aconchegante, graças ao fogão a lenha da cozinha.

— Tudo bem, tudo bem, — Amaal disse a ela, rindo um pouco. Sua espécie raramente mantinha animais de estimação, porque suas vidas curtas eram apenas um piscar de olhos em comparação com o

período de tempo que djinn passou nessa existência, mas ele teve que admitir que os cães podiam se divertir. Ele subiu as escadas para encontrá-la, depois a deixou entrar. Ela correu para a cozinha e começou a bisbilhotar, depois parou quando percebeu que tudo o que esperava por ela era a tigela de água que ele colocara mais cedo. — Sinto muito, — disse ele. — Deirdre está indo buscar comida para você. Você terá que aguardar.

Aparentemente, Sasha não estava feliz em ouvir a palavra com — a, — porque após a última advertência gentil, ela afundou no chão de vinil, com o queixo nas patas, o focinho apontando para a porta.

— Eu também sinto falta dela, — Amaal disse, e ficou vagamente surpreso ao perceber o quão verdadeiras eram essas palavras. Antes, ele se ocupara em escapar da gaiola e localizar o dispositivo, mas agora que não tinha nada melhor a fazer do que sentar e esperar, percebeu que a estação de pesquisa estava vazia sem Deirdre nela. É verdade que ela não ficaria muito tempo dessa vez, mas....

Apesar do cansaço sempre presente que era o presente contínuo do dispositivo, ele se obrigou a voltar para a frente do prédio e olhar pela janela. É claro que era muito cedo para Deirdre voltar, já que a viagem de ida e volta levaria pelo menos meia hora, mesmo que tudo o que ela fizesse fosse entrar numa loja quando estivesse em Running Springs e pegar vários sacos de comida de cachorro. Ainda assim, ele sentiu que deveria vigiar.

O céu escureceu, baixando. Amaal resistiu ao desejo de acender uma das lâmpadas, pois sabia que eles tinham que racionar seu poder. Os painéis solares que forneciam energia eram mais robustos do que ele imaginara, mas, mesmo assim, a energia que forneciam estava longe de ser ilimitada. O gás para cozinhar veio de um tanque de propano localizado a alguns metros do prédio. Mais cedo ou mais tarde, porém, acabaria, não importando o quão poupadores estivessem com seus recursos. O que então?

A coisa mais sensata a fazer seria desligar o dispositivo e ir para sua casa, que oferecia muito mais

conforto e que ele poderia manter aquecido e iluminado durante todo o inverno, não importa quanto tempo e quão frio isso possa ser. Infelizmente, convencer Deirdre de que esse era o curso de ação mais lógico seria difícil. Eles não tinham nada para amarrar os dois, na verdade, exceto essa estranha situação não muito captora e cativa.

Se ao menos houvesse alguma maneira de convencê-la, deveria haver muito mais conexão entre eles do que o encontro casual que levou ao cativeiro ali.

Ele sorriu e assentiu para si mesmo, mesmo quando um plano começou a se formar em sua mente. Eles passaram bastante tempo juntos, apesar de ela fazer o possível para evitá-lo enquanto trabalhava no laboratório. Ele percebeu o jeito que ela o observava pelo olho, e se virou abruptamente assim que ela percebeu que ele estava olhando para ela. Deirdre pode não querer reconhecer o calor acumulado entre eles, mas ele imaginou que poderia usá-lo para sua vantagem.



FORGOTTEN

E então ele veria o que estava acontecendo.

CHRISTINE POPE

O primeiro floco de neve caiu e a atingiu no nariz quando Deirdre emergiu da loja de ração, onde ela localizou uma boa e grande pilha de comida de cachorro da Science Diet. Ela não parou, mas continuou até a caminhonete e jogou os dois sacos de vinte quilos de comida seca na cama. Uma vez que ela terminou, no entanto, ela olhou para o céu e murmurou uma maldição. Ela estava tão preocupada em se concentrar na estrada para não bater em outro cachorro - ou coiole, ou vaca perdida, ou qualquer outra coisa que decidisse andar em seu caminho - que não prestara muita atenção ao clima. Já estava frio o suficiente para colocar uma jaqueta e que uma precaução fora a extensão de seus preparativos.

Bem, um floco de neve não era exatamente uma nevasca. Com a mandíbula apertada, ela subiu na cabine do caminhão e virou-a, procurando a estrada de serviço florestal que a levaria de volta à estação de

pesquisa. Afinal, não estava muito longe, apenas um pouco mais de cinco quilômetros.

Mais flocos pousaram no para-brisa do caminhão, mas derreteram quase assim que tocaram o vidro. O mesmo para os flocos de neve caindo no capô do veículo. Tudo estava bom e bom, exceto que Deirdre não pôde deixar de notar o modo como esses flocos continuavam caindo cada vez mais rápido. Ela esteve aqui no inverno antes, é claro, mas nunca quando estava realmente nevando, somente depois de veículos mais robustos o suficiente e ir e vir da estação que o caminho estava praticamente limpo.

Por outro lado, sua pequena Sentra não tinha sido esse grande caminhão com tração nas quatro rodas. Ela tinha certeza de que a Tundra poderia passar por quase um centavo. Evidentemente, sua capacidade de arar neve e lama foi prejudicada por suas habilidades de direção. Ela sempre se considerou uma motorista muito boa, mas nunca esteve ao volante de um veículo off-road como este antes. Com alguma sorte, ela retornou à estação

antes de descobrir os controles de tração nas quatro rodas.

A neve caiu mais rápido. Deirdre podia vê-lo grudando no chão, apenas um filme branco fraco agora, mas que estava destinado a ficar mais denso quando a tempestade realmente caía sobre a montanha. Ela desejou poder ligar o rádio e obter um boletim meteorológico. Infelizmente, boletins meteorológicos e previsões e garantias de que uma tempestade não seria tão ruim agora eram coisa do passado. Era o começo do ano, mas eles ainda podiam ter uma forte nevasca, que poderia ser de dois a três pés de neve. Ela simplesmente não sabia. O pensamento de toda aquela neve a assustou. Uma coisa era ver tudo branco bonito e cintilante nos cumes das montanhas, e outra coisa era pensar em quanto caía, poderia se acumular até o peitoril da janela. E ficar preso aqui sozinho ...

Mas ela não estava sozinha. Seus dedos apertaram o volante, e ela se fez desacelerar ainda

mais, embora todos os instintos lhe dissessem para dirigir mais rápido, voltar antes que o tempo piorasse.

Não, você não está sozinha, pensou enquanto ligava os limpadores de para-brisa e acionava o desembaçador. Amaal está esperando por você e Sasha. Não importa o quão ruim seja essa tempestade, você não terá que passar por isso sozinho.

Esse pensamento a tranquilizou. Ela se fez imaginar o djinn e o cachorro, os dois esperando por ela em um lugar quente e iluminado. Os três poderiam se agachar e esperar. Ela já tinha estocado suprimentos suficientes para durar pelo menos uma semana, talvez duas. Nenhuma tempestade de neve durou tanto tempo nesta parte do mundo; não era como se estivessem no Alasca, na Sibéria ou em algum lugar assim. Montanhas mais altas do sul da Califórnia tem mais neve do que a maioria das pessoas pode pensar, mas não *que* muito.

Ela sentiu os pneus do caminhão derraparem na estrada gelada e esburacada e diminuiu ainda mais a

velocidade. Era insuportável avançar cerca de 24 quilômetros por hora, mas ela não se atrevia a ir mais rápido que isso. Alguém que era experiente em dirigir nesse tipo de condição provavelmente poderia ter conseguido. Infelizmente, ela não teve esse tipo de experiência. Normalmente, a pior coisa que ela teve que lidar ao dirigir com mau tempo era todas as pessoas que de repente pareciam perder a pouca habilidade de dirigir que tinham logo que a chuva começou a cair.

Por fim, porém, ela viu uma luz quente à frente através da neve e soltou um suspiro de alívio ao reconhecer as janelas quadradas da estação de pesquisa, agora iluminadas pelas lâmpadas que Amaal devia ter acendido. Em outra ocasião, ela poderia ter lhe dado um pouco de tristeza por desperdiçar eletricidade, mas naquele momento ela só pôde agradecer por ele ter oferecido esse farol a ela, dessa maneira de guiá-la para casa.

Ela parou na frente e saiu correndo da caminhonete, tentando não escorregar na neve. Suas

botas de caminhada tinham pisadas decentes, graças a Deus, mas elas também eram de camurça e já começavam a ficar encharcadas. Enquanto ela pegava um dos sacos de comida de cachorro da carroceria do caminhão, a porta da estação de pesquisa se abriu e Amaal correu para fora. Ela quase disse para ele voltar para dentro, mas tinha a sensação de que ele a teria ignorado. Sem falar, ele pegou a segunda sacola de comida de cachorro e os dois foram para dentro de casa.

Afinal, não era tão ruim - ele só acendeu duas lâmpadas, mas elas ainda davam uma luz calorosa e acolhedora. E estava quente aqui, o ar perfumado com fumaça de lenha do fogão.

— Eu estava começando a me preocupar, — disse ele, olhando para as janelas. A neve estava caindo mais espessa do que nunca, reduzindo a visibilidade a alguns metros.

— Eu também, — ela respondeu. — Felizmente, o caminhão aguentou. Obrigado por pegar aquela outra sacola de comida de cachorro.

— Não é nada. Mas venha para a cozinha — - ele continuou. — Seus sapatos estão encharcados.

Ela não podia argumentar com isso, já que ela podia sentir o frio gelado da camurça encharcada que já passava pelas meias grossas que ela usava. Sem falar, ela o seguiu até a cozinha, onde Sasha estava sentada ao lado do fogão, abanando freneticamente, embora Deirdre adivinhasse que o entusiasmo do cachorro em vê-la se devia mais ao grande saco de comida de cachorro que ela carregava. Ela colocou-a ao lado da despensa, enquanto Amaal colocava a dele ao lado. Quando ele se endireitou, ele estava respirando pesadamente. Aquele saco de 20 libras da Science Diet deve ter parecido cem libras, graças ao dispositivo que estava funcionando nele.

Mais uma vez ela experimentou uma pontada de culpa. Seria tão horrível desligar a maldita coisa? O que quer que os outros djinn possam ter feito, Amaal certamente não mostrou sinais de ser como eles. Ele era cortês e calmo, discretamente engraçado quando ela menos esperava, mas isso tudo era um ato? Talvez

ele estivesse lhe mostrando o rosto que ela queria ver, não o que ele realmente possuía. Era tão difícil saber quando ela não tinha um quadro de referência. Ela nunca conheceu outro djinn. Ela nunca sequer pensou em djinn ... até que a voz de Miles Odekirk no rádio a informou que a raça sobrenatural era responsável pela destruição da humanidade.

Bem, ela poderia pensar nisso mais tarde. Por enquanto, ela rapidamente desamarrou as botas de caminhada e as colocou ao lado do fogão. Sasha olhou para eles com algum interesse, e Deirdre lançou lhe um olhar severo.

— Você nem pensa em mastigar isso, — disse ela. Ela tinha um par de reserva, mas as solas estavam gastas, não em boa forma, como as botas que ela havia tirado da loja ao ar livre em Running Springs. O pensamento de tentar sair com aquelas botas gastas para obter mais lenha definitivamente não era atraente.

— Ela não vai, — disse Amaal. Ele pegou uma tesoura em uma das gavetas da cozinha e agora foi

até um dos sacos de comida de cachorro para poder abri-la. — Ela terá coisas melhores para ocupar sua mente.

Certo - o cachorro prefere ter uma boa tigela de Science Diet para mastigar do que um par de botas. Deirdre foi e pegou uma tigela no armário e a colocou no chão ao lado da que estavam usando para a água de Sasha. Ela também pegou um copo medidor na mesma gaveta onde Amaal havia encontrado a tesoura e entregou a ele.

— Aqui está. Isso é muito mais fácil do que tentar tirar a quantidade certa dessa sacola pesada.

Ele pegou o copo dela, dando-lhe um sorriso agradecido ao mesmo tempo. Mais uma vez, ela experimentou a sensação de joelhos fracos que parecia dominar a qualquer momento que ele sorria para ela. Droga. Ela realmente precisava fazer algo sobre isso.

O problema era que ela não tinha ideia do que. Seu cérebro deveria estar lhe dizendo que ele era

estranho e, portanto, não deveria poder afetá-la assim, mas seu corpo parecia ter ideias diferentes.

Assim que a comida bateu na tigela, Sasha estava lá, de cabeça baixa para que ela pudesse começar a mastigar. Amaal colocou a sacola de comida de cachorro de volta na despensa, e Deirdre foi buscá-la e colocá-la dentro da despensa para poder fechar a porta e garantir que Sasha não tentasse entrar na sacola aberta. Ela parecia um cachorro muito bem-comportado, mas teria que exercitar muito autocontrole para não se servir de um lanche da meia-noite quando pensasse que ninguém estava olhando.

— Bem, o cachorro está resolvido, — comentou Deirdre. — Acho melhor descobrir o que podemos ter para o nosso próprio jantar. — O olhar dela foi para o relógio pendurado na parede; não eram exatamente seis horas, mas quando ela montou algo, eles estavam sentados para comer no que ela considerava uma hora mais razoável.

— Sim, provavelmente é uma boa ideia.

O tom de Amaal era tão neutro que ela não sabia ao certo o que fazer. Ele provavelmente começou a se cansar das refeições sem graça que ela estava preparando para os dois, mas havia um limite para o que você poderia fazer com enlatados e macarrão seco. A geladeira aqui funcionou, é claro, graças aos painéis solares da estação, e isso só ajudou até agora, já que a energia estava em Running Springs há alguns meses e, por isso, qualquer coisa congelada ou refrigerada havia muito tempo estragada.

Segurando um suspiro, ela entrou na despensa e olhou para alguns dos novos itens que havia trazido de volta - mais potes de molho de espaguete, vegetais enlatados, uma variedade de massas, alguns salame seco e calabresa que não precisavam ser servidos. ser refrigerado. Ela chegou a tomar leite evaporado também, pensando que talvez pudesse montar algum tipo de molho branco com queijo parmesão ralado, mas nada disso parecia terrivelmente atraente.

A voz do djinn veio até ela por cima do ombro. — Temo que nada disso mude para o que você realmente

gostaria, não importa quanto tempo você olhe para ele.

Deirdre quase deu uma resposta aguda, mas ela percebeu que não havia sentido em amaldiçoar Amaal quando ela estava pensando praticamente a mesma coisa. — Eu sei. E também sei que devo agradecer pelo que temos aqui.

— Existe uma alternativa, você sabe.

Ela se afastou das prateleiras da despensa e lançou um olhar cético a Amaal. Ele estava a apenas um pé de distância, braços cruzados, uma expressão levemente divertida em seus belos traços. — E o que poderia ser isso?

— Desligue o dispositivo, e eu posso convocar qualquer refeição que você queira.

Mais uma vez uma réplica saltou para seus lábios ... e mais uma vez ela se impediu de dar voz a ela. Afinal, ela não estava apenas pensando em desligar o dispositivo? Claramente, se Amaal quis sair antes, agora o faria. E, no entanto ... ela poderia se permitir confiar nele? Talvez ele estivesse apenas esperando

por sua oportunidade, esperando quando ela estaria vulnerável e ele estivesse de posse de toda sua força novamente.

Era tão difícil ter certeza, e, no entanto, Deirdre percebeu que teria que tomar uma decisão de uma maneira ou de outra. Amaal tinha suportado extraordinariamente bem, mas ter aquele dispositivo moendo nele dia e noite tinham que estar desgastando-o. E ele não havia feito ou dito nada ameaçador, geralmente tentara ser útil. Ainda assim, ela poderia confiar nele? Ela deveria?

Ela não podia ter certeza. O que ela sabia era que naquele momento parecia que ela mataria por algo que não era enlatado ou seco de alguma forma, alguma comida de *verdade*. As coisas pelas quais ela estava subsistindo a mantiveram viva, mas isso era tudo o que ela podia dizer sobre isso.

— Tudo bem, — disse ela finalmente. — Mas você tem que esperar aqui enquanto eu desligo.

— É claro, — ele disse educadamente. — Eu não pensaria em segui-lo até o lugar onde você o escondeu.

Ele se encostou no balcão, como se quisesse indicar que planejava ficar neste local, e Deirdre tomou isso como um sinal para sair. Ela acenou com a cabeça sem entusiasmo, depois seguiu pelo corredor até o quarto, onde afastou a mochila e tirou o dispositivo da maleta do laptop. Enquanto deslizava o dedo sobre a tela sensível ao toque para desligar o pequeno gadget, ela esperava que não estivesse cometendo o pior erro de sua vida.

Amaal sentiu isso no segundo em que desligou o aparelho, força e energia fluindo em todos os membros dele, seu corpo inteiro impregnado de uma sensação de bem-estar. Até aquele momento, ele não tinha muita certeza se ela continuaria com isso, se decidira no último momento que não podia correr esse risco com ele.

Mas, aparentemente, uma vez que ela decidiu seguir um curso de ação, ela se manteve firme e desligou a máquina perniciososa. Ele ouviu os passos dela descendo o corredor, e um momento depois ela apareceu na entrada da cozinha, sua expressão toda desconfiada, como se esperasse que ele se transformasse em algum tipo de criatura monstruosa e a atacasse imediatamente.

Bem, para ser justo, ele gostaria de atacar, embora não da maneira que ela provavelmente temia. Agora que sua força e energia foram restauradas, ele a queria mais do que nunca. Seu cabelo estava desarrumado por ser soprado pelo vento, mas suas bochechas eram rosadas e seus lábios rosados, convidativos. Ela realmente era a criatura mais requintada que ele já tinha visto.

Primeiras coisas primeiro, no entanto. Ela dera um enorme salto de fé desligando o aparelho, e ele teria que provar a ela que sua confiança nele não era extraviada.

— Melhor? — ela perguntou. Seu tom era casual, mas ele podia ver a tensão em seu corpo esbelto. Ela ainda não tinha muita certeza dele.

Ele teria que consertar isso.

— Muito melhor, — ele respondeu. — Agora que posso lhe dar o que quiser, o que você quer para o jantar?

Ela apertou os lábios por um momento, umedecendo-os. — Qualquer coisa?

— Qualquer coisa.

Respire fundo e então ela respondeu: — Cacciatore de frango. Pão de alho fresco. Uma salada com molho de azeite e vinagre, tomate e azeitona e muçarela ralada.

— Isso é muito específico , — disse ele, fazendo o possível para conter uma risada.

Ela sorriu então, a luz enchendo aqueles brilhantes olhos verdes azuis. — Isto é. É uma salada que eu costumava comer no meu restaurante italiano favorito. Eu juro, tive sonhos sobre isso. E o seu

cacciatore de frango também era o meu favorito. Então acho que só quero comida italiana de conforto.

— Está bem. Eu posso fazer isso sem problemas.

— Na verdade, tudo parecia muito bom para ele; fazia um tempo desde que ele provou o cacciatore de frango. — E um bom Montepulciano para acompanhá-lo.

Seu nariz não enrugou com precisão, mas Amaal percebeu que Deirdre não estava precisamente encantado com essa sugestão. — Eu não gosto muito de vinho, — disse ela.

— Talvez porque você nunca teve a chance de saboreá-lo, — disse ele. — A comida certa com o vinho certo é a perfeição. Eu apreciaria muito se você me permitisse isso.

— Bem.... — A sílaba sumiu e ela olhou para a janela. A essa altura, já havia caído um crepúsculo roxo-azulado, embora Amaal ainda pudesse ver os flocos de neve girando em torno do edifício. — Não é como se eu tivesse que dirigir para qualquer lugar, suponho.

— Verdade. — Ele não se incomodou em acrescentar que, agora ele tinha plena posse de seus poderes novamente, não havia necessidade de eles dirigirem a lugar nenhum. Deirdre ainda estava nervosa, preocupada por ter tomado a decisão errada ao desligar o dispositivo. Ele precisava provar a ela que sua confiança nele não havia sido extraviada.

— Existe algo que eu precise fazer para ajudar?
— ela perguntou, e ele balançou a cabeça.

— Nada mesmo. Talvez se você tiver algo um pouco melhor para jantar?.

Ela olhou para si mesma, para o jeans desbotado e o suéter folgado. — Bem, tenho certeza de que não levei nenhum vestido de noite, mas verei o que posso fazer.

— Excelente.

Com uma expressão levemente confusa, ela saiu e voltou pelo corredor, provavelmente para ir para o quarto. Ele poderia ter conjurado um vestido de noite para ela, é claro, mas duvidava que ela o tivesse usado. Por um momento, pensou em trocar a roupa

humana emprestada que usava para seus roupões de djinn infinitamente mais confortáveis e depois descartou a ideia. Mais uma vez, ele não queria fazer parecer que essa refeição era algo particularmente especial. Além disso, ele notou no primeiro encontro - apesar do desconforto - que Deirdre estava um pouco desanimado com o traje tradicional do homem djinn. Ele supôs que isso revelava muito de seu corpo e, embora pensasse pouco em ser exposto dessa maneira, sabia que isso a deixava desconfortável.

No entanto, ela trocou o suéter desbotado que usava por um fino suéter de lã merino preta, e o jeans com suas bainhas irregulares por um par mais novo e mais apresentável. Uma vez satisfeito com sua aparência, chegou a hora de voltar sua atenção para as acomodações para refeições. Antes daquela noite, eles tomavam as refeições na mesa de mão e cadeiras incompatíveis na pequena área de jantar da estação de pesquisa, perto da cozinha, mas Amaal não achou esse espaço adequado para o jantar da noite.

Franzindo a testa levemente, saiu para a sala da frente do edifício, que já servira como área de escritório e recepção combinada. Ele mal viu Deirdre usá-lo - por que ela deveria, quando passava a maior parte do tempo no laboratório? - e, assim, ele esperava que ela não se importasse se ele a modificasse para atender às necessidades atuais. É claro que a coisa mais prática a fazer seria levar os dois para a casa dele, mas ele duvidava que ela concordasse com tal acordo. Melhor redecorar aqui e ver o que aconteceu. Afinal, ele sempre poderia mudar de volta se o companheiro não estivesse satisfeito com as alterações que fizera.

Um aceno de uma mão e as mesas e cadeiras de metal desapareceram, junto com as cortinas de plástico gastas nas janelas. Agora a sala, que media a largura do edifício, estava dividida em duas seções distintas, com uma mesa redonda e um par de cadeiras de um lado e vários divãs baixos do outro. Uma noite de inverno como essa exigia uma lareira, e assim ele criou uma na parede mais próxima do

conjunto de divãs, um fogo já crepitando na lareira de mármore. Cortinas de veludo em relevo emolduravam as janelas e velas tremeluziam em quase todas as superfícies.

Sim, isso foi muito melhor.

Outro aceno de mão e um pano de seda bordado cobriram a mesa. Pratos estampados em tons quentes de tijolo e bordô estavam em cima desse pano, e copos de vinho iridescentes, frágeis como bolhas de sabão, se juntaram a eles. Tudo o que restava era a comida, mas Amaal pensou que era melhor esperar para evocá-la até Deirdre reaparecer. Ele poderia manter a refeição quente por um tempo, mas ele queria que ela o visse trazê-la à existência diante de seus olhos.

— Oh meu Deus.

Amaal virou-se para vê-la parada na porta que dava para o antigo escritório. Sem vestido de noite, é claro, mas ela tinha trocado por um suéter mais agradável, um em um tom azul esverdeado profundo que destacava as tonalidades de aquarela de seus olhos, e seu cabelo estava penteado. Aqueles lábios

deliciosos brilhavam com um brilho suave. Sasha estava ao seu lado, ofegando um pouco. Sem dúvida, o cão estava desfrutando do calor adicional proporcionado pelo fogo na lareira.

— Você gosta disso? — ele perguntou.

Ela entrou na sala e olhou em volta, olhos arregalados de admiração. — Você fez tudo isso?

— Sim. Gosto de apreciar meu entorno junto com minha refeição, e a câmara onde jantamos parecia um tanto inadequada. Espero que não se importe de ter tomado algumas liberdades.

— 'Liberdades'? — ela repetiu e balançou a cabeça. — Isso é ... eu nem posso dizer. — Uma mudança, e ela encarou a lareira, ainda com aquela expressão incrédula em seus traços delicados. — E você fez uma lareira ir para lá, assim?

— Assim mesmo, sim. — Ele estendeu a mão em direção à mesa no lado oposto da sala. — Mas se você se sentasse agora?

Um aceno ausente, e ela se moveu em direção à mesa, então ficou hesitante quando ele puxou uma

cadeira para ela. Era um costume humano, não um djinn, mas mesmo que Deirdre não o estivesse esperando, ele achou uma boa ideia mostrar a ela essa pequena cortesia.

Ela pegou o guardanapo de pano de onde estava embaixo dos garfos e colocou-o no colo. Amaal sentou-se e fez a mesma coisa, depois perguntou: — Um pouco de vinho?

Seu olhar confuso se moveu sobre a mesa, que estava vazia, exceto pelos pratos, talheres e copos. — Hum ... claro.

Ele pensou que o vinho era um belo Montepulciano de dez anos da Toscana. Ele apareceu em sua mão, cortiça já removida, e ele derramou uma boa medida nos dois copos.

Pela expressão desconfiada que ela usava, ele percebeu que ela ainda estava hesitante sobre o vinho. Isso era simplesmente porque ela não bebia vinho no tempo anterior, ou ela temia como poderia reagir em torno dele quando o álcool começasse a entrar em vigor?

Talvez um pouco dos dois. Amaal sabia que ele nunca a forçaria, nunca a faria fazer algo que ela não desejava, mas se o vinho diminuísse algumas de suas inibições, tanto melhor.

Ele levantou o copo. — Para enfrentar a tempestade.

A torrada parecia neutra o suficiente para não lhe causar mais preocupação. Ela também levantou o copo e o tilintou contra o dele. — Para enfrentar a tempestade.

Ambos bebericavam. Sua expressão se tornou quase ferozmente branda, como se ela não quisesse que ele adivinhasse o que pensava do vinho. Bem, certamente não havia muita coisa em que pudesse encontrar falhas, pois estava cheio e rico sem ser tânico, e lembrou-o dos tempos em que havia visitado a Toscana, andado por aquelas estradas sob a luz do sol, com as vinhas. estendendo-se por toda parte nas encostas ao seu redor, rico, dourado e cheio de vida. Era uma boa lembrança ter uma noite como esta, com

a neve caindo lá fora e o vento tremendo nos cantos do prédio.

— Você parece muito longe, — observou Deirdre.

Amaal voltou para si mesmo ... e para a mulher que estava sentada à sua frente. Por que diabos ele se perderia em devaneios aos feriados da Toscana, quando agora tinha tanta beleza aqui? Talvez fosse apenas o fato de ele saber que provavelmente nunca seria capaz de voltar aos lugares que havia visitado quando só era permitido aos djinn virem a este mundo por um curto período de tempo. Agora que eles se estabeleceram aqui, eles deveriam permanecer nas terras que receberam, exceto nas ocasiões em que os negócios poderiam chamá-los para outro lugar.

— Eu estava pensando na Toscana, — disse ele, e repentino interesse iluminou seu rosto.

— Você esteve lá?

— Aí sim. Nós djinn éramos grandes viajantes do mundo, uma vez. Suponho que estava apenas lembrando o tipo de terra onde esse vinho foi cultivado.

Ele parecia melancólico. — Eu nunca fui para a Europa ... ou para qualquer lugar, na verdade, exceto algumas viagens de um dia à Califórnia. Não tínhamos dinheiro para esse tipo de coisa.

Amaal desejou poder levá-la para a Toscana e beijá-la sob uma árvore de uva. Como essa imagem agradável provavelmente nunca se tornaria realidade, ele só conseguiu erguer os ombros e dizer: — Isso é lamentável. Existem muitos lugares bonitos neste mundo. Mas então, — ele se apressou em acrescentar, — muitos deles estão aqui na Califórnia, então não é como se você fosse privado de todas as belezas do mundo.

— Eu suponho que sim. — Ela levantou o copo de vinho e tomou outro gole, depois olhou para a mesa e levantou uma sobrancelha para ele. — Você só vai me dar vinho, ou o jantar será em algum momento?

Claro. Ele estava tão distraído por ela que quase se esqueceu. — O jantar está servido, senhora, — disse ele, e acenou com a mão. No mesmo instante, o jantar que ela pedira estava à frente deles, uma

porção de cacciatore de tamanho perfeito em cada um dos pratos, uma cesta cheia de pão de alho ao lado e uma tigela de salada também. Os ouvidos de Sasha se ergueram imediatamente e ela se sentou junto à mesa, bem ao alcance do braço, se algum pedaço da mesa aparecer.

Deirdre olhou para a comida, os olhos ainda mais arregalados do que estavam quando viu as alterações dele no quarto. — Isso cheira celestial.

— Tenho certeza de que o sabor é divino também. Vá em frente - com todo o trabalho que você fez hoje, você merece uma boa refeição.

Deirdre pegou o garfo e deu algumas mordidas arrebatadoras, depois parou. — Não havia muito sentido, havia?

Amaal parou com um pedaço de frango espetado no garfo. — Para quê?

— Com todo esse trabalho que fiz, quando você pode simplesmente acenar com a mão e fazer com que tudo o que você deseja apareça.

— Ah bem. — Ele largou o garfo e continuou: — Na época, você não tinha planos de me libertar. Você estava fazendo o que achou que precisava ser feito.

— Talvez. — Seus ombros se ergueram e ela deu uma mordida no cacciatore, depois em outro. — E talvez eu estivesse louca por desligar o dispositivo.

— Não, você certamente não estava. — Ele pegou a cesta de alho e colocou um pedaço no prato antes de oferecer a ela. Ela selecionou uma peça também, e ele colocou a cesta de volta em seu lugar original. — Se eu fosse outra pessoa - meu falecido irmão, por exemplo -, talvez tal ação tivesse sido desaconselhada. Mas garanto-lhe que sou completamente inofensivo.

— Eu não sei sobre a parte 'completamente', — respondeu Deirdre, seu tom claramente cético. — Afinal, você é um djinn.

— Todos os djinn não são criados iguais, — ele respondeu imperturbável.

— Eles não são?

— Claro que não. — Amaal derramou mais um pouco de vinho em seu copo, depois o cobriu também. — Somos todos indivíduos, assim como vocês mortais.

— Eram, — disse ela, seu tom plano.

Ele não se franziu a testa. A última coisa que ele queria era que a conversa se transformasse em uma discussão sobre o Heat e o que o djinn havia feito aos poucos sobreviventes da humanidade restantes. — Ainda existem alguns de vocês, — disse ele, e prosseguiram antes que ela tivesse chance de responder. — Não éramos tão numerosos, mas todos tínhamos nossas diferenças. E embora muitos possam ter feito coisas que não aprovo, há outros djinns como eu que prefeririam um resultado diferente. Não quero lhe fazer mal, Deirdre. Certamente você deve entender isso agora.

Um aceno de cabeça, mas seus olhos não encontraram os dele. Ela quebrou um pedaço de pão de alho e comeu devagar, seus pensamentos

obviamente em tumulto. — Eu não te culparia se você o fizesse. Afinal, eu te coloquei em uma gaiola.

Imediatamente ele estendeu a mão e colocou a mão no braço dela. Ela se assustou, mas ele notou que ela também não tentou se afastar. — E eu não posso te culpar por isso. Você não sabia com quem - ou com o que - estava lidando. Foi uma precaução óbvia, uma que tenho certeza de que teria tomado se estivesse na sua posição. Então, por favor, não pense que eu seguro isso contra você.

Mais uma vez ela ficou quieta por um momento. Então ela disse, um sorriso triste tocando seus lábios: — Você está sendo muito gentil comigo, Amaal.

— Estou? — Ele sorriu para ela também. — Bem, suponho que é porque você é fácil de ser legal. Eu gosto da sua companhia.

— Mesmo que eu não tenha lhe dado muito dele.

— Você estava trabalhando.

Outro silêncio. Ela serviu salada e colocou no prato. — Fingir trabalhar, mais parecido com isso. — Ela olhou para cima e desta vez seus olhos

encontraram os dele. Amaal pensou ter visto um pequeno tremor percorrer seu corpo esbelto, embora não pudesse dizer com precisão o que causara essa reação. Suponho que foi porque não sabia o que fazer ao seu redor. Como se comportar. — Você é ... você é um djinn. Acho que nem sabia o que era um djinn até alguns meses atrás.

Ele assentiu com simpatia. — Compreendo. Ou, pelo menos, entendo por que você precisaria de tempo para analisar o que estava pensando ou sentindo. Meu povo existe desde antes da humanidade, e você sempre fez parte de nossa existência, mas durante a maior parte da humanidade, éramos apenas um mito ou lenda, mesmo que muito. Suponho que teria me sentido o mesmo se de repente tivesse um dragão vivendo sob meu teto.

Sua boca se curvou em um pequeno sorriso. — Você está dizendo que dragões não existem? Depois de Djinn, pensei que tudo era possível.

— Não, não há. E nem as fadas, nem as sereias, nem nenhuma das outras fantasias que a mente dos

homens conjurou ao longo dos séculos. Há homem, e há djinn, e isso é tudo.

Deirdre comeu algumas mordidas de salada. Quando terminou, ela disse: — Acho que de uma maneira que é um alívio. Eu não acho que eu poderia lidar com muitas outras criaturas míticas que se tornaram reais.

— Não tenho dúvidas de que você lidaria com eles com a mesma graça que demonstrou em todas as outras situações, — disse Amaal, com tom calmo.

— Você não precisa me lisonjear — - respondeu Deirdre, uma leve carranca tocando suas sobrancelhas delicadamente arqueadas. — Eu já desliguei o dispositivo, lembre-se.

Ela achava que ele lhe elogiava apenas porque queria algo dela? Bem, talvez essa crença não estivesse completamente incorreta. Ele queria alguma coisa.

Ele a queria.

— É lisonjeiro dizer a verdade? — ele perguntou.
— Pois é tudo o que estou fazendo.

Ela não parecia totalmente convencida, mas pelo menos não parecia inclinada a oferecer mais argumentos. Em vez disso, ela encolheu os ombros, pegou sua taça de vinho e bebeu e depois voltou para o cacciatore de frango negligenciado. Vendo que ela queria ficar quieta por um momento, Amaal também voltou sua atenção para a comida em seu prato.

Depois de alguns instantes - durante os quais Amaal notou o modo como o novo companheiro canino observava cada mordida que ia dos pratos à boca - Deirdre pousou o garfo e pegou o copo de vinho. Depois de tomar alguns goles, ela disse: — Acho que estou apenas tentando descobrir você.

— O que há para descobrir?

Ela lançou um olhar de soslaio, completo com as sobancelhas levantadas. — Ah, vamos lá, Amaal. Trouxe você aqui e o coloquei em uma gaiola, mantive um dispositivo funcionando que consumia sua energia e bloqueava seus poderes. E agora você está sentada aqui e jantando comigo como se nada disso importasse.

— Não, — disse ele. Essa resposta só lhe rendeu outro olhar duvidoso, e ele continuou: — O que eu quero dizer é que tudo que você fez, você fez para se proteger. Você me temia. Isso é totalmente compreensível. Além disso, não é como se você tivesse me causado algum dano duradouro, nenhuma mágoa, exceto algum desconforto temporário. Ao contrário do meu irmão, não sou de guardar rancor. Estou sentado aqui e jantando com você porque gosto de você, Deirdre, e gosto da sua companhia.

Ela olhou para ele, aparentemente sem palavras. Seus dedos brincavam com a haste do cálice de vinho e ela levou o copo à boca para poder beber novamente. Por fim, ela disse: — Não tenho certeza de como responder a isso.

— Bem, eu espero que você responda dizendo que gostou da minha companhia também, — ele disse a ela. — Ou não é esse o caso?

Obviamente perturbada, ela respondeu. — Não. Quero dizer, sim, acho que me acostumei a ter você por perto.

O colo dela havia subido e ele notou como a respiração dela também acelerara. Tanto quanto ele era capaz de dizer, ele estava tendo mais efeito sobre ela do que alguém com quem ela estava simplesmente — acostumada.

Boa.

Mas suas próximas ações o surpreenderam. Em vez de permanecer sentada, ela se levantou da cadeira, arrancando o guardanapo do colo enquanto fazia isso. — Eu acho que estou ficando cheia. Faz um longo dia e o vinho está me deixando com sono.

— Muito bem. — Se era assim que ela queria jogar -

Ele também se levantou e deu a volta na mesa, para que estivessem a apenas um pé de distância. Os olhos dela brilharam em alarme, mas ele notou como ela não tentou se afastar.

— É um pouco cedo para ir para a cama, — disse ele, enfatizando levemente a palavra — cama.

— Eu sei, mas -

Sua boca parecia muito cheia, muito atraente. Ele se inclinou e pressionou os lábios nos dela, deleitando-se com a suavidade deles, provando a riqueza do vinho em sua pele. Por um segundo, sua boca se abriu para ele, e seu corpo leve foi pressionado contra o dele ...

... e então ela se afastou, tremendo visivelmente.

— Eu não posso fazer isso , — ela sussurrou. —
Eu não posso.

E ela se foi fugindo dele pelo corredor até a segurança de seu quarto. Amaal observou-a ir e soltar um pequeno suspiro, enquanto Sasha olhava para ele e choramingava baixinho, seu rabo batendo suavemente no chão.

— Eu sei, — ele disse. — Eu devo dar a ela algum tempo.

Mas não por muito tempo, espero.

DEIRDRE ENCOSTOU-SE à porta do quarto, o corpo tremendo de reação. Se fechou os olhos, ainda podia sentir os lábios de Amaal tocando os dela, o calor da respiração dele contra sua boca ... a maneira como seu corpo inundou com o calor repentino. Por um segundo insano, ela o desejou, o desejou tanto que pensou em arrastá-lo para um dos sofás que ele conjurou do outro lado da sala, para que pudessem continuar o que ele havia começado.

O que era simplesmente louco. Ele era um djinn. Um *djinn*.

Oh Deus.

Ela ficou ali, com o peso contra a porta, e se perguntou o que faria se ela ouvisse os passos dele descendo o corredor, o ouvisse chocalhar a maçaneta da porta. Se ele tentasse entrar, ela sabia que não havia como detê-lo. Ela desligou o dispositivo, o que significava que ele tinha todos os seus poderes à sua disposição.

Ele poderia fazer o que quisesse, e não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso. Mesmo que ela tentasse pegar o dispositivo e ligá-lo novamente, ela imaginou que ele a impediria antes que ela pudesse pôr as mãos nele.

Mas, enquanto esperava na porta, mal ousando respirar, percebeu que não conseguia ouvir nada, exceto o suspiro suave do vento ao redor dos beirais do edifício. Sem passos. Nenhum som dele vindo atrás dela.

O que significava ... o que? Que ele entendeu que ela ainda não conseguia processar o beijo deles, que precisava de algum tempo para descobrir o que fazer a seguir?

Ou ele estava simplesmente sentado e terminando o resto da refeição, já que imaginou que poderia entrar no quarto dela quando quisesse?

Deirdre não tinha pensado nisso. Uma porta fechada não significava nada para ele, ou trancada, embora as únicas portas da estação que tivessem fechaduras reais fossem as que estavam na frente e

atrás, e a entrada da sala de animais. Também não adianta empurrar a cadeira para baixo da maçaneta; um djinn poderia quebrar a peça de mobiliário frágil como um palito de dente.

Tudo certo.

Como não havia muito mais que ela pudesse fazer, ele foi e se sentou na cama dela. Parecia tranquilizadoramente sólido embaixo dela. Ela precisava disso naquele momento, já que o resto de seu mundo parecia ter sido inclinado para o lado.

Como ela poderia deixá-lo beijá-la?

Não, arranhe isso. Não havia um monte de permissão envolvida. Ele aproveitou o momento, isso foi tudo. É verdade que ela desfrutara do beijo durante aqueles primeiros segundos, antes de seu córtex entrar em ação e lembrá-la de algo que seu cérebro-lagarto parecia ter esquecido, que a pessoa que a beijava não era um homem, mas um Djinn, alguém de uma espécie completamente diferente. Ele pode não parecer, mas ele era tão alienígena como se tivesse vindo de outro planeta.

Por fim, houve uma batida suave na porta dela.
— Deirdre? Você está bem?

Pensou em não responder, mas ela decidiu que não era uma ideia muito boa. — Estou bem, — disse ela.

— Se eu te ofendi, peço desculpas. É possível que eu tenha interpretado mal você. Quando você olhou para mim, pensei.... — As palavras sumiram e foram seguidas por uma longa pausa. Então ele disse: — Mas parece que eu estava errado.

Ah, sim, ele estava muito errado. Ou melhor, ela não queria reconhecer que ele poderia estar certo, que ele poderia ter visto algo em sua expressão que lhe dizia que ela o queria. Porque ela mentiria para si mesma se tentasse dizer que não o achava atraente, que não havia algo sobre a companhia dele que ela considerasse atraente, mesmo quando fazia o possível para ficar fora de sua órbita.

Antes que ela percebesse o que estava fazendo, ela já estava fora da cama e na porta. No entanto, ela

não pretendia abri-lo. Isso definitivamente daria a impressão errada.

— Está tudo bem, — disse ela, depois parou. Tudo bem? Provavelmente não, mas esse era o tipo de frase inútil que ela costumava empregar em situações estranhas, quando não sabia mais o que dizer. — Quero dizer, me desculpe se eu estava lhe dando sinais confusos. Não era minha intenção. Mas....

— Mas...? — ele solicitou.

Não tendo certeza de como responder, ela fez o seu melhor, tropeçando e tropeçando nas palavras. — Mas acho que não entendo. Você é Djinn. Eu sou humano. Isso não é normal. Ou é? Você nunca disse nada sobre djinn e humanos.... — Mais uma vez, suas palavras sumiram e ela desejou não parecer tão incoerente.

No entanto, Amaal parecia entender o que ela estava tentando dizer. — É um tópico ... delicado, que eu preferiria não discutir através de uma porta fechada.

Seu argumento foi claro o suficiente. Ele diria a ela o que ela queria saber, mas apenas se ela permitisse que ele o fizesse cara a cara. Deirdre engoliu em seco e lembrou a si mesma que, para o bem ou para o mal, ela e Amaal estavam presos aqui até a tempestade se dissipar. Ou talvez não - ela supôs que ele poderia desaparecer para onde quisesse, não importa como estava o tempo. No entanto, não parecia que ele tivesse a intenção de sair tão cedo.

Ela colocou a mão na maçaneta da porta e a girou antes que pudesse perder a coragem. Amaal estava lá, mas não tão perto que ela corria o risco de tropeçar nele. — Tudo bem, — disse ela. — Porque eu quero ouvir o que você tem a dizer.

Um aceno de cabeça, e ele estendeu a mão pelo corredor, indicando claramente que queria que ela voltasse para a sala de estar que ele havia criado. Bem, ela não discutia com ele sobre isso, porque pelo menos estava quente e aconchegante lá.

Sem falar, ele andou na direção que havia indicado e sentou-se no pequeno sofá mais próximo da lareira. Ela notou que a mesa de jantar havia sido limpa e que todas as sobras da refeição haviam desaparecido. Ele os apagou da existência da mesma maneira que os criou, ou fez algo infinitamente mais prosaico como guardá-los na geladeira?

Para seu alívio, Amaal estava sentado no outro sofá, a uma distância respeitável. Deirdre não tinha certeza do que ela teria feito se ele tentasse se aproximar dela.

— Mais uma vez, desculpe-me por ter interpretado mal seus sentimentos, — disse ele. — Essa não era minha intenção. Quanto ao resto.... — Ele parou ali, expressão preocupada e atenta, como se a estivesse observando e analisando o que queria dizer. — Ao longo da história, houve relatos de djinn estar com humanos. Na maioria das vezes, os humanos não sabiam com quem estavam sendo íntimos, apenas pensavam que a pessoa que dividia a cama era outro mortal como eles.

— Os djinn mentiram? — Deirdre perguntou, seu tom é mais nítido do que ela pretendia. Não que Amaal tivesse se deturpado de tal maneira para ela, já que ela sabia o que ele era quase desde o primeiro momento em que se conheceram, mas ...

— Pecados de omissão, principalmente, — respondeu ele. — Não pretendia ferir seus amantes mortais, mas protegê-los das repercussões de estar com alguém que não era do seu tipo. Mas beijar você - certamente não é sem precedentes. Afinal, nossos dois povos não são muito diferentes.

— Para olhar, — disse Deirdre, sabendo o quão tímida ela parecia. A explicação de Amaal não tinha sido tão reconfortante, exceto para que ela soubesse que não era tão estranho para ele tê-la beijado. Ela não tinha tanta certeza disso. Pareceu-lhe bastante estranho. Ela acrescentou: — Por dentro, em nosso DNA ... somos diferentes.

— Não é diferente o suficiente para mudar as coisas, — disse Amaal. — E se eu lhe dissesse que humanos e djinn se cruzaram, que havia pessoas em

seu mundo que misturaram sangue? Não são muitos, pois nós, djinn, geralmente tentamos evitar ter essa prole, mas eles existem. Ou pelo menos, eles fizeram ao mesmo tempo. Não tenho ideia se alguém com sangue misto sobreviveu ao calor.

Isso era algo que ela nunca esperava ouvir. Tudo bem, humanos e djinn pareciam quase idênticos, morfologicamente falando, mas era difícil acreditar que o DNA sobrenatural dos djinns seria compatível com o dos seres humanos. E, no entanto, aqui estava Amaal dizendo calmamente que essas crianças eram um fato da vida.

Isso aconteceria se ela o deixasse beijá-la novamente, levá-la para ser dele? Ela teria uma dessas crias de sangue misto, ou as probabilidades estavam contra essa gravidez, mesmo que algo assim tivesse acontecido antes?

Não que este fosse um mundo para trazer crianças. Pelo que ela sabia, os djinn que haviam procurado ativamente qualquer sobrevivente

imunológico considerariam uma criança tão mista como uma abominação e também a perseguiriam.

— Não tenho certeza do que você quer que eu faça com essa informação.

A cabeça de Amaal inclinou-se ligeiramente para o lado quando ele pareceu considerar as palavras dela. — 'Quer'? — ele repetiu. — Não tenho certeza se é uma questão de 'querer' que você faça alguma coisa. Você disse que queria ouvir a verdade, e estou fazendo o possível para fornecer as informações solicitadas. — Uma pausa e depois acrescentou. — Suponho que uma parte de mim espera que você entenda um pouco melhor agora, que veja que não há nada tão terrivelmente estranho na minha atração por você. Porque eu sou atraído. Quando a vi pela primeira vez, por mais drenado que eu fosse, achei que você era uma das mulheres mais bonitas que já vi.

A cor inundou suas bochechas, mas Deirdre fez-se dizer levemente: — Eu disse anteriormente que você não precisava me lisonjear.

— Eu não estou lisonjeando você. Estou te contando a verdade.

Lá ele foi novamente. E ele parecia tão sério, sentado ali em seu suéter escuro e justo e jeans. À luz quente e bruxuleante das chamas, seus surpreendentes olhos azuis pareciam quase verdes. Ela odiava admitir, mas gostava de olhar para ele.

E ela gostou da maneira como ele a disse que era bonita, mesmo que não acreditasse completamente nessas palavras. Bonito o suficiente para atrair a atenção masculina, com certeza. Ela não era cega ou teimosa o suficiente para argumentar que não havia notado como os olhares dos homens tendiam a deslizar em sua direção quando ela caminhava. Mas isso não foi exatamente o mesmo que saber que você era a mulher mais bonita que um homem já viu, especialmente quando o homem em questão era djinn e viu mulheres djinn, que Deirdre supôs que deviam ser tão fisicamente perfeitas quanto os homens.

Aparentemente, ele tomou o silêncio dela por aceitação tácita de suas palavras, porque se levantou

de onde estava sentado e foi até ela, afundando no sofá ao lado dela. A mão dele procurou a dela, e ela não tentou tirá-la. Seus dedos estavam quentes, ao contrário dos tempos anteriores em que ela o tocara, quando os efeitos do dispositivo haviam deixado sua pele fria e um pouco úmida.

— Você pode me dizer para parar, — ele murmurou, inclinou-se e beijou-a novamente.

Oh, ele era bom. Quantos séculos de prática ele deve ter tido? Mas Deirdre percebeu que não queria pensar nisso, só queria se concentrar na sensação de sua boca forte pressionada contra a dela, na maneira como seus cabelos compridos roçavam sua bochecha. Ele tinha um gosto tão bom ... e também cheirava bem, algo sutil e quente, como um bosque.

Ela abriu a boca na dele, permitindo que o beijo se aprofundasse, enquanto todo o seu corpo parecia ficar cada vez mais vivo, doendo por ele, doendo mais por ele do que apenas lábios presos com lábios. E, no entanto, ela também sabia que não deveria se deixar levar por isso completamente ... ainda não, de

qualquer maneira. Ela ainda precisava de tempo antes de dar o próximo passo.

Algum tempo depois, ela se afastou alguns centímetros dele. Amaal a observou com cuidado, mesmo quando ele levantou uma mão para afastar uma mecha de cabelo rebelde do rosto dela. — Você não está fugindo, — disse ele calmamente.

— Não. — Ela respirou fundo e acrescentou. — Mas um beijo é o máximo que posso lhe dar agora. Espero que entenda.

— Claro. — Para seu alívio, ele sorriu para ela. — Você não acha que eu sei que você está esperando? Entendo que este foi um passo e tanto para você dar. Eu posso ser paciente.

A gratidão correu através dela, misturada com algo que ela não tinha certeza de estar pronta para reconhecer. Ternura ... desejo ... possivelmente algo muito mais profundo que isso. Mas ela poderia dar um tempo. Era tudo o que ela precisava. Um pouco de tempo para entender o que ela sentia por ele, esse homem que não era realmente um homem.

— Obrigado, Amaal. — Ela se inclinou para frente para poder beijá-lo, mas gentilmente na bochecha. Outro beijo como o que eles acabaram de compartilhar seria um pouco perigoso. — E acho que realmente vou dormir agora. — Ela não acrescentou, *sozinha*, mas ele parecia entender.

— Claro. Todos nós devemos descansar um pouco. Vou deixar Sasha sair antes de ir me deitar e ela pode precisar ir fazer suas necessidades.

Esse lembrete prosaico fez Deirdre procurar o cachorro que ela resgatara mais cedo naquele dia. Sim, havia Sasha, enrolada de um lado, fora do caminho, mas ainda perto o suficiente para desfrutar do calor que emanava da lareira.

— Parece uma boa ideia. — Deirdre levantou-se do sofá, disse: — Boa noite, — foi pelo corredor em direção ao quarto e fechou a porta atrás de si.

Se ela realmente seria capaz de dormir ... bem, essa era uma pergunta muito boa.

Amaal estava deitado em sua cama estreita e um pouco desconfortável e olhou para o teto. Ele supôs que poderia ter pestanejado em casa para poder dormir na cama king-size muito mais luxuosa no quarto principal lá, ou possivelmente ter convocado uma cama maior para seu uso aqui, mas isso parecia muito trapça. A próxima vez que ele dormiu em uma cama decente, ele queria que fosse com Deirdre ao seu lado.

Ela estava a apenas alguns metros de distância, no lado oposto do corredor, mas essa curta distância poderia muito bem ter sido 160 quilômetros. Os irmãos que eles tinham compartilhado apenas inflamaram ainda mais seu desejo por ela, e ele sabia que devia cumprir seus desejos e esperar até que ela estivesse pronta. A julgar pelo calor atrás de seu abraço, Amaal achou que não demoraria muito. No entanto, algumas horas pareciam dolorosas para ele agora.

Com um pequeno grunhido, ele rolou para o lado, enchendo o travesseiro de espuma bem usado da

melhor maneira possível para conseguir um apoio adequado. Ao pé da cama, Sasha se mexeu também, empurrando os pés contra a almofada gorda que ele conjurou para ela dormir.

Deirdre estava tão inquieto quanto ele? Difícil dizer, pois ela fechou a porta a maior parte do caminho, deixando-a aberta o suficiente para Sasha passar, se assim o desejasse, e ele não foi capaz de detectar sinais de movimento por dentro. E ele não se levantou para ouvir - ou ela estava dormindo ou não, mas ele não faria nada que parecesse estar afetando sua privacidade, por mais difícil que lhe parecesse.

Ele ficou lá e pensou nos humanos e nos djinn, e como seus destinos se entrelaçaram por milênios. Nada do que dissera a Deirdre era mentira, embora tivesse deixado de lado um fato muito importante. Ela ainda não sabia que djinn e humanos viviam juntos até agora em comunidades dos elementais e seus Escolhidos. Precisamente por que ele se absteve de contar a ela sobre os humanos sobreviventes, ele não tinha muita certeza, exceto que, embora ele gostasse

da companhia dela e mal podia esperar para saborear toda a doçura de seu corpo, ele não tinha nenhuma intenção de fazê-la sua Escolhida. . H e nunca se permitiu ser amarrado a uma mulher djinn, e não tinha vontade de fazê-lo com um mortal, não importa o quão atraentes que ela poderia ser.

O vento soprava lá fora. Ele olhou pela janela antes de se retirar para a noite e viu que a neve já estava quase a trinta centímetros de altura. Não é grande coisa, pois o tempo não poderia afetar tanto um djinn. No entanto, se empilhava muito mais, o caminhão grande que Deirdre estava usando precisaria de algumas escavações antes que pudesse ser conduzido. Então, novamente, que necessidade eles tinham para dirigir? Livre do jugo daquele dispositivo miserável, ele poderia viajar para qualquer lugar que quisesse e trazer Deirdre - e até Sasha - com ele.

Talvez esse fosse o ângulo que ele deveria assumir. Ele havia feito o possível para tornar este lugar mais habitável, mas ainda assim era um

substituto ruim para sua casa grande e confortável. Melhor convencer Deirdre de que todos eles seriam mais seguros lá se o tempo piorasse bastante. Embora a estação de pesquisa tenha sido claramente atualizada de alguma forma, seus ossos ainda eram os de uma estrutura construída no início do século anterior. Eles estariam muito melhor em sua casa nova e maior.

Tudo isso parecia perfeitamente razoável para ele. Infelizmente, Deirdre frequentemente conseguiu argumentar contra suas propostas, argumentos que às vezes tinha dificuldade em combater. Mesmo que ela desejasse trabalhar com animais, ele se perguntou se ela poderia não ter se saído melhor como advogada.

Tudo isso estava no passado, no entanto. Não importa o que seus sonhos e ambições possam ter voltado antes que o mundo mudasse para sempre, ela teve que se adaptar para viver neste mundo agora. E ele esperava que ela aprendesse a viver com ele ... mesmo que por pouco tempo.

Bacon. Definitivamente era bacon. Deirdre sentou na cama e cheirou o ar, com água na boca com o milagre de um aroma tentador que ela pensou que nunca mais sentiria o cheiro.

Bem, naquele primeiro dia, Amaal a seduziu com uma oferta de bacon, se ela apenas desligasse o dispositivo. Aparentemente, ele estava agora cumprindo essa oferta.

Ela empurrou as roupas de cama para o lado e vestiu a calça Uggs, depois vestiu um moletom por cima da camiseta e das calças de ioga em que estava dormindo. Quando saiu do quarto e começou a andar pelo corredor em direção à cozinha, ela se perguntou se ela até precisava daquele moletom. Estava visivelmente mais quente aqui do que no dia anterior. Amaal havia jogado parte de sua energia djinn para tornar a estação de pesquisa um pouco mais confortável? Definitivamente, era assim.

Quando ela entrou na cozinha, ela o encontrou colocando uma grande quantidade de ovos mexidos na mesinha na alcova ao lado onde eles haviam

comido a maioria das refeições. Um prato de bacon crocante já estava ali, junto com uma pilha de torradas, e uma caneca de café esperava ao lado de cada lugar.

— Bom dia, — ele disse.

— Bom dia, — ela respondeu. Na noite anterior, ela se preocupou que eles pudessem ficar estranhos um com o outro, graças aos beijos que haviam compartilhado. No entanto, Amaal parecia relaxado e natural o suficiente, e ela decidiu ser da mesma maneira. Afinal, foram apenas alguns beijos. Não era como se eles tivessem ...

Ela deixou seus pensamentos terminarem ali. Já podia sentir-se começando a corar. Maldita pele irlandesa que mostrava tudo.

— Eu nunca pensei que tomaria um café da manhã como esse novamente, — disse ela enquanto se sentava às pressas.

— Estou feliz por poder fornecer isso para você.
— Ele sentou-se também e, assim que colocou o guardanapo no colo, Sasha se aproximou um pouco

mais, sem dúvida para estar ao seu alcance se houvesse pedaços de bacon que fossem mais adequados para cães do que humanos ... ou djinn.

Deirdre queria rir da manobra óbvia do animal. Não muito bacon, mas certamente um pouco não poderia machucar. Ela se perguntou se os proprietários anteriores de Sasha haviam lhe dado restos de mesa ou se eles haviam sido rigorosos com sua dieta. Bem, novo mundo, novas regras. O cachorro parecia tão esperançoso que Deirdre não pôde deixar de quebrar um pequeno pedaço de bacon antes mesmo de comer. Ela entregou a Sasha, que a tomou com cuidado delicado, mostrando grande tolerância, considerando o tratamento que estava sendo oferecido.

— Parece que ela já treinou você — - observou Amaal com um sorriso ao pegar sua caneca de café.

— Oh, bem, ela provavelmente também estava querendo, — respondeu Deirdre. — Eu não vou dar muito mais a ela. O sódio não é bom para cães.

Ele absorveu essa informação sem comentar, bebendo novamente seu café quente. Então ele disse: — Ainda está nevando.

— Está? — Ela percebeu que nem sequer afastou as persianas do quarto para poder dar uma olhada lá fora. A neve tendia a pegá-la de surpresa nas poucas vezes em que caíra quando ela estava aqui em cima; estava tão quieto, caindo sem o ruído barulhento da chuva, que quase sempre anunciava sua chegada.

— Olhe para fora.

Levando a caneca de café com ela, Deirdre levantou-se da mesa e deu uma espiada lá fora. O que ela viu quase a deixou sem fôlego. A paisagem havia se tornado branca, suas feições individuais embotadas e quase obscurecidas por uma manta de neve que tinha quase dois pés de profundidade. Sim, às vezes eles têm tempestades como estas aqui em cima, mas geralmente em janeiro e fevereiro, não uma semana escassa em dezembro.

Era lindo ..., mas também a assustava. Ela sabia que não iria a lugar algum nisso, nem mesmo na Toyota Tundra que se tornara dela por padrão. Levaria a dela apenas para desenterrar os pneus.

E não limpa a neve, certificando-se de que as estradas foram limpas, ninguém se aproximando para salgar o asfalto. Nada, nenhuma ajuda. Só ela, sozinha aqui na montanha com um djinn e um cachorro.

O calafrio que a dominava tinha muito pouco a ver com a corrente de ar que passava pela janela mal pendurada. Ela se afastou da vista sombria do lado de fora e foi sentar-se à mesa da cozinha mais uma vez.

— Não precisa se preocupar, — disse Amaal, sua voz suave, tranquilizadora. Claramente, ele deve ter visto um pouco do medo em seu rosto. — Eu posso manter nosso poder funcionando. Os canos não congelam, e posso conseguir tudo o que for necessário para tornar a nossa estadia aqui confortável. Mas....

— Ele parou ali, pegando um pedaço de bacon

enquanto Sasha assistia a cada movimento com grande interesse.

— Mas o que? — Deirdre perguntou, aquele frio voltando para ela, embora a cozinha estivesse quase desconfortavelmente quente.

— Mas acho que ficaríamos mais à vontade ainda em minha casa. É muito maior que esta estação de pesquisa e muito melhor apontada. Ela tem quatro quartos, então você terá seu próprio quarto, e também há um espaço no porão que você pode usar no seu laboratório. Eu poderia trazer qualquer equipamento que você possa precisar.

Tudo isso parecia razoável e muito atraente. A estação de pesquisa era pequena o suficiente para não ser tão fácil evitar tropeçar uma na outra, e estar em um espaço maior provavelmente resolveria esse problema. No entanto, se ela fosse com Amaal à casa dele, não estaria se colocando efetivamente à mercê dele? Aqui, ela poderia fingir que tinha alguma medida de autonomia, mas para ir à sua base, por assim dizer, ele teria todo o poder. E se todo esse

charme fosse apenas um ato, e ele se voltou contra ela quando soube que a tinha à sua mercê?

— Eu não sei, — ela disse, fazendo o possível para manter o tom leve. A última coisa que ela queria era que ele notasse alguma de suas dúvidas. — Isso parece muito trabalho para você.

Ele riu. — Deirdre, há muito pouco que é 'muito trabalho' para um djinn. Tudo poderia ser gerenciado em um piscar de olhos ... ou quase isso.

Tanta coisa para esse argumento. Ela brincou com o garfo e depois comeu um bocado de ovos, mais para ter tempo para pensar do que por qualquer outro motivo. Tudo bem, é melhor olhar isso logicamente. Eles provavelmente se sairiam melhor em um lugar maior. Não havia nenhuma razão real para ela ficar na estação de pesquisa. Não era como se alguém aparecesse para aliviá-la de seus deveres imaginados aqui. Ela ficou no começo porque pensou que alguém poderia vir eventualmente, e depois porque estava com muito medo de sair. Agora ela sabia que essas duas desculpas não faziam muito sentido.

Ainda assim, mesmo que ele a tivesse oferecido um quarto, não estava propondo que eles pulassem na cama juntos, Deirdre sabia que ela estava sendo ingênua se tentasse dizer a si mesma que sexo não era seu objetivo final aqui. Ela teve que entrar nisso com a cabeça limpa.

Mais uma vez, a lembrança de seus lábios pressionados contra os dela subiu em sua mente, e seu corpo inteiro ficou vermelho ao recordar aquele momento. Não importa o que ela tentasse dizer a si mesma, sabia que respondia a ele de uma maneira que nunca havia experimentado com outra pessoa. Ela tinha que saber que poderia brincar de tímida agora, mas seu corpo estava dizendo a si mesma algo completamente diferente.

Ela poderia viver com isso?

Ela olhou do outro lado da mesa para Amaal. Ele parecia ter a intenção de espalhar geleia de ameixa na torrada, e não prestar atenção especial a ela, mas ela sabia melhor. Seu silêncio atual significava apenas que ele estava esperando a resposta dela. Por um

momento, tudo o que ela fez foi estudar o rosto dele, os olhos azuis e azuis quase obscurecidos pelo movimento escuro de seus cílios, as maçãs do rosto proeminentes e o queixo firme e a boca sensual. Seu cabelo era mais longo que o de qualquer homem com quem ela já estivera caindo contra o colarinho da camiseta emprestada que ele usava.

Ele era perfeito. Cada centímetro dele ... aqueles que ela viu e aqueles que ela imaginou que veria em um futuro próximo.

Outro daqueles estremecimentos passou por ela. Desejo. Quer. Necessidade. Quanto tempo ela iria fingir que não existia? Talvez estivesse errado, mas ela não sabia se poderia continuar lutando contra sua atração por ele.

Ela respirou fundo e disse: — Tudo bem, Amaal. Nós podemos ir para sua casa.

Amaal abençoou a neve, agradecendo por ajudar a conduzir a decisão de Deirdre. Ele ainda notou alguma cautela nela, alguma apreensão por concordar com sua sugestão, mas ela não tentou desistir de seu compromisso de ir à casa dele. Ela só disse que precisava tomar banho e se vestir, depois arrumar algumas coisas, mas eles poderiam ir mais tarde esta manhã.

Não é um momento muito cedo, em sua própria opinião. Enquanto ela se preparava, ele usou seu poder sobre o fogo para explodir uma área clara logo após a varanda da estação de pesquisa, para que Sasha pudesse sair para se aliviar. Visivelmente abafado pela visão de todo aquele terreno livre de neve, o cachorro correu, farejando, até que finalmente tomou conta de seus negócios e voltou para dentro, rastreando lama por todo o caminho. Um aceno de sua mão limpou a bagunça; Amaal tinha a sensação de que Deirdre iria querer deixar o local que fora sua

casa nos últimos meses da melhor forma possível. Ele também limpou a cozinha e arrumou o quarto onde estava dormindo.

Ela entrou na sala da frente, uma grande bolsa estilo mochila em uma mão, sua mochila e bolsa para laptop na outra. Amaal tentou não dar atenção especial ao gabinete do laptop; a última coisa que ele queria era que Deirdre descobrisse que havia descoberto onde ela havia escondido o dispositivo.

— Pronta? — ele perguntou, sua voz neutra.

O olhar dela se voltou para as mãos vazias. — Você não está trazendo nada com você?

— Não há necessidade. Tudo o que eu estava usando aqui só foi emprestado. Todos os meus pertences estão em minha casa.

Um aceno de cabeça. Então ela perguntou: — Como isso funciona? Você acabou de estalar os dedos e vamos embora?.

— Não exatamente. Vou precisar te abraçar.

Ela não parecia muito emocionada com essa revelação, mas também não argumentou. Depois de

dar alguns passos na direção dele, no entanto, ela parou e disse: — E o cachorro?

— Você precisará segurar o cachorro. Me dê suas malas, para que seus braços estejam livres para carregá-la.

Essa sugestão foi recebida com uma recepção ainda mais duvidosa. Uma sobrancelha subiu e ela olhou para Sasha, que sorriu para ela, abanando a cauda. Então Deirdre deu um pequeno suspiro e entregou as malas que ela carregava. Amaal pendurou a mochila e a mochila por cima do ombro e apertou a maleta do laptop com a mão esquerda.

— Venha, — disse ele, tentando não parecer ansioso demais para abraçá-la ... embora, claro, ele estivesse.

Deirdre se aproximou, seu corpo flexível pressionado quase diretamente contra o dele. Oh, Deus, como ele queria beijá-la.

Tempo suficiente para isso depois. Por enquanto, ele inclinou a cabeça na direção dela, e ela se curvou e pegou Sasha nos braços, cambaleando um pouco,

já que o cachorro era muito grande e pesado para alguém tão esbelto quanto Deirdre. Ela se levantou e ele colocou o braço direito em volta da cintura dela, segurando-a perto.

Um piscar de olhos, e a estação de pesquisa se foi substituída pela muito mais elegante sala de estar da casa que agora era dele. A paisagem de inverno dominava a paisagem, graças às janelas do chão ao teto que enchiam uma parede, enquanto um fogo estalava e dançava na lareira de pedra empilhada do outro lado do espaço. Aqui, estava quente e aconchegante, o ar com um leve perfume de canela, graças às pinhas especialmente tratadas que repousavam em uma cesta ao lado da lareira.

Deirdre mudou seu peso, obviamente se preparando para reduzir seu fardo, e Amaal a soltou, por mais repugnante que ele fosse deixá-la ir. Então ela colocou Sasha no chão de madeira, e o cachorro se afastou feliz, claramente concentrado em cheirar cada centímetro quadrado de seu novo ambiente.

Enquanto se endireitava, Deirdre olhou em volta para a sala com admiração nos olhos.

— Não é à toa que você queria vir aqui, — disse ela. — Eu realmente não posso te culpar.

— Isso nos dá um pouco mais de espaço para nos espalharmos, — ele respondeu, tomando o cuidado de manter o tom leve. Ele não queria que ela pensasse que os trouxe aqui por qualquer motivo que não fosse um lugar mais confortável para morar e trabalhar.

— Isso é certo. — Outro olhar ao redor, e então ela se tornou rápida, profissional. — Onde está a cozinha? Provavelmente devemos tirar as tigelas de Sasha para que ela se familiarize com a localização delas.

— Claro. Deste lado.

Ainda carregando as malas dela, ele levou Deirdre para um pequeno corredor que os levava para a sala de jantar e para a cozinha. Uma vez lá, ele colocou as malas na ilha e acenou com a mão. Imediatamente, um par de tigelas brilhantes de aço inoxidável

apareceu no chão, uma cheia de água fresca e outra com comida de cachorro seca.

Eles deixaram Sasha bisbilhotando na sala de estar, mas assim que aquelas tigelas bateram no chão de azulejos, ela estava lá, correndo para beber um pouco de água e começar a mastigar a comida do cachorro.

— Parece que ela descobriu, — disse Deirdre com um sorriso irônico.

Amaal ficou feliz ao ver que ela se permitira relaxar um pouco. Durante aquele breve período em que ele a segurou enquanto eles transportavam para cá, ele podia sentir a tensão em seu corpo, do jeito que ela mal se permitia respirar enquanto ela estava em seus braços. Seu nervosismo tinha sido meramente por causa da proximidade deles, ou ela já havia começado a adivinhar sua decisão de vir aqui? — Aparentemente, — ele disse. — Enquanto ela estiver ocupada, deixe-me mostrar seu quarto.

O sorriso de Deirdre desapareceu um pouco quando ela assentiu. — OK.

Ele juntou suas malas novamente e a levou para fora da cozinha e de volta para a grande sala, que englobava as áreas de estar e de jantar. De lá, eles subiram as escadas para o segundo andar. O quarto principal ficava no final do corredor do andar de cima, com os outros quartos e um banheiro adicional ao longo do corredor. Amaal levou Deirdre para o primeiro quarto à esquerda, porque era o maior. Tinha lareira própria, cama queen-size e closet, com o edredom na cama em tons suaves e terrosos de marrom e creme e uma cor esverdeada da cerceta.

— Isso é definitivamente muito melhor do que a estação de pesquisa, — comentou Deirdre, olhando ao redor.

— Estou feliz que você pensa assim. — Ele colocou as malas no banco ao pé da cama. — O banheiro fica do outro lado do corredor, mas você pode se instalar lá mais tarde. Vou lhe mostrar o espaço do porão que você pode usar em um laboratório - se é algo que você gostaria de fazer.

— Claro, — disse ela, embora não parecesse muito entusiasmada. — Vamos dar uma olhada.

Eles desceram as escadas e depois desceram outro lance de escadas que levavam ao nível mais baixo da lavanderia da casa. Quando Amaal entrou na casa pela primeira vez, o porão estava relativamente inacabado, exceto por mim, meio de armazenamento de vinho embaixo da escada. Possivelmente, o proprietário anterior pretendia torná-lo uma sala de zaragata ou uma — caverna do homem, — mas ficara sem fundos ou tempo. Como Amaal não tinha certeza do que ele queria fazer com isso, ele também decidiu arrumar a parte da adega do porão com finas estantes de carvalho e vários refrigeradores de vinho para os itens mais delicados de sua coleção, depois colocou pisos de madeira por toda parte. As paredes estavam agora em um tom quente de terracota, mas por outro lado o local estava vazio.

— Entende? — ele disse, varrendo o braço para indicar o espaço enorme. — Há muito espaço para

colocar qualquer equipamento que você queira aqui. Mais microscópios, eu suponho, e uma geladeira para amostras. Você pode solicitar o que quiser - admito que não conheço muito a tecnologia humana, mas farei o possível para conseguir o que você precisa.

— Eu ... Deirdre parou por um momento, como se procurasse a melhor resposta. — Eu não tenho certeza do que eu precisaria. Realmente, eu estava principalmente fazendo trabalho para mim na estação de pesquisa. Suponho que poderia pedir um microscópio eletrônico, uma centrífuga e uma autoclave, mas o problema é que, na verdade, não sei como usar essas coisas - não de uma maneira que seja significativa. Eu sou apenas uma pessoa que finge ser cientista. —

Amaal queria sorrir para o óbvio desconforto dela, mas ele também não queria ofendê-la. — Sim, você já me disse isso antes. — Ele se inclinou e a beijou na bochecha, ficou satisfeito ao ver que ela não tentou se afastar. — Você não precisa colocar nada aqui, se não quiser. Há muitas coisas que você pode fazer para

ocupar seu tempo - fabricação de cerâmica, tecelagem ou vitrais. Tudo o que você precisa fazer é pedir os suprimentos, depois de saber o que quer.

Mesmo na fraca iluminação no porão, ele podia ver como as bochechas dela coraram. Porque ele a beijou? — Isso é muito generoso.

Ah, Deirdre, é muito fácil para um djinn ser generoso. Mas você deve sempre se perguntar o que ele quer em troca.

Amaal não pronunciou essas palavras em voz alta, no entanto, porque ele não queria deixá-la ainda mais desequilibrada. Ele sabia que ela tinha lutado com sua decisão de vir aqui, estava agora claramente inquieta. Por causa disso, ele apenas deu de ombros e disse: — Quero que você se sinta confortável aqui. Por enquanto, acho que é melhor subirmos e ver o que Sasha está fazendo. Ela parece um cachorro bem-comportado, mas

— Você não a quer furiosa pela casa. Eu compreendo totalmente.

Eles voltaram para a cozinha e não encontraram sinal do cachorro. No entanto, ela estava deitada de lado em frente à lareira, com os olhos semicerrados, claramente em êxtase graças ao calor que irradiava da lareira.

— Bem, isso responde a essa pergunta, — disse Deirdre. O olhar dela mudou-se para a janela de janelas altas na parede oposta, onde a neve ainda parecia incessantemente do lado de fora. — Isso nunca vai parar?

— Não posso prever o tempo, — respondeu ele. — Esse é um talento dos elementais do ar, e meu elemento é o fogo. Mas acredito que seria incomum que essa tempestade durasse mais do que outro dia. Mesmo que isso aconteça, estamos seguros aqui. Você não tem nada com o que se preocupar.

— Eu sei, — disse ela apressadamente, embora algo em seu tom fizesse Amaal pensar que não tinha tanta certeza das palavras confortantes dele como queria que ele pensasse.

— Por que você não vai em frente e se instala? — ele sugeriu. — Eu vou ficar aqui com Sasha e assistir a tempestade.

Esse plano pareceu fazê-la relaxar um pouco. Sem dúvida, ela estava preocupada com ele estar por perto enquanto desabotoava suas coisas ... especialmente aquela pequena caixa preta discreta agora escondida em sua maleta de laptop.

— Tudo certo. Não deve demorar muito.

Ela subiu as escadas, enquanto Amaal foi até um dos sofás e se sentou. A neve parecia estar caindo mais espessa do que nunca, o que lhe convinha muito bem. Ele pensou em ficar dentro de casa por dias a fio, apenas ele e Deirdre, e um sorriso tocou seus lábios.

Como algo poderia ser melhor que isso?

Este quarto parecia algo saído de uma estação de esqui de alto nível, com cama de dossel e arte cuidadosamente coordenada nas paredes. Mas aquele tinha sido o lar de alguém.

Bem, a casa de férias de alguém. Deirdre levava uma vida bastante protegida, e ela certamente não conhecia alguém que pudesse manter uma casa de um milhão de dólares apenas para esquiar nela por algumas semanas durante o ano, mas pelo menos ela entendera que esses tipos de pessoas existiram. E ela conseguiu a vibração deste lugar que o proprietário pagara a um designer para mobiliar toda a casa em peças que coordenavam de sala em sala e davam uma sensação unificada ao espaço. Certamente nenhuma pessoa normal que ela conhecesse morava em uma casa onde tudo parecia pensado, até as molduras e os pequenos toques decorativos rústicos como a cesta cheia de orbes de galhos tecidos que se sentavam em uma mesa a um lado. Um espelho pendia sobre a mesa, dando-lhe um vislumbre fugaz de seu rosto pálido e tenso antes de se virar.

Ela fechou a porta, mesmo sabendo que Amaal poderia aparecer aqui a qualquer momento, se ele gostasse. Ele não iria, no entanto. Ele já havia conseguido o que queria convencendo-a a ir à casa, e

a última coisa que ele fez foi pôr em risco a situação invadindo onde não havia sido convidado.

O closet era ridiculamente grande comparado à pouca quantidade de roupa que ela tinha que guardar ali. De certa forma, ela sentia falta do pequeno armário apertado na estação de pesquisa, porque pelo menos havia sido fácil esconder as coisas empurrando-as para o canto mais distante. Quando ela colocou a maleta do laptop no chão, parecia muito visível.

Tudo bem, é hora de outra solução. Ela puxou o dispositivo do bolso lateral da caixa onde o escondera e o colocou em cima das gavetas internas que ocupavam uma seção do armário. Rapidamente, tirou todas as roupas íntimas e colocou em uma das gavetas, depois escondeu o dispositivo na xícara de um de seus sutiãs. Certamente Amaal não iria bisbilhotar sua calcinha, mesmo que ele achasse que seria uma boa ideia descobrir onde ela havia escondido o pequeno aparato.

Não, de repente a gaveta de roupas íntimas parecia óbvia demais. Ela franziu a testa e olhou de volta para o quarto. O dispositivo era grande o suficiente para que ela não achasse que caberia realmente debaixo do colchão. Além disso, ela não tinha certeza de que queria sujeitar esse tipo de abuso. Ter um colchão queen-size e ela em cima dele pode ser demais para o epóxi que ela usara para colar os vários lados para formar o cubo.

Então seu olhar viajou para a cesta na cômoda e sua decoração rústica de bolas feitas de galhos. Se ela removeu alguns deles e colocou o dispositivo na parte inferior -

Ela caminhou até a cômoda, pegou a maioria dos orbes pequenos e colocou o aparelho na cesta. Então ela juntou todas as bolas que havia removido e as colocou de volta, cuidando para garantir que os contornos da caixa preta no fundo fossem completamente obscurecidos. Duas das bolas não cabiam agora que a caixinha preta estava no fundo da

cesta, então ela as levou para a cômoda embutida no armário e as escondeu em uma das gavetas de lá.

Depois de voltar alguns passos e encarar a cesta com um olhar crítico, ela pensou que seu subterfúgio deveria funcionar. Mesmo que ela estivesse se esforçando para vê-lo, ela realmente não podia ver o dispositivo. Ela duvidava Amaal jamais iria procurá-lo lá, desde que ele esperaria que ela esconder a caixa preta em algum lugar menos óbvio.

Isso a lembrou de uma história que lera uma vez na escola, sobre esconder algo à vista de todos. Era uma história de Edgar Allan Poe? Talvez, apesar de não se lembrar do título ou de muitos detalhes. Não que isso realmente importasse, ela supôs.

Mas ela passou bastante tempo aqui em cima. Ela pegou sua pequena bolsa com zíper de produtos de higiene pessoal e a levou para o banheiro do outro lado do corredor, apesar de não se dar ao trabalho de fazer muito com a bolsa, exceto deslizá-la na gaveta superior da vaidade. Como ela só tinha um pequeno frasco de hidratante, um desodorante, um tubo de

rímel e um pouco de brilho labial, junto com a escova e a pasta de dente, não era como se ela precisasse de muito tempo para desfazer as malas no final de o dia.

Um dia. Um dia inteiro dela estando aqui com Amaal, sem laboratório para onde se retirar, nenhuma maneira real de evitá-lo.

Ela ainda queria evitá-lo?

Não, na verdade não. Droga.

Ela fez uma pausa para reaplicar um pouco de brilho labial, apenas porque percebeu que era estúpido continuar protestando interiormente que não se importava com o que Amaal pensava quando ela sabia que realmente se importava. Por que se preocupar em continuar fingindo? Por mais que ela quisesse negar a realidade para si mesma, ela achava que tinha uma boa ideia de onde tudo isso iria acabar.

Quando desceu, não viu sinal de Amaal ou Sasha, embora o fogo ainda estivesse crepitando alegremente na lareira. Mas então ela ouviu vozes surgindo de outro espaço logo após a sala de estar e percebeu que essas vozes deviam estar vindo de uma televisão.

Com certeza, havia uma espécie de sala de família / TV logo após a grande sala com suas áreas de estar e de jantar. Amaal sentou-se no sectional em uma extremidade da sala, com os pés em cima da mesa de café, assistindo a um programa de culinária. Deirdre nunca seguiu nenhum desses tipos de programas, pois nem ela nem a mãe tiveram tempo de cozinhar remotamente qualquer coisa gourmet, mas pelo menos era uma mulher de aparência agradável, realizando hospedagens e não alguns dos idiotas que ela falou. d visto ao inverter canais.

Inverter canais. Ela piscou para a TV e depois olhou para Amaal. Como ele poderia estar assistindo o que era claramente um programa de culinária a cabo? O proprietário da propriedade havia gravado DVR ou algo assim? Essa parecia a explicação mais razoável, mas...

— Pensei em fazer uma pesquisa, — disse Amaal, aparentemente apenas notando sua chegada. — Deveríamos ter algo interessante para o jantar, sim?

— Eu - suponho que sim. — Ela foi mais longe e olhou para a televisão novamente. — Isso foi em um DVR ou algo assim?

— Não, — respondeu Amaal. — Pensei no tipo de coisa que queria assistir, e apenas apareceu. Todos esses shows foram digitalizados, portanto ainda existem como energia em algum lugar. Não foi tão difícil conseguir o que eu precisava.

Essa explicação apenas fez a cabeça de Deirdre querer girar muito mais. Tudo bem, ela entendeu que os programas transmitidos por cabo ou diretamente para dispositivos como Apple TV ou Roku eram, de alguma forma, apenas elétrons, quando você acertou, mas ainda assim, para Amaal simplesmente arrancar o que ele queria do éter assim foi um pouco desconcertante.

Por outro lado, essa pode ser uma ótima chance de ver todos os filmes que ela deixou de assistir porque realmente não podia se dar ao luxo de ir ... ou finalmente conseguir assistir a *Game of Thrones*.

— Isso é, hum ... interessante.

— Você está surpresa que eu possa fazer uma coisa dessas.

— Tipo de coisa? Quero dizer, sim, não é algo que eu imaginaria que um djinn pudesse fazer. Mas acho que não há muito limite, não é?.

— Não, realmente não. — Ele deu um tapinha no corte. — Venha, sente-se.

Ela se sentou ao lado dele e, sentindo-se levemente ousada, colocou os pés na mesa de café também, embora tenha feito uma pausa para tirar os sapatos primeiro para não danificar a superfície de madeira da mesa. Parecia aconchegante aqui - a sala tinha uma lareira própria, muito menor que a da sala de estar, mas Amaal tinha outro fogo aceso, e parecia quente, protegido e íntimo.

Talvez ela realmente não quisesse pensar em — íntimo — agora. Pigarreando, ela perguntou. — Então, o que há para o jantar?

— Você parece gostar de macarrão - e bacon - então estou assistindo a um show sobre como fazer linguine carbonara.

Isso soou bem. Ela não tinha esse prato desde ... para sempre. E linguine carbonara era cremoso e meio que reconfortante, e isso parecia bom para um dia frio e com neve como esse. Deirdre se mexeu no sofá para encarar Amaal. — Você vai me fazer linguine carbonara do zero?

Ele deu um sorriso indulgente. — Não, claro que não. Eu correria muito risco de estragar alguma coisa. Mas como é um prato que nunca comi, achei melhor assistir a um programa que explica como é feito. Dessa forma, quando eu conjurar para nós dois, terá o gosto do jeito que deveria.

Como ela realmente não tinha ideia de como essa coisa toda de — conjurar — funcionava, tudo que ela podia fazer era assentir. — Isso soa como um plano.

Seus olhos azuis pareciam quase atentos demais. Seus olhares se prenderam por um momento e, mais uma vez, Deirdre sentiu o calor carente e faminto percorrer seu corpo. Ela realmente não deveria deixá-lo afetá-la assim, e, no entanto, parecia que uma vez que eles se beijaram, as barreiras que ela tentava

tanto manter no lugar de alguma forma conseguiram quebrar um pouco mais a cada vez que ele olhava dela. Teria sido fácil culpar sua atração por ele por um simples desejo de companhia depois de tanto tempo sozinho, mas ela sabia que era mais do que isso ... muito mais.

Então ele disse, em tom casual: — Vocês estão todos acomodados?

— Sim, — ela respondeu rapidamente. No mesmo instante, seus pensamentos se voltaram para o modo como ocultara o dispositivo, embora não achasse que era isso que Amaal estava lhe perguntando. Ou pelo menos, esperava que não. — Não que eu tenha muito o que 'resolver'. Quando eu fui para a estação de pesquisa no fim de semana antes ... vamos, *antes* ... eu não tinha feito as malas tanto. Peguei algumas blusas que Kate tinha deixado para trás porque precisava de algo para esticar o meu guarda-roupa e consegui mais algumas coisas em Running Springs, mas ...

— Posso pegar o que você quiser, sabe, — disse Amaal. — Você certamente não precisa se limitar pelo que teve com você na estação.

Essa foi uma oferta tentadora. Ela nunca esteve perto de um cavalo de roupas, principalmente porque não podia se permitir dessa maneira, e ainda assim ter que girar em seu escasso guarda-roupa nos últimos meses se tornara cada vez mais tedioso. As lojas em Running Springs ofereciam algumas alternativas, mas ainda assim....

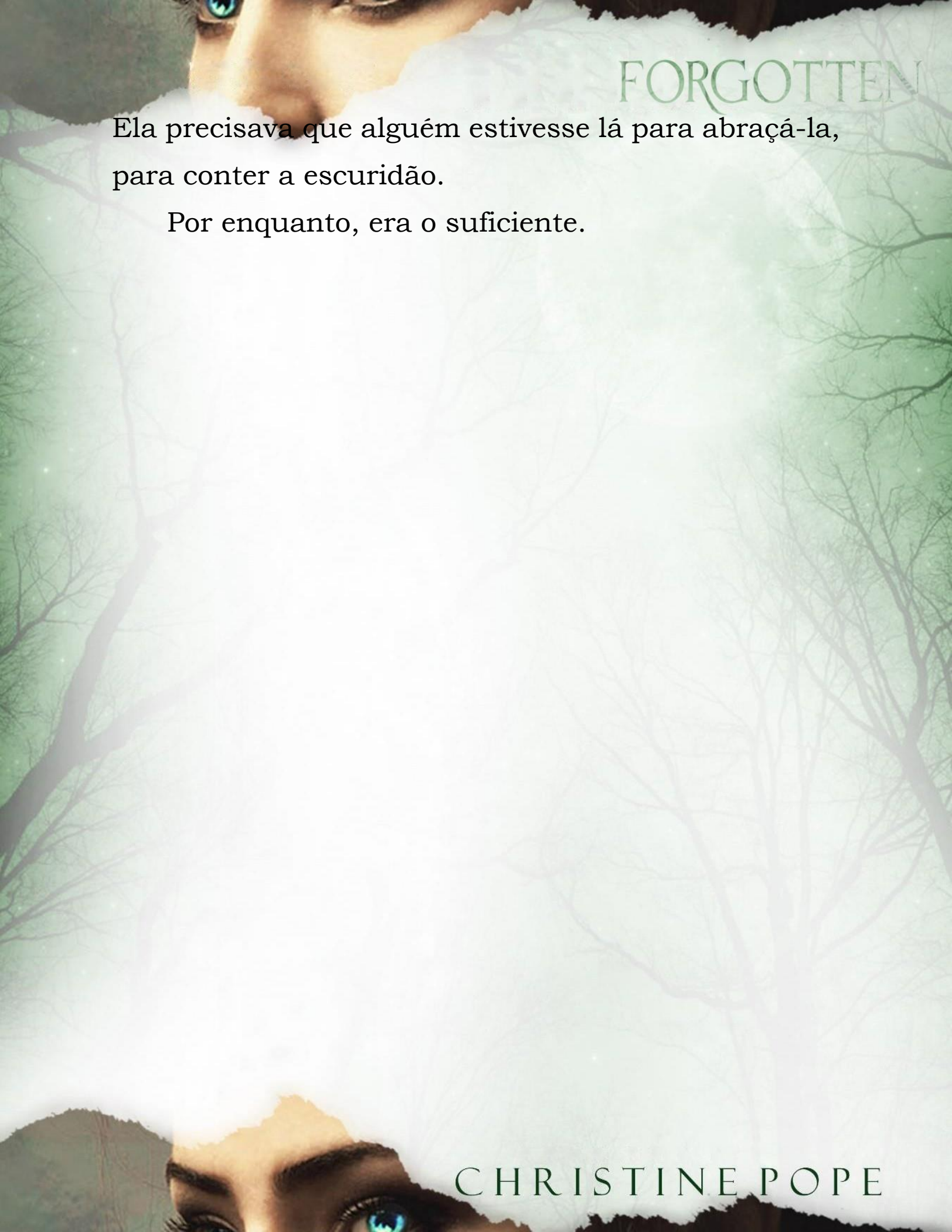
— Isso é muito generoso, Amaal, mas provavelmente estou bem por enquanto.

Ela nem sabia ao certo por que respondera à sua oferta dessa maneira. Afinal, ele disse a ela que precisou de muito pouco esforço para estender a mão e reunir os itens que ele queria. De alguma forma, porém, ela não queria se sentir em dívida com ele. Era melhor confiar nas coisas que ela tinha com ela. Dessa forma, se toda essa situação não desse certo, seria mais fácil para ela sair.

Um lampejo de decepção passou por seu rosto, mas então seus ombros se levantaram e ele voltou sua atenção para a televisão. — Claro. Tudo o que você precisa fazer é me avisar se você mudar de ideia.

Deirdre assentiu, sentindo-se vagamente culpado. Pelo o que, ela não tinha exatamente certeza. Mas como ficou claro que Amaal não queria mais conversar, ela também tentou se concentrar na televisão, em um programa feito por pessoas que nem existiam mais, que caíam no pó com o resto. da humanidade.

E enquanto ela observava, ela tentou ignorar o nó na garganta, o desejo pelo que havia sido e agora se foi para sempre. Então ela sentiu os braços de Amaal ao seu redor, abraçando-a, e a gentileza de seu toque fez as lágrimas que começaram a arder seus olhos fluírem livremente. Ela soluçou em seu ombro enquanto ele a segurava, esquecendo por um momento que ele era um djinn, pensando apenas que ela estava sozinha por muito tempo e precisava disso.



FORGOTTEN

Ela precisava que alguém estivesse lá para abraçá-la,
para conter a escuridão.

Por enquanto, era o suficiente.

CHRISTINE POPE

Deirdre retirou-se para o santuário de seu quarto após o choro, e Amaal não tentou dete-la. Ele não sabia ao certo por que ela se desintegrara daquele jeito, tremendo nos braços, as lágrimas molhando o ombro do suéter que ele usava, mas estava feliz por ela ter se voltado para ele em busca de conforto. Talvez seu pequeno colapso significasse que ela começara a baixar a guarda, que o amolecimento que ele vira depois de beijá-la havia progredido um pouco mais. Ele queria que ela se sentisse segura com ele, apesar de tudo.

Por enquanto, parecia que sim.

O programa de culinária terminou. Amaal refletiu que era bom ele poder usar seus poderes de djinn para convocar suas refeições, pois, caso contrário, parecia que ele passaria metade de sua vida na cozinha. Uma coisa era preparar a própria xícara de café, pensou, e outra era desperdiçar o que pareciam

horas e horas, cortando, cortando, misturando e refogando.

Ele se levantou do sofá seccional da sala de televisão e foi para a sala grande. A neve finalmente parou, mas a vista além das janelas do chão ao teto mostrava apenas uma grande extensão branca para onde nada se movia. Alguns poderiam ter considerado a vista bonita, com a clareira aberta no centro, cercada por pinheiros e pinheiros de geada branca e mais montanhas nevadas ao longe, mas ele nunca fora muito bonito no inverno. Mais uma vez, ele teve que se perguntar por que os idosos achavam conveniente lhe dar essa propriedade, quando havia tantos outros terrenos que seriam eminentemente mais adequados. Em algum lugar do Havaí, talvez, ou na praia de Cancun.

Mas, refletiu, se ele se instalasse em um desses lugares, nunca teria encontrado Deirdre. Ela era diferente de qualquer outra mulher que ele já conhecesse, embora ele tivesse que admitir que sua experiência com mulheres humanas não era

exatamente vasta. Ferozmente autossuficiente em um momento e se dissolvendo em seus braços no seguinte. Ele não poderia dizer que entendeu completamente todas as reações dela, mas, ao mesmo tempo, esperava que ela não tivesse vergonha do modo como chorara enquanto ele a segurava. Não havia vergonha nas lágrimas, especialmente para quem havia perdido tanto quanto Deirdre.

Esta casa estava tão bem equipada que Amaal não precisou convocar os itens que desejava para arrumar a mesa de jantar. Afastou-se da janela e foi para um armário na cozinha onde as toalhas de mesa estavam guardadas, e pegou um pano de damasco branco fino, que ele usava para cobrir a mesa da sala de jantar. Guardanapos combinando e depois os pratos de porcelana fina, simples e elegantes, com sua faixa de ouro ao redor da borda externa. Finalmente chegaram os talheres de prata e castiçais de prata no centro da mesa.

Ele se divertia mais do que pensava, ao realizar essas tarefas simples. É verdade que ele poderia

estalar os dedos e fazer com que todos esses itens aparecessem na mesa nos locais designados, todos alinhados e exatamente assim, mas havia algo a ser dito para fazer essas coisas por si mesmo. É claro que esse sentimento também não se estendeu exatamente ao preparo da refeição, que parecia muito trabalho.

Mas não era muito trabalho descer para a adega que ele montara no porão e estudar as ofertas lá. O molho para a carbonara era um pouco mais delicado do que o cacciatore de frango que eles tinham tido na noite anterior, então ele optou por um rose. Seria necessário esfriar ainda mais, mas ele o guardou na geladeira por um tempo. Ele supôs que poderia ter depositado seus dedos nela para esfriar a garrafa, embora uma água ou um elemento do ar fossem mais adequados para essa tarefa. E a última coisa que ele queria era outra de seu tipo em qualquer lugar perto daqui. Ele teria que explicar Deirdre, e isso seria difícil, especialmente se a presença dela aqui fosse relatada aos anciãos. Sem dúvida, eles lançariam

algum tipo de ultimato, e ele teria que tomar uma decisão sobre o que fazer com ela.

Um cenário ainda pior seria ter que defendê-la de um ataque de um daqueles que viam sua existência como uma abominação. Amaal pensou que ele poderia estar envolvido em tal ataque - os elementais do fogo, por sua própria natureza, tinham uma vantagem nos duelos de djinn contra djinn - mas preferia evitar completamente esse confronto.

A tarde na luz diminuiu. Ele não podia ver o pôr-do-sol, pois o aposento estava de frente para o leste, mas sentiu o pôr-do-sol, ao mesmo tempo em que observava um crepúsculo roxo e fresco roubar o mundo. Hora de começar a pensar em convocar o jantar e decidir o que mais eles poderiam ter com ele. Eles haviam comido pão de alho na noite anterior, então, possivelmente, alguns pãezinhos crocantes em seu lugar, e em vez de salada, um prato que ele já teve de berinjela e abobrinha grelhadas, animado com azeite e alho.

Sim, isso deve fazer. Ele olhou para si mesmo, para o suéter e calça jeans que usava, e se perguntou se ousaria deixar essas roupas humanas mundanas para algumas das roupas de luxo que ele preferia. Não, melhor não - Deirdre certamente não se vestiria para o jantar, já que ela recusaria sua oferta de expandir seu guarda-roupa, e ele pensou que ela poderia se sentir intimidada ao vê-lo vestido dessa maneira. Além disso, ele não queria lembrá-la de sua natureza djinn. Era inevitável, ele supunha, mas não havia razão para jogar na cara dela. A última coisa que ele queria era deixá-la desconfortável perto dele, não quando ela finalmente começara a parecer mais relaxada ultimamente. Ela precisava ficar à vontade, ou ele temia que ela continuasse a rejeitá-lo.

Ele subiu as escadas para o quarto dela. A porta estava fechada e ele bateu suavemente. — Deirdre? Já é hora do jantar.

Uma longa pausa, durante a qual ele se preocupou que ela não viesse responder a sua batida. E se ela se recusasse a vê-lo, o que então?

Mesmo quando esse pensamento inquieto surgiu em sua mente, ela abriu a porta e olhou para ele. Seus olhos pareciam um pouco vermelhos, mas por outro lado ela parecia composta o suficiente.

— Já é tão tarde?

— Sim, — ele respondeu. — O sol se pôs e a neve parou. Você deveria comer alguma coisa.

Ela olhou para os pés. — Eu não estou com tanta fome.

Ela chorou de novo, aqui na solidão de seu quarto? Amaal achou que isso era inteiramente possível, e ainda assim ele não queria chamar atenção para as lágrimas dela, nem para os indicadores que haviam deixado em seus traços delicados. — Você precisa comer alguma coisa, — disse ele gentilmente. — Tomamos um café da manhã amplo, mas você não comeu nada no almoço.

— Certo. — Um sorriso pálido e ela acrescentou: — Acho que não percebi isso.

— Então, por favor, desça para jantar.

Ele ofereceu-lhe o braço e, embora ela hesitasse, ela acabou pegando, deslizando o braço esbelto na dobra do cotovelo. Desceram as escadas, onde ele se certificou de que o fogo estivesse ardendo intensamente e que as velas tremeluziam não apenas na mesa de jantar, mas também no aparador. Como agora estava escuro lá fora, a paisagem nevada estava oculta, e por dentro tudo era calor e conforto.

— Parece bonito, — disse ela.

— Estou feliz que você pense assim. Queria que você aproveitasse seu primeiro jantar aqui em minha casa.

Ele a guiou até seu assento e esperou enquanto ela se sentava, depois foi ocupar seu lugar na cabeceira da mesa. Um aceno da mão e a refeição que ele imaginou se materializaram diante deles. Sasha, que estava cochilando em frente à lareira desde que jantara, levantou-se imediatamente e tomou seu lugar perto do cotovelo direito de Amaal, esperando sua chance de tirar proveito de qualquer pedaço de mesa que pudesse surgir. maneira.

Deirdre deu um pequeno suspiro, depois balançou a cabeça com tristeza. — Suponho que mais cedo ou mais tarde vou me acostumar com isso.

Amaal se permitiu um pequeno sorriso. — Tenho certeza que você vai.

O rose estava em uma manga de metal arrepiante; ele extraiu e derramou vinho para ela, depois derramou uma medida igual em seu próprio copo. Quando ele o levantou, Deirdre desajeitadamente seguiu o exemplo.

— Bem-vinda à minha casa, — disse ele. — Espero que você encontre um refúgio aqui.

Ela tocou o copo no dele. — Eu também espero. É definitivamente muito mais confortável que a estação de pesquisa.

Era isso que ele queria ouvir. Ele queria que ela estivesse em casa aqui, que se sentisse fácil quando o relacionamento deles se tornasse muito mais íntimo do que era agora. Ao mesmo tempo, ele sabia que precisava se segurar um pouco, garantir que ela não pensasse que estava sendo pressionada por algo para

o qual ainda não estava pronta. — Alguns podem dizer que foi condenado por elogios fracos.

Ela riu, depois tomou um gole de vinho. — Suponho que posso entender por que você pode pensar isso, mas eu realmente não quis dizer isso dessa maneira. Este lugar é lindo. — Seu olhar passou pela sala de jantar para a sala de estar, onde a luz do fogo na lareira dançava e se movia nas paredes. — Todos os djinn conseguem casas tão boas quanto essa?

— Quanto a isso, não tenho certeza, — ele respondeu com franqueza. — Não tive a chance de visitar muitos deles. No entanto, os que eu vi pareciam bastante luxuosos. E os que não são, bem, se a terra é boa, é tudo o que importa. Muitos djinn queriam derrubar as estruturas humanas de qualquer maneira, para que pudessem construir um palácio mais ao seu gosto.

Deirdre parecia absorver essa informação com uma leve testa, embora isso não impedisse que ele levantasse o garfo para que ela pudesse dar uma

mordida no linguine carbonara. Imediatamente seus olhos se fecharam, aparentemente de prazer. Quando eles abriram, a expressão neles era muito mais alegre do que alguns minutos antes. — Isto é incrível. Não acredito que você pode conseguir algo para provar isso tão bem, apenas assistindo a um programa de culinária.

— Não foi tão difícil, garanto. Mas estou feliz que você goste.

— Gosto disso? Eu amo isso. Obrigado.

Ele sorriu para ela e, por um momento, eles comeram em silêncio, Deirdre claramente apreciando cada mordida. No entanto, parecia que o que ele havia dito a ela ainda ocupava seus pensamentos, pois quando ela falou novamente, ela pegou o fio da conversa.

— Você não mudou esta casa, no entanto.

Não, ele não tinha, exceto o porão - em parte porque ele ainda não havia decidido o que queria ter como uma estrutura mais permanente aqui. Um palácio de estilo djinn, com seus pátios e muitas

janelas e espaços abertos e arejados que corriam de um para o outro, não parecia muito certo para este prado alpino. — Ainda não. Suponho que devo em algum momento. Mas tenho tempo de sobra para decidir o que desejo fazer com isso.

Ah. Deirdre comeu mais algumas mordidas de carbonara e tomou um gole de rose. — Os djinn planejam se livrar de todos os edificios que deixamos para trás?

Amaal pensou que esse era o objetivo final de seu povo, embora soubesse que levaria muitos anos. Tal empreendimento era ambicioso, mesmo para djinn. — Eu acredito que sim. No entanto, não acredito que exista algum esforço organizado específico para retornar a Terra ao seu estado natural. Cada djinn precisa decidir o que deseja fazer com seu território. Além disso, esse é o tipo de trabalho que chega mais facilmente aos elementais da Terra, e não existem apenas muitos deles.

— Acho que não pensei nisso, — disse Deirdre, parecendo pensativo. — Eu me pergunto como será, quando tudo estiver pronto.

Provavelmente esse dia estava longe o suficiente no futuro, Amaal duvidava que ela viveria para vê-lo. No entanto, ele sabia que não devia contar isso a ela. Além disso, ele realmente não queria contemplar seu destino final, porque queria pensar nela como ela era agora, adorável e perfeita, a luz de velas dando a ela um calor de pele justo e acrescentando ainda mais luz aos olhos claros, verde azulados.

— Este mundo é um lugar bonito, — disse ele, em tom neutro, — e será ainda mais bonito quando todas essas manchas forem removidas de sua superfície. Pense em acres e acres de pastagens abertas, florestas intocadas, costas marítimas sem portos e apenas areia branca e limpa.

— Parece bonito. — Isso não era apenas luz de velas brilhando em seus olhos; Amaal pensou ter visto o retorno de suas lágrimas, embora não caíssem. Ela respirou fundo e bebeu mais um pouco de vinho. —

Acho que é algo bom que vai sair disso tudo. A humanidade se foi, mas a Terra será melhor para a nossa ausência. Talvez nós fôssemos apenas um câncer, afinal. — Abruptamente, ela puxou o guardanapo do colo e o colocou sobre a mesa, depois se levantou do assento. — Sinto muito, Amaal, mas simplesmente não posso fazer isso.

Preocupado, ele se levantou também. — Fazer o que?

— Isto! — Ela gesticulou em direção à mesa, em direção a sua refeição pela metade e a garrafa de vinho e as velas cintilando em seus castiçais de prata. — Todo esse jantar romântico. Não posso sentar aqui com você e fingir que tudo está normal, porque não está. O mundo que eu conhecia se foi e - e você é um *djinn*, pelo amor de Deus, e -

Ele colocou a mão no braço dela, podia senti-la imediatamente tensa ao seu toque. Mantendo o tom suave, ele perguntou: — Deirdre, eu pedi para você fingir que tudo estava normal?

— Não em tantas palavras. — Com um puxão agudo, ela arrancou o braço dele. Ele se soltou porque sabia que aguentar só a perturbaria muito mais. — Tentei me convencer a superar isso, que não podia mudar o que havia acontecido com o mundo, apenas tentar ser tão feliz quanto minha situação permitisse. Eu pensei que tinha me convencido. Mas obviamente eu estava errada. — Os olhos dela encontraram os dele, molhados de lágrimas, implorando. — Sinto muito, Amaal. Eu sei - eu sei que você queria algo mais para mim esta noite. Mas isso não vai acontecer.

Ele abriu a boca para responder - embora não tivesse uma ideia clara do que pretendia dizer -, mas ela o impediu de se apressar para longe da mesa e subir as escadas, seus passos rápidos e quase entraram em pânico em sua rapidez quando ela se retirou para o quarto. segurança do quarto dela. Por um longo momento, Amaal permaneceu onde estava, tão incapaz de se mover como se tivesse sido colado àquele lugar em particular no chão. Talvez houvesse algo que ele poderia ter lhe dito, algumas palavras de

conforto que ele poderia ter oferecido, mesmo que nada de especial lhe ocorresse. Ela havia perdido tudo, afinal, seu povo, seu mundo. Talvez ele estivesse louco por pensar que o conforto de superfície que ele tinha para oferecer a ela poderia fazer qualquer coisa para amenizar o tipo de sofrimento que ela havia sofrido.

Por enquanto, tudo o que ele podia oferecer era hora de curar. Franzindo o cenho, Amaal serviu-se de mais um copo de vinho e voltou à sua refeição negligenciada.

Sozinho.

Ela chorara tanto, esperava que já estivesse chorando. Deirdre rolou de costas e olhou para o teto. Seu corpo doía de tanto chorar, e seu estômago era um nó de miséria.

Porque agora? Ela não havia chorado assim na estação de pesquisa, nem mesmo quando a importação das transmissões de Miles Odekirk havia implorado e ela percebeu que ninguém estava vindo

para resgatá-la, que não *havia* ninguém. Ou melhor, havia tão poucas pessoas que as chances estatísticas de uma sobrevivente cruzar seu esconderijo eram bem menores do que as chances de a Terra ser atingida por um asteroide em nível de extinção em algum momento da semana seguinte. De qualquer maneira, ela chorou quando percebeu que todos em seu mundo se foram, mas ela foi capaz de funcionar, pelo amor de Deus. Ela não era esse feixe de miséria, amontoada sob as cobertas de uma cama queen-size confortável demais.

Deve ter sido essa visão da Terra refeita, todos os vestígios da humanidade desaparecidos, que a enviaram para o limite. Enquanto essas relíquias da civilização moderna permanecerem, Deirdre poderia enganar a si mesma que a situação não era tão ruim quanto ela pensava, poderia dizer a si mesma que só porque não havia encontrado nenhum sobrevivente não significava que eles não existiam. algum lugar. Mas, uma vez que o djinn limpasse todas as

evidências de que alguém já havia morado aqui, toda a esperança seria realmente perdida.

Ela era uma anomalia, uma sobrevivente que não se encaixava em lugar algum. Se ao menos tivesse tido a coragem de deixar a estação de pesquisa depois de terminar de construir um dos dispositivos de Odekirk. Poderia ter entrado no caminhão grande de Sean e dirigido para o leste, indo para o santuário que Miles Odekirk havia oferecido nas montanhas do Novo México. Não teria importado se o djinn a localizasse, porque o dispositivo a teria protegido. Agora, porém, ela não tinha esse luxo, por causa de Amaal.

Por que ela concordou em vir aqui? Qual era o objetivo? Ceder, deixar que os djinn que haviam sido cativos agora se tornem amantes dela? Mesmo quando essas palavras passaram por sua mente, Deirdre quis se afastar delas. Essa seria a traição final de sua própria humanidade, não seria? Se render, permitir que um dos mesmos seres que destruiu a humanidade desfrute de seu corpo?

Jesus.

Ela pegou um copo de água no banheiro mais cedo. Sentou-se na mesa de cabeceira, e ela pegou e tomou um longo gole. A água era doce e fria, provavelmente de um poço, já que a propriedade aqui era muito isolada. Isso proporcionou algum alívio para sua garganta, mas não o suficiente. Outro gole, e teria sumido e ela teria que decidir se sofreria sem, ou se arriscaria a entrar no corredor e possivelmente encontrar Amaal. Ela não tinha ouvido nada dele, nem mesmo um guincho da escada quando ele subiu aqui para ir para o quarto.

Provavelmente, ele ainda estava lá embaixo na sala de jantar. Se ela tivesse sido jogada assim no meio do jantar, depois de todo o trabalho que fizera para fazer uma boa refeição, ela provavelmente teria ficado sentada à mesa para poder terminar a garrafa de vinho aberta.

Mas quem sabia o que Amaal faria? Afinal, ele não era humano. Ela não podia esperar que suas ações e

pensamentos fossem algo parecido com o dela. Ele era djinn, alienígena.

Talvez ela devesse ter pegado aquela garrafa de vinho enquanto fugia. Agora ela podia dizer que precisava de algo mais forte para beber do que água.

Por fim, ela ouviu o que estava lendo - o rangido mais fraco das tábuas do piso do lado de fora da porta. A voz de Amaal, calma, hesitante. — Deirdre? Você está bem?

Claro que ela não estava. Ela queria lançar as palavras para ele: *Não, eu não estou bem, seu djinn estúpido.* Mas isso teria sido cruel e infantil. Ele não fez nada com ela, apenas tentou deixá-la confortável aqui. Claro, ele também queria levá-la para a cama, mas a esse respeito, ele realmente não era muito diferente de muitos outros homens que ela conhecera.

Bem, exceto que ele não era estritamente um homem.

Com um suspiro, ela se levantou debaixo das cobertas e foi até a porta. Ela preferia não o encarar em seu traje de dormir, mas como esse conjunto

consistia em uma camiseta grande demais e um par de calças de ioga, não era como se ela fosse dar uma olhada nele. Ela abriu a porta e disse: - Estou bem. Eu realmente não sinto vontade de falar agora.

Ele acendeu a luz do teto no corredor. Ele brilhava em seus cabelos, aquecendo os cabelos castanhos escuros que formavam seu rosto. Ela viu preocupação lá, e uma certa confusão. — Se eu disse algo que te ofendeu -

Oh Deus. Deirdre balançou a cabeça. — Não é isso não. É só que ... acho que várias coisas me atingiram ao mesmo tempo. Isso é tudo.

Pela maneira como suas sobrancelhas se uniram, parecia que ele tinha a sensação de que ela não estava dizendo a ele toda a verdade. E é claro que ela não estava. Agora, ela nem sabia ao certo qual era essa verdade. Tudo o que sabia era que o queria e estava mais assustado com esse desejo do que qualquer outra coisa que já havia encontrado em sua vida. Ela não tinha ideia do que fazer com isso. A coisa mais segura era para ela fugir, exceto que o único lugar

para onde ela podia correr era esse quarto. Ela se permitiu ficar presa aqui na casa de um djinn, encharcada de neve, porque só Deus sabe quanto tempo.

No entanto, ele não discutiu com ela, não tentou sondar mais. Tudo o que ele fez foi estender uma pequena cesta, a que segurava os rolos de jantar. — Você não comeu muito. Trouxe para você, caso você sinta fome mais tarde.

Um simples ato de bondade fez lágrimas começam a seus olhos. Maldito seja por ser tão legal, de qualquer maneira. Se ele tivesse sido rude, arrogante, exigisse saber qual era o problema dela, então ela poderia ter se levantado em justa indignação. Ela não sabia o que fazer sobre ele ser legal. Djinn não deveria ser assim. Eles deveriam ser assassinos implacáveis.

Como ela realmente não podia recusar, ela pegou a cesta dele e murmurou um agradecimento.

Os ombros dele se ergueram. — Não é nada. Somente -

— Somente o que?

— Você se importa de deixar sua porta aberta durante a noite? É só que eu posso dizer que Sasha está um pouco preocupada, já que ela está acostumada a ir e vir entre nossos quartos enquanto dormimos.

Droga. Deirdre estava tão envolvida em si mesma que nem sequer parou de pensar como seus histriônicos poderiam estar afetando o cachorro que os dois haviam adotado, ou como Sasha se sentiria ao ser trancada em um de seus refúgios noturnos. Ela costumava começar a noite em um quarto e terminar em outro. — Certo. Eu esqueci disso. Claro, vou deixar em aberto.

Por mais que ela odiasse a ideia.

— Obrigado. — Amaal hesitou por um momento e depois disse. — Peço desculpas se disser algo que o chateou. Certamente não era minha intenção.

— Não foi nada disso. Realmente. — Ela respirou fundo e acrescentou: — Mas eu realmente gostaria de ir dormir agora.

— Claro. — Ele inclinou a cabeça na direção dela, quase um arco. — Espero que você durma bem, Deirdre. Lembre-se, você está perfeitamente seguro aqui.

A salvo de outros djinn, ela pensou, um pequeno arrepio passando por ela. *Não sei se estou a salvo de você.*

O que era completamente injusto, considerando a tolerância que ele lhe mostrara até agora. Ela tirou o pensamento feio da cabeça e disse. — Eu sei. Boa noite, Amaal.

Outra pausa, como se ele relutasse em deixá-la. Mas então ele respondeu: — Boa noite, Deirdre, — e desapareceu no corredor, Sasha atrás dele. Um momento depois, a luz do corredor se apagou.

Não havia mais nada a fazer além de voltar para a cama. Enquanto se arrastava para debaixo das cobertas, se perguntou se Amaal a perdoaria por arruinar a noite deles.

Ele dormiu mal, mas pelo menos dormiu, caindo no sono mais profundo nas horas escuras da manhã perto do amanhecer. Por causa disso, ele dormiu mais tarde do que planejara, acordando com a luz cinzenta e aquosa de uma manhã de inverno.

Pela porta aberta, ele ouviu o som da água correndo. Depois de um momento confuso, ele percebeu que os ruídos da água deviam sair do banheiro no corredor. Deirdre claramente se levantou diante dele e escapou para o chuveiro.

Amaal não desejou insistir nessa ideia por muito tempo, pois então se imaginava como seria o corpo nu de Deirdre, brilhando com água, e já estava frustrado o suficiente depois do jantar abortivo na noite anterior. No entanto, ela estava fora do quarto, o que significava que ele agora tinha a oportunidade de descobrir onde ela havia escondido o dispositivo. Não que ele planejasse fazer algo com isso, é claro, mas

ele pensou que se sentiria melhor se pelo menos soubesse onde estava.

Depois de sair de debaixo das cobertas, ele convocou uma camiseta e calça de moletom para si mesmo, juntamente com um par de meias, para que estivesse coberto adequadamente. Não era o risco de se expor a Deirdre que o incomodava - no momento em que ouvia a porta do banheiro se abrir, ele piscava para o andar de baixo -, mas a casa parecia mais fria do que o habitual, provavelmente por causa da forte nevasca do dia anterior. Ele enviou parte de sua energia para o forno no porão, persuadindo-o a esquentar um pouco mais. Concluída a tarefa, ele entrou no quarto de Deirdre.

Ela já havia arrumado a cama, alisando o edredom e colocando os travesseiros decorativos que o complementavam em seus respectivos lugares. Suas botas de caminhada estavam sentadas ao lado dos pés ao lado da cama, mas ela não tinha colocado nenhuma roupa. Provavelmente, ela os trouxe com ela para o banheiro, para que não houvesse chance

de ele esbarrar nela antes que ela estivesse completamente vestida.

Muito bem. Ele foi imediatamente para o armário e localizou sua mochila e bolsa para laptop, mas nenhum deles continha o item que procurava. Nem estava escondida entre as roupas que ela guardara na cômoda embutida do armário, embora ele tenha encontrado várias bolas de galhos com seus suéteres e moletons. Por que diabos ela fez uma coisa dessas? É verdade que as bolinhas tinham um aroma agradável de flores secas, mas....

Amaal se certificou de colocar tudo de volta onde o encontrara, mesmo enquanto lutava com uma crescente sensação de frustração. Onde no mundo ela poderia ter colocado aquele maldito dispositivo? Ele estava ficando sem lugares onde ela poderia ter escondido. Talvez em uma das mesinhas de cabeceira? Mas não, aqueles que nem sequer tinham gavetas, eram mesas mais glorificadas do que qualquer outra coisa.

No momento em que ele estava fechando a última gaveta do armário embutido no armário, ele ouviu a porta do banheiro abrir. Droga.

Um piscar de olhos, e Amaal estava em segurança na cozinha, embora ele continuasse mentalmente pesquisando as coisas de Deirdre, certificando-se de que não deixara para trás nenhum indício de que alguém havia passado por seus pertences. Ele achava que não, mas também não podia ser totalmente positivo.

Bem, ela estava em um estado de espírito instável na noite anterior. Ele só podia esperar que ela atribuísse algo fora do lugar às suas próprias ações, e não porque a pessoa com quem ela dividia a casa vasculhava seus objetos pessoais enquanto estava no banho. Talvez fosse tolice - sua confiança nele já era tão frágil - mas ele precisava saber onde aquela coisa maldita estava escondida. Não porque ele realmente pensou que Deirdre iria ligá-lo novamente, mas....

A melhor coisa a fazer era parecer ocupada. Ele pegou uma tigela de água fresca para Sasha e colocou

um pouco de comida para ela, depois pegou alguns grãos de café da despensa e começou a moer. Fazer café a partir do café era um ritual de que ele gostava, mesmo que ele não tivesse interesse em estar em qualquer lugar tão prático quando se tratava de cozinhar alguma coisa.

Ele estava despejando o assado turco recém moído na cafeteira quando Deirdre apareceu. Seu cabelo ainda estava um pouco úmido, mas por outro lado ela parecia pronta para começar o dia, maquiagem mínima aprimorando seus traços encantadores, sua forma esbelta não mostrada para sua melhor vantagem nos jeans folgados e na blusa folgada que usava. Amaal fez o possível para evitar imaginar como ela seria em roupas de djinn, ou mesmo em algo que se encaixasse corretamente. Sua necessidade por ela já era muito forte.

Ela ofereceu um sorriso hesitante quando entrou na cozinha. — Esse barulho

— Bem, eu notei que você já estava acordado, então eu não acho que o barulho iria incomodá-lo muito.

— Não, estava tudo bem. — Seu olhar se moveu em direção a Sasha, que estava felizmente devorando a última comida de cachorro. Ainda olhando para o cachorro, ela disse: — Sinto muito pela noite passada.

— Não fique. — Ele se ocupou em tirar o moedor de café, em parte para que ela não achasse que ele estava olhando para ela. — Eu não pensei como isso poderia parecer, como se eu esperasse algo de você. Na verdade, só queria lhe dar uma noite agradável em sua primeira noite aqui.

— Eu sei. Eu estava sendo uma idiota.

— Não, você não estava. — Amaal pousou o moedor de café e olhou para ela. Agora Deirdre voltou o olhar, claramente envergonhada de como ela havia se comportado antes. A culpa tomou conta dele, por procurar no quarto dela. Não era uma coisa nobre, mas ele não podia voltar atrás agora. — Não consigo

imaginar tudo o que você teve que suportar desde que o mundo mudou. Eu diria que também fui insensível.

— Pare com isso, — disse ela. Ela se aproximou, embora não o suficiente para que ele pudesse estender a mão e pegar sua mão, como ele queria desesperadamente. Estou tentando me desculpar. Fui eu quem deveria estar se desculando. Você não. É apenas.... — Suas palavras sumiram e ela cruzou os braços, abraçando-se em um gesto defensivo que provavelmente nem reconheceu pelo que era. — É que tudo realmente não voltou para mim até a noite passada, quando você falou sobre como seria o mundo depois que os djinn terminassem de refazê-lo. Antes, eu era capaz de me concentrar no meu cantinho daquele planeta, mas isso é tudo. Eu só pensei em permanecer viva, porque não sabia mais o que fazer. Mas então, quando eu percebi que tudo o que havíamos feito, tudo o que havíamos criado desapareceria, eu ... — Mais uma vez ela parou, claramente procurando as palavras certas. — Acho que foi demais. Nós estragamos muito. Eu sei disso.

Mas ainda acho que não merecíamos o que aconteceu conosco. Não merecíamos que todos os nossos vestígios fossem apagados para sempre. E eu te odiei por ser um djinn, e me odiei por me sentir atraída por você. — Depois que o fluxo de palavras terminou, ela ofereceu a ele um sorriso torto. — Enfim, acho que foi o que aconteceu.

Ele ousou tomá-la em seus braços? Ele queria, mais do que tudo. E ela parecia tão pequena, frágil e preocupada, parada diante dele, que ele decidiu que tinha que tentar. Se ela o rejeitasse, ele imediatamente se afastaria, mas ...

Ele deu um passo em sua direção. Ela não se mexeu. Outro passo, e então ele a puxou para perto dele, a mão correndo sobre os cabelos ainda úmidos. Seu corpo estava tenso, quase resistindo a ele, mas então ela relaxou nos braços dele, os braços envolvendo a cintura dele.

Ela não chorou, no entanto. Ela só ficou lá, segurando-o como se ele fosse a única coisa sólida em

seu mundo. Talvez, depois de tantas semanas de solidão, de certa forma ele estivesse.

O rosto dela ergueu-se para ele, olhos azuis-marinhos arregalados, implorando. Parecia a coisa mais natural do mundo para ele se abaixar e beijá-la. Gentilmente, porém ... muito, muito gentilmente, como se ela fosse uma bolha de sabão, ele poderia quebrar. Ela tinha um pouco de creme dental e cheirava quente e doce, graças ao xampu com aroma de coco que ela usava.

Quando ele se afastou, ela foi a primeira a falar. — Eu normalmente não sopro quente e frio assim.

— É bom saber, — disse ele gravemente. — Então, novamente, duvido que você já tenha estado em uma situação como essa antes.

Ela realmente riu um pouco. — Bem, isso é verdade. Suponho que precisava de uma noite para refletir. Mas agora....

— Agora? — ele solicitou.

Um sorriso. — Acho que agora estou disposto a tentar.

.....

Deirdre sentou-se à mesa da cozinha e deixou Amaal lhe trazer uma caneca de café. Ele sugeriu panquecas e linguiça – ela pediu linguiça de frango em vez de carne de porco, e ele sorriu com o pedido, mas fez o que ela pediu. E depois que terminaram o café, eles tomaram suco de laranja enquanto comiam suas panquecas e conversavam sobre o que poderiam fazer naquele dia. A neve estava quase impossivelmente espessa no chão, mas Amaal disse que tinha visto um snowmobile na garagem para três carros, e esse parecia o momento perfeito para experimentá-lo.

Tudo parecia tão amigável e normal. Bem, não exatamente normal; Deirdre não conhecia muitos outros homens que poderiam fazer grandes panquecas de soro de leite coalhado e xarope de bordo real se materializar do nada. Mas, ainda assim, grande parte da tensão entre eles parecia ter desaparecido.

Que ela era a causa da tensão, ela realmente não podia negar. Depois de se virar e virar a maior parte

da noite – e derramar mais algumas lágrimas – ela percebeu que poderia continuar lutando contra as circunstâncias atuais ou se permitir aceitar sua nova realidade. Ela não tinha o poder de devolver o mundo ao que era antes, então poderia muito bem tentar viver no que havia se tornado. E isso significava aceitar o que ela sentia por Amaal. Se cuidar dele era uma traição à sua humanidade ou não, ela não podia dizer. Se ela olhasse apenas para ele, para Amaal, o homem, via alguém que a tratara gentilmente, que demonstrara ternura, carinho, afeto, apesar do tratamento precoce dele. Tudo sendo igual, ela poderia dizer sem piscar que ele era certamente uma pessoa mais admirável do que qualquer um dos caras que ela já namorou.

Não que eles realmente estivessem namorando. Ela realmente não sabia como descrever o relacionamento deles. Tudo o que sabia era que, se tivesse tido a chance de levar Amaal para casa e conhecer sua mãe, ele teria recebido uma recepção calorosa.

Bem, exceto pelos longos cabelos dele. Sua mãe nunca foi fã desse tipo de coisa, assim como ela teve algumas palavras bem escolhidas sobre os tattoos e brincos desse artista que Deirdre namorou por alguns meses durante seu primeiro ano de faculdade, quando ela estava se sentindo rebelde.

Deirdre adivinhou que Amaal não usava cabelos longos para irritar seus pais ou porque achava que um djinn deveria parecer de certa maneira. Ele usava muito tempo porque lhe convinha, e esse foi o fim da discussão.

— Você já dirigiu um snowmobile? — ela perguntou enquanto pegava a última salsicha.

Ele parecia resignado com aquele roubo óbvio, mas depois disse: — Você já?

— Oh, sim – eu fui surfar na minha última viagem a Aspen.

— Verdadeiramente? — ele perguntou, obviamente surpreso.

— Claro que não, — disse ela com um sorriso. Cessando, ela cortou a linguça em dois pedaços e

ofereceu a metade um pouco maior. Ele aceitou com um sorriso quando ela acrescentou: — Eu nunca estive no Colorado.

— Ah, foi uma piada.

— Sim.

Ele mastigou seu pedaço de linguiça, pensativo, por um momento e depois disse: — Eu dirigi carros e motos. Não acho que um snowmobile seja muito difícil de gerenciar.

— Por que um djinn dirigia um carro ou uma motocicleta? — Deirdre perguntou, genuinamente curioso. Parecia meio bobo para eles usarem meios de transporte humanos quando podiam simplesmente se piscar em qualquer lugar que quisessem.

— Por que não?

— Porque você não precisa.

— Ah, isso é verdade. Mas você vê, nós djinn viríamos a este mundo para as experiências, incluindo aquelas que consomem boa comida e vinho, ou dirigem carros velozes ou escalam o Himalaia. E é

por isso que sei dirigir, andar de moto. Porque eu queria tentar.

Deirdre supôs que sua explicação fazia algum sentido. Ao mesmo tempo, ela não conseguia entender completamente uma raça totalmente aceitável em vir aqui à Terra para comer comida humana e dirigir carros humanos, e ainda assim não demonstrava compaixão por acabar com as pessoas que haviam criado aquela comida deliciosa e projetado aqueles carros velozes. Alguém poderia pensar que o djinn teria algum respeito, alguma admiração por artistas humanos, criadores e inventores. Aparentemente, não.

Enfim, Amaal não era um dos djinn assassinos. Ele havia dito isso, e ela tinha que acreditar nele. Se ele tivesse sido tão sedento de sangue, ela duvidava que ele fosse tão terno, tão compassivo com ela, e duvidava que ele tivesse sido tão solícito quanto às necessidades de Sasha. De fato, enquanto Deirdre observava, ele se abaixou e deu ao cachorro a última mordida de sua língua.

Não, Amaal definitivamente não era um assassino. Então, como ela poderia vê-lo como qualquer coisa, exceto um amigo ... e provavelmente logo um amante?

Afastando esse pensamento, ela disse. — Vamos precisar de roupas melhores, se vamos andar de moto de neve, no entanto. Está frio lá fora.

Ele sorriu para ela. — Você sabe que isso não é um problema para mim.

Claro que não era. Ele podia estalar os dedos e convocá-los botas, luvas, macacões cheios de plumas, o que eles precisassem.

— Tudo bem, — disse ela. — Vamos fazer isso.

Deirdre tinha razão sobre uma coisa - estava muito frio aqui, mesmo nos macacões isolados que ambos usavam. O de Amaal era verde escuro e o dela era de um azul pálido, destacando a cor dos olhos. O fôlego deles veio em pequenas baforadas brancas quando ele tirou o carro de neve da garagem e, mesmo sob o boné de malha que cobria sua cabeça, Amaal

podia sentir as pontas de suas orelhas ficando cada vez mais frias, já que ele puxou o cabelo para trás com uma tanga de couro para impedir que ele chicoteie em seu rosto. Alguém poderia ter pensado que, como um elemento do fogo, ele seria imune ao frio. Infelizmente, sua natureza ardente parecia apenas torná-lo mais sensível às temperaturas frias.

Por que diabos os anciãos não o enviaram para o Havaí ou Fiji? Ou, se eles tivessem alguma razão obscura para mantê-lo nesta parte do mundo?

Ah bem. Se ele tivesse que ficar preso nesse inferno congelado, pelo menos ele estava aqui com Deirdre. E ele também pode encontrar uma maneira de se divertir com ele. Uma voz insignificante no interior preocupava-se com o fato de os motos de neve serem notáveis demais, de atrair atenção demais, mas Amaal afastou-o. Nem ele nem Deirdre haviam feito muito para esconder suas atividades; se ninguém tinha notado tanto, ele duvidava que algum dia notassem. Certamente, se os anciãos tivessem percebido o que ele estava fazendo aqui, como ele

havia trazido um humano que não era seu escolhido para morar com ele, eles teriam aparecido imediatamente e lhe disseram que esse comportamento não poderia continuar.

Resolutamente ignorando essas dúvidas, Amaal subiu no carro de neve e Deirdre seguiu atrás dele, os braços em volta da cintura. Quando eles desceram para a garagem, ele perguntou se ela queria que ele chamasse um carro de neve para ela, mas ela recusou, disse que achava mais seguro se ela seguisse atrás dele, já que ela realmente não saberia o que estava fazendo se tentasse dirigir um sozinha. Ele não insistiu no assunto, porque é claro que ele preferia esse arranjo, com seu corpo esbelto pressionado contra o dele, os braços dela agarrados à cintura dele.

Na verdade, ele quase podia ver como uma espécie de preliminares.

As nuvens do dia anterior haviam desaparecido, e o céu estava azul claro, profundo, duro e brilhante como safira. Com o sol brilhando tão intensamente e

sem sinal de outra tempestade, Amaal se perguntou quanto tempo duraria toda essa neve. Se eles tivessem outro feitiço quente como o que esta região havia desfrutado apenas algumas semanas atrás, Amaal imaginou que boa parte dele derreteria, exceto pelos pontos sombreados por árvores e saliências.

Mas a neve estava aqui agora, e acenou para ele, pedindo-lhe para sair e longe da casa. Ele vislumbrou Sasha sentada no banco da janela e olhando ansiosamente para eles enquanto virava o snowmobile em direção a um terreno mais aberto. O pobre cachorro queria sair correndo, mas ela não estava propensa a esse tipo de atividade no momento, graças à perna machucada. Deirdre disse que o cachorro estava indo bem, mas ela ainda não estava em condições de correr na neve por um tempo ainda.

Logo depois da casa, as árvores diminuíram um pouco, e foi aí que ele guiou o snowmobile, ganhando velocidade à medida que se tornava mais confiante em seu curso. Os braços de Deirdre se apertaram ainda mais em torno dele, e ele queria jogar a cabeça para

trás e rir alto pela pura alegria disso. Sim, fazia muito tempo desde que ele se sentia assim.

Ou ... ele *realmente* se sentiu tão feliz? Talvez fosse apenas o fato de a mulher que o segurava com tanta força lhe disser que estava pronta para aceitá-lo pelo que ele era, que queria seguir para o próximo passo no relacionamento. Não, era mais do que apenas a antecipação do que poderia vir a seguir. Ah, ele estava aliviado além da medida que parecia que eles não teriam mais cenas como a que havia passado entre eles na noite anterior, mas ele também percebeu que poderia estar contente aqui, neve e tudo. Este mundo estava começando a parecer o lugar que ele deveria estar, e ele não se sentia mais tão estranho nele.

Eles alcançaram uma pequena elevação e caíram mais ou menos um pé no chão abaixo. Deirdre soltou um gritinho, mas ela não disse para ele diminuir a velocidade ou tomar cuidado. Ele apreciou a restrição dela; ele sabia o que estava fazendo, e também estava

feliz que ela parecesse perceber que ele nunca faria nada para machucá-la ou colocá-la em risco.

Como ele poderia, quando a considerava mais preciosa do que qualquer outra coisa em seu mundo?

Essa percepção o deixou tenso de repente, embora ele nunca desviasse sua atenção da paisagem nevada diante deles, ou dos controles do veículo em que estavam agora. É claro que ele gostava da companhia de Deirdre, e mesmo agora ele se emocionava com a lembrança dos beijos dela, mas esses prazeres simples eram suficientes para torná-la mais importante do que qualquer coisa ou qualquer outra pessoa?

Aparentemente sim. Ele certamente nunca poderia se lembrar dessa sensação de uma mulher de sua própria espécie.

Eles andaram por pelo menos uma hora, às vezes diminuindo a velocidade para poder apreciar as muitas vistas nevadas de tirar o fôlego ao redor, às vezes acelerando para Amaal sentir o poder do carro de neve que os carregava, deixando-os mergulhar nos

prados das montanhas, neve voando ao redor deles em um poderoso rastro enquanto deixavam rastros profundos na neve pesada.

Por fim, porém, ele os virou para casa, o carro de neve parecendo quase cansado enquanto subia a colina em direção à casa. Eles chegaram à garagem, e ele estendeu a mão, usando seus poderes para levantar a porta da garagem. Deirdre desceu do carro de neve e tirou os óculos, depois esfregou a neve que havia se acumulado nas mangas e pernas de seu macacão.

— Isso foi incrível, — disse ela. — Obrigado.

— Não é nada, — respondeu Amaal, absurdamente satisfeito com sua resposta ao passeio. — Fiquei feliz por poder levá-la. É bom poder respirar um pouco de ar fresco depois de ficar preso dentro de casa durante uma geada

Ela deu a ele um olhar interrogativo. — Você prefere estar ao ar livre?

Essa foi uma boa pergunta. Certamente, enquanto ele ocupava aquela cobertura no centro de

Los Angeles, ele não pensara muito em sentir falta do lado de fora. Por outro lado, ele ainda havia saído para o convés e usado a piscina, deitado no sol brilhante e absorvido os raios do sol como a criatura de fogo que ele era. — Não tenho certeza se 'preferir' é a palavra correta, — disse ele. — É mais que eu gosto de ter a oportunidade de sair quando o clima me levar. Ficar dentro de casa por causa do clima é muito parecido com a vida que levei no outro mundo dos djinn, onde as condições eram bastante severas e tendíamos a ficar dentro de nossos palácios.

— Você não gostou lá?

Bastante o eufemismo. — Não, eu não fiz. Duvido que eu pudesse citar um dos membros da minha raça que diria que a vida no local de nosso exílio era preferível a uma existência aqui na Terra. Mas venha - continuou ele, pegando-a pela mão -, devemos entrar. O sol está começando a descer do outro lado da montanha e só vai esfriar.

Deirdre não parecia inclinada a discutir com essa avaliação, pois ela assentiu e permitiu que ele a

levasse para dentro de casa. O ar quente que os recebeu quando entraram foi um alívio bem-vindo dos ventos frios que sopravam na neve. Deirdre tirou as luvas e desenrolou o cachecol ao redor da garganta, depois abriu o zíper do pescoço do macacão.

— Acho melhor sair dessa coisa, — disse ela. — Parece quente aqui em comparação com o exterior, mas eu sei que provavelmente são apenas os dedos das mãos e dos pés que não soltam.

— Isso é uma boa ideia. — Por impulso, ele acrescentou: — E pensei no que deveríamos ter para a nossa refeição *após o esqui*, por assim dizer. Vamos fingir que estamos na Suíça e temos fondue?.

Seus olhos se iluminaram, mas então ela pareceu considerar e disse: — Parece divertido, mas será o suficiente para o jantar?

— Ah, acho que sim, — respondeu Amaal, um tanto divertido. Claramente, Deirdre não sabia muito sobre fondue. — Vamos ter leituras e legumes e queijo, carne e óleo, e depois para a sobremesa,

morangos e bolo de libra mergulhados em chocolate derretido.

— Ah ok. Não sabia que estava tão envolvido.

— Bem, talvez fosse se eu tivesse que criar tudo do zero. Como está.... — Ele parou ali e deu de ombros. — Você sabe que não é muito trabalho para mim. —

— Verdade. — Ela olhou para o lance baixo da escada que separava a entrada do nível principal da casa. Sasha estava sentada lá, abanando furiosamente agora que eles estavam comigo. Ela podia administrar as escadas sozinha, mas preferia esperar que eles subissem e se juntassem a ela, e economizasse energia para a subida até os quartos no andar de cima, quando se retirassem para passar a noite. — E eu tenho certeza que Sasha ficará mais do que feliz em pedir pequenos pedaços de carne de nós.

— Junto com pedaços de pão e queijo, não tenho dúvida.

Deirdre lhe lançou um sorriso. — Você provavelmente está certo. Mas preciso trocar de roupa antes de morrer de prostração por calor.

— Nós não podemos ter isso, — disse ele, dando-lhe um sorriso de resposta. — Eu forneci uma pequena surpresa para você. Espero que você não se importe.

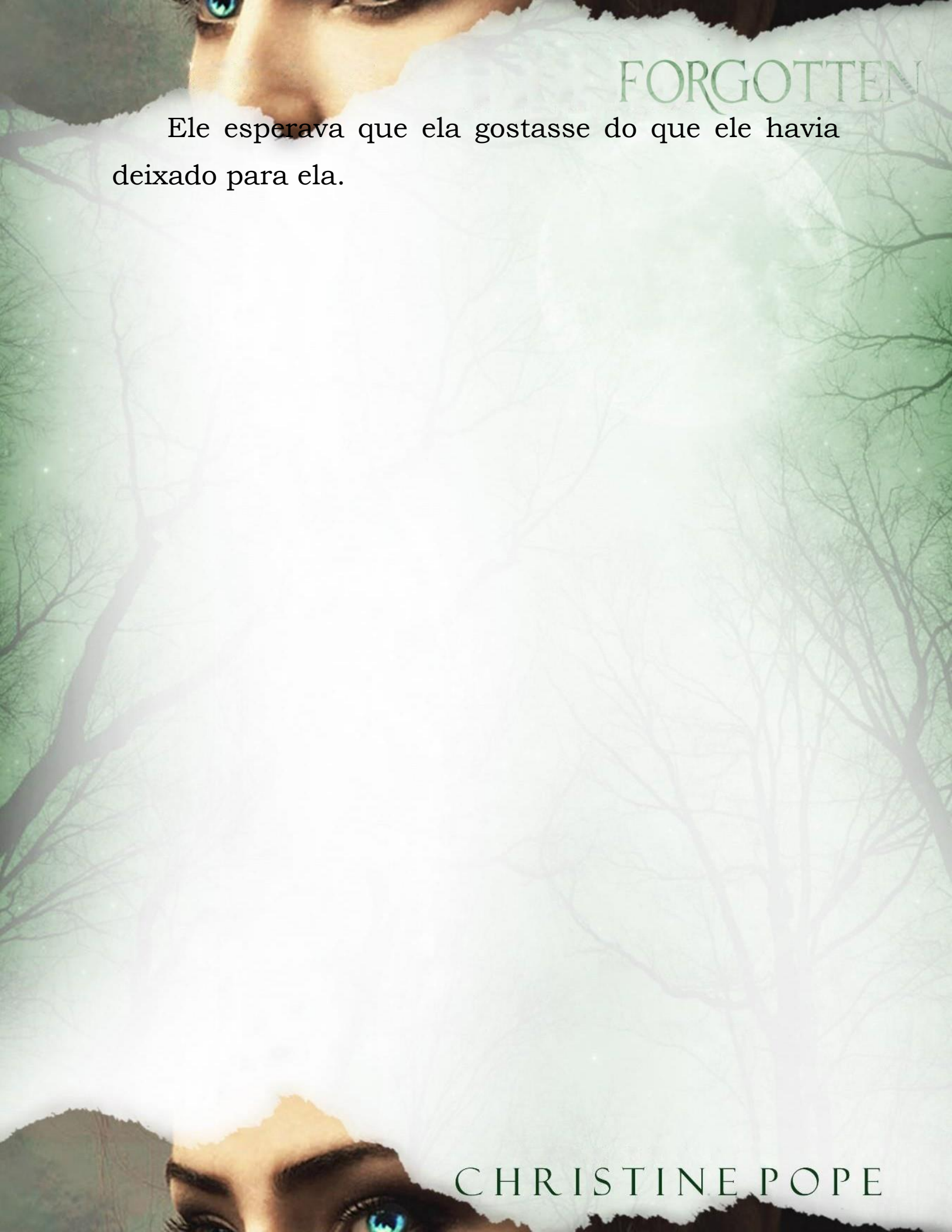
— 'Uma surpresa'? — ela ecoou, parecendo intrigada.

— Você verá quando for para o seu quarto. Eu acho que você vai gostar.

Ela parou por um momento, depois se aproximou e o beijou na bochecha. — Tenho certeza que vou ficar doente, eu já estou ansiosa pela nossa fondue.

Então ela estava subindo correndo as escadas, parando brevemente para se abaixar e irritar as orelhas de Sasha antes de continuar seu caminho.

O calor do beijo dela ainda permanecia em sua pele. Amaal colocou a mão na bochecha dele, tocando o lugar onde seus lábios haviam roçado contra ele.



FORGOTTEN

Ele esperava que ela gostasse do que ele havia
deixado para ela.

CHRISTINE POPE

Uma surpresa. Amaal disse que ele a surpreendeu. Em geral, Deirdre nunca foi fã de surpresas, apenas porque ela sofreu uma desagradável quando seu pai saiu todos esses anos atrás, mas ela duvidava que esse fosse o tipo de surpresa a que Amaal estava se referindo.

Quando ela chegou ao quarto e entrou, nada parecia materialmente diferente. Ela olhou em volta, mas tudo parecia estar em ordem. Está bem então.

Descompactou o macacão isolado o resto e deixou-o cair no chão. Por baixo, ela usava apenas uma camiseta e um par de calças de ioga, principalmente porque nada mais caberia sob a roupa protetora justa. A camiseta e a calça de ioga precisariam entrar no cesto, já que ela transpirara por baixo do macacão, apesar do frio que estava lá fora.

Agora despojada de suas roupas íntimas, ela foi ao armário pegar algo limpo para vestir. Mas quando

ela abriu a porta do armário, a princípio não conseguiu acreditar no que estava vendo.

Cada prateleira estava cheia agora, onde nesta manhã, quando ela se vestira, seu pequeno guarda-roupa lamentável não tinha sido suficiente para preencher metade de um. Distraída, ela enfiou a roupa suja no cesto ao lado da porta e depois foi para o armário, tentando absorver tudo o que via. Suéteres, jaquetas, camisas e até alguns vestidos para o lado. Sapatos nas prateleiras embutidas - sapatilhas, botas e sandálias bonitas para quando o clima quente chegou, mesmo que naquele dia de verão parecesse impossivelmente distante.

Tudo no armário parecia caro e novinho em folha, mas essas roupas eram definitivamente roupas humanas. Amaal não estava tentando fazê-la se vestir como uma mulher djinn; Ele claramente só queria que ela usasse coisas mais lisonjeiras do que as roupas que ela trouxe com ela. Deirdre realmente não podia argumentar com isso, já que ela sempre levava suas roupas mais desleixadas e casuais quando ia

trabalhar na estação de pesquisa nos fins de semana. Como ela sabia que ia ficar presa usando essas coisas durante todo o apocalipse e além?

Seus olhos foram para um suéter azul-esverdeado, quase da cor dos olhos. Parecia que funcionaria para a data da fondue. Em uma das gavetas, ela encontrou uma camisola rendada para usar embaixo dela. Desde que ela não estava indo lá fora.

E em outra gaveta ela encontrou joias, peças simples e elegantes que ainda precisavam custar uma fortuna. Ela deslizou sobre um anel de água-marinha cravejado de ouro branco e um pingente para combinar, junto com um par de brincos de argola de ouro branco, depois não resistiu muito a enfeitar-se diante do espelho colocado na parede acima da cômoda embutida. Afinal, ela nunca usara algo assim antes em sua vida, nunca poderia ter se permitido.

No entanto, seu cabelo estava uma bagunça, e ela precisava se maquiar um pouco. Quando ela entrou no banheiro, estava na metade do caminho esperando

que Amaal pudesse ter fornecido mais do que o brilho labial e o rímel que ela trouxe com ela. Infelizmente, parecia que ele não tinha a mesma experiência com os cosméticos femininos que com as roupas, porque tudo o que a olhava era o mesmo tubo de rímel de 24 horas de Cover Girl e o mesmo recipiente com o brilho das abelhas de Burt que ela amamentou nos últimos meses, esperando fazer com que ela durasse o máximo possível.

Ah bem.

Ela escovou o cabelo e arrumou o melhor que pôde, depois colocou outra camada de rímel e um pouco de brilho labial fresco. Pelo menos o passeio de snowmobile havia trazido um pouco de cor às bochechas, e as sombras sob os olhos de sua noite inquieta eram mais ou menos invisíveis. Teria que fazer.

Quando Deirdre saiu do quarto e desceu as escadas, ela se perguntou por que deveria se importar tanto com a aparência. Porque essa era a noite em que ela e Amaal finalmente se tornariam íntimos?

Você não sabe ao certo, ela disse a si mesma. Você pensou o mesmo na noite passada e teve um colapso total. Apenas deixe o que acontecer, aconteça.

É verdade, ela supôs. Ela própria respirou fundo duas vezes, tentando ficar o mais relaxada possível.

É claro que essa resolução desapareceu no ar quando ela entrou na sala e viu Amaal. Embora ele não tivesse dado a ela nenhuma roupa de djinn para vestir, parece que ele finalmente se cansou de suéter e jeans, pois estava vestido com uma túnica aberta em uma cor de vinho escura com bordas douradas, com listras pretas, calças e punhos grossos de ouro nos dois pulsos.

— Você está absolutamente linda, — ele disse calorosamente, vindo em sua direção para que pudesse segurá-la pela mão e levá-la de volta para a lareira. Ela viu que ele colocara três potes de fondue de aço inoxidável separados sobre a mesa de café, junto com tigelas de vários itens para mergulhar - cubos de pão e pedaços de legumes para o queijo, carne em fatias finas para o óleo, aparência deliciosa

morangos para o chocolate. De um lado estavam vários pratos, juntamente com uma garrafa de vinho e um par de copos com tigelas impressionantemente grandes.

— Você está magnífico , — respondeu Deirdre.
— Agora me sinto positivamente mal vestida.

— Você não deveria, — Amaal disse a ela. — Voltei a usar essas roupas porque elas são a que estou acostumado e muito mais confortáveis que as roupas humanas. Mas eu não esperava que você se vestisse de djinn.

— Quando estiver mais quente, posso tentar. — Aquelas calças largas pareciam confortáveis. Claro que uma mulher não podia usar uma daquelas roupas abertas, mas.... Olhando para o fluxo daquela seda sumptuosa, Deirdre sentiu um pouco de inveja do tecido.

— Há algo mais pelo que esperar. — Ele sorriu, depois indicou que ela deveria se sentar no tapete ao lado da mesa de café, em vez de no sofá. — Vamos

comer como meu povo, se você não se importa. Não haverá tanta curvatura.

— Isso parece divertido. — Ela se sentou no chão, feliz pelo tapete grosso que a protegia da madeira abaixo - e também pelo calor do fogo que ardia na lareira, pois ela podia sentir alguns rascunhos entrando aqui.

Amaal seguiu o exemplo, graciosamente se abaixando no chão para que ele se sentasse ao lado dela. Ele pegou a garrafa de vinho, que ele já deveria ter aberto para arejar, já que serviu vinho para eles imediatamente, em vez de parar para retirar a rolha.

— Para uma tarde ao sol , — disse ele, erguendo o copo em um brinde.

— Para um clima mais quente à frente, — ela respondeu, e bateu o copo contra o dele.

— Temos um bom caminho a seguir. Mas eu concordo com o sentimento.

Os dois beberam. Deirdre não tinha olhado para o rótulo da garrafa de vinho e certamente não sabia o suficiente para começar a adivinhar o que havia em

seu copo, mas era leve para um vinho tinto, de uma cor granada clara quando sustentado contra a lareira. O sabor também era leve, sem um pouco da amargura que experimentara em outras vitórias vermelhas.

— Isso é bom, — comentou ela enquanto colocava o copo em uma montanha-russa.

— Eu esperava que você gostasse. Um pinot noir do estado de Washington - eles cultivam uvas pinot muito boas lá em cima. Ou melhor, — ele acrescentou com um tom de tristeza, — eles costumavam.

Mesmo sabendo que esse assunto poderia ser complicado, ela teve que perguntar. — O que vai acontecer com as vinhas, com todas as colheitas? Eles simplesmente vão morrer?.

— Nem todos, — disse Amaal. — Claro que precisamos comer, assim como os humanos. Alguns campos poderão ficar, pois isso só torna a terra mais rica para futuras plantações, mas tenho certeza de que muitas das videiras serão cuidadas e cultivadas, como nosso vinho.

— Eu não tinha notado, — comentou Deirdre, depois tomou outro gole de seu pinot noir.

— Eu acredito que você está me provocando.

— Possivelmente.

Ele levantou a taça, estudando a cor do vinho lá dentro. — Existe uma certa alquimia na produção de vinho, uma mágica especial própria. Uma poesia de sol, terra e céu. Nunca deixaríamos esses tesouros desperdiçarem.

Essas palavras, ditas por qualquer um dos homens que Deirdre conhecia, provavelmente soariam pretensiosas. Mas nos lábios de Amaal, eles apenas pareciam ser a verdade, uma verdade que ela nunca havia considerado antes agora, mas que parecia tão óbvia que ela se perguntou por que havia ignorado isso antes.

— Bem, é bom saber, — disse ela. — Não que eu já tenha gostado de vinho, mas acho que gostaria de aprender.

Seus profundos olhos azuis encontraram os dela. — Eu acho que gostaria de ensinar você.

Um calafrio a percorreu, que não tinha muito a ver com o sabor do vinho. O que mais ela poderia aprender com ele, este ser - este homem - que já deveria ter vivido muitas vidas humanas e ainda parecia apenas alguns anos mais velho que ela?

Não tendo certeza de como responder, ela forçou uma risada e disse. — Acho que agora você pode me ensinar sobre fondue. Existe uma ordem para comer isso?.

— Eu deixaria os morangos e o bolo até o fim, — respondeu Amaal. Um sorriso ainda brincava em seus lábios, mas ele parecia um pouco surpreso, como se esperasse que a conversa deles tivesse ido para outros canais. — Caso contrário, é bom ir e voltar entre o pão, a carne e os legumes.

— Boa. — Deirdre também estava ciente de um momento perdido, mas disse a si mesma que era o melhor. Embora tê-lo tão perto a fizesse pulsar e sentir todo o corpo dolorido e vivo, ela tinha a sensação de que ficaria mais relaxada ao cair nos

braços dele depois de tomar um copo de vinho. Ou dois ou três.

Ela pegou um dos espetos de metal e espetou um cubo de pão e depois o mergulhou no queijo. A mistura era quente e picante - algum tipo de queijo branco se misturava, embora ela não tivesse certeza de que tipo. Não tinha o sabor exatamente do suíço, mas era bom, assim como o pedaço de couve-flor que ela mergulhou em seguida.

— Você gosta disso?

— É maravilhoso, — disse Deirdre, depois pegou um guardanapo para poder tirar um pouco do queijo gotejamento do lábio inferior. — Você não vai ter nenhum?

— Claro, — ele respondeu. — Mas eu queria ver sua reação a isso primeiro.

Não tendo muita certeza do que fazer, ela conseguiu dar um pequeno sorriso e decidiu experimentar um pouco da carne e do óleo. Também era delicioso, o óleo quente cozinhando a tira fina de carne e tornando-a salgada e extremamente macia.

Tanta coisa para evitar carne vermelha, mas ela já havia quebrado essa regra várias vezes.

Enquanto ela comia, Amaal tinha vários pedaços de pão e queijo, depois um pedaço de pimentão. Ele mudou para a carne a seguir, enquanto Deirdre tomou vários goles grandes do pinot noir. Sim, isso foi melhor. Ela podia sentir-se começando a relaxar... embora ainda sentisse um pouco de nervosismo na boca do estômago toda vez que olhava para o torso exposto de Amaal. Tantos músculos.

— Acho que você já comeu fondue antes, — comentou ela, voltando para comer mais pão e queijo.

— Sim, na Suíça e aqui também. Você tinha restaurantes inteiros dedicados a ele, afinal.

Ela supôs que eles existiam, no mundo anterior, embora os restaurantes de fondue fossem o tipo de lugar que não estava exatamente no seu radar. O jantar com os amigos envolveu pizza em geral, uma vez que era barato, e em datas que ela foi a lanchonetes ou buscava comida chinesa ou italiana, novamente porque geralmente não custava muito.

Algumas de suas namoradas namoravam homens com dinheiro e, por isso, Deirdre às vezes era comido por histórias sobre bife e lagosta consumidas em restaurantes caros na encosta, mas ela nunca havia experimentado algo assim.

Bem, até agora. Ela supôs que consumir fondue com um lindo djinn em uma escapada de um milhão de dólares em Running Springs pode se qualificar como um jantar chique.

Amaal encheu novamente os dois copos. Ele também estava tentando se convencer a seduzi-la? Não, isso foi ridículo. Ele já havia deixado bem claro que a única razão pela qual estava escondendo era a própria reticência dela. Além disso, ela notou que o vinho não parecia afetá-lo tanto quanto a ela. Deirdre lembrou-se de nem tentar acompanhar, porque estava certa de ficar extremamente bêbada. Embriagada era uma coisa - embriagada era divertido -, mas nas poucas vezes em que ela havia ficado completamente bêbada, ela basicamente desmaiou e

acordou na manhã seguinte com uma forte dor de cabeça e uma promessa de nunca mais fazer isso.

— Certo, — ela disse. — Eu esqueci aqueles lugares de fondue, já que eu nunca tinha comido em um. Eu acho que não havia um onde eu morava, no entanto. Minha área era bonita da classe trabalhadora.

Ele ficou quieto por um momento, observando-a quando ela levou a taça de vinho aos lábios e tomou outro gole. — Foi muito difícil para você?

— Não estar tendo fondue?

— Não foi isso que eu quis dizer.

Deirdre pousou o copo e considerou a pergunta. Ela sabia exatamente o que ele estava perguntando. — Eu não sei. Provavelmente foi mais difícil para o meu irmão, já que ele era mais velho. Ele ficou preso me observando depois da escola ou durante as férias - minha mãe não podia pagar por alguém para tomar conta de alguém. Ela era a pessoa mais difícil, no entanto. Ela trabalhava cinquenta, sessenta horas por semana, às vezes. Eu não a vi muito. Tudo o que

eu pude fazer foi tentar evitar problemas e tirar boas notas para poder ir para a faculdade e ter uma carreira própria.

Amaal não disse nada a princípio. Mais uma vez ele a observava atentamente, embora Deirdre não soubesse o que esperava ver. Foi difícil para ele compreender as lutas de seres humanos comuns quando, como djinn, ele poderia ter o que quisesse com o estalar de um dedo?

Quando ele falou, a pergunta que ele fez não era a que ela estava esperando.

— Você não queria se casar?

— Eu - — Ela vacilou por um segundo, depois franziu o cenho para ele. — Por que você pergunta isso? —

— Eu estava apenas curioso. Você tem 24 anos, sim?

Deirdre assentiu.

— Pareceu-me que muitos de vocês começaram a pensar em casamento naquela época, mesmo que eles não se comprometessem com esse acordo até

alguns anos depois. Você falou que ninguém pode perder para você, apenas para sua família. Não havia ninguém na sua vida?.

O rosto de Tristan surgiu em sua mente, sorrindo Tristan, que a fez sentir como se ela fosse a única mulher no mundo... até o momento em que ele decidiu que não a queria mais. Com a voz dura, Deirdre disse: — Eu estava vendo alguém por um tempo. Não deu certo. Acho que estava apenas tentando me concentrar na escola - eu estava no meu último ano - quando tudo... bem, quando tudo acabou.

— Se não deu certo, não deve ter sido sua culpa.

Essa também era a opinião de Deirdre, mas ela se viu protestando: — Eu não sei. Às vezes, as coisas simplesmente não funcionam, por qualquer motivo.

— Hmm. — Amaal estava com os dedos apoiados na base do copo de vinho, mas não parecia ter pressa de pegá-lo. — Estou inclinado a acreditar, com base no meu tempo com você, que tinha que ser uma falha

no fim dele. Nenhum homem em sã consciência gostaria de terminar um relacionamento com você.

Sangue quente correu para suas bochechas. —
Amaal -

Ela não foi além disso, porque ele abandonou o copo de vinho e se aproximou dela, pressionando os lábios nos dela. Tão quente, lábios fortes, degustação de vinho. Era muito melhor se perder naquele beijo, deixar o mundo girar ao seu redor, em vez de pensar em Tristan mais ... ou em qualquer outra pessoa. Naquele momento, não havia mais ninguém, nunca houve.

Amaal afastou uma mecha de cabelo do rosto. —
Você é tão linda, tão perfeita. Certamente a mão de Deus deve ter me guiado a você.

Era estranho, porque geralmente quando alguém mencionava Deus, Deirdre ficava desconfortável, preocupada com o fato de ela estar prestes a ser proselitizada ou algo assim. Mas quando Amaal falou de Deus, ele o fez de uma maneira estranhamente pessoal, como se de alguma maneira soubesse que

não estava se referindo a alguma divindade impessoal, mas a um ser que exerceu verdadeira influência sobre sua vida.

— Eu não sei sobre Deus, — murmurou Deirdre.
— Mas estou feliz por termos nos encontrado.

— Como eu.

Ele a beijou novamente, braços fortes segurando-a perto, e de repente eles estavam deitados no tapete em frente ao tapete, seu peso em cima dela enquanto a beijava repetidamente e seu corpo emocionado com suas carícias. Ela podia sentir a excitação dele também, e por algum motivo isso não a preocupou ou a assustou. Não, ela estava feliz em saber o quanto ele a queria, porque ela o queria tanto. As mãos dele estavam se movendo sob o suéter dela, quente contra sua pele nua, subindo, indo fechar em seus seios ...

E então houve um terrível ruído de barulho, e Deirdre e Amaal sentaram-se em pé, chocados por um momento por causa de seu torpor sensual. Ela não precisou olhar muito para ver a fonte do som - Sasha, que estava espreitando por perto e observava cada

pedaço que eles colocavam na boca, aparentemente tinha decidido tirar proveito de sua distração e correr para a tigela de mim em que eles deixaram sentado na mesa. No processo, ela também derrubou o pote de fondue com óleo quente, que havia espirrado em todos os lugares, embora não felizmente no cachorro ou em Deirdre ou Amaal.

Reunindo-se, Deirdre se levantou, seguida por Amaal, cuja testa estava franzida em uma expressão assustadora. — Aquele cachorro, — ele rosnou, mas ela colocou a mão em seu braço.

— Não, — disse ela. — A pobrezinha está assustada.

Era verdade - obviamente assustada com o barulho, Sasha imediatamente se afastou da mesa de café e agora estava agachada a alguns metros de distância, tremendo. Deirdre, preocupada com o fato de o cachorro ter machucado sua perna ainda mais em sua fuga apressada da cena do crime, ajoelhou-se ao lado dela e acariciou-a na cabeça, depois alcançou a perna traseira ferida de Sasha para se certificar de

que não havia machucado. sofreu algum trauma adicional. Tudo parecia bem, felizmente.

Parado ao lado da mesa de café, Amaal xingou baixinho. Ou pelo menos, Deirdre achava que devia estar xingando, embora ela não pudesse entender as palavras que ele usava. Então ele acenou com a mão e a bagunça desapareceu, até as manchas de óleo no sofá.

Sim, ter um djinn por perto poderia ser útil ... especialmente se ele não estivesse tentando te matar.

— Ela não está ferida? — ele perguntou, vindo em direção a Deirdre.

— Até onde eu sei, — ela respondeu, voltando a se levantar. — Eu acho que ela apenas se assustou. Suponho que toda aquela carne sentada ali era uma tentação demais.

— Pelo visto. — Ele estendeu a mão e a pegou pela mão. — Gostaria de leva-la para o andar de cima para que possamos terminar o que começamos.

Deirdre engoliu. Uma coisa era começar a ficar suja no calor do momento, mas a pequena escapada

de Sasha tinha sido como ter um balde de água fria despejado em sua cabeça. No entanto, Deirdre também sabia que queria estar com Amaal. Seu corpo ainda vibrava com a necessidade, aparentemente não recebera o memorando de que seu cérebro havia se soltado.

Por enquanto, provavelmente era melhor deixar seu corpo assumir o controle por um tempo. Seu cérebro sempre parecia colocá-la em apuros. — Parece uma boa ideia.

Seus profundos olhos azuis aqueceram com desejo, e ele pegou as duas mãos dela. No entanto, em vez de levá-la pelas escadas, ele piscou para o quarto. Deirdre ofegou, embora, é claro, ela tivesse viajado dessa maneira antes, quando ele a trouxe e Sasha aqui para sua casa.

— Eu não queria perder um momento, — disse ele.

Então seus braços a envolveram, levantando-a do chão. Ela teve uma breve impressão de uma grande sala com velas que tremeluziam da parte superior da

cômoda e da mesa de cabeceira, e um fogo se acendeu na lareira de dupla face do outro lado do espaço, e era para isso que ela tinha tempo. porque agora ela estava na cama e Amaal estava mais uma vez em cima dela, beijando-a pela garganta até a abertura baixa do suéter. Um suspiro escapou de seus lábios, e ela se contorceu contra ele, deleitando-se com a força de seu corpo, mesmo desejando que eles não tivessem tantas roupas separando-os.

Obviamente, ele teve a mesma ideia, porque desfez o botão do suéter dela e a afastou do corpo, seguido pela camisola que ela usava por baixo e depois abriu o zíper do jeans. Os sapatos, ela percebeu, devem ter caído quando Amaal a levantou do chão, porque agora estava descalça. Bom - isso tornou mais fácil se livrar das calças, que acabaram no chão com seu suéter e blusa. Agora ela estava deitada diante dele, apenas de sutiã e calcinha. Seus olhos brilhavam com a luz avermelhada refletida do fogo enquanto ele passava as mãos sobre ela, dedos arrastando contra a pele nua de seu estômago.

— Deirdre, — ele sussurrou. — Minha Deirdre.

Então ele se curvou e a beijou novamente, a boca se movendo da boca ao longo da curva da garganta e depois para o peito. Ele desabotoou o gancho dianteiro do sutiã e removeu tudo em um movimento suave, e no momento seguinte sua língua varreu o mamilo e ela ofegou, o corpo ganhando vida mais do que nunca com a sensação.

As mãos dele puxaram a calcinha dela, puxando-a para baixo. Ela os chutou para o lado, e então ele a tocou enquanto chupava seu peito, os dedos deslizando nela, acariciando. Desta vez, não foi um suspiro que deixou seus lábios, mas um grito de necessidade primordial. Ela se agarrou a ele, deixou que ele a agradasse, até que o orgasmo surgiu do nada e a atingiu com a força de um furacão.

Mesmo encostada nos travesseiros e sentindo as ondas de seu clímax inundarem seu corpo, Amaal sentou-se e tirou o robe pesado de seda que usava, seguido pelas calças. Ela já o achava perfeito, mas agora, seu corpo esculpido à luz do fogo e luz, ela

percebeu que nunca tinha visto um homem tão requintado antes.

Os dedos dela o alcançaram, fechados em seu eixo, duro e pesado na mão. Ele gemeu, aproximando-se dela, tão perto, sua boca tocando a dela novamente, forte, insistente, a língua dele lambeu a dela, ainda com gosto de vinho.

Deirdre queria prová-lo, *no* entanto. Ela o empurrou sobre os travesseiros e curvou-se para poder tomá-lo em sua boca, a língua se movendo sobre a suavidade sedosa de sua carne, a riqueza de seu sabor salgado melhor do que ela imaginara.

Ele gemeu, os quadris se movendo em sintonia com o movimento de sua língua, levando-o mais fundo em sua boca, mais profundo do que ela já teve com qualquer outra pessoa. Uma certa tensão em seu corpo, uma mudança em seu ritmo, e ela sabia que ele viria. Boa. Ela esperou que ele enchesse a boca, para saber que ela tinha esse efeito nele.

Seus quadris saltaram da cama, e o calor de sua semente fluiu sobre a língua dela, rica e salgada. Ela

gemeu junto com ele, continuou lambendo-o até que ele terminou de tremer. Então ela se sentou e limpou a boca, e se moveu para deitar ao lado dele, seu corpo aconchegado contra o dele do peito ao quadril.

Um longo momento, e então ele disse: — Eu não esperava que você fizesse isso.

— Eu queria. — E ela tinha. Ela sempre gostou de oral e se recusava a ter vergonha disso. Além disso, ele tinha um gosto tão bom, melhor do que qualquer outra pessoa com quem ela já esteve.

— Você deveria ter um pouco disso. — Ele se sentou, mas gentilmente, um braço curvando-se em volta da cintura dela, para que ela se movesse com ele. Na mão apareceu um copo de vinho cheio de vinho tinto. Ele deu a ela, e ela pegou com gratidão e bebeu, feliz por ter algo para molhar sua garganta.

— Obrigado, — disse ela, em seguida, entregou a ele para que ele pudesse tomar um gole também.

Mais do que um gole - um longo gole, seguido por outro. Ele disse calmamente. — Você não precisa ter medo de ficar grávida. Nós djinn podemos controlar

quando isso acontece, e agora certamente não é a hora.

Ela ficou tão impressionada com ele que nem sequer parou para pensar em controle de natalidade. A estudante de biologia nela queria perguntar como era possível aos djinn suprimirem sua fertilidade à vontade, mas ela deixou essa questão de lado para mais tarde. — Bem, é bom saber.

Amaal colocou a taça de vinho na mesa de cabeceira ao lado dele e voltou-se para ela. Mesmo à luz do fogo, Deirdre podia ver o brilho em seus olhos. — Espero que você não pense que terminamos.

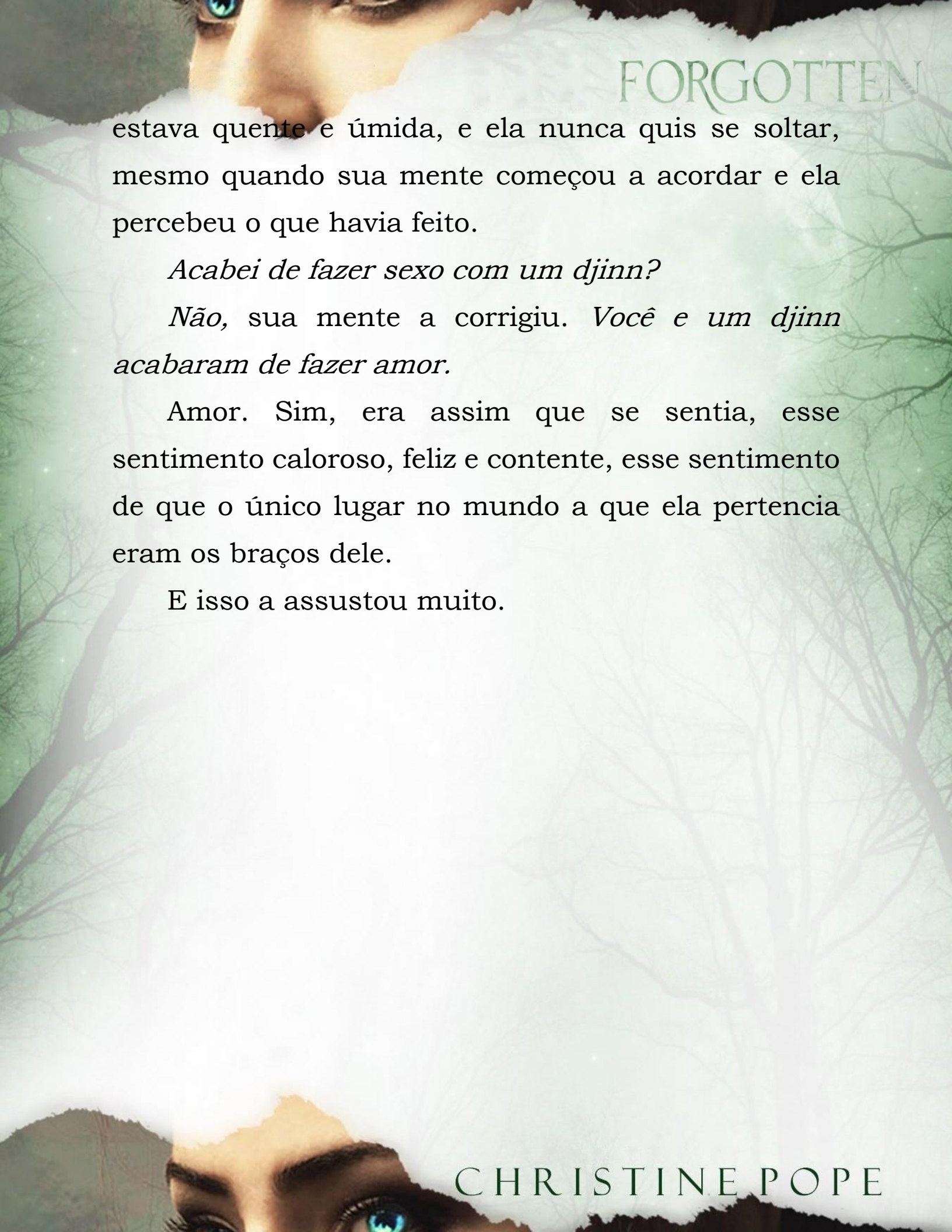
E ele a empurrou para baixo dos travesseiros, sua boca deixando beijos do estômago dela até a parte interna das coxas... e então se aproximando, sua língua a tocando, lenta e persistente. Ela gritou e o segurou, seus longos cabelos deslizando sobre os dedos. Foi bom. Melhor que bom. Melhor que o melhor -

O orgasmo explodiu através dela, todo o calor, mel e formigamentos deliciosos que a deixaram tão

frágil, que ela não tinha certeza se conseguiria ficar de pé novamente. Não se preocupe, pois agora Amaal estava em cima dela, pressionando-a contra o colchão. Um impulso, e ele estava lá dentro, entrando e saindo dela, preenchendo-a tão maravilhosamente que Deirdre só podia se agarrar a ele e se mover com seu ritmo, cada empurrão e puxão ampliando os efeitos de seu clímax apenas momentos antes, aqueles maravilhosos refluxos e flui trazendo-a cada vez mais perto e

Ela não sabia dizer qual deles veio primeiro. Amaal gemeu, e ela ofegou, e os dois estavam agarrados um ao outro enquanto espirais de êxtase os uniam, respirando como um, movendo-se como um, até que lentamente voltaram a si mesmos, tornando-se duas pessoas mais uma vez.

Muito lentamente, Amaal deslizou para fora dela, depois a abraçou com força, os lábios pressionados contra a testa. Deirdre podia sentir a batida pesada de seu coração, mais rápido do que ela esperava, mas gradualmente diminuindo a velocidade. A pele dele



FORGOTTEN

estava quente e úmida, e ela nunca quis se soltar, mesmo quando sua mente começou a acordar e ela percebeu o que havia feito.

Acabei de fazer sexo com um djinn?

Não, sua mente a corrigiu. Você e um djinn acabaram de fazer amor.

Amor. Sim, era assim que se sentia, esse sentimento caloroso, feliz e contente, esse sentimento de que o único lugar no mundo a que ela pertencia eram os braços dele.

E isso a assustou muito.

CHRISTINE POPE

Eles dormiram. Em algum momento da noite, Sasha deve ter decidido que ela não estava mais na casinha, por assim dizer, e tinha ido dormir na cama que ele colocara contra uma parede para ela, mas Amaal havia adormecido tão profundamente, ele não a ouvira.

Por fim, a luz da manhã começou a filtrar-se através das cortinas levemente transparentes do quarto. Ele se mexeu e olhou para o travesseiro ao lado dele. Deirdre ainda dormia, os cabelos compridos espalhados pelos ombros como uma lembrança do sol do verão, com seus matizes quentes de destaque destacados em mechas de ouro pálido.

Este era um momento que ele esperava há algum tempo - acordar em sua cama e ter Deirdre ao seu lado. Ele a encarou por um longo momento, lembrando-se da doçura de sua carne, do jeito ousado que ela o levava na boca sem se convencer. Na verdade, seu corpo estremeceu um pouco agora,

apenas lembrando o quão hábil ela tinha sido. Ele esperava que fazer amor com ela fosse magnífico, mas não esperava que fosse tão surpreendente quanto a realidade provasse.

Ela se moveu então, os olhos se abrindo para encontrar os dele. Sua boca doce se curvou em um sorriso preguiçoso. — Manhã. Que horas são?

— O que isso importa? — ele perguntou, seu tom de provocação. — Você tem algum lugar para ir?

O sorriso se transformou em um olhar sério. — Não. Estou exatamente onde quero estar.

Era isso que ele queria ouvir. Porque agora que ele a tinha, Amaal não conseguia imaginar uma manhã em que ela não acordasse ao lado dele. Ela já se sentia mais real com ele do que qualquer outra pessoa que ele já conheceria. — Assim como eu. Então não vejo que diferença faz a hora.

Deirdre sentou-se, os cabelos deslizando sobre os ombros. Escondeu parcialmente a curva sensual de seus seios cheios ... muito parcialmente. Uma pitada de cor tocou suas bochechas, e ela agarrou o lençol e

puxou-o para se cobrir. — Talvez não seja para você ou para mim, mas, caso você não tenha notado, nosso cachorro é bastante específico sobre sua agenda. Tenho certeza que ela precisa sair e quer tomar o café da manhã.

Seu olhar se dirigiu para a porta onde Sasha estava sentada, a cauda batendo contra o chão de uma maneira esperançosa. A expressão do cão era tão suplicante que Amaal não pôde deixar de rir. — Eu acho que você está certo. Eu não tinha ideia de que teríamos um tirano debaixo do nosso teto quando a adotássemos.

— Vem com o território, — disse Deirdre. — Pelo menos, foi o que vi com os cães de meu amigo, mesmo que nunca tivesse um.

— Até agora.

— Até agora. — Ela estava sorrindo um pouco, mas a intensidade de seu olhar lhe dizia o quanto isso importava para ela - acordando ao lado dele, compartilhando sua manhã, compartilhando sua afeição por esse animal que havia entrado em suas

vidas. — Você acha que poderia me conjurar algo para vestir? Não tenho muita coisa para descansar em casa.

Por mais que ele gostasse de vê-la em lingerie rendada, isso provavelmente não teria sido muito prático. Esta era uma casa suficientemente fina, mas ainda era um tanto quanto fria. — É claro, — ele disse, e no momento seguinte, um par de roupas íntimas e algumas calças de malha soltas e uma camiseta, junto com uma túnica de lã, haviam aparado no pé da cama.

— Você é incrível.

— Eu sou djinn. Esse tipo de coisa vem com bastante facilidade.

— Eu suponho. Mas ainda.

Com um movimento da cabeça, ela saiu de debaixo das cobertas e se vestiu, depois passou os dedos pelos cabelos e os afofou sobre os ombros. Como parecia que outras intimidades teriam que esperar, Amaal também se levantou da cama e vestiu o equivalente ao que Deirdre usava, apenas com

calças de pijama de flanela em vez das calças de ioga que usava.

Assim que ambos estavam vestidos, Sasha deu um pequeno uivo feliz, depois se virou e desceu as escadas laboriosamente. Os dois a seguiram, com Deirdre estendendo a mão para pegar a mão de Amaal enquanto desciam para o primeiro andar. Apenas o toque dos dedos dela contra os dele foi suficiente para enviar um pouco de emoção através dele. Talvez fosse essa a maneira de dizer que ela também queria fazer amor de novo. Bem, possivelmente depois do café da manhã. O chuveiro no quarto principal era bastante grande e apresentava todo tipo de possibilidades interessantes.

Satisfeito com essa perspectiva, ele entrou na cozinha e pegou um pouco de comida de cachorro para Sasha, além de refrescar a água em sua tigela. Ao mesmo tempo, Deirdre estava pegando a sacola de grãos de café, que ela colocou no balcão pelo moedor.

— É melhor você fazer isso, — disse ela com um sorriso um pouco de desculpas. — Eu nunca usei uma dessas coisas antes.

— É bastante simples. — Ele derramou a medida adequada de feijão no moedor e acrescentou: — Mas é bastante alto.

Deirdre disse: — Eu sei, — então recuou, estremecendo um pouco quando ele ligou o dispositivo. Felizmente, esse procedimento levou apenas cerca de trinta segundos, após o que ele pegou o café moído na hora e colocou na cafeteira. Um aceno de mão e a jarra estava cheia de água, que ele também derramou.

— Não queria andar três pés até a pia? — Deirdre perguntou com um sorriso.

— Não vejo nada errado em economizar tempo quando me convém, — respondeu ele.

— Eu acho que não. — Ela se encostou no balcão. — O que está na agenda para hoje?

— O que você quiser. Vi alguns esquis guardados na garagem.

Imediatamente ela balançou a cabeça. — Não, acho que vou passar. Moto de neve era uma coisa, mas eu sempre tive medo de esqui. Eu cheguei até aqui na vida sem quebrar nenhum osso e realmente não quero começar agora.

Sábio dela, ele supôs. — Bem, com toda essa neve por aí, nossas opções são um pouco limitadas. — Ele já espiou pela janela da cozinha e viu que o chão ainda estava coberto de branco, embora hoje promettesse ser mais quente. Apesar disso, ele não achava que as condições fossem boas para fazer caminhadas ou outras atividades semelhantes ao ar livre.

— Parece que é hora da Netflix e relaxar, — comentou Deirdre, e Amaal levantou uma sobrancelha.

— Que expressão curiosa.

Ela riu e se aproximou e o beijou, quente e cheio, nos lábios. — Isso significa apenas ficar andando pela casa e assistir TV ... e talvez participar de

algumas atividades extracurriculares entre os episódios, se é que você me entende.

Oh, ele sabia exatamente o que ela queria dizer. O beijo dela já o despertara, e agora o pensamento de ser preguiçoso e indulgente, de passar metade do dia fazendo amor ... se não mais que metade do dia ... parecia uma excelente ideia. — Você terá que me ajudar a escolher os programas de televisão.

— Eu acho que posso gerenciar isso. Contanto que você consiga conjurar o que eu peço tão facilmente quanto você faz todo o resto.

— Não será um problema.

Ela sorriu para ele, um sorriso pequeno, quase malicioso, que provocou uma covinha na bochecha. Amaal achou que ele gostava muito desse lado dela. Até a noite anterior, ela mantinha uma parte dela trancada, protegida, e agora ele estava começando a ver como ela poderia estar quando não estava lutando com seus sentimentos por ele ou preocupada com seu futuro.

Bem, ela não tinha nada com que se preocupar agora. Ele a manteria segura, e eles ficariam aqui e explorariam todos os meandros do ato sexual, e então ...

E então ... o que? Amaal não queria que sua mente seguisse nessa direção, nem quando ele estava tão contente, nem quando Deirdre estava sorrindo para ele assim, e ainda assim ele não conseguia se impedir de se perguntar com precisão o que pretendia fazer. os dias e semanas se estendiam em meses ... se o relacionamento dele e Deirdre continuasse por esse período de tempo. Seus contatos com mulheres djinn nunca duraram muito tempo, pois sempre foram baseados em atração puramente física e nada mais. Ele gostava de dormir com aquelas mulheres, mas não tinha certeza se alguma vez *gostara de* alguma delas.

Ele pensou que gostava de Deirdre, gostava muito dela. Mesmo agora, enquanto a observava se abaixar e coçar atrás das orelhas de Sasha, e depois passava gravemente os dedos pela perna traseira do cachorro,

avaliando a melhora em sua lesão, Amaal experimentou outra daquelas estranhas pressas de ternura. Sim, ele queria levar Deirdre para o andar de cima e fazer amor com ela novamente, ou possivelmente afundar com ela na frente do fogo mais uma vez e explorar seu corpo delicioso de vez em quando ... uma vez que o cachorro estava distraído com segurança por um osso.

Ao mesmo tempo, porém, ele queria vigiar a mulher que encontrara, garantir que ela estivesse protegida de todos os danos. Ele queria saber que ela nunca mais sofreria machucada, nunca soluçaria em seus braços, como no dia anterior, enterrada nas tristezas do mundo. Deveria ser alegre e alegre, rindo do jeito que estava enquanto andavam de snowmobile pela paisagem intocada e coberta de neve. Tudo nela deve estar livre da dor que ela carregou por tanto tempo.

Curioso. Ele nunca havia se sentido assim com alguém antes.

Talvez isso fosse mais do que meramente gostar dela. Possivelmente....

Sua mente gaguejou para longe do pensamento. Ele não queria reconhecê-lo ainda, não queria admitir isso nem para si mesmo. Pois isso significaria uma conexão muito mais duradoura do que aquela que ele havia imaginado, e ele não sabia como isso poderia acontecer, não com a maneira como o mundo estava estruturado agora. Havia dois papéis que os humanos poderiam desempenhar nesse mundo, vítima ou Escolhida. Ele não permitiria que Deirdre se tornasse uma vítima, e ainda assim....

— Amaal? — Agora que ela se levantara de cuidar do cachorro, lançara um olhar interrogativo na direção dele. — Você está bem?

— Eu estou bem, — ele respondeu imediatamente, afastando aqueles pensamentos indesejados. — Eu estava pensando o que você gostaria de tomar no café da manhã.

A expressão dela ficou levemente especulativa, como se ela adivinhasse que ele estivesse pensando

em outra coisa que não a refeição da manhã. Mas então ela pareceu afastar sua preocupação, porque sorriu e disse: — Tive uma omelete com brie e cebola caramelizada uma vez. Foi fantástico. — Um brilho nos olhos e ela perguntou: — Você acha que pode lidar com isso?

— Sem dúvida, — ele respondeu, feliz por poder agora se concentrar em algo tão mundano. — E talvez um pouco de champanhe para acompanhar?

Essa sugestão foi recompensada com um sorriso. — Isso parece divino.

— Seu desejo é o meu comando, — disse ele com uma pequena reverência. Ela riu, e ele começou a fazer o café da manhã elegante aparecer na mesa da cozinha.

Quando Deirdre se sentou, e Sasha assumiu sua posição habitual de lado, para que ela pudesse ficar atenta a todos os restos que surgissem, Amaal soltou um suspiro de alívio, feliz pela chance de se concentrar em algo. além de seus pensamentos.

Goste ou não, ele havia chegado perigosamente perto de admitir para si mesmo que poderia estar apaixonado por Deirdre Graves.

Foi maravilhoso. Ela e Amaal haviam brindado um ao outro com o champanhe que ele conjurara, e então os dois procuraram as omeletes que ele fez aparecer do nada, assim como as batatas fritas e frutas que ele havia acrescentado para completar a refeição. refeição. Provavelmente, parte de seu prazer pela comida veio do brilho posterior do ato sexual na noite anterior, e uma esperança perversa de que haveria muito mais do mesmo no futuro próximo. Se ela fechasse os olhos, mesmo que por um instante, ela poderia recordar imediatamente o calor da pele dele contra a dela, aqueles dedos fortes dele a acariciando, a maneira como seus corpos se encaixavam tão bem.

Quem sabia que o sexo com um djinn poderia ser tão bom demais?

Além disso, o sol estava brilhando hoje, brilhante e alegre, e ela já podia ver manchas nuas aparecendo na neve do lado de fora da janela da cozinha. Se o tempo continuasse assim, a maioria dos vestígios da tempestade desapareceria em poucos dias. Esse pensamento aliviou Deirdre bastante. Não, não era como se ela tivesse que se preocupar em ficar presa aqui, não quando Amaal pudesse piscar quando ela quisesse, mas ...

Seu olhar parecia rastrear para onde ela estava olhando. — Parece que foi bom termos ido ontem para o nosso snowmobile. A neve já está muito escorregadia para essas atividades.

Ela assentiu. — Eu sei. Mas foi no início do ano para esse tipo de tempestade, então não estou muito surpresa que já esteja começando a derreter. Provavelmente teremos outro feitiço quente antes que o tempo real do inverno apareça. Geralmente está mais úmido após o primeiro do ano.

— Bem, então, espero que o sol continue. — Ele pegou sua caneca de café e tomou um gole. — Como

andar de moto de neve parece estar fora de questão, o que mais você gostaria de fazer hoje ... se ficarmos cansados de assistir a esse seu Netflix?

Deirdre se chocou ao dizer. — Você quer dizer depois que você e eu tomamos aquele banho enorme na suíte master e fazemos coisas indescritíveis um ao outro?

A pergunta o fez rir alto, mesmo quando ele lançou um olhar que parecia indicar que ele estava se perguntando o que ela havia feito com o verdadeira Deirdre Graves. — Sim, depois disso, — ele respondeu. — Embora eu esteja feliz em saber que você estava pensando a mesma coisa que eu.

É bom saber que ela não era a única com a mente suja. Mas o sexo com ele era tão incrível que ela queria ter certeza de que conseguia tanto quanto queria ... tanto quanto ela precisava. — Bem, há tanta TV que podemos assistir. É divertido relaxar um pouco, mas eu sempre começo a ficar nervosa. Mas obviamente não podemos realmente fazer

caminhadas ou algo assim, não com toda essa lama e neve derretida.

— Não precisamos ficar em casa.

Deirdre podia sentir as sobrancelhas erguidas. — Eu pensei que você realmente não poderia deixar seu território.

Outra risada curta, e Amaal pegou sua caneca de café. — Isso não é exatamente preciso. Não posso *morar* em outro lugar, é verdade, mas certamente tenho liberdade para encontrar diversão por perto. Sei de fato que nenhum outro djinn está estabelecido em nenhum lugar perto daqui, então, enquanto permanecermos em um raio de 80 quilômetros, ficaremos bem. — Ele recostou-se na cadeira e perguntou: — Se você pudesse ir a qualquer lugar dentro de um raio de 80 quilômetros, para onde iria?

Houve uma boa pergunta. Deirdre pensou na modesta casa alugada que dividira com a mãe em San Bernardino. Ela supôs que poderia ir para lá, mas por quê? A mãe dela estava morta, e Deirdre não conseguia pensar em nada que ela precisasse ou

desejasse desesperadamente. Fotos de família só a deixariam triste, seriam lembretes constantes de tudo o que ela havia perdido. Agora, ela não queria olhar para trás - ela queria ter um futuro com Amaal.

Tudo bem, então o que mais? Ele tinha acabado de lhe dar um guarda-roupa novo, então não era como se ela precisasse dele para levá-la ao shopping ou algo assim. Tudo bem, ela poderia usar um pouco mais de maquiagem e itens pessoais, mas nenhuma dessas necessidades era terrivelmente premente.

No entanto, pensar em fazer compras no shopping lhe deu uma ideia. Havia um shopping que eles podiam ir, mas a parte de compras era apenas secundária.

— Vamos para Ontario Mills, — ela sugere.

— O que é isso?

— É - *era* um shopping center. Mas também tem um Dave & Buster's. Seria divertido ficar lá por um tempo.

A expressão de Amaal foi um estudo confuso. — O que é um Dave & Buster?

— Uma espécie de arcade. Com jogos. — Deirdre pausou antes de adicionar: — Você pode usar seu poder djinn para obter a eletricidade funcionando, certo?

— Sim, — ele respondeu.

— Bem então. Você já jogou skeeball?

Agora ele parecia ainda mais intrigado. — Eu não acredito.

— Você vai gostar. — Ela pensou em como ele voltara a usar trajes de djinn e percebeu que talvez não fosse a melhor escolha para esse tipo de atividade. — Você provavelmente deveria usar roupas humanas, no entanto.

— Por que?

— Porque essas mangas definitivamente atrapalham.

Foi um bom dia depois do café da manhã, Amaal piscou ele e Deirdre no chuveiro no banheiro principal, descartando convenientemente suas roupas pelo caminho. Ela se assustou um pouco com

seu repentino estado nu, mas depois veio a ele imediatamente, os braços passando ao redor dele, seios nus pressionando seu peito. Água morna começou a bater neles quando eles se beijaram, a mão dela indo acariciá-lo, mesmo quando ele deslizou os dedos entre as pernas dela.

Ah, sim, ela estava muito pronta. Ele tentou fazer o possível para se concentrar nela, no prazer que lhe dava, porque não queria derramar sua semente tão cedo. E quando ela ofegou e gritou, ele a levantou, segurando-a contra a parede para que pudesse entrar nela, sentir todo o calor e a umidade feminina ao seu redor. Ela se agarrou a ele, as pernas em volta da cintura dele, e eles se moveram juntas, o calor do chuveiro apenas aumentando a febre que ele sentia em seu sangue.

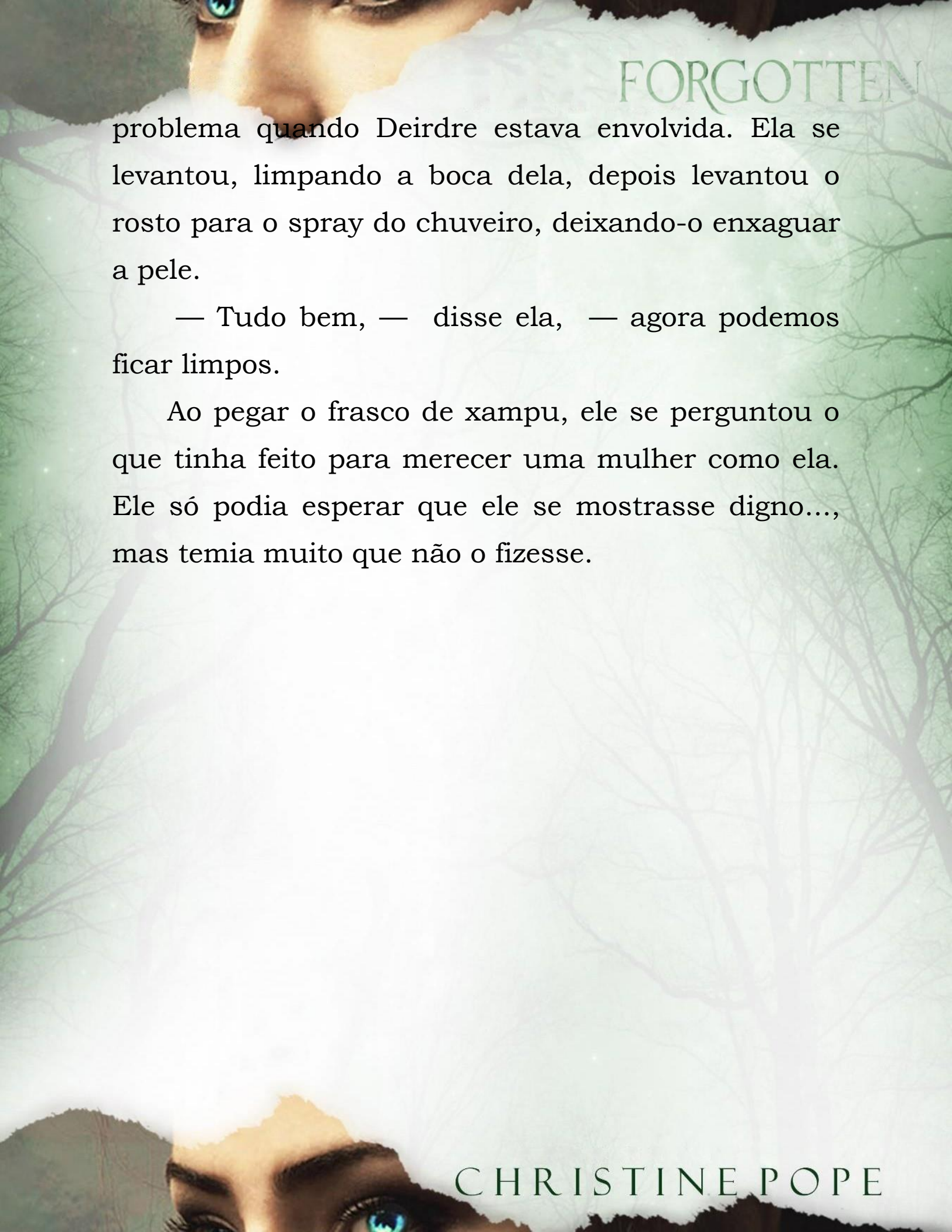
Ele passou nela assim como ela chegou ao clímax. Ela gritou o nome dele, os dedos cravando nos cabelos dele. Um momento se passou, e então ele a abaixou suavemente.

Mais uma vez, ela ofereceu um sorriso malicioso.
— Eu não sei sobre 'indizível', mas isso foi muito bom.
— Estou feliz que você pense assim.

Ela subiu na ponta dos pés e o beijou na boca, seu corpo flexível e úmido empurrando contra ele. Quase imediatamente, ele pôde sentir-se novamente endurecido. Um olhar para baixo, e ela sorriu. — Parece que é melhor eu cuidar disso.

Antes que ele pudesse responder, ela se ajoelhou e o pegou na boca, lambendo-o de uma maneira tão lasciva que ele ficou totalmente duro novamente em segundos. Os dedos dele enredaram nos cabelos molhados dela, e ele a segurou enquanto a água batia nos dois. Ah, Deus, ela era boa. Ele havia fantasiado sobre Deirdre fazer isso com ele, mas nunca esperava que a realidade fosse muito melhor que a fantasia.

O orgasmo o chocou, não apenas pela intensidade, mas pela rapidez com que chegou. Normalmente, ele precisaria de um período decente de tempo para se recuperar quando já havia chegado ao clímax recentemente, mas isso não parecia ser um



FORGOTTEN

problema quando Deirdre estava envolvida. Ela se levantou, limpando a boca dela, depois levantou o rosto para o spray do chuveiro, deixando-o enxaguar a pele.

— Tudo bem, — disse ela, — agora podemos ficar limpos.

Ao pegar o frasco de xampu, ele se perguntou o que tinha feito para merecer uma mulher como ela. Ele só podia esperar que ele se mostrasse digno..., mas temia muito que não o fizesse.

CHRISTINE POPE

Como Amaal nunca havia visitado Ontario Mills, eles tiveram que viajar para lá em um piscar de OLHOS depois de passarem pelo território que ele conhecia. Mesmo assim, eles chegaram ao vasto shopping vazio dez minutos depois de sair de casa, ainda um período de tempo muito menor do que o necessário para dirigir até lá.

Eles desembarcaram no estacionamento, que ainda estava cheio de mais carros do que Deirdre esperava. Ela tinha perdido o início do Heat, só tinha visto o que isso fazia com seus companheiros na estação de pesquisa e, por isso, supôs que não havia percebido a rapidez com que isso poderia ultrapassar uma pessoa, poderia derrubá-la enquanto eles estavam fazendo compras. Ou dirigindo ou parado no sinal vermelho. De um lado, ela viu dois carros realmente colidirem um com o outro, um Ford Explorer ordenadamente desossando um Toyota Corolla muito menor. Mesmo em baixa velocidade,

esse tipo de acidente causou muitos danos, mas ela imaginou que os motoristas daqueles carros tinham coisas muito mais importantes com que se preocupar.

Resolutamente, ela se afastou da bagunça no estacionamento e pegou Amaal pela mão. — Por aqui, — disse ela, guiando-o até a entrada mais próxima, que ela percebeu que estava no lado oposto do shopping de onde eles queriam estar. Ainda assim, isso não deveria importar tanto. Eles poderiam simplesmente atravessar o shopping para chegar ao Dave & Buster's.

Ele brincou, embora Deirdre tenha notado como ele parou por um segundo para olhar para o céu azul claro antes de segui-la. Ele estava preocupado que o djinn dela os visse aqui, mesmo que este não fosse território de ninguém, basicamente uma terra de ninguém?

Ela não tinha pensado nessa possibilidade. Bem, a julgar por várias coisas que Amaal havia dito, parecia que os djinn que estavam matando a vida

humana já haviam varrido essa área, então ela não viu nenhuma razão para estarem por aqui agora.

Mesmo assim, ela não pôde deixar de soltar um pouco de alívio quando ele abriu uma das portas de vidro para ela e eles entraram no shopping. Não estava trancado – quem seria deixado aqui para proteger o shopping? Com o Heat, saques realmente não eram um problema.

Amaal fez uma pausa novamente, exceto que desta vez era apenas para tocar uma mão na parede mais próxima deles. No mesmo instante, as luzes no teto brilharam, iluminando as áreas abertas entre as fileiras de lojas, embora as próprias lojas permanecessem escuras.

— Iluminar tudo exigiria uma grande quantidade de minha energia, — disse ele. — Espero que você não se importe que eu apenas ilumine os lugares para onde estamos indo.

— Não, eu não me importo, — respondeu Deirdre imediatamente. Portanto, havia limites para seu poder. Ela começou a se perguntar. —

Precisamos passar por este corredor para chegar ao Dave & Buster's.

— Lidere.

Ainda segurando a mão dele, ela começou a caminhar na direção de seu destino. Era impossível ignorar as pequenas pilhas cinzentas de poeira que ela via aqui e ali, mas disse a si mesma que as coisas poderiam ter sido piores. Pelo menos aqueles não eram corpos reais deitados lá. Você quase podia esquecer que aquelas pilhas insignificantes de poeira já haviam sido seres humanos.

O ar aqui estava velho e cheirava pior do que ela esperava. Mas então, mesmo que você não tivesse que lidar com os cadáveres das pessoas que morreram do Heat, ainda havia todos os restaurantes no shopping e todos os lanches como Cinnabon e Wetzel 's Pretzels. Eles tinham geladeiras estocadas com comida e, é claro, tudo estragou quando a energia acabou.

Deirdre acenou com a mão debaixo do nariz. — Desculpe por isso, — disse ela a Amaal. — Eu tinha

esquecido os restaurantes aqui e como haveria comida estragada.

— Está tudo bem, — ele disse, e acrescentou: — Ou melhor, uma vez que estamos em nosso destino, posso limpar o ar nas imediações. Você não notará nada.

Isso foi um alívio. Ela lhe lançou um sorriso agradecido e apertou seu aperto na mão dele. Felizmente, eles estavam quase no Dave & Buster's. Apenas mais um minuto a céu aberto, e então eles estavam se escondendo.

Porra, estava escuro aqui. Ela nunca tinha realmente saído no local, uma vez que, em geral, os fliperamas não eram realmente coisa dela, mas ela esteve aqui algumas vezes em encontros. A iluminação sempre foi um pouco fraca, e ela supôs que não havia notado na época porque os jogos estavam todos iluminados, fornecendo sua própria iluminação. No entanto, Amaal ergueu a mão e, ao mesmo tempo, as luzes nos tetos altos e altos

ganharam vida, assim como as luminárias falsas no estilo Tiffany sobre a barra.

— Melhor? — Ele perguntou a ela.

— Sim, — ela respondeu. Embora ela não tivesse notado que ele fazia alguma coisa, exceto levantar a mão, ela percebeu que cheirava melhor aqui também. Ela até teve uma leve sensação de ar circulando ao redor deles, como se ele tivesse ligado as unidades de processamento de ar da instalação. — O que você quer fazer primeiro?

Ele levantou uma sobrancelha. — Bem, estamos ao lado do bar.

Então eles estavam. A essa altura já passava do meio dia, o que significava que Deirdre sentia como se fosse seguro beber. Ninguém estava por perto para julgar se ela bebia às nove ou nove da noite, mas alguns hábitos eram difíceis de quebrar.

— Ok, podemos começar com uma bebida, — disse ela. — Mas não vinho. Precisamos de algo mais tolo do que isso em um lugar como este.

— Muito bem, — ele respondeu, aparentemente não muito desconcertado com a sugestão dela. Um olhar para o bar, e ele foi até lá para recuperar um dos menus que ainda estavam lá, agora levemente coberto de poeira. Ele usou a manga do suéter para limpar a poeira e depois entregou o cardápio. — O que você gostaria?

Algo frutado e divertido parecia melhor. — A piña colada, — disse ela. — Você sabe como fazer um desses?

— Estou familiarizado com as receitas de um número de bebidas alcoólicas, — disse ele gravemente.

Enquanto ele falava, a bebida solicitada dela apareceu no bar. Ao lado havia uma bebida alta, com tons ligeiramente rosados. Deirdre olhou para Amaal. — O que é isso?

— Um zumbi, — ele respondeu. — Se eu vou ser tolo com as minhas bebidas, é melhor eu levar a sério.

Ela sorriu e pegou sua piña colada, depois lhe entregou seu zumbi. — Ok, agora que está resolvido, é hora de jogar.

Ele não meneou a cabeça, mas Deirdre percebeu que Amaal se divertia com esta expedição e com o entusiasmo dela. Bem, ela não tinha certeza se conseguiria se explicar completamente, mas depois de passar esses meses na estação de pesquisa, confinada com pouco o que fazer, parecia incrivelmente bom estar em qualquer lugar, até mesmo uma arcada extinta em um local abandonado. Shopping.

As quadras de beisebol ficavam perto dos fundos do prédio, longe dos jogos mais chamativos. Ela sempre preferiu o skeeball porque não envolvia atirar em nada ou explodir coisas, e também porque você podia ganhar muito mais dinheiro do que com os jogos de tiro em cima mais caros.

Eles não tinham um cartão carregado com créditos, mas isso não importava. Amaal tocou o dedo no leitor de cartões ao lado da pista que Deirdre havia

escolhido e imediatamente uma fileira de oito bolas desceu pela rampa.

— Você vai me mostrar como isso funciona?

Ela se inclinou e pegou uma bola, segurou-a na palma da mão por um momento. Meio louco como foi bom, como normal ... tranquilizador. De pé aqui atrás, com as luzes do jogo ativadas e piscando, ela quase podia acreditar que o mundo não havia terminado.

Quase.

— É bastante autoexplicativo, — disse ela. — Você apenas rola a bola pela pista e tenta colocá-la em um daqueles pequenos círculos lá em cima. Quanto menor o círculo, mais pontos você ganha.

— Ainda assim, eu gostaria de assistir.

Consciente de seus olhos nela, Deirdre ficou na frente da pista que ela escolhera e ergueu a bola na mão. Ela costumava ser muito boa nisso, mas já fazia um tempo.

Não é uma competição, ela disse a si mesma. Apenas pegue a maldita bola.

O que ela fez. Para sua surpresa, ela pulou a barreira e entrou no círculo de 250 pontos. Imediatamente, o distribuidor ao lado dela arrotou um fluxo saudável de ingressos.

Amaal olhou para eles com espanto. — O que são aqueles?

— Ingressos, — ela respondeu. — Você os coleciona e depois resgata por prêmios naquela pequena loja ali. — Ela apontou para o centro de redenção, que ficava à direita deles, a cerca de dez metros de distância. No momento, você não podia ver muito do que havia dentro, uma vez que Amaal não havia acendido as luzes lá. — A maioria das coisas era apenas lixo, mas ainda era divertido ver o que você podia conseguir.

— Que peculiar

Ela estendeu a língua para ele, e ele riu quando ela o persuadiu. — Apenas tente.

Ele tocou o leitor de cartões na pista ao lado dela, depois pegou uma das bolas. Como ela, ele o pesou na mão por um momento, claramente se

familiarizando com o peso e a sensação. Então ele rolou pela pista.

Foi direto ao centro, sem anel de onda, e voou para cima e para dentro do círculo de 500 pontos.

Deirdre lançou lhe um olhar de soslaio. — Você tem certeza que nunca fez isso antes?

Os ombros dele se ergueram. — Eu sou djinn. Esse tipo de coisa vem naturalmente para nós.

Claro que sim. Ela tinha a sensação de que seria uma partida muito desigual. Ainda assim, ela não estava prestes a admitir a derrota no início do jogo. Depois de tomar um gole de sua piña colada, que ela colocara em uma mesa próxima fornecida exatamente para esse fim, ela pegou outra bola e a viu com cuidado. O objetivo era tudo – ou quase tudo. A quantidade de força que ela investiu também foi importante. Se ela jogasse com muita força, sabia que ultrapassaria esse importante objetivo de 500 pontos.

A bola rolou pela pista, morta no centro. Ele pulou o pequeno meio-fio no final, ficou no ar... e aterrissou no círculo de 100 pontos.

Droga.

Amaal não sorriu direito, mas Deirdre pensou que ela podia ver sua boca se contorcendo enquanto ele dava um longo puxão no canudo de seu zumbi, então nos aproximamos para recuperar a próxima bola em sua própria pista. Um arremesso suave e graciosa... e lá foi o pequeno alvo de 500 pontos. Mais ingressos vieram da máquina.

A irritação aumentou, mas Deirdre fez o possível para deixar de lado o aborrecimento. Eles vieram para ele se divertir, afinal. Ela nunca se considerou realmente do tipo competitivo, então por que deveria estar chateada por seu companheiro djinn ter batido nela?

Porque, pensou ela, sem falar para pegar sua próxima bola, ele tem uma vantagem embutida. É como lutar contra alguém cheio de hormônio do crescimento humano ou algo assim.

Bem, talvez isso fosse verdade, mas ela não podia fazer muito sobre isso. Desta vez, ela se fez relaxar e não se preocupar tanto com quantos pontos ela

poderia marcar. Ama al já tinha uma vantagem quase intransponível, então por que se estressar com algo que ela não podia mudar?

Especialmente quando era realmente tão pequeno, no grande esquema das coisas.

A bola girou na pista. Para sua surpresa, ela entrou na taça de 500 pontos.

— Muito bom, — disse Amaal. Zumbi na mão, ele se aproximou dela e a beijou na bochecha. — Eu sabia que você tinha isso em você.

— Provavelmente, apenas um lance de sorte, — respondeu ela, absurdamente satisfeita, apesar de sua advertência anterior de que o resultado final realmente não importava.

— Possivelmente. — Ele se inclinou e a beijou novamente, desta vez na boca. Foi um bom beijo, frutado, doce e levemente alcoólico, que enviou um arrepio feliz por todo o corpo. — Ou talvez você simplesmente não quisesse ser derrotado.

A próxima bola que ele rolou só entrou no círculo de 100 pontos. Ele fez isso de propósito, ou ele

realmente estragou a cena? Deirdre não sabia ao certo; sua expressão era tão neutra que era impossível saber o que ele estava pensando. De qualquer maneira, ela percebeu que gostava de assistir à peça dele. Havia muito a ser dito sobre as roupas de djinn e o estômago e o peito que exibiam, mas naquele momento era melhor dar uma olhada em sua bela bunda nos anos 50 desbotados que ele usava.

Seus próximos tiros acertaram ainda mais o jogo, mas no final, Amaal venceu por 225 pontos. Eles juntaram os ingressos e ele disse: — Bem, você pode me mostrar como resgatá-los agora.

— Nós realmente não precisamos fazer isso, — respondeu ela. — Como eu disse, é principalmente lixo.

— Eu ainda gostaria de fazer isso.

Ela sacudiu o corpo, mas o levou até o centro da redenção. A porta não estava trancada, embora Deirdre estivesse aliviado ao notar que não havia pilhas reveladoras de poeira cinza aqui. Amaal

silenciosamente os levaria embora quando ela não estava olhando, ou o funcionário que trabalhava aqui fugira antes que a doença pudesse se firmar?

Melhor não perguntar. Ela observou Amaal acenando com a mão para acender as luzes no alto, iluminando as prateleiras com tudo, desde borrachas a drones a pilhas.

— O que podemos obter com tudo isso? — ele perguntou, agitando o monte de ingressos na mão.

— Apenas leia os sinais. Dizem quantos ingressos vale cada item.

— Ah.

Ele foi de prateleira em prateleira, estudando cada um dos itens e seu rótulo, sua expressão bastante séria. Olhando para ele, Deirdre pensou que nunca tinha visto algo tão adorável. Aquela sensação quente estava de volta em seu peito, a que lhe dizia que isso era muito mais do que atração física ou sexo alucinante. Ela nunca teria acreditado se alguém lhe dissesse a mesma coisa há uma semana, mas ela realmente gostava desse djinn.

Não, isso não estava certo. Ela o *amava*, amou o som de sua voz e a luz em seus olhos azuis quando ele sorriu. Ela adorava a maneira como ele a provocava, e a maneira como ele era tão terno e cuidadoso com Sasha. E sim, sexo com ele positivamente fez os dedos dos pés enrolarem, mas isso era apenas a cereja no topo de um bolo já delicioso.

— Esses ingressos não recebem muito, mesmo com uma pontuação alta, — disse ele, parecendo ofendido. — Eu teria que ganhar o mesmo prêmio pelo menos dez vezes mais para comprar algo remotamente interessante, como aquele carro controlado por rádio.

— É assim que funciona, — ela disse, aproximando-se para deslizar um braço em volta da cintura dele. — Eles queriam que você ficasse viciado para continuar jogando e gastando mais dinheiro. Eu acho que é apenas outro tipo de jogo, na verdade. A casa sempre vence, sabe?.

Um aceno de cabeça, embora seu olhar ainda estivesse fixo na prateleira diante dele. Suponho que posso ver isso. Bem, acho que terei que me contentar com algo não tão interessante, como aquele caleidoscópio de plástico ali. Ele pegou o objeto em questão e foi colocar os ingressos na bancada. Depois que ele terminou, voltou-se para ela. — E agora?

Ela estendeu um braço em direção ao resto do fliperama. — O que você quiser. Afinal, temos o dia todo.

Eles vagavam de um jogo para outro, passando algum tempo atirando em zumbis em um ou indo de cabeça em uma pista de corrida imaginária em outro. Depois que eles se chocaram sem cerimônia - fazendo Deirdre começar a rir, graças à segunda piña colada que ela consumira - eles decidiram que era hora de fazer uma pausa e almoçar tarde.

Ela deslizou um dos menus do restaurante sobre a mesa para ele. — Deveríamos ter algo disso. Você sabe, apenas para tornar as coisas mais autênticas.

Pareceu uma boa ideia. Amaal examinou as ofertas, que eram numerosas, e parecia calculado como o mais prejudicial possível. Ainda assim, djinn não precisava se preocupar com ganho de peso ou artérias entupidas, e certamente Deirdre era jovem e esbelta demais para que essas coisas também fossem uma preocupação para ela.

Eles decidiram comer hambúrgueres e batatas fritas com queijo chili e trocaram as bebidas tropicais frutadas que estavam bebendo para algo um pouco mais leve - chocolate duro para ela, uma cerveja alemã para ele. Tudo o que era necessário era um aceno da mão para fazer a comida deles aparecer.

Deirdre pegou uma batata frita e depois fez uma pausa, uma expressão de preocupação passando por suas feições.

— O que foi? — Perguntou Amaal. — Eles não saíram corretamente?

— Não, — ela respondeu imediatamente, pegou a batata e a mordeu, como se para provar a ele que não havia nada de errado com a comida. — Eles estão

bem. É apenas.... — A frase parou, e ela olhou ao redor, para as luzes piscando nos jogos, para os estandes vazios na área do restaurante onde estavam sentados. Voz baixa, embora, é claro, não houvesse chance de ser ouvida, ela continuou. — Você acha que é desrespeitoso, o que estamos fazendo aqui? Eu acho que me atingiu quando eu estava olhando para lá, em todos os jogos que deveriam ter pessoas jogando. Mas eles não podem jogar esses jogos, porque todos se foram. Eles morreram aqui.

Amaal estendeu a mão sobre a mesa e colocou a mão na dela, na esperança de lhe enviar alguma segurança através dele. — Não, não acho desrespeitoso. Este lugar foi construído para que as pessoas pudessem vir aqui e se divertir, como fizemos esta tarde. Eu tenho que acreditar que os projetistas desta instalação ficariam felizes em saber que alguém ainda era capaz de usá-la. E aqueles que se foram.... — Ele parou ali, sem saber se realmente queria que a conversa seguisse nessa direção.

No entanto, Deirdre se apegou a essas palavras, induzindo: — 'Os que se foram'? E eles?.

Não parecia haver muita utilidade em tentar evitar suas perguntas. — Eles foram para o próximo mundo. Seus corpos estão mortos, mas seus espíritos não se extinguem. E porque estão ocupados em uma nova existência, pouco pensam no que deixaram para trás. Eles não vão invejar você do pequeno prazer que você teve aqui.

Ela sentou-se contra a cabine, olhos arregalados. — Você diz isso como se soubesse de fato.

— Eu faço, — ele disse calmamente. — Ainda não posso justificar o que meu povo fez com o seu, mas tive um pouco de paz sabendo que essas mortes foram apenas uma transição, não um fim.

Lágrimas brilhavam em seus olhos. Ela estendeu a mão para limpá-los, apagando-os com o guardanapo de papel que havia caído no colo. — Obrigado, Amaal, — disse ela, sua voz trêmula. — Realmente ajuda a ouvir isso.

— Eu deveria ter dito algo antes.

— Está tudo bem. — Ela sorriu para ele, um sorriso que parecia um pouco instável, mas ainda era luminoso. — Suponho que o assunto realmente não tenha surgido. Mas agora posso me sentir um pouco melhor com tudo o que aconteceu. — Respirou fundo, e ela pegou outra batata. — E acho que posso comer agora.

Eles terminaram a refeição e depois foram jogar mais bola depois. Essa parecia a atividade mais segura - Amaal não achou que um dos jogos de tiro em que eles haviam se envolvido antes fosse uma ideia muito boa, dado o que discutiram durante o almoço tardio. E quando os dois decidiram que já tinham o suficiente, ele os piscou de volta para a casa em Running Springs.

Sasha veio na direção deles, abanando a cauda, pulando alegremente, apesar do curativo na perna traseira. Amaal deu um tapinha na cabeça dela e disse que ela era uma boa menina, e foi buscá-la na despensa.

Sorrindo, Deirdre os observou, depois passou a mão pelas costas de sua perna. — Ugh - fiquei toda suada durante a última rodada de skeeball. Acho que vou subir as escadas e tomar um banho rápido.

— Devo me juntar a você?

Esse pedido lhe rendeu um revirar os olhos. — Amaal, eu vou tomar um banho *rápido*. Por que você não tira Sasha? Aposto que ela precisa ir embora depois de segurá-la a tarde toda.

Ela provavelmente estava certa. Pelo menos o sol permaneceu brilhante o dia todo, sem nuvens para impedi-lo de trabalhar na neve que se acumulava ao redor da casa. Uma rápida olhada do lado de fora disse a Amaal que bar e manchas já haviam começado a aparecer na área logo depois da varanda.

— Sim, claro, — disse ele. — Venha, Sasha - você quer sair?

Essa pergunta rendeu-lhe um feroz abanar de cauda. Deirdre sorriu e subiu as escadas, enquanto levava o cachorro para fora. Ela imediatamente se aliviou, depois deu a volta e cheirou o chão nu por um

momento antes de voltar para as escadas da varanda. Ele a elogiou, depois piscou os dois de volta para dentro, para que ela não tivesse que tentar subir os degraus. Uma onda de h limpou à mão a lama de suas patas, e ela foi para a cozinha para beber ruidosamente a água.

Amaal parou na sala, ouvindo o som do chuveiro correndo lá em cima. Um pensamento bastante indesejável passou por sua mente, que ele ainda não havia localizado onde Deirdre havia escondido o dispositivo. Mas certamente isso não importava agora? Eles estavam juntos e felizes. Ela não teria motivos para usá-lo nele.

Ainda assim, ele odiava não saber onde tinha sido secretado. Certamente não poderia machucá-lo encontrá-lo e devolvê-lo. Então, sua mente ficaria à vontade, e Deirdre nunca precisaria saber.

Isso pareceu resolver as coisas. Ele piscou para o quarto dela e olhou em volta. Tudo parecia limpo, arrumado e imperturbável. Então, novamente, por que não seria? Ela dormiu ao lado dele na noite

passada e nem chegou aqui, exceto para recuperar algumas roupas.

Bem, ele já tinha verificado o armário de cima para baixo, então ele o ignoraria por enquanto. Indo para a cama, ele levantou os travesseiros e olhou por baixo, mas não encontrou nada. Da mesma forma com o colchão. Realmente não havia outro lugar onde ela pudesse escondê-lo, já que todas as roupas íntimas e outras roupas dobráveis haviam sido guardadas nos armários embutidos no armário.

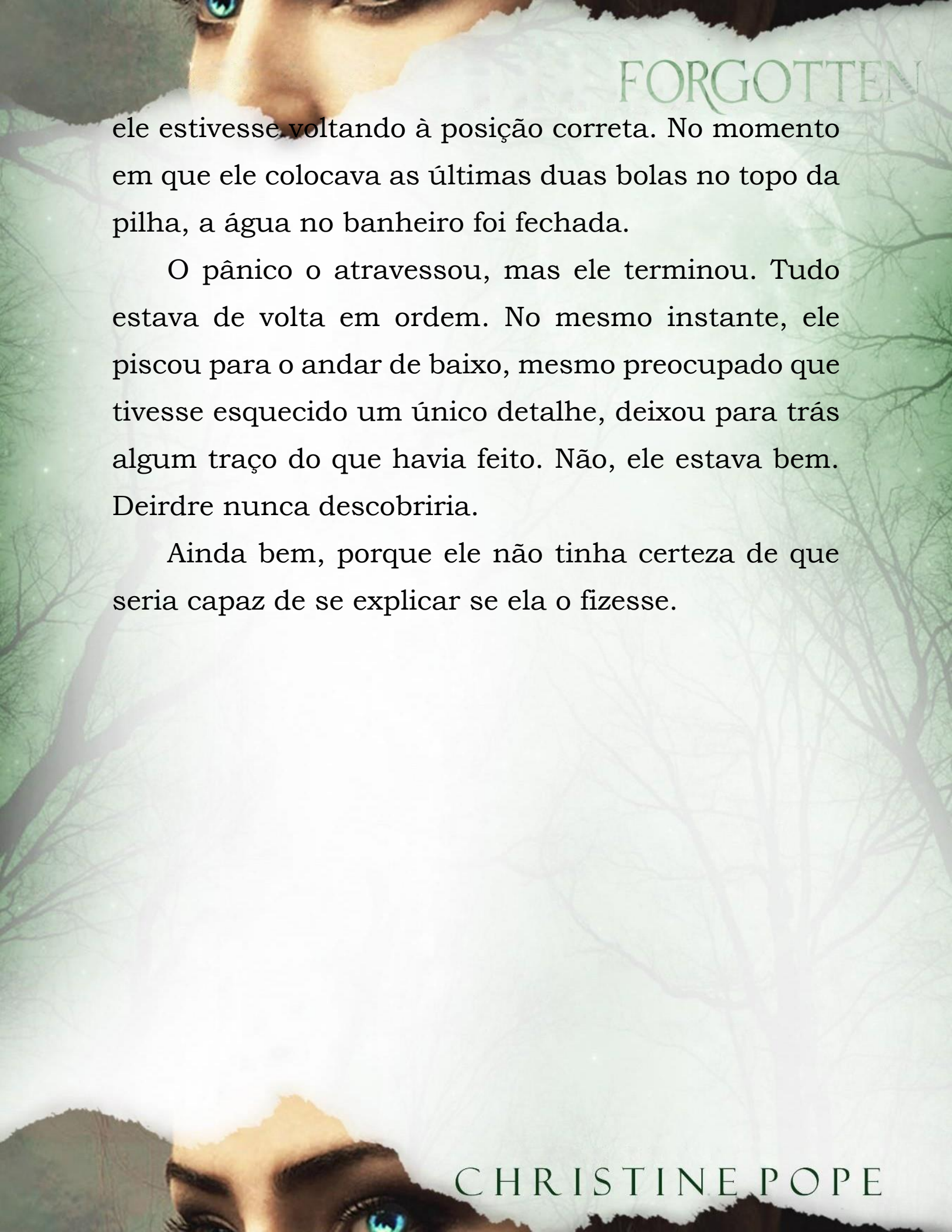
Então seu olhar caiu na cesta baixa e redonda que estava em cima da cômoda. Estava cheio de bolinhas caprichosas, claramente a ideia de um designer com sotaque rústico. Ele nunca havia prestado atenção especial a isso antes, exceto para apreciar o leve aroma floral que parecia agarrar - se aos galhos. E, ao se lembrar de encontrar dois dos pequenos orbes em uma das gavetas do armário, percebeu que aquelas bolas de galhos tinham aproximadamente o mesmo tamanho do dispositivo que Deirdre havia construído.

Ele parou, depois olhou para o corredor. A falta de água corrente vinha claramente do banheiro e não parecia que pararia tão cedo. Aparentemente, Deirdre havia decidido que algo mais do que um banho — curto — estava em ordem.

Boa. Ele pegou as bolas da cesta e colocou-as de lado. No fundo, havia um objeto que não deveria estar lá, um objeto quadrado e brilhante, e de algum modo estranho.

Por um longo momento, Amaal só pôde encará-lo. Um impulso tomou conta dele, um que lhe disse para pegar o dispositivo e escondê-lo, apenas para estar seguro. De alguma forma, porém, ele conseguiu ignorar a voz interior que lhe dizia para roubar a coisa. Se Deirdre notasse que estava faltando, ela saberia que ele tinha sido quem o pegara. Ele já estava violando sua confiança, revistando seu quarto em primeiro lugar; se ele tomasse isso, sabia que ela nunca o perdoaria.

Um fôlego escapou de seus lábios e ele começou a colocar as bolas de galhos na cesta, esperando que

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, showing her eyes and part of her nose and mouth. The image is partially obscured by a white, torn-paper-like border. The background is a light green color with faint, dark silhouettes of bare trees.

FORGOTTEN

ele estivesse voltando à posição correta. No momento em que ele colocava as últimas duas bolas no topo da pilha, a água no banheiro foi fechada.

O pânico o atravessou, mas ele terminou. Tudo estava de volta em ordem. No mesmo instante, ele piscou para o andar de baixo, mesmo preocupado que tivesse esquecido um único detalhe, deixou para trás algum traço do que havia feito. Não, ele estava bem. Deirdre nunca descobriria.

Ainda bem, porque ele não tinha certeza de que seria capaz de se explicar se ela o fizesse.

CHRISTINE POPE

O sol continuou a brilhar por dias e dias, e a neve derreteu tanto que os únicos pedaços que restavam estavam na sombra profunda ou no lado norte da casa. Deirdre estava feliz com o clima agradável, mesmo sabendo que não poderia durar. Ainda assim, agora ela e Amaal podiam fazer caminhadas pela propriedade, levar Sasha com eles, a perna curada até o ponto em que ela tinha toda a sua mobilidade antiga, mesmo que ainda houvesse uma mancha nua no seu pelo que provavelmente levaria meses. realmente desaparecer.

O Natal estava agora a apenas duas semanas, embora Deirdre não tivesse muita certeza do que o feriado significaria, agora que o mundo havia mudado tanto. Não era como se ela e Amaal precisassem trocar presentes; a oferta de presentes perdeu grande parte de seu significado quando você estava com alguém que podia basicamente invocar qualquer coisa que você precisasse.

Ainda assim, era bom ter esses momentos ao sol, mesmo que o tempo estivesse frio o suficiente para que ela precisasse de uma jaqueta para sair. Além de suas caminhadas, eles voltaram a Ontario Mills várias vezes, foram a uma pista de boliche e até seguiram para Big Bear L para que Amaal pudesse habilmente pilotá-los em uma lancha que ele encontrou lá, o vento frio soprando em seus cabelos enquanto eles cortem a serena água azul.

Ao todo, ela tinha que admitir que eles haviam caído em uma existência confortável. Deirdre dormia no quarto de Amaal todas as noites, com Sasha enrolada na cama que ele havia providenciado. Eles fizeram amor, às vezes na cama, às vezes no chuveiro, ou no sofá no andar de baixo, ou... bem, provavelmente a lavanderia era o único quarto que eles não tinham usado para esse fim específico.

Durante todo este tempo, no entanto, ela não podia deixar de imaginar onde tudo isso ia acabar. Ela sabia que amava Amaal, mas tinha medo de dizer essas palavras, com medo de que, uma vez

pronunciadas em voz alta, mudassem tudo. E ela sabia que ele também devia cuidar dela, embora ele nunca tivesse dado qualquer sinal de querer dizer a palavra com A também.

Então, novamente, havia apenas algumas semanas. Deirdre teve que se lembrar de que passara muito mais tempo sozinha na estação de pesquisa do que aqui na casa de Amaal, embora achasse difícil de acreditar. Ele estava tão entrelaçado com a vida dela agora, e aqueles dias e semanas na estação haviam sido tão entediantes, que parecia que ele sempre dominou a existência dela.

Uma tarde, ele parecia ter desaparecido. Em pânico, ela correu para fora, preocupada com o fato de ele ter deixado a propriedade por algum motivo, apesar de sempre ter tido consciência de contar a ela quando levava Sasha para fora, o que geralmente era sua única razão para deixá-la sozinha.

Ela o encontrou em uma pequena clareira entre alguns pinheiros altos. Eles passaram pelo pequeno prado, localizado a poucos metros da casa, algumas

centenas de metros, várias vezes quando saíam andando, mas na verdade nunca haviam entrado entre as árvores. Ele estava lá agora, perto de uma alta pedra de granito que estava no peito, uma lança de pedra que claramente havia sido trazida para cá de algum outro lugar.

Amaal olhou para cima quando se aproximou e lhe ofereceu um sorrisinho triste. Era tão diferente de suas expressões habituais que ela olhou dele para a pedra e depois para trás, a compreensão amanhecendo.

Ela foi até ele e pegou a mão dele na dela. Embora o ar estivesse frio, seus dedos estavam quentes. Eles sempre estavam quentes, na verdade. A única vez em que ficaram com frio foi quando ela usou o dispositivo nele.

Empurrando o pensamento longe, ela perguntou em voz baixa: — Isto é onde seu irmão está enterrado?

— Sim, — ele respondeu. Seu olhar ainda estava dirigido para baixo na terra sob seus pés. — Apesar

de seus crimes, os mais velhos disseram que ele poderia descansar aqui onde estaria perto da família.

— Os mais velhos? — Deirdre nunca o ouvira mencioná-los antes. Por outro lado, eles não passaram muito tempo conversando sobre a sociedade djinn; ela poderia dizer a Amaal que preferia evitar esse assunto.

Levantou os ombros e ele levantou a cabeça e olhou para ela. O sorriso não estava mais triste, ou pelo menos, era mais o sorriso torto e levemente irônico que se tornara tão familiar para ela. — Os djinn não têm um governo precisamente, pelo menos não algo como o que você estava acostumado no mundo antes. Nós somos mais tribais do que qualquer coisa. Mas quando há disputas que não podem ser resolvidas entre indivíduos ou clãs, os anciãos intervêm. Ou quando um crime foi cometido, eles são os que punem.

— Foi o que aconteceu com seu irmão?

— Não exatamente. Como eu te disse, ele lutou com outro djinn e perdeu. Mas como Omar quebrou

as regras que governam essas coisas, eles tiveram a palavra final sobre se ele deveria receber um enterro pacífico. — A boca de Amaal se torceu e ele continuou: — Acho que eles permitiram, porque me forçou a trazê-lo aqui e a ficar onde me disseram.

Deirdre olhou para ele, um pouco confuso com essa afirmação. — Você quer dizer que você não estava aqui antes?

Um suspiro. Ele passou a mão pelos cabelos e disse: — Não, eu não estava. Essas eram minhas terras, e eu deveria morar aqui, mas esta casa e esse clima não são exatamente do meu gosto. Eu teria preferido algo muito mais quente.

Bem, ela realmente não podia culpá-lo por se sentir assim. Tentando parecer encorajadora, ela disse: — Não é tão ruim. Pelo menos é lindo aqui em cima, e não é como se você tivesse que morar na Sibéria ou algo assim.

— Não, suponho que não. Mas eu tinha tomado uma cobertura muito agradável para mim no centro de Los Angeles e preferia ficar lá. Os idosos,

infelizmente, tiveram uma ideia diferente. De volta aqui fui enviado, e de volta aqui devo ficar.

A frustração em sua voz era óbvia. Deirdre realmente não podia culpá-lo, porque ela tinha que admitir, por mais bonita que fosse essa casa, não parecia muito bem para Amaal. Ela podia imaginá-lo em uma cobertura no topo de um arranha-céus, com vistas até o oceano, talvez uma piscina na cobertura. Era muito mais quente em Los Angeles do que aqui em cima nas montanhas. O que os anciãos estavam pensando quando lhe deram essa terra? Você pensaria que eles teriam um pouco mais de cuidado ao determinar onde alguém deveria viver pela eternidade.

Eternidade. Ela dançava em torno do assunto em sua mente o melhor que podia, mas não podia ignorar completamente a realidade de suas diferenças. Amaal era um djinn e supostamente viveria, se não para sempre, por muito, muito tempo. Ela era mortal. No momento, não importava, mas se ela ficasse com ele, começaria a envelhecer. Ele teria geralmente vinte e

oito ou vinte e nove na aparência, enquanto ela com certeza não seria vinte e quatro para sempre.

Mais uma vez, ela tirou o pensamento da cabeça. Não havia nada que ela pudesse fazer de qualquer maneira.

— Bem, — ela disse, sabendo que parecia um pouco alegre à força, — olhe dessa maneira. Se você não tivesse recebido essas terras, nunca teríamos nos encontrado. Talvez os mais velhos realmente soubessem o que estavam fazendo.

Ele sorriu para ela então - um sorriso de verdade - e seus dedos apertaram os dela. — Você está certa, é claro, — respondeu ele. — Eu sempre me perguntei se eles têm o dom da Visão, embora eu tenha certeza que eles o negariam se solicitado. Vale a neve e o frio se eu tiver você aqui com você para me aquecer à noite.

Esse comentário a aqueceu também, e ela subiu na ponta dos pés para poder beijá-lo, sentir o calor se espalhar através dela mais uma vez com a sensação dos lábios dele tocando os dela. Incrível como não

parecia importar quantas vezes eles se beijavam, quantas vezes faziam amor. Cada vez que parecia a primeira vez, uma exploração maravilhosa da atração avassaladora que ela sentia por ele.

— Vamos lá dentro, — disse ela, puxando delicadamente os dedos dele. — Está começando a ficar absolutamente frio aqui, com o sol se pondo do outro lado da montanha.

Ele não protestou, apenas permitiu que ela o levasse de volta para casa. Mesmo assim, ela não pôde deixar de notar como ele olhou por cima do ombro enquanto se afastava, como se estivesse dizendo adeus mais uma vez ao irmão que havia perdido.

Amaal sorriu quando saiu do quarto, ouvindo Deirdre cantarolando para si mesma de uma maneira feliz e afinada de dentro do chuveiro. Eles costumavam tomar banho juntos, mas hoje ela precisava lavar o cabelo, e ele aprendeu que era melhor deixá-la realizar essa tarefa específica

sozinha. Ele já havia tomado banho e pensou em levar Sasha para passear. Mais uma vez, foi um bom dia, o sol brilhando no céu.

Ontem, seus pés o haviam guiado para a clareira onde Omar havia sido descansado, mas Amaal não via motivos para seguir por aquele caminho agora. Sasha ao seu lado, ele caminhou de um modo vagaroso, ligeiramente ao norte e leste, em direção à estrada que ligava essa propriedade a várias outras da vizinhança geral. Naturalmente, essas casas estavam desocupadas, mas seguir nessa direção era um pouco mais fácil, pois a terra já havia sido domada.

Ele estava no topo da subida final antes de chegar à estrada, quando encontrou seu caminho bloqueado inesperadamente, e por uma das últimas pessoas que ele esperava - ou queria - ver.

Idris, o terceiro, e alguns disseram o mais novo, dos mais velhos. Por ser ancião e não ter antepassados, não tinha patronímico, era conhecido apenas por seu primeiro nome.

Ele ficou no meio do caminho, com os braços cruzados. Ao contrário da maioria dos djinn, que tendia a usar roupas nas cores associadas ao elemento que controlavam, Idris estava vestido de preto da cabeça aos pés, aliviado apenas por uma estreita borda prateada ao longo da bainha de sua túnica longa. Seu olhar encontrou as feições de Amaal, carrancudas, regulares e bonitas, quase inexpressivas. Uma leve brisa atingiu seus cabelos pretos na altura dos ombros, bagunçando-os contra a seda que cobria seus ombros largos.

A presença de um ancião aqui poderia significar apenas uma coisa, mas Amaal recuou com o súbito pânico que brilhou dentro dele e disse em tom alegre: — Bem conhecido, Idris. Como você se sai neste belo dia de inverno? Você está me checando? Garanto-lhe que não voltei para minha cobertura.

— Não, você não tem, — Idris concordou. — Eu sei disso, porque já visitei várias vezes e o encontrei desocupado.

Essa declaração evocou uma inesperada sensação de alívio. Talvez Amaal nunca pudesse voltar ao centro de Los Angeles, mas pelo menos nenhum outro djinn se instalara no imenso apartamento que fora forçado a abandonar.

— Bem, então, — disse Amaal, como se isso resolvesse tudo, mesmo sabendo que é claro que não.

— Não é por isso que estou aqui, — continuou Idris, expressão ainda pedregosa, proibindo. — Você está cumprindo uma regra, Amaal al-Tariq, mas está violando outra, que é ainda mais grave. Você sabe que não tem permissão para coabitar com um humano, a menos que você a tenha tomado como sua Escolhida, e ainda esteja morando aqui há várias semanas com a conhecida como Deirdre Graves.

Droga. Amaal não perguntou a Idris como ele sabia o nome de Deirdre, ou que ela morava com Amaal há algum tempo. Idris era um ancião, e era sua responsabilidade conhecer essas coisas. Amaal supunha que era apenas uma questão de tempo, e, no entanto, esperava contra a esperança de que, de

alguma forma, esse acordo que ele elaborou com Deirdre escapasse à atenção.

— Eu tenho, — disse ele francamente, pois sabia que não havia sentido em mentir, não quando Idris já sabia a verdade. — Eu não queria deixá-la sozinha, pois isso só a colocaria em perigo.

Esse comentário fez com que Idris levantasse uma sobrancelha. — De fato? — ele respondeu, descrença clara nessa voz. — Então você a protegeu aqui apenas da bondade do seu coração.

Claro que isso não era verdade. Amaal não se permitiu analisar verdadeiramente seus sentimentos por Deirdre, mas foi forçado a admitir para si mesmo que a queria aqui porque a desejava e porque ela preenchia seus dias solitários. No momento, ele não estava preparado para dizer mais do que isso.

— Estes são tempos perigosos para os humanos por si mesmos.

— Verdade, — disse Idris. — Mas não é sua responsabilidade cuidar dela. Você conhece o compacto com o qual todos os djinn concordaram.

Não é algo que possa ser modificado para atender às suas necessidades particulares ... ou luxúria. Se você se importa com essa mulher, faça dela a sua escolhida e leve-a com você para uma comunidade onde outras pessoas como você moram. Caso contrário, você deve deixá-la ir.

— Mas os caçadores a encontrarão, — protestou Amaal, com um medo muito real em seu coração. É verdade que ela tinha o dispositivo para protegê-la, mas e se falhasse de alguma maneira? Então ela seria totalmente indefesa.

— Isso não é da sua conta. Ou melhor, se você a ama, deve ser simples o suficiente reivindicá-la como sua Escolhida. Caso contrário, por que você deveria se importar se ela vive ou não?.

Boa pergunta. É claro que Amaal se importava, se importava muito. Ele não queria que Deirdre morresse. Por outro lado, como ele poderia se permitir ficar preso a ela pelo resto de sua vida muito longa?

— Vou falar com ela, — disse ele, o que, obviamente, não significava nada de um jeito ou de outro.

Idris parecia ver através dessa manobra, pois seus olhos escuros se estreitaram um pouco. No entanto, ele apenas levantou os ombros e disse: — Sim, fale com ela. E se ela ainda estiver aqui quando o sol se puser amanhã, vou removê-la para sua antiga residência. Você entende?.

Amaal engoliu em seco. — Sim, ancião. Compreendo. Eu cuidarei disso.

— Boa. Espero que sua palavra valha mais do que a do seu irmão.

Aquela pequena farpa foi aparentemente o tiro de despedida do ancião, pois Idris desapareceu imediatamente depois. Sasha, que estava olhando as agulhas de pinheiro mortas sob uma árvore próxima, olhou surpresa e deu um pequeno gemido, como se não tivesse muita certeza do que fazer com a partida do outro djinn.

Para si mesmo, Amaal só ficou ali por um longo momento, pesado, e todos os membros pesados de preocupação. O momento que ele temia ter chegado, não podia mais ser evitado. Idris quis dizer o que ele havia dito e, portanto, Amaal sabia que não podia adiar isso ... e, no entanto, não conseguia pensar em nada que quisesse fazer menos que ir e falar com Deirdre. Naquele momento, ele ainda não tinha certeza do que pretendia dizer a ela.

Na superfície, a solução parecia bastante fácil - ele a faria sua Escolhida, e então eles poderiam sair deste lugar. Não para o assentamento de humanos e djinn em Bel-Air, pois ele duvidava que Malik al-Mazin ou seu Escolhido ficassem felizes demais em ter o irmão de seu antigo adversário estabelecido entre eles. Mas havia outros grupos não muito distantes, um em Laguna Beach e outro em San Diego, ambos com climas muito mais hospitaleiros do que aquele em que sua casa atual estava localizada.

Se ele tinha coragem de fazer uma coisa dessas, de se ligar a Deirdre para sempre ... ele não sabia dizer.

Ele supôs que descobriria em breve.

Sasha veio pulando pela porta da frente, abanando a cauda enquanto se dirigia para a cozinha, na expectativa de receber um presente. Amaal seguiu muito mais devagar, seus passos quase se arrastando.

Deirdre, que acabara de descer depois de se vestir, olhou-o com certa preocupação. Ele se machucou de alguma forma? Não, isso era impossível; djinn praticamente teve que ser atropelado por um trem antes que se machucassem de verdade.

— Amaal? — ela disse, seu tom questionador. — Está tudo bem?

Em resposta, ele lhe deu um pequeno sorriso apertado. — Suponho que isso depende do que você

quer dizer com 'tudo bem'. Recebi a visita de um dos anciãos e precisamos conversar.

— 'Os mais velhos'? — ela ecoou. O que no mundo os idosos queriam com Amaal? Ele estava fazendo como lhe foi dito, permanecendo nas terras que lhe haviam sido designadas, então por que alguém viria até aqui? Eles estavam com problemas para passear em Ontario Mills e Big Bear Lake, apesar de Amaal garantir que tais passeios fossem permitidos?

— Sim, um dos idosos, — disse ele. Com uma mão, ele apontou para a sala de estar. — Venha, Deirdre, vamos nos sentar.

Inquieta, ela seguiu Amaal até a sala e sentou-se no sofá ao lado dele. Geralmente ele pegava a mão dela na dele quando estávamos sentados tão perto, mas agora ele só ficava sentado com as mãos apoiadas nos joelhos, todo o corpo praticamente irradiando tensão.

— O que há de errado? — ela perguntou.

Ele soltou um suspiro. Com o olhar fixo nas janelas altas logo depois dela, em vez de no rosto, ele disse: — Receio não ter sido totalmente sincero com você.

O medo a atravessou, feroz e doloroso como um raio, mas ela se forçou a dizer calmamente: — Verdade, sobre o quê?

— Sobre humanos e djinn. — Ele respirou, os dedos cavando o tecido sedoso da calça que ele usava. — Você vê, embora existam muitas pessoas dedicadas a apagar o resto da humanidade, há também um pequeno número que fez o que pôde para garantir que alguns humanos sobrevivessem.

— Como você tem?

Essa pergunta apenas provocou um sorriso fino. Aqueles olhos azuis, como um eco do céu, ainda não encontrariam os dela. — Não exatamente. Aqueles djinn tiveram permissão para escolher um humano para serem salvos, para serem seus parceiros pelo resto de suas vidas. E porque esses djinn se identificaram com a humanidade, agora eles moram

separados em seus próprios assentamentos, longe do resto do meu povo.

Deirdre ficou quieta por um momento, esforçando-se ao máximo para deixar as palavras de Amaal penetrarem. A única coisa que mais se destacou para ela a princípio foi que havia outros sobreviventes. Ela não estava tão sozinha quanto imaginara. O conhecimento enviou uma onda de calor através dela, um alívio tão profundo, a princípio ela nem sequer o reconheceu pelo que era.

Mas então....

Ela inclinou a cabeça para Amaal. — Você disse que djinn escolheu humanos para ficar? Não foi isso que você fez comigo? Por que não estamos vivendo com o resto desses djinn e seus humanos?.

Com um suspiro, ele se virou para ela. Pela primeira vez, seu olhar encontrou o dela ... embora ela não tivesse certeza de gostar do que viu em seu rosto. Uma boa dose de culpa, associada à expressão de um homem que desejava poder estar em qualquer lugar, menos onde estava.

— Isso não é exatamente verdade para nós dois,
— disse ele, após um momento perceptível de hesitação. — Vivemos um com o outro, mas eu não a escolhi formalmente.

Apesar dessa resposta, ela ainda estava mais confusa do que qualquer outra coisa. — Por que não?

— Porque.... — Amaal parou ali e se levantou, deu alguns passos para longe dela e ficou parado junto à janela. Olhando para o quintal lamacento, ele disse: — Porque eu sei o que isso significa, e você não. Ser Escolhido é estar vinculado ao djinn que o seleciona por toda a eternidade. Não é algo feito casualmente. —

— Oh. — Deirdre podia ver por que tal decisão poderia exigir algumas previsões, mas quanto mais ela pensava sobre isso, mais ela sentia raiva começar a crescer nela, lenta e terrível como uma avalanche. Ela se levantou do sofá também, mas não tentou se aproximar de Amaal, apenas permaneceu onde estava, com os braços cruzados. — Então isso é tudo o que eu sou para você? Uma foda casual?.

Ele se virou, feições bonitas apertadas e tensas.

— Não, claro que não.

— Então o que?

— EU.... — As palavras sumiram e ele balançou a cabeça. — Eu me importo com você, Deirdre. Verdadeiramente eu faço. Mas para fazer de você meu escolhido - eu nunca pensei que faria isso. Não com ninguém. Requer um certo temperamento, um que eu não tinha certeza de possuir. Isso não significa que não tenho sentimentos por você.

Lágrimas começaram a arder em seus olhos, e ela sentiu um nó na garganta. De alguma forma, ele conseguiu sufocar o caminho dela. — Sentimentos com os quais você estava bem desde que não exigissem nenhum tipo de compromisso, certo?

— Deirdre - —

Ele começou a se aproximar dela, e ela levantou a mão. Não, ela não queria que ele tentasse segurá-la, porque temia que, se lhe permitisse tocá-la, essa raiva se dissolveria. Ela precisava disso. Ela precisava

ficar com raiva, ou se preocupava que não seria capaz de fazer o que sabia que devia.

— Não, Amaal. — Ela engoliu em seco. — Eu preciso - eu preciso pensar sobre isso. Tudo certo?

— Acho que seria melhor se conversássemos -

— Bem, eu não. Agora não. Se você se importa comigo, vai me respeitar o suficiente para me deixar ficar sozinha por um tempo.

Um aceno de cabeça. Ele ficou a alguns passos dela, mãos atadas em punhos ao lado do corpo. Deirdre poderia dizer que ele odiava ter que ficar lá e deixá-la ir embora.

Mas ele não discutiu. Ele apenas permaneceu onde estava enquanto ela subia as escadas e subia lentamente, um pé após o outro, cada um desses degraus tão dolorosos e trabalhosos quanto ela caminhava pela areia movediça.

Por fim, porém, ela chegou ao quarto - o quarto que Amaal havia lhe dado quando veio aqui pela primeira vez, não a suíte master que eles estavam compartilhando nas últimas semanas. Ela havia

mudado a maior parte de suas roupas para o armário do quarto principal, mas as coisas que ela usava quando chegara à casa ainda estavam aqui, junto com sua mochila.

Boa. Ela ia precisar disso.

Fora o jeans de grife e o bonito suéter de caxemira verde que Amaal havia fornecido, as botas caras e baratas. Ela voltou para o suéter desbotado e as grossas botas de Levi e puxou os cabelos para trás. Pelo menos esse confronto ocorreu no início do dia; ela tinha certeza de que seria capaz de voltar para a estação de pesquisa antes de cair sem muito esforço.

Então ela foi até a tigela decorativa onde havia escondido o dispositivo e o tirou. Por um longo momento, ficou parada ao lado da cama, segurando a pequena caixa preta na palma da mão e olhando para ela. Será que ela tem a coragem de ligá-lo?

Ela sabia que precisava. Caso contrário, Amaal certamente usaria seus poderes djinn para impedi-la de ir embora. Ele pode não querer fazê-la sua Escolhida, mas ele a queria aqui ... pelo menos por

enquanto. Mais cedo ou mais tarde ele teria se cansado dela e a mandado embora, mas ela não tinha dúvida de que ele queria controlar o momento da separação, queria que fosse nos termos dele.

Amaal pode ser um djinn, mas no fundo ele era tão imbecil quanto seu ex-namorado Tristan.

Isso apesar de ter arrancado algo profundamente, e finalmente as lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. Como ela podia ser tão estúpida a ponto de se apaixonar por um djinn?

Porque ela pensou que ele seria diferente.

Boca ajustada, ela levantou a mochila por cima do ombro. Ela percebeu que deixaria seus escassos artigos de toalete para trás, mas sempre podia economizar um pouco mais, especialmente agora que sabia que o dispositivo funcionava e podia dirigir o caminhão que deixara para trás na estação de pesquisa sem se preocupar com a presença de algum djinn depois dela.

Agora, ela só queria dar o fora daqui.

Enquanto fechava a mochila, ela se viu no espelho pendurado acima da cama. Desapareceu a feliz flor que ela usara nos últimos poucos dias - agora ela parecia tão pálida e caçada quanto quando voltava quando morava sozinha na estação, certa de que a qualquer momento os djinn desceriam. em seu esconderijo e matá-la, assim como todos os outros sobreviventes.

Bem, aparentemente todos os sobreviventes que não foram escolhidos.

Deirdre abriu a porta do quarto, esperando ver Amaal de pé no corredor. Sua mão direita pairava sobre a tela sensível ao toque do dispositivo, por precaução.

Mas ele não estava lá. Ele tinha ficado preocupado de poder perturbá-la ainda mais se não permitisse a maior distância possível?

Talvez. Ela não estava disposta a dar a ele o benefício da dúvida, no entanto.

Ela desceu as escadas e viu Amaal sentado no sofá. Sasha estava encostada no joelho dele enquanto

a coçava atrás das orelhas. Vendo os dois, uma pontada a atravessou, seguida por uma onda de dúvida. Ela estava sendo muito apressada aqui?

Não, ela disse a si mesma. Não seja um covarde. Ele está aqui há duas semanas e sabe o tempo todo que ele não deveria fazer isso sem torná-lo sua escolhida. Ele mentiu para você.

Ela percebeu quando ele notou a mochila, o dispositivo que ela segurava na mão esquerda, porque ele imediatamente se levantou, com uma expressão de consternação no rosto. — Deirdre, por favor -

— Não se preocupe, Amaal.

— Partir não vai resolver nada.

Essa observação apenas a fez sacudir a cabeça. — Nem ficar. Na verdade, eu não posso ficar, posso? Porque suas regras de djinn não me deixam, e você é muito idiota para fazer a coisa certa e me fazer sua Escolhida.

Ele deu um passo em sua direção. — Deirdre -

Com um toque do dedo, ela ligou o dispositivo. Em um ambiente baixo, nada que o machucaria.

Seria apenas drenar seus poderes, torná-lo fraco o suficiente para que ele não pudesse impedi-la de andar pela porta.

O efeito foi imediato. Toda a cor sumiu de seu rosto, e ele cambaleou um pouco antes de recuperar o equilíbrio. Quando ele falou, sua voz estava rouca. — Isso foi uma coisa miserável de se fazer.

Ela encolheu os ombros. — Talvez. Mas eu precisava ter certeza de que você não iria me parar ou me seguir. Vou mantê-lo ligado durante todo o caminho de volta para a estação de pesquisa e não vou desligá-lo. Você precisa ficar longe de mim. Entende?.

— Deirdre, eu sei que você está chateada, mas por favor -

— Claro que estou chateada, — ela interrompeu. — Isso não significa que não estou pensando claramente. Nos divertimos um pouco e acabou. Está bem. Tenho certeza que você esquecerá tudo de mim quando a mulher djinn certa aparecer.

Um fino brilho de suor cobria sua testa. — Você não quis dizer isso.

— Eu faço.

Voz brilhava com tensão - e talvez mais do que um pouco de desespero - ele perguntou: — E Sasha?

Deirdre olhou para o cachorro, que agora estava deitado no chão, com o queixo nas patas. Parecia claro o suficiente que ela estava preocupada com a troca de raiva que seu povo acabara de trocar. A culpa fluiu sobre ela, mas Deirdre sabia que não podia deixar que a preocupação por Sasha a impedisse de ir.

Além disso, ela sempre suspeitou que o cachorro gostava mais de Amaal.

— Você pode ficar com ela, — disse ela, com a voz dura. — Este é um lugar melhor para ela.

— Mas você estará sozinha!

— E daí? — Deliberadamente, Deirdre desceu o pequeno lance de escadas até a entrada, parou diante da porta da frente e a abriu, deixando entrar uma rajada de ar fresco. — Eu não sempre fui?



FORGOTTEN

E ela bateu a porta atrás dele.

CHRISTINE POPE

Isso não estava acontecendo, estava? Deirdre realmente o havia deixado?

Desde que ela saiu de casa há alguns minutos e parecia não ter intenção de voltar, parecia que sim.

Amaal sentou no sofá porque não tinha certeza de que tinha energia para permanecer em pé por mais tempo. Sasha veio e colocou o focinho em seu joelho, olhos dourados olhando para ele implorando.

— Sinto muito, — disse ele, embora não tivesse certeza de quem estava pedindo desculpas, o cachorro ou a agora ausente Deirdre.

Droga, ele deveria ter pegado o dispositivo uma vez que o encontrou e escondido em algum lugar. O pensamento passou por sua mente, mas ele o afastou, dizendo a si mesmo que não havia necessidade de fazer uma coisa dessas, que só estaria arriscando a raiva de Deirdre se ela descobrisse.

Bem, ela estava com raiva ..., mas não sobre o dispositivo.

Ele se inclinou contra as costas do sofá. Sua energia ainda estava esgotada, seus poderes se foram, o que significava que ela ainda devia estar ao alcance. Ela nunca explicou realmente até que ponto o campo de efeito se estendia; talvez ela também não tivesse certeza. E é claro que ela estava sendo forçada a voltar para a estação de pesquisa, pois não haviam trazido nenhum veículo para cá. Não há necessidade, quando ele poderia piscar de um lugar para outro. A garagem aqui estava vazia, exceto pelo carro de neve quando ele chegou, e assim ele assumiu que os donos da casa estavam ausentes quando o calor atingiu. Que pena, porque se houvesse um carro, ele poderia ter entrado e seguido Deirdre daquele jeito. Ele se sentia fraco demais para andar a qualquer distância, e certamente não até a estação de pesquisa, mas achou que poderia dirigir um carro.

Assim que esse pensamento passou por sua mente, ele queria se repreender por isso. Deirdre deixou seus sentimentos extremamente claros. Qual seria o motivo de persegui-la quando ela dissesse a

ele que não queria nada com alguém que não pudesse se comprometer em fazê-la sua Escolhida?

E isso foi simplesmente ridículo. Os djinn que haviam tomado humanos como parceiros tiveram mais de um ano para observar aqueles que haviam escolhido, para garantir que seus Escolhidos fossem compatíveis com eles. Ele e Deirdre só se conheciam há algumas semanas. Certamente ela não conseguia pensar que um conhecimento tão curto fosse uma base razoável para uma eternidade juntos?

Tanto quanto ele podia dizer, era exatamente o que ela pensava.

Com um gemido, ele se levantou do sofá e foi para a cozinha. Ele precisava de uma bebida. Felizmente, havia várias garrafas de vinho branco na geladeira, para que ele não fosse obrigado a fazer uma descida laboriosa no porão para buscar alguma coisa.

Era insuportável ter que abrir o vinho da maneira humana, sem usar nenhum de seus poderes, mas finalmente ele conseguiu abrir a garrafa. Ele pegou um copo e derramou uma medida saudável de vinho,

depois tomou vários goles. Graças aos efeitos do dispositivo, mesmo essa pequena quantidade de álcool o atingiu com toda a força de uma tonelada de tijolos, mas ele aceitou a sensação. Se ele bebesse o suficiente, poderia esquecer como Deirdre era, a música baixa da voz dela. No dia em que ela se aconchegou a ele nas primeiras horas frias da manhã, quando mesmo as colchas abundantes não pareciam o bastante.

Porra, isso seria mais difícil do que ele pensava.

E então, sem aviso, a sensação de esmagamento que pesava seus membros e roubava seus poderes desapareceu de repente. Amaal piscou surpreso quando sua energia voltou a ele, mesmo quando ele percebeu o que deveria ter acontecido.

Deirdre estava fora de alcance. No entanto, isso não significava que ele poderia segui-la com segurança, pois, é claro, se ele chegasse perto o suficiente, o dispositivo começaria a trabalhar nele novamente.

Além disso, ele não tinha resolvido deixá-la ir? Ele desfrutara da companhia dela, mas os bons tempos que haviam compartilhado certamente não eram incentivos suficientes para permitir que ele fosse acorrentado a ela por etnidade. Realmente, ele pensou enquanto se servia de mais um pouco de vinho, ele estava bem livre dela. Ela o salvara da dificuldade de se libertar do relacionamento deles, o que provavelmente aconteceria mais cedo ou mais tarde.

Talvez ele devesse levá-la ao conselho e procurar uma mulher djinn. Ele sabia - porque Omar mencionara isso de uma vez - que Dima al-Dawud, um elemental do ar muito simpático, se estabelecera em uma propriedade no deserto palaciana em Palm Springs. Seria muito mais quente lá, isso era certo.

Sim, parecia o melhor plano. Se ele bebesse o suficiente e se perdesse nos braços de outra mulher, logo esqueceria tudo sobre Deirdre Graves.

Era uma coisa boa o mundo estar tão vazio. Dessa forma, ninguém estava por perto para ver as lágrimas que mancharam as bochechas de Deirdre enquanto ela trabalhava laboriosamente em direção ao sul e leste, de volta à estação de pesquisa. Felizmente, não era como se aquilo fosse um deserto sem trilhas; apenas alguns minutos depois de sair de casa, ela se deparou com uma estrada com um marcador de quilômetro que indicava que ela estava a cinco quilômetros de Running Springs, o que significava que provavelmente não tinha mais do que uma caminhada de oito quilômetros para chegar ao seu destino. Ela estaria lá um pouco depois do meio dia, provavelmente.

O hábito arraigado apenas durante os meses dela a fazia olhar continuamente para o céu enquanto caminhava, embora não visse nada além de falcões e corvos, e um grande pássaro que ela pensava ser uma águia. De qualquer forma, ela sabia que o dispositivo funcionava e, portanto, não havia chance de um djinn descer sobre ela. Qualquer elemento do ar que

tentasse se aproximar cairia do céu como um avião abatido por uma granada lançada por foguete.

Esse pensamento não a tranquilizou tanto quanto ela esperava, no entanto. Embora tivesse dito a si mesma que não queria que Amaal a seguisse, sabia que ele nem se incomodaria, não quando não tivesse chance de chegar a um lugar próximo sem que seus poderes fossem despojados mais uma vez.

Ela estava andando cerca de uma hora antes das lágrimas pararem. Era estúpido chorar tanto por perdê-lo, quando ela havia perdido muito mais no passado recente, graças à doença que seu povo havia inventado. Ele não valia a pena. A única coisa que ela podia fazer agora era esperar o futuro.

Qual seria o futuro, ela realmente não tinha certeza.

Outro soluço, um de alívio, subiu em sua garganta quando a estação de pesquisa finalmente apareceu, parecendo não ter pior desgaste, apesar de ter sido abandonada por quase duas semanas. Deirdre apressou o passo, contente com a chance de

entrar. Não, não havia sinais de perseguição, mas ela não pôde deixar de experimentar uma onda de alívio ao entrar e trancar a porta atrás de si.

A opulenta sala da frente que Amaal havia criado ainda estava lá. Ele não desapareceu quando eles partiram, e ela percebeu que tudo o que ele trouxe à existência era real, não era uma espécie de ilusão elaborada.

Bem, exceto o carinho que ele professara por ela.

Carrancuda, ela tirou a mochila dos ombros e a colocou no balcão da cozinha. A geladeira ainda estava zumbindo, graças aos painéis solares no telhado da estação. Deirdre não tinha dúvida de que tudo ainda funcionava como deveria, o que era bom. Não precisaria fazer muito para voltar a funcionar, como se nada tivesse acontecido.

A questão era... ela realmente queria fazer isso? Voltar aqui e fingir que todo o interlúdio com Amaal nunca tinha ocorrido?

Não. Isso não poderia acontecer. Ela não deixou.

Afinal, ela tinha o dispositivo para protegê-la agora. Ela acabara de atravessar mais de oito quilômetros de campo vazio, e nada havia acontecido com ela. Não havia nenhuma razão no mundo para ela continuar se escondendo aqui.

Ela precisava sair, ficar com sua própria espécie. Seria uma viagem de mil milhas, mas com o dispositivo a protegendo, ela deveria conseguir chegar a Los Alamos. Melhor fazer a tentativa, e possivelmente morrer tentando, do que esquivar-se na estação de pesquisa até que finalmente os suprimentos da zona rural acabassem e ela fosse forçada a seguir em frente.

Tudo certo. Agora que ela tinha um plano em mente, Deirdre sabia que tinha que descobrir a melhor maneira de implementá-lo. Ela só tinha uma ideia vaga de onde Los Alamos estava localizado, mas sabia que precisaria ir para o leste até chegar ao Novo México e depois seguir para o norte. Isso significava que ela poderia pegar a 10 Freeway por uma boa parte da rota. Ela tirava o gás dos outros dois veículos da

propriedade, enchia o caminhão da Toyota o mais cheio possível. Havia mangueiras de borracha no laboratório que deveriam funcionar para essa tarefa específica. E ela poderia continuar a aspirar gás a que viajava. Ela tinha visto uma seção da Autoestrada 10 ao longe, quando ela e Amaal foram para Ontario Mills, e embora houvesse uma quantidade de veículos abandonados bloqueando as faixas, não estava tão atolado que ela não conseguia passar. É verdade que provavelmente só conseguiria dirigir cerca de 65 quilômetros por hora, pelo menos até entrar nos espaços abertos mais amplos fora de Palm Springs, mas se ela partisse de manhã cedo, ainda conseguiria chegar a Phoenix ao anoitecer. Então ela poderia ir até lá e seguir para o Novo México no dia seguinte. Em algum lugar ao longo do caminho, ela pegava um mapa em um posto de gasolina ou em uma parada de caminhões, já que não podia confiar no aplicativo de mapas em seu telefone como costumava fazer, e precisaria de orientações reais depois de passar pelo território que ela conhecia.

Sim, parecia que funcionaria. Por que, então, a perspectiva de partir a fazia se sentir tão desolada?

Porque uma parte dela ainda se importava. Ela estava zangada com Amaal por mentir para ela, por esconder algumas verdades difíceis sobre esse novo mundo, mas apesar de tudo isso, ela não conseguia odiá-lo.

Teria sido mais fácil se ela pudesse.

Com um suspiro, ela foi à despensa e começou a recolher os itens que achava que precisariam para sua viagem.

Amaal havia alimentado Sasha, apesar de ele não ter apetite, e agora ela estava deitada em frente à lareira. Um fogo cintilou ali, a única luz da casa. Ele observou as chamas de mau humor, sentindo agora mais do que nunca a ausência de Deirdre. Como ela poderia ter feito um buraco no mundo dele? Deveria ter sido fácil esquecê-la - afinal, ele havia perdido a conta das mulheres com quem estivera ao longo dos séculos, assim como havia esquecido seus nomes.

Mas parecia que quanto mais ele tentava afastar Deirdre de seus pensamentos, mas ela se aglomerava.

Agora era bastante tarde, quase meia-noite. Ele ficou aqui em frente ao fogo, porque não queria subir as escadas para uma cama vazia. Infelizmente, ele sabia que poderia ficar aqui a noite toda, e isso não mudaria nada. Aquela cama continuaria vazia, porque Deirdre se fora.

Ele deveria dormir um pouco. Duas garrafas de vinho escorreram, e ele pensou em abrir outra. No entanto, ele tinha adiado. Ficar bêbado pode aliviar a dor por um tempo, mas só voltaria quando o álcool passasse.

O que ela estava fazendo agora? Provavelmente dormindo, ele adivinhou, em uma das camas estreitas que tinham sido previstos os estudantes pesquisadores na estação. Seu sono seria tranquilo, pois ela havia feito a coisa certa, não tinha? Ela se afastou quando percebeu que não havia futuro para ela com ele.

Deirdre era muito mais forte que ele.

Amaal passou a mão pelos cabelos e se levantou do sofá. Sasha abriu um olho sonolento para ver o que ele estava fazendo, mas quando ela percebeu que ele não estava fazendo muita coisa, exceto ficar ali e encarar o fogo, ela se mexeu um pouco e voltou a dormir.

Isso foi ridículo. Ele não deveria permitir que uma mulher humana lhe roubasse o descanso. Ah, como Omar ria se ainda estivesse vivo, ria do poder que Amaal dera a Deirdre. Ela só tinha saído por doze horas e, no entanto, cada uma dessas horas havia sido um tormento, uma eternidade. Como ele deveria funcionar quando privado da mulher que amava?

A mulher que ele amava.

Essas palavras o trouxeram à tona. Ele havia evitado reconhecê-los há algum tempo. Algo dentro dele o impediu de reconhecer quais eram realmente esses sentimentos, talvez porque ele nunca os tivesse experimentado antes.

Mas ele percebeu agora, enquanto estava parado na escuridão iluminada pelo fogo, que a amava.

Então, como ela conseguiu rastejar dentro de sua alma, morar nos espaços vazios ali. Ele jogaria isso fora simplesmente porque temia uma vida compartilhada com ela?

Especialmente quando essas horas sem ela já pareciam uma eternidade.

Uma decisão se formou dentro dele. Ele deve ir até ela e dizer que a amava, implorar para que ela volte. Ela seria sua Escolhida, e eles nunca teriam que sofrer outra separação.

Isso parecia muito simples, mas ele se preocupou com o que seria a resposta dela. Talvez ela já tivesse se convencido de que estava melhor sem ele.

De um jeito ou de outro, ele precisava saber. E não podia esperar até de manhã. Ele iria o mais longe que pudesse usando seu poder djinn e rastejaria o resto do caminho, se fosse necessário, quando voltasse ao alcance do dispositivo.

Se ela o recusasse... bem, ele deve ter certeza de que isso não aconteceria.

Deirdre olhou para o teto. Ela tinha ido para a cama mais de uma hora antes, sabendo que precisava acordar e se mexer ao amanhecer, mas o sono estava se tornando ilusório.

As razões para essa insônia eram fáceis de identificar. A cama era dura, muito diferente do esplendor da espuma da memória em que dormia na casa de Amaal. Mais do que isso, porém, foi sua ausência. Ela continuou querendo estender a mão para senti-lo dormir ao lado dela, mas sabia que ele não estava lá, nunca estaria lá.

Esqueça dele, ela disse a si mesma. Pense em ir a Los Alamos, conhecer um cara humano.

Certamente nem todo mundo lá já estaria emparelhado. Tinha que haver sobreviventes solteiros como ela.

O problema era que ela não queria pensar em estar com outra pessoa. Como alguém poderia ser melhor que Amaal, mais apaixonado e terno na cama, mais pronto para se divertir com uma tolice, apenas

para passar o tempo? Ele a fez rir quando ela pensou que nunca mais riria.

Droga.

Ela afastou as cobertas, pensando em se levantar e tomar um chá de camomila. Havia uma caixa no armário, uma que ela havia adquirido alguns meses antes, quando a ansiedade a impediu de dormir. Não era exatamente a mesma coisa que tomar pílulas para dormir, mas o chá ajudou um pouco. Ela simplesmente não podia pegar a estrada amanhã com apenas quatro ou cinco horas de sono debaixo do cinto.

Depois de vestir um moletom por cima da camiseta de mangas compridas e da calça de ioga, e parar para colocar os pés nos Uggs, ela foi para a cozinha. Ela fez isso no escuro tantas vezes que não se incomodou em acender a luz no corredor, mesmo sabendo que não tinha motivos para temer um ataque de djinn agora. Tampouco havia razão para se preocupar em economizar eletricidade, não quando

ela partisse amanhã de manhã e nunca mais voltasse, mas os velhos hábitos eram difíceis.

Ela acendeu a luz da cozinha, no entanto, apenas para poder ver o que estava fazendo. Havia a chaleira, sentada em cima do fogão onde ela a deixara. Encheu-a parcialmente com água e depois foi à despensa para pegar a caixa de chá de camomila.

No momento em que ela pegava uma caneca no armário, um som agudo na frente da estação deixou Deirdre parado. Ela fez uma pausa, uma mão apoiada na porta do armário, uma onda de adrenalina passando por ela.

Lá estava novamente. Uma batida na porta.

Não, isso era impossível. Ela tentou imaginar o que poderia ser. Guaxinins jogando pinhões na frente do prédio? Dificilmente. Isso foi ridículo. Mas....

Outra batida. Desta vez, ela poderia jurar que ouviu alguém dizer seu nome, mas isso era impossível. Provavelmente era apenas o vento que gemia através dos pinheiros que cercava a estação de pesquisa. Ela deveria ignorá-lo.

E ainda....

Balançando a cabeça para si mesma, ela se afastou do armário e caminhou resolutamente em direção à porta da frente. Enquanto prosseguia, ela se perguntou se deveria ter desviado para pegar a espingarda, que agora estava sobre a mesa da cozinha ao lado da mochila e dos outros itens que ela reunira em preparação para a viagem para o leste na manhã seguinte.

Bem, se fossem guaxinins, deveriam ser fáceis o suficiente para assustar sem a espingarda.

Ela esperava.

Deirdre acendeu a luz da varanda. Talvez isso seja suficiente para afugentar qualquer animal.

Mas houve outra batida, e ela ouviu muito claramente desta vez.

— Deirdre ...

Ela abriu a porta e viu Amaal ajoelhado ali na varanda, o rosto pálido e desenhado, brilhantes olhos azuis sombreados pela dor.

Oh, Deus, ele a seguiu até aqui. Tinha chegado até ela através da escuridão, através do dispositivo batendo nele, tirando sua energia. Pelo que ela sabia, ele teve que subir os degraus da varanda, força totalmente gasta.

— Amaal -

— Por favor, — disse ele, ecoando o mesmo pedido da primeira reunião. — Por favor, Deirdre... deixe-me entrar.

Sem falar, ela se ajoelhou e passou um braço em volta da cintura dele, ajudando-o a se levantar. Ele tremia violentamente, sem dúvida pelo ar gelado da noite. Ela tinha que levá-lo para dentro.

Eles não entraram na estação e ela fechou a porta atrás deles. Pelo menos os móveis confortáveis que ele conjurou ainda estavam lá, então ela o ajudou a ir a um dos sofás. Ele caiu sobre ele, a cabeça caindo nas costas altas, as pálpebras fechadas.

— Amaal, o que você está fazendo aqui?

Ele abriu os olhos e deu-lhe um sorriso fraco. — Eu acho que isso seria óbvio.

Um calor perigoso parecia despertar dentro dela, mas ela fez o possível para ignorá-lo. Ela não podia deixar que ele lhe desse qualquer esperança. Agora não, quando ela fez, é melhor ele endurecer seu coração contra ele.

— Bem, explique-me assim mesmo.

Com um leve gemido, ele se levantou. Apenas entrar e sair do ar gelado da noite parecia ter ajudado um pouco, embora ele ainda parecesse muito pálido. — Porque eu percebi que não poderia viver sem você, Deirdre. Eu era um tolo e um mentiroso. Sei que você não tem motivos para me perdoar, mas espero que você possa.

Ouvi-lo dizer a verdade de maneira tão careca, sem tentar fazer sua parte na situação parecer melhor, fez os joelhos de Deirdre parecerem um pouco trêmulos. Ela foi e sentou-se no outro sofá antes que suas pernas lhe falhassem completamente. Mas ... ele estava realmente dizendo a verdade, ou apenas o que ela queria ouvir para voltar para ele? Sem olhar para

ele, ela disse: — Sim, você era um idiota de classe mundial.

— Eu sei disso. — Ele fez uma pausa e continuou. — E eu sei que você pode estar pensando que só estou proferindo palavras bonitas agora para convencê-la a voltar. Mas essa não é a situação. Quero estar com você agora e para sempre, Deirdre. Quero que você seja minha escolhida.

O nó apertado e zangado de mágoa dentro dela começou a afrouxar lentamente. Ele não poderia estar dizendo algo assim se não quisesse dizer isso. Ela não sabia muito sobre djinn, mas sabia que eles não brincavam. Eles tinham suas próprias regras, regras que deveriam ser obedecidas. Amaal não ousaria pedir que ela fosse sua Escolhida, se ele não quisesse isso. Esse não era o tipo de compromisso a ser tomado de ânimo leve.

Mas porque ela já havia sido ferida antes, ela não estava pronta para entrar e dizer sim. — O que, doze horas sem mim, e você de repente percebeu que eu era a pessoa certa para você?

Um sorriso triste tocou seus lábios. — Eu não diria que foi repentino. Em vez disso, percebi o que vinha tentando ignorar por muito tempo. Sua alma fala com a minha, Deirdre, só espero que minha alma fale com a sua. Tentei pensar em continuar sem você e percebi que isso era impossível. Tudo o que posso fazer é contar a verdade do meu coração e espero que você reconheça essa verdade pelo que é.

Por um longo momento, ela só pôde ficar sentada olhando para ele, procurando algum sinal de que ele não estava sendo sincero. Mas ela não conseguia ver nada, exceto uma necessidade terrível em seus olhos, ainda mais forte do que o cansaço que o dispositivo provocara.

E ela sabia o que tinha que fazer.

Ela se levantou do sofá e passou por ele, fazendo o possível para ignorar a confusão e o súbito medo em sua expressão. Ela foi para o quarto e pegou o aparelho de onde estava na mesa de cabeceira e o trouxe de volta para a sala da frente. Então ela se

sentou ao lado de Amaal e pegou a mão dele na dela livre.

— É assim que você desliga, — disse ela, e moveu os dedos sobre a tela sensível ao toque.

A consciência amanheceu e ele sorriu. Quase imediatamente a cor voltou ao seu rosto, a luz aos seus olhos. Ele pegou o dispositivo e colocou-o na mesa baixa diante deles. — Isso significa...? — ele começou e parou, como se não tivesse certeza de que queria fazer a pergunta, afinal.

— Sim, — respondeu Deirdre, então se inclinou e o beijou na bochecha. — Isso significa que eu acredito em você. Significa que não quero estar com você. Porque sua alma fala com a minha, e eu nunca quero que outro dia se passe sem poder ouvi-la.

Ele estendeu a mão e tocou os cabelos dela, depois moveu os dedos para tocar sua bochecha. — Porque eu te amo, Deirdre Graves, e eu quero passar a eternidade com você.

O nó dentro dela finalmente foi desfeito. Ela se aproximou dele e sussurrou: — Eu também te amo, Amaal.

Ele a beijou e, embora o quarto estivesse frio, ela não percebeu mais, porque ele reacendeu o fogo dentro dela. Por um longo momento, eles se abraçaram e então ele disse: — Deixe-me levá-la de volta para minha casa. Não posso dizer nossa casa, pois precisaremos decidir para onde ir depois disso.

— Para uma das comunidades de djinn e Escolhidos.

— Sim. Há um em Bel-Air, mas eu desaconselho, pois é aí que reside o homem que matou meu irmão. Temo que possa ser um pouco estranho.

Esse comentário, acompanhado por um irônico movimento de seus lábios, era mais como o Amaal que ela conhecia e amava. — Não, provavelmente não lá, — ela concordou. — Onde mais podemos ir?

— Há um assentamento em Laguna Beach e outro em La Jolla, ao norte de San Diego.

Ambas as perspectivas pareciam maravilhosas. Para morar perto da praia, aproveite o clima ameno e nunca precise suportar mais uma tempestade de neve? Ela pensou que poderia alegremente passar uma eternidade assim.

— Eu gosto de Laguna, — disse ela. — Já estive lá algumas vezes. É uma cidade pequena e bonita.

Ele sorriu. — Então é para onde iremos.

— E nós podemos trazer Sasha conosco?

— Não vejo razão para não.

Ela se aconchegou contra ele, até o calor de seu corpo, a segurança de sua presença. Depois de uma breve pausa, ela disse: — Graças a Deus você veio aqui hoje à noite. Ia partir amanhã, para Los Alamos. Não sabia mais o que fazer.

Por um longo momento, ele ficou quieto. Ele beijou o topo da cabeça dela, depois disse baixinho. — Eu teria ido te encontrar. Uma vez que soubesse que não poderia viver sem você, teria ido até os confins da terra para recuperá-la. Nunca duvide disso, Deirdre.

A convicção silenciosa em sua voz era clara. Sim, ela pensou: ele teria procurado por ela, teria se arrastado para Los Alamos, se fosse necessário, se era isso que ele precisava fazer para recuperá-la.

— Eu não duvido, — disse ela. — Assim como eu nunca vou duvidar de você novamente.

— Bom, — ele respondeu. — Porque você nunca precisará fazer isso.

E ele a beijou de novo e de novo, um pouco antes de seus braços se apertarem ao redor dela e ele os piscar, de volta à casa que deveria ser dele, mas que ele pretendia desistir para que eles pudessem começar uma nova vida juntos.

Estou no sol. Uma vida com Amaal, o djinn que a amava.

Sim, ela pensou, ficaria feliz com uma eternidade disso.

FIM